

**Bruno Crispim**



# O SEGUNDO CAÇADOR

Editora filiada à Associação Brasileira das Editoras Universitárias (Abeu)  
Av. Fernando Ferrari, 514 - Campus de Goiabeiras  
CEP 29075-910 - Vitória - Espírito Santo - Brasil  
Tel.: +55 (27) 4009-7852 - E-mail: edufes@ufes.br  
www.edufes.ufes.br

**Reitor** | Reinaldo Centoducatte  
**Vice-Reitora** | Ethel Leonor Noia Maciel  
**Superintendente de Cultura e Comunicação** | José Edgard Rebouças  
**Secretário de Cultura** | Rogério Borges de Oliveira  
**Coordenador da Edufes** | Washington Romão dos Santos

**Conselho Editorial** | Cleonara Maria Schwartz, Eneida Maria Souza Mendonça,  
Giancarlo Guizzardi, Gilvan Ventura da Silva, Giovanni de Oliveira Garcia, Glícia Vieira dos  
Santos, Grace Kelly Filgueiras Freitas, José Arminio Ferreira, Julio César Bentivoglio, Luis  
Fernando Tavares de Menezes, Sandra Soares Della Fonte

**Secretaria do Conselho Editorial** | Douglas Salomão, Tânia Canabarro

**Preparação de Texto** | Karla Lima  
**Revisão de Texto** | Jussara Rodrigues  
**Projeto Gráfico e Diagramação** | Thays Silva  
**Capa** | Willi Piske Jr.  
**Revisão Final** | Fernanda Scopel

### III PRÊMIO UFES DE LITERATURA 2015-2016

**Comissão Organizadora** | Bernadette Lyra, José Edgar Rebouças, Roberta Estefânia Soares,  
Rogério Borges de Oliveira, Washington Romão dos Santos

**Comissão Julgadora da categoria Livro de Romance** | Andreia Delmaschio, Camila David  
Dalvi, Nelson Martinelli Filho

---

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

---

Crispim, Bruno da Silva, 1984-.  
C932s O segundo caçador [recurso eletrônico] / Bruno Crispim. -  
Dados eletrônicos. - Vitória : EDUFES, 2016.  
303 p. - (III Prêmio Ufes de Literatura ; 5)

ISBN: 978-85-7772-354-6

Também publicado em formato impresso.

Modo de acesso: <<http://repositorio.ufes.br/handle/10/774/>>

1. Ficção brasileira. I. Título. II. Série.

**Bruno Crispim**



# O SEGUNDO CAÇADOR



**EDUFES**

VITÓRIA, 2016

# APRESENTAÇÃO

A história do Prêmio Ufes de Literatura começa em 2010, num período repleto de desafios para o mercado editorial, com recursos escassos e baixa articulação do segmento. Apesar das adversidades, não faltou comprometimento da Editora da Ufes (Edufes) e da Secretaria de Produção e Difusão Cultural (SPDC), hoje Secretaria de Cultura da Ufes (Secult/Ufes). As discussões foram comandadas pela então secretária e diretora da Editora com o apoio do Conselho Editorial da Edufes e dos membros da Comissão Organizadora, interessados em premiar as melhores obras inéditas nas categorias poemas e contos, originando um livro com a coletânea dos textos selecionados.

Com os objetivos de fomentar a produção de obras literárias de qualidade, promover a literatura nacional e revelar novos talentos, a segunda edição do Prêmio Ufes de Literatura, em 2013-2014, já no contexto da vinculação da Edufes à Superintendência de Cultura e Comunicação (Supecc), veio com uma nova proposta, ampliando o número de modalidades e categorias, de publicações e premiados. O concurso recebeu textos inéditos de escritores nas modalidades Autor e Antolo-

gia. As categorias autorais foram: Livro de Poemas, Livro de Contos e/ou Crônicas, Livro de Romance e Livro de Literatura Infantojuvenil. Para a modalidade Antologia, as categorias contempladas eram Coletânea de Poemas e Coletânea de Contos e/ou Crônicas.

Dando continuidade aos objetivos estabelecidos, a terceira edição do Prêmio Ufes de Literatura, em 2015-2016, ampliou para sete as categorias contempladas e atraiu 515 candidatos, de todas as regiões do Brasil e do exterior, que inscreveram suas obras, posteriormente analisadas por um júri composto por onze especialistas divididos em cinco comissões. Entre os 26 vencedores do prêmio estão escritores de Alagoas, Ceará, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Pará, Paraná, Santa Catarina, São Paulo e Rio Grande do Norte.

Nesta edição, sete livros são publicados. Na modalidade autoral, temos as seguintes categorias: Livro de Poemas, Livro de Contos e Crônicas, Romance, Livro de Literatura Infantil e Livro de Literatura Juvenil. E na modalidade antologia, temos a Coletânea de Poemas (a qual contempla dez autores premiados) e a Coletânea de Contos e Crônicas (que contempla onze autores). Seguem as listas das comissões e dos premiados por modalidade/categoria.

# COMISSÕES

## **Comissão Organizadora**

Bernadette Lyra (Anhembí Morumbi), José Edgar Rebouças (Supecc), Roberta Estefânia Soares (Edufes), Rogério Borges de Oliveira (Secult), Washington Romão dos Santos (Edufes).

## **Comissão Julgadora da categoria**

### **Livro de Literatura Infantil**

Fabiano de Oliveira Moraes (Ufes), Maria Amélia Dalvi Salgueiro (Ufes).

## **Comissão Julgadora da categoria**

### **Livro de Literatura Juvenil**

Fabiano de Oliveira Moraes (Ufes), Gabriela Rodella de Oliveira (USP), Maria Amélia Dalvi Salgueiro (Ufes).

## **Comissão Julgadora das categorias**

### **Livro de Poemas e Coletânea de Poemas**

Carlos Eduardo Guimarães (escritor e jornalista), Orlando Lopes Albertino (Ufes).

**Comissão Julgadora das categorias Livro de Contos e Crônicas e Coletânea de Contos e Crônicas**

Ana Penha Gabrecht (Ufes), Renata Oliveira Bomfim (Afels),  
Tarcísio Bahia de Andrade (Ufes).

**Comissão Julgadora da categoria Livro de Romance**

Andréia Penha Delmaschio (Ifes), Camila David Dalvi (Ifes),  
Nelson Martinelli Filho (Ifes).

# PREMIADOS

M o d a l i d a d e   A u t o r

## ***Livro de Literatura Infantil***

*Menina com brinco de folha,*

de Marcella Lopes Guimarães (PR);

## ***Livro de Literatura Juvenil***

*O coração range sob as estrelas,*

de Lila Maia (RJ);

## ***Livro de Poemas***

*Cortejo & outras begônias,*

de Airton Souza de Oliveira (PA);

## ***Livro de Contos e/ou Crônicas***

*Pessoas partidas,*

de Diego Lops (RS);

## ***Livro de Romance***

*O segundo caçador,*

de Bruno da Silva Crispim (RJ).

# PREMIADOS

M o d a l i d a d e   A n t o l o g i a

## *Coletânea de Poemas\**

- “Suicidário”, de Maria Terezinha da Silva (SC);  
“Poesia visível”, de Talitha Borges da Silva (SP);  
“Nunca mais”, Tatiana Alves Soares Caldas (RJ);  
“Interno retorno”, de Francisco Augusto Kurkievicz de Araujo (ES);  
“Entre ensaios”, de Yasmin Miyeko Nascimento Nariyoshi (ES);  
“Seiva endêmica”, de Guilherme José da Costa (SP);  
“10 poemas para o vento”, de Rodrigo de Menezes Gomes (RN);  
“O sumo dos instantes”, Márcio André Oliveira Santos (MG);  
“Atrator(es)”, de Lino Machado (ES);  
“Nós mesmos, costumeiramente”, de Erly Milton Vieira Junior (ES).

*\*Obs.: O escritor Márcio Dison da Silva (SC) informou, posteriormente, que seus poemas seriam publicados por outra instituição, o que o tornou inabilitado para a premiação, conforme o regulamento.*

### ***Coletânea de Contos e/ou Crônicas:***

“7”, de Douglas Rosa da Silva (RS);

“Interiores”, de Camila Lobato Rajão (SP);

“A tempestuosa existência do tempo”, de Ingrid Nogueira Freitas (CE);

“Pés gregos”, de Letícia Fernandes Malloy Diniz (MG);

“Contradições”, de Emerson Figueiredo e Souza (MG);

“Encontro não declarado de histórias vindas de qualquer lugar”, de Gabriel do Nascimento Barbosa (P. Aleph Gímel) (ES);

“Assovios”, de Paulo Sérgio dos Santos Sena (ES);

“O segredo e outras histórias”, de Maria Aparecida Sanches Coquemala (SP);

“Paraguai”, de Joaci Pereira Furtado (SP);

“Andarilho”, de Marcos Vinícius Lima de Almeida (SP);

“Ribeiras”, de José Genival Bezerra Ferreira (AL).

\*\*\*

Aproveitamos este espaço para, mais uma vez, agradecer a colaboração dos membros das comissões julgadoras, que se debruçaram em tão nobre tarefa, parabenizar os inscritos pelo esforço e confiança, especialmente os contemplados com o Prêmio, e desejar a todos uma ótima leitura.

Comissão Organizadora do *III Prêmio Ufes de Literatura*

Os gregos, em seus devaneios, acreditavam que a inspiração vinha de fora, das musas. Eles estavam certos. Este livro não existiria sem a minha Musa.

Dedico-o a ela.

# ASSALTO

*Get up, stand up  
Stand up for your rights!  
Get up, stand up  
Don't give up your fight!*

A voz de Bob entra em meus ouvidos e, aos poucos, vai limpando os estragos que o trabalho fez no meu dia. O volume está tão alto que machuca. Mas o dia foi ruim o suficiente para que não me importe com a possibilidade de ficar surdo no futuro. Não que eu fosse me importar se o dia estivesse bom também. Mas, hoje, eu aproveito o volume para me impedir de escutar qualquer coisa além da própria música, e isso me ajuda a fugir um pouco da realidade.

Algo toca meu ombro e abro os olhos, alerta.

Devo ter dormido para me assustar com essa facilidade.

Vejo um sujeito sentado a meu lado no banco, com olhos esbugalhados. A música impede que eu ouça seu pedido apressado de desculpas, mas percebo a intenção pelos gestos. Ele vira para a frente como se nada tivesse acontecido, mas continua a me olhar com o canto dos olhos. Tenta sem sucesso esconder seu medo.

Eu o encaro por um momento, só para deixá-lo desconfortável. Ele veste uma camisa social, que já não é branca há bastante tempo, enfiada cuidadosamente em calças pretas castigadas por

um ferro de passar imprudente. Até seu cinto é velho e gasto. O que eu poderia querer com ele? Mesmo assim, está com medo de mim. Isso me irrita. Me irrita muito.

Sou negro, grande e jovem. Se fosse branco, seria um atleta, um exemplo de saúde. Como sou preto, sou perigoso. Um criminoso em potencial. O pior é que o cara também é preto. Só não é tão escuro quanto eu. E ele acha que isso lhe dá motivos para ter medo de mim? Mais escuro, menos branco: mais perigoso? Meus punhos se contraem, involuntariamente.

Fecho os olhos e respiro fundo. Mas os exercícios de respiração não funcionam. Duvido que isso teria sido relevante ontem. Entretanto, hoje é.

Se pudesse, aumentava ainda mais a música. Bufo mais uma vez e tento prestar atenção na letra. Bob sabe o que dizer nessas horas.

Talvez eu tenha interpretado a reação dele da pior forma possível. Ou talvez eu o tenha olhado com raiva suficiente para que acreditasse que realmente eu fosse bater nele.

Completamente plausível.

Não vejo a hora de chegar em casa. Tirar o sapato, possivelmente a camisa, e deitar na cama com calça e todo o resto, sem acender nenhuma luz. Quase consigo ouvir o som da chave girando e trancando todos os meus problemas para fora.

Mas ainda falta bastante para chegar.

Sinto um toque na costela. Na verdade, não um simples toque, mas algo sendo pressionado. Como o nó de um dedo ou talvez o dedão. Não consigo entender por que este infeliz está fazendo isso, se, um minuto atrás, ele estava quase chorando de medo. Isso me deixa muito puto. Quase transtornado. Estou começando a ter vontade de bater nele. Me recuso a abrir os olhos. Ele diz alguma coisa perto de meu ouvido, mas não consigo entender. Nem quero.

Ele desencosta. Eu respiro fundo. Antes que consiga me acalmar, ele pressiona mais uma vez minha costela, ainda mais forte. Desta vez, dói.

A dor faz algo dentro de mim mudar. Meu mundo é transformado em violência. Meu coração fica fora de ritmo. Minha respiração acelera. E, num instante, já não tenho controle sobre meu corpo. É como se estivesse assistindo a tudo de fora. Não há nada que possa me impedir de espancar este cara. Meu corpo age sem minha permissão.

Sinto alguma pena dele. Bem pouca. Não tinha como ter noção do perigo. Ele não devia ter feito o que fez.

Abro os olhos e tudo acontece rápido demais. Com o cotovelo, atinjo a mão com que o desgraçado pressionava a minha costela. Algo sai de sua mão e cai atrás de mim, mas não me interessa em saber o que é. Num movimento contínuo, dou mais duas cotoveladas com o braço direito. Uma no peito, uma no nariz. Sinto algo molhado no braço. Sangue.

Já o machuquei demais e uma parte de mim implora para que eu pare. Ainda não é o suficiente para deter meu braço. Desfiro mais dois golpes em sua boca. O primeiro afunda seus dentes e o segundo os destrói.

Enfim, isso quebra meu transe.

Ele não tem dinheiro para comprar roupas decentes, como conseguirá pagar por próteses dentárias? Ou uma dentadura, que seja? Eu o marquei para a vida inteira. Ele vai se envergonhar para sempre disso. E nem ao menos sei se ele fez de propósito.

Eu me obrigo a olhar para o estrago que fiz. Talvez, se puder me lembrar dessa cena, possa impedir o próximo descontrole. Mas isso não me ajudou no passado; não vai me ajudar no futuro.

Sua camisa já está quase toda vermelha do sangue que jorra do nariz e da boca. Uma mão está no rosto, talvez para esconder a ruína de seus dentes. Talvez para tentar entender o que aconteceu. A

outra mão percorre a camisa, tentando, em vão, juntar os fragmentos de dente. Suas mãos tremem violentamente. Ele está chorando.

O que eu fiz, meu Deus? Talvez ele tenha encostado em mim sem querer. E, mesmo que não tenha sido isso, o que eu fiz não é justo. Ele não me deixou uma marca sequer e eu arruinei sua cara para sempre. Isso porque não consegui me controlar. Mais uma vez, não consegui me controlar. Já não tenho esperança de mudar o que sou, mas tenho que arranjar uma forma de me conter. Remédios. Chegou a hora de me render aos remédios.

Minha cabeça dá uma guinada abrupta para a frente e minha testa bate no banco. A dor, contudo, vem de trás. Demoro para entender que alguém me atingiu na nuca. Viro a cabeça, e o movimento me deixa enjoado. Apoio a lateral da cabeça no banco da frente. Quero levantar, mas não consigo nem impedir o fluxo de saliva escorrendo pelo queixo.

O sujeito que agredi tenta encontrar algo no banco. Aquilo que tinha caído atrás de mim. Ele acha e aponta para minha testa. Minha visão está desfocada, mas, pela forma como ele segura, sei que é uma arma. Ele vai me matar pelo que eu fiz.

O rush de adrenalina devolve a clareza para minha visão. A dor de verdade vem junto. Minha cabeça lateja e a música alta só piora a situação. Me esforço para agarrar o fio dos fones e o puxo para tirá-los do ouvido.

— Fica xentado, xirão te mato! — ameaça o passageiro com a boca destruída.

Finalmente percebo que se tratava, desde o início, de um assalto. Nada que faça minha culpa diminuir. Sei que ele é a verdadeira vítima. Mais vítima do que eu, pelo menos. Isso só vai mudar se ele me matar.

Mas não acredito que ele chegue a esse ponto. Não voluntariamente, pelo menos. Suas mãos não param de tremer, seu olhar é assustado. Parece acreditar que não pode me subjugar nem mesmo com o revólver. Contanto que não me mexa, ele não vai atirar.

Ouço um grito esganiçado e vejo de rabo de olho uma senhora gorda levar um tapa forte no rosto. O agressor segura um revólver. É um adolescente. Está sentado logo atrás de mim. Deve ser a mesma pessoa que me deu a coronhada quando bati no comparsa.

– Cala a boca, sua velha escrota! – grita ao se levantar.

Com exceção de seu olhar de lunático, é pouco provável que alguém suspeitasse que é um bandido. Ele tem um rosto comum, sem nenhuma característica realmente marcante. Veste roupas discretas e razoáveis – bermuda jeans e camisa polo. E, o mais importante: é branco. Se alguém não parece pobre nem é preto, tende a ser visto como inocente, independentemente de sua culpa.

Lembro meu pai repetindo mil vezes a principal razão para não se reagir a um assalto: “Eles nunca estão sozinhos”. Quase posso ver a cara de decepção dele. Mas, desta vez, não reagi intencionalmente. Não que isso mude alguma coisa. Sei que tenho sorte em ainda estar vivo. E vou tentar continuar vivo a partir de agora.

A mulher leva a mão à bochecha e precisa de alguns instantes para entender o que aconteceu. Seu rosto se contorce em uma careta e ela começa a chorar como uma criança. Os outros passageiros do ônibus procuram a origem do barulho, confusos. Quando entendem que uma mulher foi agredida, alguns gritam em protesto, outros conversam indignados. Um passageiro atipicamente forte se levanta irritado e caminha a passos largos até o segundo bandido. Não acredito que ele tenha visto as armas. É incrível como as pessoas não enxergam o óbvio quando têm a cabeça repleta de emoção. Esse costuma ser meu erro.

Quero alertá-lo, mas olho para a arma do assaltante desdentado e fico imobilizado. Estou satisfeito de violência por hoje. Apenas torço em silêncio para que ele não morra.

O bandido sorri ao vê-lo se aproximar. Quando está perto o suficiente, levanta a arma e aponta para a testa do passageiro. O candidato a herói para a poucos centímetros de encostar nela. Seu rosto perde a cor. Sua expressão de raiva, substituída por pânico.

— Cadê a coragem agora, seu playboyzinho filho da puta? — zomba o assaltante.

O quase-herói levanta os braços devagar e dá passos lentos para trás. Abre a boca, mas nenhum som sai dela. Chega a seu banco e se senta. Olha para o chão quase imediatamente. Sua humilhação é palpável. Não tenho certeza, mas acho que vi seus olhos brilhando, molhados.

Para chegar ao corredor, o agressor dá uma trombada com o joelho na mulher. Ela gane de dor e o bandido coloca a arma em sua cabeça.

— Porra, cala a merda da boca! — diz, aumentando a voz de um sussurro para um grito. — Ou eu vou enfiá a porra de uma bala nessa tua cara gorda!

A mulher olha para a bolsa que traz no colo, evitando os olhos do criminoso. Tenta se recompor, se controlar. Contudo, não consegue impedir um choro baixo enquanto massageia a coxa atingida.

— Bem melhor — completa, dando ligeiros tapas no topo da cabeça dela, como os que se dão em um cachorro obediente.

Ela arqueia com o toque, mas ele já não está interessado nela.

O assaltante banguela levanta e vai até o corredor, seguindo o comparsa. O fluxo de sangue que sai de seu nariz e sua boca não diminuiu. Até as calças estão tomadas pelo vermelho. Seu lábio superior está inchado. Ele tenta sem sucesso mantê-lo fechado para esconder seus dentes. Parece aliviado em sair de perto de mim.

Ele segura a arma timidamente, apontando-a para o chão. Como se não quisesse atingir ninguém num disparo acidental. Mesmo armado, ele não parece uma pessoa perigosa. Suas mãos tremem e seus olhos piscam rápido demais. Parece tão aterrorizado

com os eventos quanto a senhora agredida ou seu herói rendido. Não acredito que seja apenas consequência da agressão. Seu desconforto com a situação é óbvio, e não preciso ser um especialista para constatar sua inexperiência. Provavelmente, é seu primeiro assalto. O que esta pessoa deve ter passado para aceitar esse tipo de ganha-pão? Me sinto ainda pior por tê-lo agredido.

– Caralho, imbecil! Segura esta merda direito! – grita o comparsa.

O bandido se assusta e assente com movimentos rápidos. Levanta a arma, mas continua evitando os passageiros. Agora, se a arma disparasse, uma janela seria atingida.

Ver essa cena faz um nó se formar em minha garganta. Eu espanquei o cara errado. Esse estrago deveria ter sido feito no bandido de verdade, o segundo. A sensação dos dentes quebrando em meu cotovelo me vem à mente. A aflição traz de volta a dor, mais forte que antes.

Mal reparo quando um passageiro se levanta sorrateiramente do primeiro banco do ônibus e, com movimentos fluidos, saca uma pistola da parte de trás da cintura. Ele aproveita a distração dos bandidos, que estão de costas para ele. Meus batimentos cardíacos aumentam. Minha boca fica seca. Algo vai dar muito errado. Sinto isso.

Alguns passageiros, os que estão perto de onde estou sentado, já perceberam a aproximação. Estão tensos e quietos. Todos menos um sujeito de terno e óculos, que acompanha a cena com indiferença. Parece estar entre o tédio e a curiosidade, como se prestes a assistir a um show de qualidade questionável.

Ele olha para mim e dá uma cotovelada no ar. Abre o terno e mostra que também está armado. Deve ser outro policial. Será que vai querer me prender por agressão? Será que mais gente viu o

que fiz? Desta vez, com flagrante policial e vários passageiros como testemunhas, não vou escapar.

Contudo, o assalto é mais importante que minha agressão. Ele volta sua atenção para o progresso do colega, mas não consigo identificar nenhuma emoção em seu rosto. Há algo de macabro nele. Ainda mais do que no segundo bandido. Não parece o tipo de policial em que se pode confiar, mas é o que temos no momento.

Seu colega aponta para o segundo bandido.

— É a polícia! — diz, com tom firme, mas tenso. — Larga a arma e vira devagar!

O desdentado leva um susto com a abordagem e levanta as mãos imediatamente. Se vira rápido demais e o policial aponta a arma para ele. Parece ainda mais nervoso do que antes, a ponto de voltar a chorar.

O segundo se vira, enquanto levanta as mãos lentamente. Olha com desdém para o policial e sorri. Cospe nos pés do policial. Nada na cara dele demonstra qualquer preocupação.

— Coloca as armas no chão! Devagar! — ratifica, aumentando a voz.

Desdentado olha para o companheiro à procura de instruções. O comparsa, entretanto, continua impassível, encarando o policial nos olhos e sorrindo. O assaltante sem dentes ameaça se abaixar para se livrar da arma, mas o outro segura seu braço e o impede.

— Não vou repetir outra vez! — rosna o policial. — Armas no chão!

O policial está prestes a atirar, esperando o mínimo movimento para se justificar. Não o conheço, mas não acredito que seja uma pessoa que acredite na diplomacia. Se eu estivesse no lugar dos assaltantes, me renderia imediatamente. E é isso que Desdentado faz.

Segundo o olha com desdém, mas, desta vez, não o impede. Não há preocupação em seu rosto. Talvez ele esteja drogado. No entanto, não parece alterado. Está atento, com as mãos firmes. Apenas

não tem medo. Já vi na TV uma doença que impede você de sentir dor; deve haver alguma similar que bloqueia o medo...

Ou ele tem algum motivo para estar assim tão confiante.

# ASSASSINATO

Viro para o passageiro de terno a tempo de vê-lo atirar no policial. Apenas um tiro, e o policial cai no chão sem vida. Pedacos de sua cabeça se espalham no corredor.

O som do tiro ressoa em minha mente. Tento acreditar no que está acontecendo. É tão surreal. Ele não precisava fazer isso. O policial estava de costas. Podia simplesmente o render. Ele quis matá-lo. Como alguém pode ser cruel a esse ponto?

O assassino se levanta empunhando a arma. Abotoa o paletó com a mão esquerda. Com seu terno bem cortado, aparenta ser mais um executivo precoce do que um criminoso. É alguém de quem se espera que tenha um carro de luxo. Sua presença em um transporte público – especialmente durante um assalto – já é uma contradição. A outra anomalia é o semblante tranquilo, que faria dele uma figura simpática em qualquer outra situação. Até eu, que me considerava à prova de preconceitos, me sinto confuso ao ver al-

guém como ele matar uma pessoa a sangue-frio. Tudo isso só para roubar um ônibus.

O veículo fica em um silêncio tenso. A longa apatia só é quebrada quando o motorista freia bruscamente e vira o volante na direção do acostamento. Só então a profusão de gritos atinge o coletivo. Todos, ao mesmo tempo, tentam expressar o desamparo que sentem. Poucas palavras são compreensíveis. Os passageiros tentam se equilibrar e acreditar no que aconteceu. Alguns, pegos de surpresa, caem no corredor. Desdentado e Segundo também caem. O assassino, contudo, permanece em pé. Usa apenas uma das mãos para se apoiar.

Assim que o ônibus para completamente, ele dá dois tiros para o alto.

Ninguém se mexe, na expectativa do pior.

— Vocês já devem ter percebido que essa não vai ser uma viagem agradável, certo? — desdenha Assassino, com a voz pouco autoritária de um professor entediado. — Mas acredito que ela vai ser bem mais tranquila a partir de agora. Ninguém mais vai querer bancar o herói depois do que aconteceu com o nosso querido policial, não é verdade?

O sotaque de gringo me incomoda mais do que sua calma. Torna o episódio ainda mais fora de propósito. Como se não bastassem os bandidos que nascem aqui, agora estamos importando também?

Ele nos observa por alguns instantes, procurando sinais de resistência. Mesmo os passageiros sujos com o sangue do morto não se permitem um movimento sequer.

— Foi o que pensei.

Ele se vira para o motorista e grita.

— Senhor motorista, peça que retorne ao trajeto regular.

Sem mais surpresas, por favor.

O ônibus volta a se mover.

— Passo a palavra para os meus colegas.

Ele aponta na direção dos outros assaltantes, que se erguem com dificuldade.

— Isso é um assalto! Quem reagir leva bala! — grita Segundo.

Agora que a verdadeira crueldade se manifestou, ele não parece tão assustador assim. Nem bem-vestido. É apenas mais um adolescente pobre, tentando subir na hierarquia do crime imitando o bandido mais poderoso que conhece.

— Bota tudo aqui dentro, porra! — grita Desdentado.

Sua voz falha, desmentindo a brutalidade que quer mostrar. Tenta, sem sucesso, esconder a boca e estancar com o ombro o fluxo de sangue do nariz. Isso, segurando a arma com uma mão e abrindo a mochila com a outra.

Assassino o observa, impaciente. Agora já está mais do que claro o papel de Desdentado neste assalto. Contudo, ainda não consigo vê-lo como criminoso. Para mim ele ainda é uma das vítimas. Desdentado percebe o olhar do chefe e tenta ajeitar sua postura, segurando a arma com prudência, mas deixando o rosto totalmente à mostra. Meu estômago se revira e sinto o gosto amargo da culpa subindo pela garganta.

Luto para não vomitar e quase fracasso quando uma garota vomita perto de mim. Ela havia caído em cima dos restos cerebrais do policial e aguentou muito mais tempo do que eu conseguiria.

— Todo mundo sentado nessa porra! — grita Segundo, enquanto ajuda a passageira enfraquecida a se levantar. — Quem tava em pé vai pro fundo.

Se eu não tivesse visto o que ele fez com a senhora, acharia que estava sendo gentil. Ele a coloca sentada e vai para o fundo do ônibus. Desdentado o segue. Tem a mochila aberta, mas não começa a recolher os pertences dos passageiros. Deve exigir o mais óbvio dos comandos para fazer todo tipo de coisa.

Segundo para no banco de Quase-Herói e aponta a arma para sua

testa. O passageiro olha fixamente para a frente, fingindo não notar a arma, mas não consegue disfarçar os tremores do corpo. O bandido puxa a cabeça do passageiro pela nuca e diz algo sussurrado em seu ouvido. Não consigo ouvir, mas imagino do que se trata quando o passageiro abre a boca, relutante. Lágrimas escorrem livremente de seus olhos. Segundo enfia a arma na boca do passageiro e puxa o cão com o polegar, lentamente. Enquanto sua vítima soluça desesperada, ele sorri satisfeito.

Este sim é o autêntico Segundo. Um sociopata que não consegue fazer uma boa ação sem agredir outra pessoa para compensar. A indignação dos passageiros é palpável, mas o que eu sinto por ele é o mais puro ódio. Livrar o mundo desse tipo de animal covarde deveria ser o objetivo não só da polícia, mas de todos. Deveria ser meu objetivo de vida e me dói pensar nas vezes em que impedi que outros desse tipo fossem espancados.

Talvez por isso eu queira tanto punir esse desgraçado pelo que ele fez e pelo que está prestes a fazer. Mas não existe um cenário no qual eu venceria bandidos armados sem nada na mão. Nem mesmo um canivete. Se não posso puni-lo, não vou assistir a uma segunda pessoa morrendo, sem fazer nada. Não vou permitir isso. Custe o que custar.

— Para com essa porra, seu covarde de merda! — grito.

A reação é libertadora. Por um instante, acredito que sou invencível. Inatingível por essa escória da humanidade. No entanto, o desespero vem rápido. Segundo tira o revólver da boca do passageiro e olha para mim intrigado. Quando ele sorri e avança, sei que sou seu novo alvo.

Desdentado o segura pelo ombro, impedindo que continue. Meu coração infla de esperança, tão ilusória quanto breve. Segundo se liberta e vem em minha direção mirando a arma na minha cabeça.

— Continuem com o assalto — ordena Assassino, respeitosamente. — Não quero ouvir mais nenhuma palavra na porra desse ônibus.

Segundo me olha resignado até que Desdentado o puxa. Ele não oferece resistência. Até chegar, novamente, no passageiro que reagiu. Sem diminuir o passo, desfere uma coronhada na testa de Quase-Herói. O passageiro ergue os braços instintivamente para se defender, contudo não parece realmente entender o que está acontecendo. Sua reação não é rápida o suficiente. Suas mãos ainda estão na altura dos ombros quando sua cabeça é impelida para trás. Ela bate no encosto do banco e seu corpo despenca para a frente, desacordado.

Segundo sorri para mim e ruma para o fundo do ônibus apontando a arma de um passageiro a outro. Está torcendo por uma nova resistência. Mas todos entenderam o recado. Ninguém reage. Desdentado o segue e começa a recolher os itens pessoais. Enfim, o assalto de fato começa.

Olho para Quase-Herói. Não consigo ver seu rosto. Pelo sangue no chão, imagino que esteja bem machucado. Um senhor, sentado a seu lado, o sacode gentilmente. Ele não responde. O senhor evita chamar a atenção enquanto tenta ajudar seu companheiro de banco. Numa hora como esta, não seria bom ser percebido como herói. Os passageiros em volta olham discretamente para o homem desacordado. Querem ajudar, mas têm medo.

Somos todos vítimas da mais rotineira das violências urbanas. Um entre muitos outros casos de apenas um dia. Amanhã seremos apenas estatísticas. No máximo, uma pequena nota nos jornais. Nada digno de atenção numa cidade caótica como esta.

Mil pensamentos inundam minha cabeça sobre como investimentos em educação poderiam evitar esse tipo de violência. Sobre como isso é fruto de séculos de abandono público. Mas pensar dessa forma é uma fuga, eu sei. Não acredito que pessoas más, como Segundo e Assassino, possam ser evitadas nem com a melhor educação do mundo. Outros sim, mas não

criaturas desse tipo. Tenho certeza de que há algo de errado com eles desde o dia em que nasceram. Talvez isso seja uma falha genética que possa ser percebida na primeira infância, ou até antes, no útero.

Sei que é a raiva falando. Sei que é um pensamento perigoso e cruel. Mas alguém deveria acabar com esses desgraçados antes de eles afetarem as pessoas. Um tiro de misericórdia que iria impedir todo o sofrimento. Inclusive o deles. A situação é emergencial. Já não temos tempo para mudanças de longo prazo ou soluções corretivas. Hoje, não podemos contar com a Justiça. Precisamos de alguém que nos proteja dessa escória.

Uma dor excruciante me desconecta de meus pensamentos. A mente queima. O corpo quase sucumbe. A visão fica embaçada.

Me apoio no banco da frente e tento entender o que está acontecendo. Uma pessoa está em pé a meu lado. Me concentro e reconheço Assassino. Ele me mostra o dedo indicador. Está com a ponta suja de sangue. O desgraçado o enfiou na ferida em minha cabeça. Levo a mão à nuca. Dói ao mais leve toque. Está bastante inchada. Minha mão volta gosmenta.

Não consigo identificar qualquer emoção em seu rosto. Nem alegria, nem raiva, nem asco. Se ele queria passar a mensagem de que estou à mercê dele e que pode me machucar com um dedo, conseguiu.

— Posso? — pergunta, apontando para o assento vago a meu lado.

Desabotoa o paletó e se senta sem esperar uma resposta minha. De qualquer forma, o nó na garganta me impediria de dizer qualquer coisa. Sinto muita raiva e vergonha por estar completamente derrotado e impotente. Raiva dele e vergonha de mim.

— Enfim, você está calmo. Pensei que ia querer ainda mais sangue nessa viagem.

Sem levantar a cabeça, busco minha carteira e celular nos bolsos. Tiro o relógio do pulso. Ofereço para o bandido. Nesse ponto já não me importo em perdê-los. Só não quero continuar sendo tripudiado.

Ele não pega os objetos de minha mão. Eu insisto. Levanto a cabeça e noto que ele me observa com curiosidade.

– Não precisa ter pressa – provoca. – Eles já vêm pegar.

Não consigo acreditar no que ouço. Toda essa violência para roubar algumas dúzias de objetos de pouco valor e uma pequena soma de dinheiro, e esse cara não demonstra nenhum interesse em minhas coisas. Ele matou uma pessoa para isso, como pode não querer pegá-las?

– Entendo a sua confusão, mas eu não roubo. Sou uma espécie de segurança – declara. – Sou o cara que garante que nada dará errado.

Com poucas palavras, ele consegue alçar minha raiva a um nível que desafia o bom senso. Preciso de toda a força de vontade para não enfiar um soco na cara do desgraçado. Não devo ter conseguido disfarçar muito bem. O primeiro indício é que meu rosto fica quente e minha respiração se torna lenta e forçada. Estou quase bufando. O segundo é que ele parece ficar irritado.

– É sempre inteligente esconder o desprezo por uma pessoa armada – assegura em tom sombrio, mostrando a pistola.

Ele levanta a arma lentamente e a enfia em meu olho direito. Dói, mas eu não permito que ele empurre minha cabeça para trás, como pretendia. Ele aumenta a força, mas eu resisto. A dor aumenta. Tento não demonstrar. Mas, pelos meus dentes trincados, não devo estar conseguindo. Mais uma vez.

Ele afasta a arma e eu relaxo. Só para ser pego desprevenido quando ele enfia o cano da arma com toda a força no meu olho. A dor é excruciante.

Meu corpo age sozinho. Sem minha permissão, a mão voa até a arma.

— Faça isso! — desafia. — É só você me desarmar antes que eu aperte o gatilho.

Consigo interromper o movimento segundos antes de encostar na pistola.

O assassino fica satisfeito em ver minha submissão de volta e desencosta a arma de minha cabeça. A dor no olho preenche toda a minha mente. Não consigo abri-lo e, mesmo assim, vejo uma bola preta. Me desespero pensando que vou ficar cego, mesmo sabendo que, provavelmente, meu olho vai melhorar. Tento me acalmar controlando a respiração. Ponho a mão no olho e abaixo a cabeça, decidido a ignorar Assassino até o fim da viagem.

Ele me cutuca na costela e coloca a arma no colo, sem segurá-la. Sei que está fingindo estar despreocupado. Ainda assim, me sinto tentado a reagir uma última vez. Mas, desta vez, não me permito nenhum movimento.

— Sei que você pensa que eu saio por aí matando qualquer um — murmura em meu ouvido, como se fosse um segredo —, mas só mato quem merece. O nosso não-tão-nobre policial merecia muito.

Como não me mexo, ele suspira e pega a arma. Quando ele se levanta, tenho a esperança de que, finalmente, perca o interesse em mim.

— Uma lástima! Vim aqui para matar duas pessoas — anuncia, ao se levantar —, mas não gosto de matar covardes. Então, vou ter que matar alguém no seu lugar.

Isso deveria me deixar aliviado, mas mexe com meu ego. Sei que é exatamente isso que ele quer. Contudo, não vou conseguir viver sabendo que deixei uma pessoa morrer em meu lugar. Não sou covarde a esse ponto.

Eu quero matar o desgraçado. Ele é a segunda pessoa que merece morrer!

– Você é um filho da puta doente! – rosno.

– Sei que você vai achar meio sentimental para mim, mas eu me sinto realizado quando vejo morrer alguém que merece.

– Você realmente acredita que está fazendo algo bom – concluo.

Não dá para acreditar que ele se ache no direito de sair por aí matando pessoas. Menos ainda que acredite estar agindo corretamente. Ele lembra um fanático religioso que não hesitaria em morrer ou matar por suas crenças. Só que sem uma religião que lhe prometa um céu qualquer. E isso o deixa ainda mais obscuro.

– É como se eu estivesse servindo à Justiça. À verdadeira Justiça, entende? – continua, absorto em sua loucura.

Uma parte de mim implora para que eu não abra a boca. Porém já não é uma parte significativa.

– E quem é você para decidir quem merece morrer?

– Todos esses filhos da puta merecem morrer! – vocifera, apontando a arma para o corpo do policial.

– O que esse cara fez pra você matar ele, seu maluco de merda? – grito na mesma altura. – Justiça ia ser ele matar vocês três!

Ele coloca os dedos na têmpora e fecha os olhos. Inspira. Expira. Então se senta, calmo. Conseguí o que queria. Sua atenção está novamente em mim. Não sinto nenhum alívio com isso, contudo. Apenas mais raiva e mais medo. Agora ele me mata. Com certeza, ele me mata.

– Lógico que um cuzão como você não vai concordar comigo – diz, vestindo novamente sua máscara de apatia. – Mas estou no meu direito de vingança, já que eles mataram meu pai na minha frente.

– E você vai matar todos os policiais porque um deles matou seu papaizinho? – grito, transtornado. – Você é um merda de um psicopata!

Um silêncio profundo se abate sobre o ônibus. Os outros dois bandidos interrompem o assalto e observam a cena sem dizer

nada. Ninguém respira, ninguém se move na expectativa de mais tragédia. Assassino olha para mim incrédulo.

É então que a parte de mim que luta para me manter vivo me alerta que eu ultrapassei a linha da sanidade. Exatamente por isso, não sinto medo, só a mais pura e densa fúria. Estou preparado para morrer tentando matar esse desgraçado.

O bandido explode em gargalhadas. Eu não consigo entender essa mente maníaca. Duvido que alguém aqui dentro consiga. No entanto, o alívio no ônibus é real.

Ele está distraído. Sua arma está apontada para o chão. Não consigo parar de olhar para ela. Mas não reúno coragem suficiente para tentar pegá-la. Um instante atrás, eu conseguiria. Maldito seja esse desgraçado!

Ninguém emite som algum até o riso acabar. E o riso leva consigo minha última oportunidade de me manter vivo.

– Quer pegar? – desafia e oferece a arma segurando-a pelo cano.

– Mal me criticou e já quer virar um assassino? Quer tomar o meu lugar? – debocha, balançando a cabeça negativamente.

– Você é apenas mais um hipócrita!

Ouçoo uma voz gritando dentro da minha cabeça: “Vai! É agora ou nunca! Mata esse animal!”. Mas eu não me mexo. Medo demais.

– Bem, essa era a sua chance de provar a minha justiça. Mas você é só um cuzão, não é mesmo? – suspira, fingindo decepção. – Não acha que o mundo seria um lugar melhor sem mim?

Não gosto da ideia de concordar com ele, mas ele está certo. Se eu me livrar da hipocrisia, o que neste momento é ridiculamente fácil, eu realmente acredito que o matar é a coisa certa a fazer. O que me falta é coragem. Se a tivesse, não acho que outra coisa me impediria.

– Bom... – continua, depois de uma pausa dramática. – Como eu não mato covardes, vou considerar que você reagiu, então.

Assassino sorri e se levanta. Dá alguns passos lentos com a arma apoiada no ombro e se vira para mim. Propositalmente devagar, ele abaixa a arma até mirar minha cabeça. O terror psicológico funciona. Estou em pânico. E irritado comigo por não ter tentado me salvar. Era melhor ter morrido lutando do que morrer como um boi no abatedouro. Milhares de formas de evitar tudo isso me vêm à cabeça. Talvez, se tivesse dito para o pessoal do escritório que estava doente, nada disso teria acontecido. Se tivesse trabalhado até dez da noite hoje, ignorando que estou de férias, também ficaria vivo. Não feliz, mas vivo.

Meu cérebro trabalha para viabilizar maneiras impossíveis de desarmá-lo, lembrado cada cena de ação dos filmes. Mas é o desespero falando. Não tenho mais tempo de fazer nada. Reagir não é mais uma opção. A sentença já foi dada. Estou morto.

– Algum último pedido antes que eu exploda sua cabeça?

Meus olhos são atraídos para o buraco do cano da arma. De lá vai sair um pedacinho de metal que vai atingir meu cérebro. Então é isso? Acabou?

Queria poder dizer que faria tudo de outra forma. Que seguiria meus sonhos e tentaria ser feliz com todas as forças. Mas eu nunca tive sonhos de infância nem objetivos de vida interessantes, como ajudar os pobres ou fazer a diferença no mundo, daqueles que todo mundo tem. Planos então, nunca por mais de cinco minutos. Exatamente por isso, acho que sou feliz e certamente satisfeito com a vida. E meu emprego, a única coisa que me faz mal, sem contar o excesso de calorias e de álcool, me dá mais dinheiro e reconhecimento do que eu acredito que mereça. Uma troca justa, no fim das contas.

Também não tenho muitas pessoas com quem me importo nem sou chegado à família. Mas eu faria qualquer coisa pelos meus dois amigos e eles fariam o mesmo por mim. Aninha e Pedrão. Duas das melhores pessoas do mundo. Me dá pena saber que tudo isso vai acabar.

Pensar na certeza da morte é aterrorizante. E, de certa forma, também é libertador. Se já estou morto, não vou morrer como o cordeirinho que nunca fui.

Meu rosto se contorce em um sorriso insano enquanto me levanto devagar. Sem disparar, ele me observa ir até o corredor. Nós sabemos o que vai acontecer, mas eu já não sinto medo. Nos olhamos em silêncio por um instante. E, como se eu fosse imune a qualquer mal, pulo na direção de Assassino.

# LEVANTE

A adrenalina invade minha mente. Meu cérebro fica mais ágil e o caos a meu redor parece desacelerar. Estou mais consciente do que está acontecendo.

— Você não é um covarde, afinal.

Assassino me olha com interesse, sorrindo. Seu dedo se fecha em volta do gatilho. É só então que o medo volta. Sobram poucos instantes para que uma chuva de balas venha a meu encontro.

O motorista acompanha, de alguma forma, o que está acontecendo. Vira o volante por completo para a esquerda. Pelo espelho retrovisor, vejo o esforço que faz enquanto olha para mim e para a rua, alternadamente. O ônibus tomba, lentamente, para a direita.

Assassino atira repetidas vezes. Contudo, seu esforço de manter a mira é tão inútil quanto o de manter o equilíbrio. Ele é arrastado em diagonal, para a frente e para a direita, assim como o monte de corpos atrás de mim.

Meu corpo, que já estava no ar, em pleno salto na direção de Assassino, não é muito afetado pela mudança brusca na trajetória do

ônibus. Numa tentativa desesperada de desviar das balas, giro. Mas o movimento, além de esdrúxulo, não tem qualquer efeito. Sinto duas balas me perfurando. Uma atravessa minha perna esquerda e a outra afunda na barriga. A dor não chega até eu atingir um banco com o ombro esquerdo. Sou jogado para a frente como os outros.

Enquanto o veículo desliza por vários metros, os passageiros se seguram nos bancos para evitar as janelas quebradas e o asfalto logo abaixo. Gritos de dor me advertem de que nem todos conseguem. Uso o que me restou de força para tentar evitar os cacos de vidro e as faíscas que o metal solta pelo atrito com o asfalto. É ainda mais difícil estando deitado de lado entre dois bancos. Quando finalmente o veículo para, ninguém se move. O silêncio é cortado apenas por um choro feminino abafado. De resto, ninguém emite o menor dos sons. Duvido que alguém queira chamar a atenção, mesmo que seja tentando fugir.

Então, o motorista se desvencilha do cinto de segurança, escala a janela e foge. Acompanho, de cabeça para baixo, enquanto ele corre, desesperado e sem olhar para trás. Ele não parece nem considerar a possibilidade de procurar ajuda para os feridos. Quando ele vira a esquina e sai da vista, o caos recomeça.

Ergo a cabeça. A histeria coletiva vem agora da minha frente. Um bolo de gente em cima de gente. Mulher-Gorda está caída a meus pés, coberta de sangue. Sangue demais para uma pancada ou cortes superficiais de vidro. Cutuco sua barriga com o pé direito. Ela não se mexe. Isso me aflige. Só posso acreditar que as balas que não me acertaram foram em sua direção.

“Assassino”, lembro.

Levanto rápido e me viro para a frente do ônibus. Fico tonto. Não sinto nenhuma dor nem na cabeça, nem no olho, nem no ombro, nem nas feridas de bala, mas meu corpo está fraco. Como se eu não comesse ou dormisse há dias. Devo ter perdido sangue demais. Minha mão pressiona o ferimento da barriga em um mo-

vimento automático depois de tantos filmes, mesmo sabendo que não conseguiria estancar o fluxo assim tão facilmente.

Eu me esforço para prestar atenção, focar no problema mais urgente. Vejo Assassino agachado à frente. Com o ônibus virado, é difícil entender o que é chão e o que é parede. Assassino está com as costas apoiadas na base de dois bancos. Tem um corte feio na testa. Tenta levantar algumas vezes, mas se limita a um abdominal feito pela metade. Parece mais desorientado do que eu. Quando desiste de se levantar, tateia em volta procurando a arma.

O lado esquerdo de seu corpo está cheio de sangue. Sangue demais. Deve ser o sangue do policial morto. Uma pena. Se fosse dele próprio, estaria morto também.

Noto a arma atrás dele quando começa a se virar de bruços. Está embaixo do primeiro banco do ônibus. Quando terminar o movimento, ele vai achá-la.

Uso minhas últimas energias e vou em sua direção. Não vou deixar que ele a pegue primeiro. Foi minha culpa que tudo tenha chegado a esse ponto. E é minha responsabilidade com os feridos acabar com isso de uma vez.

Mergulho sob a fileira de assentos, mas bato o joelho no pé de um dos bancos. Sei que não há tempo para sentir a dor, mas isso não impede que ela seja sentida. A dor retine dos joelhos à nuca, sem deixar de me lembrar de qualquer machucado no meio do caminho.

Assassino percebe minha aproximação e estica o braço. Seu esforço é recompensado. Sua mão se fecha no punho da pistola.

Eu me jogo novamente, desta vez em cima dele. Seguro sua mão antes que ele consiga apontar a arma para meu rosto. Ele usa a outra mão para ajudá-lo. Eu uso a minha para bater a lateral da cabeça dele no chão. Aproveito a breve desorientação, e, lentamente, a arma deixa de mirar meu corpo. Mesmo mais ferido, sou mais forte. Ele me olha como se não acreditasse. Vejo pela primeira vez o desespero em seus olhos e me sinto muito bem com isso.

No último instante, ele atira e acerta meu ombro. A bala arranca uma lasca pequena de pele e só serve para me deixar mais puto. Sinto seus pulsos estalando. Não paro até virar a arma completamente para ele. Assassino se debate desesperado, mas sabe que foi vencido. Disparo uma, duas, cinco vezes em seu peito, até que ele larga a arma.

Seus braços caem e sua respiração fica ruidosa e fraca. Mas seus olhos me observam com atenção. Logo, logo, ele vai fechá-los para sempre. Não há como escapar disso. Nem como conter minha alegria.

Eu me sinto calmo e confiante. Realizado como poucas vezes me senti. Respiro fundo e quase sorrio. Sinto-me feliz por ter acabado com esse animal. De certa forma, ele estava certo sobre sua “justiça”. Sem ele, o mundo é melhor e mais justo. Entendo, agora, o que Assassino disse, mesmo que não concorde com seu julgamento doentio. E a chave para ter alcançado essa justiça foi a pistola, que seguro como um troféu.

É a primeira vez que seguro uma arma, e ela é mais leve do que pensei que fosse. Não dá para ignorar o poder que emana dela, ainda mais com o filete de fumaça saindo pelo cano. É inacreditável como algo tão pequeno pode destruir tanta coisa. Sem precisar de recarga, quatro pessoas foram feridas, três de forma letal. Se for usada por uma pessoa bem treinada e que tenha bastante munição, seu poder é quase ilimitado. Me sinto mais tranquilo com ela. Até mais completo.

A serenidade, no entanto, põe fim ao rush de adrenalina, e volto a ouvir a ladainha dos feridos. Muitos choram, alguns gritam. Outros não reclamam; estão desacordados. Ou mortos. Dói pensar que o desespero de um motorista pode ser mais mortal do que um psicopata armado e decidido a fazer algumas vítimas.

Mesmo assim, foi esse desespero que me salvou. Ele deve ter destruído algumas famílias, mas devo minha vida a ele. Sou a única pessoa grata a ele neste ônibus.

Apoio no banco para me pôr de pé. Meu corpo está cheio de hematomas e tem três buracos de bala, mas está forte o suficiente para se levantar, mesmo que com dificuldade. Passageiros se ajudam para escalar o ônibus e sair pela janela. O vidro de trás está quebrado e dois homens arrastam um terceiro, desacordado, pelo buraco. Poucos restam no ônibus, mas o corpo da Mulher-Gorda está no mesmo lugar. Perto demais de Assassino para que seja ajudada.

Ela sofreu e morreu apenas porque estava sentada atrás de mim. Isso deveria aumentar minha culpa, mas traz de volta minha raiva. A culpa é dos três assaltantes. Eu só reagi.

No fundo do ônibus, Desdentado tenta levantar Segundo. Os dois não parecem estar em boa forma, e acredito que não queiram nada além de fugir. Acabou. O roubo deu errado e o chefe deles está morrendo. Isso somado a, pelo menos, um policial e uma passageira assassinados. Mas não posso deixar que fujam impunes.

— Abaixem as armas — digo, sem que nenhuma arma, além da minha, esteja levantada.

Desdentado me olha espantado e larga Segundo, que nem se dá ao trabalho de me olhar. Ele tenta usar a mesma mão para se erguer e para segurar a arma, pelo cano. O outro braço está estirado ao longo de seu corpo, sem se mover. Desdentado exhibe pouca firmeza em sua postura, mas seu rosto não está pior do que já estava. Ele olha esperançoso para o vidro traseiro. Claramente, isso já foi muito mais longe do que ele esperava.

Segundo tenta apontar a arma em minha direção, mas não consegue mantê-la levantada.

— Última chance! — declaro.

— Vai se foder! — grita.

Antes que ele possa fazer uma nova tentativa, eu atiro.

Ele cai.

Com um buraco vermelho bem no meio da testa.

Eu o vejo tombar para trás já sem vida.

Desdentado o segura como se ainda pudesse ajudá-lo. Está a ponto de chorar. O último bandido não segura mais sua arma. Deve tê-la largado no chão na primeira vez que pedi.

Surpreendentemente, estou calmo. E um pouco envergonhado por me sentir ainda mais satisfeito. Foi um tiro digno de um atirador de elite. Nem o fato de ele ser apenas um adolescente me incomoda. Ele quase matou uma pessoa, e tenho certeza de que teria matado se eu não tivesse impedido. E, provavelmente, já matou alguém e mataria muitos outros se eu não tivesse acabado com sua vida. No fim, ele vale mais morto do que vivo.

Desdentado larga o colega quando entende que não há mais nada o que fazer. Levanta as mãos o mais alto que consegue. Mesmo com um olho quase fechado, é fácil ver que elas tremem. Ele está aterrorizado, como se eu fosse seu carrasco. Como se sua sentença já tivesse sido dada e lhe restasse pouco tempo de vida.

Mas eu não lhe desejo mal. Sem saber, eu o castiguei antes que fizesse qualquer coisa. Mesmo assim, não posso deixar que fuja. Com um ônibus tombado e vários tiros disparados, tenho certeza de que a polícia não vai demorar muito a chegar.

Ouçõ uma risada fraca vinda de trás. Nem preciso me virar para saber a quem pertence.

— Me diz quem é o psicopata agora? — pergunta Assassino, com voz falhada.

— Cala a boca, seu filho da puta! — digo, sem deixar de olhar para Desdentado. — Eu matei esse merdinha em legítima defesa.

— Contando comigo, você já matou dois bandidos. Aposto que está satisfeito.

Ele gargalha, mas é interrompido por uma onda de tosse. Quando a tosse para, sua mão está suja de sangue. Ele não vai durar muito tempo.

Fico irritado com a facilidade com que me entende. Mais comigo do que com ele. Faz com que eu pareça um monstro como

ele. Mas, mesmo que eu não queira admitir, Assassino está certo. Me sinto feliz em vê-lo agonizando. Me sinto melhor ainda por ter acabado com a vida de Segundo. Logo serão dois psicopatas a menos no mundo.

Infelizmente muitas pessoas estão feridas e algumas, talvez, mortas. Minha felicidade é menor por isso, mas nada do que fiz causou nenhum dano a qualquer um deles. Só sou responsável pela morte de dois bandidos.

— Só falta mais um, cuzão — anuncia Assassino em tom sombrio. — Só mais um.

Desdentado, que já estava apavorado, cai de joelhos no chão.

— Pur fafor, eu já mim rendi! Eu não fou mim mexê!

— Cala a boca, os dois! — grito. — A polícia já tá chegando pra resolver o resto.

— Cuzão — diz Assassino, depois de um breve silêncio. — Você sabia que esse otário indefeso que está te pedindo misericórdia é o pior de nós três? Ele é um estuprador, cuzão.

Sei que é absurdo, mas me sinto traído por Desdentado. Todo este tempo estava me sentindo culpado por ter destruído sua cara, e ele pertence à pior raça de criminoso? Merecia mais. Muito mais. Se soubesse disso antes, não pararia de surrar até acabar com a vida dele. Como me deixei enganar por sua aparência de fraqueza?

— Mintira! — Desdentado dá um grito esganiçado. — Eu nunca fiz nada disso! Eu sô uma pessoa de bem! É a primera fez que eu rôbo!

— E se eu te contar que ele atacava crianças também? — continua Assassino, sem elevar o tom de voz.

— É mintira! É mintira! Eu nunca fiz nada disso! Pur fafor, não mim mata! — A súplica é entrecortada pelo choro. — Eu tenho uma filha pra criar!

Só de ouvir sua voz, sinto a raiva crescer. Como acreditei que ele era apenas mais uma vítima da pobreza do país? Não! É a

escória deste país. Ele é o que faz o país piorar. E, só de pensar no que pode ter feito, tenho vontade de destruí-lo.

Respiro fundo. Preciso de todo esforço para me controlar. Só tenho que esperar mais um pouco. Os policiais já estão chegando. Eles que resolvam a situação da forma que quiserem. Por pior que ele seja, não está armado e não pode fazer nada contra mim. Só preciso esperar mais um pouco.

— Eu ia matar esse desgraçado depois do assalto, mas você me atrapalhou — comenta Assassino, com deleite. — Agora ele é responsabilidade sua.

Minha respiração está descontrolada. Grande parte de mim quer esquecer tudo e apenas acabar com esse sujeito miserável. Apenas mais um tiro e esse merda nunca mais vai fazer mal a ninguém. A outra parte tenta fingir que acredita na Justiça. Que ele vai se arrepender na prisão e passar a agir como uma pessoa decente depois.

O estuprador está de quatro no chão. Já não olha para mim. Chora como uma criança indefesa. Murmura negações e súplicas entre soluços, mas não entendo nenhuma palavra. Quantas vezes ele ignorou esse tipo de pedido desesperado e destruiu a vida de alguém? E eu devo ser a pessoa misericordiosa que vai atender a seus apelos?

— Agora — vocifera Assassino — ele vai ficar uns aninhos na cadeia e, quando sair, vai atrás de mais mulheres! De mais crianças!

Meu coração bate mais rápido. Sinto meu rosto pegar fogo.

Os policiais logo vão chegar. Só preciso aguentar mais alguns minutos.

— Faz o que deve ser feito, seu cuzão! — grita. — Mata esse merda!

Minha mão se mexe como se tivesse recebido uma ordem. Sem qualquer hesitação, aponto para sua cabeça e aperto o gatilho. Simples assim. Um tiro, e o choro cessa. Um tiro, e mais nenhum mal pode partir dele.

Sei que fiz a coisa errada. Matei uma pessoa desarmada. Mas era preciso. Ele seria preso apenas por assalto à mão armada e logo estaria livre para fazer mais vítimas. Crimes como os dele não têm perdão. Fiz um favor para o mundo ao matá-lo. Quanto menos esturpadores, melhor. Se pudesse, caçaria todos eles.

No entanto, ao contrário dos outros dois bandidos, a sensação de matá-lo não é boa. Soa errado. Sinto-me culpado. Mas, nem por isso, triste.

— Agora, você é tão psicopata quanto eu. Matou uma pessoa só por acreditar que o mundo ficaria melhor sem ela — desdenha Assassino, com a voz firme. — Infelizmente, eu menti, e você matou o bandido mais inútil do mundo.

Olho para trás e o vejo se levantar sem dificuldade. Ele desabotoa o terno com apenas uma mão. Em seguida, tira a gravata e a camisa.

Minhas pernas perdem a força e caio de joelhos no chão. Não consigo acreditar no que vejo. Por baixo da camisa, ele veste um colete à prova de balas. Preso ao colete, inúmeros sacos plásticos com resíduos de líquido vermelho. Sangue falso. Como ele poderia saber que iria levar tiros? Esse era o plano dele, desde o início?

Ele tira o colete perfurado e a camiseta que usava por baixo. Procura um pouco e acha uma mochila. Tira uma toalha, uma camisa social e um blazer. Se limpa e veste a muda de roupa. Ele me encara por uns instantes sem exibir qualquer emoção. Aponta com a cabeça para Desdentado, enquanto abotoa a manga da camisa.

— Ele estava falando a verdade. Era seu primeiro assalto.

— E a parte do estupro? Era verdade? — pergunto, em tom de súplica.

— Não. O esturpador você já tinha matado — revela, apontando para o corpo de Segundo.

Meu mundo entra em colapso. Não consigo encará-lo, não por raiva, mas por vergonha. Quem é idiota o suficiente

para matar uma pessoa por ordem de um homicida confesso? Matei um inocente porque acreditei num desgraçado de um assassino! Meu cérebro trabalha desenfreadamente tentando buscar uma justificativa para o que acabei de fazer. Mas é um problema sem solução.

Meu corpo treme violentamente à medida que as ondas de culpa saem de mim na forma de lágrimas e vômito. É como a culpa de tê-lo agredido, aumentada mil vezes. A sensação é opressora e deixa minha respiração quase impossível.

Reúno todas as forças e miro em Assassino. Ele, antes de qualquer outra pessoa, é quem tinha que morrer. Não vou deixar que escape. Aperto o gatilho.

Nenhuma bala sai da pistola. Tento novamente. E outra vez. Não tenho munição.

Ele se aproxima e pega a pistola de minha mão. Não ofereço resistência. Ele ejeta o pente vazio e recarrega a arma com outro que tira do bolso da calça. Fecho os olhos, espero pelo tiro. Depois do que fiz, mereço morrer. Ele certamente acredita que o mundo seria melhor sem alguém como eu. E, pela última vez, concordo com ele.

Contudo, o tiro não vem.

Abro os olhos e o vejo sentado na lateral do banco, olhando para mim com algo que lembra piedade.

— Um outro dia, eu vou te contar por que matei, pela minha mão ou pela sua, cada uma dessas pessoas — assegura, com a voz cansada do docente que instrui seu pior aluno. — Então, preciso que você fique vivo por enquanto. Mas fique certo que seu inferno ainda não acabou.

Mil perguntas dançam em minha cabeça. Por que ele me fez matar Desdentado? Só para provar que eu estava errado? Ou isso faz parte de um jogo sádico que está, como ele disse, apenas começando?

Por que eu? Me sinto uma criança injustiçada. Porém, no íntimo, sei que isso é apenas um pedaço da punição que mereço.

Ele se aproxima e coloca o cano da arma sob meu queixo. Levanta minha cabeça até nossos olhares se cruzarem.

— Até lá, vê se consegue entender que nem sempre a morte é a pior saída.

Vejo a arma vindo na direção da minha testa, mas não tento impedi-la. Mereço o golpe. Ela me atinge. Tombo no chão. Não consigo levantar. Piscar meu olho bom gasta quase toda a energia que me resta. Parece que vou desmaiar a qualquer momento. Parte de mim torce para que eu não acorde nunca mais.

Com a visão periférica, eu o vejo agachar e pegar a mochila do policial morto. Ele segue até o vidro traseiro e para. Olha uma última vez para mim e acena. Sai tranquilo, como se não houvesse qualquer preocupação em seu mundo.

Choro sem tentar me conter enquanto ouço mentalmente a reprise de Desdentado implorando por sua vida. Duvido que algum dia vou parar de ouvir seus lamentos.

# FRANKENSTEIN

“Meu coração foi feito para o amor e para a simpatia e, quando foi levado para o crime e para o ódio pela desgraça, não pôde suportar essa mudança sem experimentar um tormento que você jamais poderá imaginar.”

Mary Shelley, *Frankenstein*

# UMA INVESTIGAÇÃO

(PARTE 1)

– Senhor Willian Barros, o senhor gostaria de me explicar por que temos nos visto com tanta frequência? – diz o delegado quando entro em sua sala.

Ele tira os óculos e me encara com severidade. Não costuma ser um sujeito de sorrisos, mas hoje seu rosto perdeu a característica neutralidade.

Não abaixo o olhar, mas permaneço em silêncio. Meu corpo ainda está dolorido da surra. Meus pulsos, esfolados pelas algemas. Depois do que aconteceu, não estou com espírito para abaixar a cabeça e ouvir discursos moralistas. A hipocrisia já não consegue me impedir de ver a dura realidade. Mesmo os três dias que passei na cela da delegacia não me fizeram sentir uma gota de arrependimento.

“Um delegado deve seguir as leis e prezar pela segurança pública”, ele me falou num outro dia. Em sua cabeça limitada, não há espaço para o meio-termo. Se uma coisa não é certa, necessariamente é errada. Ele não entenderia o que eu fiz nem com todo o esforço do mundo.

Mesmo eu, tenho dificuldades para acreditar que fiz tantas coisas extremas. No entanto, entender o que me levou a fazer

tudo isso não é difícil. É bem simples, na verdade. Eu estava sempre reagindo. A cada ataque, me defendi da forma que pude, da forma que sei. Atacando.

— Eu não terei paciência para este tipo de atitude! — ele diz abruptamente, aumentando a voz.

Isso me surpreende. Até então, ele tinha sido irritantemente calmo em nossos encontros anteriores. Sério, mas calmo.

— Eu vou te colocar na cadeia, caralho! — continua. — A não ser que me convença de que não existiu outra opção além do homicídio.

Não é a primeira vez que penso que posso ir para a cadeia. É a primeira vez que acredito. Lógico que tive outras opções além de matar o desgraçado. Poderia ter esperado a polícia. Poderia ter tentado dominar o cara; um mata-leão faria o trabalho. Poderia ter apenas olhado enquanto ele fugia da cena do crime com a ajuda dos outros policiais. E foi também por isso que matei aquele verme. Por mais que reflita sobre isso, se for sincero comigo, direi sempre que me sinto orgulhoso pelo que aconteceu. Pareceu, e ainda parece, a coisa certa a fazer. Mais um demônio no inferno, pagando pelos crimes que cometeu. Menos um aqui na Terra para nos infligir sofrimento.

O delegado me olha com a mais pura raiva. Meu silêncio o incomoda. Ele está acostumado a ser temido, não ignorado. Menos ainda confrontado. Ele gosta de ter suas perguntas retóricas respondidas. É uma forma de reafirmar sua autoridade. De nos obrigar a fazer e a dizer o que ele quer. É um jogo que tem que ser jogado. E, por isso mesmo, respondo, enfim.

— Não. Vossa Excelência não me verá outra vez.

— Não se faça de ignorante!

— Não, excelentíssimo delegado. Não me verá outra vez.

Ele bufa e então ri irritado, como se não acreditasse no que a escória à sua frente disse. É parte do papel que representa nesta

sala. O guardião da lei que faz os criminosos tremerem. Consigo me lembrar de vários filmes em que vi uma atitude semelhante do policial no comando. Talvez, ele tenha usado algum desses filmes como inspiração. Mas, quando você percebe o papel que a pessoa se presta a fazer, toda a encenação fica patética.

— E como devo acreditar na palavra de um homicida que já vitimou três cidadãos? — protesta, gritando.

— Foi o senhor mesmo que me disse que eu fui um herói naquele maldito ônibus! — Agora é a minha vez de gritar. — Não vai chamá-los de cidadãos de bem também, hein?

Seu rosto fica completamente vermelho. Toda a sua raiva transborda pelos olhos. Agora sim, estou com medo. Não de ele me mandar para um presídio, mas de que ele sucumba à tentação de resolver o problema de uma vez por todas, exatamente como queriam os policiais que me trouxeram para cá. A única solução definitiva. Minha morte.

Ultrapasei os limites do bom senso. Como tenho feito com frequência.

— Não distorça as minhas palavras, seu merdinha! — vociferava. — Caralho! Você matou três pessoas em menos de dois meses. Uma delas, um policial! Quem é você para decidir quem deve viver ou morrer?

Volto para meu silêncio. Não há nada que conseguiria falar para melhorar minha situação. Pela lei dele, não deveria ter feito o que fiz. Existem consequências e ele quer que eu as enfrente.

Mesmo que apodreça na cadeia por trinta anos, mesmo que morra lá, não me arrependerei. Não conseguiria viver sem ter acabado com aquele cara. Ele tirou mais de mim do que eu tirei dele. Sua vida era inútil, não a que eu perdi.

O silêncio dura alguns minutos e, quando Delegado volta a falar, já está calmo novamente.

– O que eu disse, naquela ocasião, é que você foi imprudente. Porém não posso negar que a sua ação salvou a vida de outros inocentes – admite, em voz baixa. – O que, pelos relatos, não é o mesmo que aconteceu desta vez – continua. – Segundo as testemunhas, que você vai desqualificar facilmente nos tribunais, a vítima foi completamente subjugada antes de você matá-la. Como você explica o que fez, então?

– Antes de qualquer coisa, ele ainda estava armado – digo. – Se você acha que ele estava subjugado com uma arma na mão, eu te afirmo que ele foi subjugado quando foi morto.

– Você o desarmou antes de o matar.

– E ele se armou novamente de uma faca.

– Então uma pessoa alcoolizada oferece um perigo real para alguém do seu tamanho e com um vasto currículo de lutas de rua?

– Eu também estava alcoolizado e ele teve treinamento oficial na polícia. Eu não sei nenhuma arte marcial.

– E você acredita que ele te oferecia perigo real?

– Ele enfiou uma faca no meu peito e teria me matado se eu lhe desse a chance.

– Responda minha pergunta. Você acredita que ele oferecia algum perigo real?

– Eu não me importei nem me importaria, em momento algum, com o meu “perigo real”.

– Não?

– Não, e o excelentíssimo delegado me viu com a cara ensanguentada tantas vezes que tenho certeza de que concorda com isso.

– Mas dessa vez foi diferente. Negaria isso?

Respiro fundo, sei o que preciso fazer. Se for vago e cínico, não vou para a cadeia. Tenho certeza de que as testemunhas não deporiam contra mim para defender aquele miserável. E, sem testemunhas ou provas de minha intenção, e com a boa defesa que terei, é quase impossível que eu seja condenado.

Mas eu já caí na armadilha, e ele sabe disso.

– Sei que não deveria, mas vou te contar exatamente como tudo aconteceu. E, se tiver que ir para a cadeia por isso, já não me importo mais. Que a sua consciência fique tão tranquila quanto a minha.

– Você sabe que me importo com leis e não com consciências, não sabe?

– Sei.

# UM RETORNO

O desgraçado do telefone toca mais uma vez. Deve ser a milésima vez só hoje e não vai ser desta que vou atender. Minha família, meus amigos, meus colegas de trabalho. Todo mundo está me ligando fingindo querer saber como estou ou me dar apoio. Na verdade, o que realmente querem é fazer perguntas sobre o que aconteceu no ônibus. Confirmar teorias ou aumentar especulações. Não aguento mais responder a essas perguntas. Sendo justo, eu não respondi a nenhuma delas desde que dei entrada no hospital. São sempre as mesmas: “Como você está?”, “É verdade que você matou duas pessoas?”, “Quando você volta a trabalhar?”. É insuportável ficar esperando que eles desistam e parem de me ligar.

Mais uma desistência. Dessa vez, a ligação foi feita de um número restrito. Uma nova tentativa para instigar minha curiosidade e me fazer atender. Tão inútil quanto as outras. Minha curiosidade é muito menor do que a vontade de não falar com ninguém. Não sei por que ainda não taquei esse telefone na parede. Ou pelo menos não parei de recarregar. Porém, sem-

pre que a bateria chega perto do final, eu volto a ligar o aparelho na tomada.

Uma nova chamada logo aparece no visor. Hoje vai ser um daqueles dias difíceis, em que todo mundo me telefona o tempo todo, tentando me infernizar até que eu atenda. O pessoal do escritório costuma fazer isso toda sexta-feira quando retorna do almoço. Todo mundo bebe e volta animado para uma rodada de ligações. Pela quantidade, cada um faz uma. Aposto que me falariam que só estão fazendo isso para me ajudar.

Mas é estranho. Eu jurava que hoje era quinta-feira. Ou eles mudaram o dia ou eu perdi a noção do tempo.

Desta vez, é a foto dela que aparece no visor. É assim que compreendo que venho mentindo para mim mesmo todos estes dias. O telefone não foi destruído e está carregado porque eu estava esperando que ela ligasse. Suportando todos os mil telefonemas à espera de apenas um. Feliz e ansioso, atendo a primeira ligação em semanas. No segundo toque. Porque, durante o primeiro, fiquei olhando para o aparelho, sem respirar.

– Alô?

– Aninha?

– E aí, rapaz?

Ela está alegre. Imaginei essa conversa mil vezes nos últimos dias e, em todas, ela estava triste, sentindo-se rejeitada por eu não ter ligado. Algumas vezes, ela apenas dizia que queria que eu nunca mais ligasse. O que nem faria sentido, já que era ela que estaria me ligando.

– Você acaba de me deixar rica, sabia? – Ela gargalha e continua. – Apostei com o pessoal do escritório que eu ia ser a primeira pessoa que você ia atender.

Sua alegria me contagia e, pela primeira vez, desde que saí do ônibus, desde meu encontro com Assassino, desde que tive alta, esboço um sorriso.

— Então era por isso que eles ficavam me ligando o dia inteiro? — pergunto, com falsa irritação.

— Só pra deixar claro: eu fui contra desde o início, mas essa gente carente acha que excesso de atenção faz qualquer um se sentir melhor.

— E, por excesso de atenção, você quer dizer me infernizar.

— Isso! Aí, como você nunca atendia ninguém, um começou a desafiar o outro. Daí pra virar uma aposta foi um pulo. E as apostas cresceram tanto que eu achei melhor organizar um bolão.

— Que ótimo... Foi ideia de quem?

— As apostas? Minha, claro.

— Isso eu sabia. Todas as apostas que você ganha são sempre ideias suas. Mas eu tava falando das ligações. De quem foi a grande ideia de pedir pra tudo mundo me ligar?

— Da sogrinha, lógico. — Pela voz, sei que ela está sorrindo e me testando.

— Quer dizer que a minha mãezinha querida espalhou pros meus colegas do escritório que o filhinho dela de quase trinta anos estava precisando de ajuda? Agora sim, me sinto melhor.

Minha mãe foi uma das poucas pessoas que não me ligaram. Não que eu reclame disso. Nem eu nem ela suportaríamos mais do que alguns segundos de conversa. Até por isso, é esquisito vê-la buscando contato por intermédio de meus amigos. Pensei que ela já não se importasse comigo.

— Mas você precisava de apoio, Gatinho. Só que eu acho que você precisava mais de tempo do que de apoio. Você passou por muita coisa.

Sinto o peito esquentar de dentro para fora. Meu corpo ficar mais leve. As crueldades e injustiças que tanto me atormen-

taram nesses dias não me importam mais. Só imagens dela me vêm à mente. Do rosto lindo e delicado. E principalmente de seu sorriso fácil. Uma das primeiras coisas que me atraíram nela foi sua alegria espontânea. Ela nasceu para ser feliz e tornar felizes todos os que estão por perto. Depois de incontáveis horas de agonia, ela conseguiu o que ninguém conseguiria. E fez isso em um minuto de conversa. Estou em paz, finalmente. Não acredito que ainda não pedi essa menina em namoro.

– Mas não consegui aguentar de saudade e te liguei – continua, com a voz mais doce que tem. – Espero que não tenha feito mal?

– Quer dizer que você não vai respeitar o meu tempo para superar essa tragédia? – pergunto, com falsa descrença.

– Gatinho, se você quiser, eu até desisto de passar hoje aí na sua casa para te curar de vez. Mas jurava que você ia preferir que eu fosse aí...

– Não acho que é o melhor para a minha saúde mental, mas, por você, e apenas por você, vou te receber aqui em casa.

Ela gargalha feliz. Eu rio também. A vida é mais fácil e melhor com ela.

– Tenho que desligar agora, Gatinho. Tem um pessoal aqui tentando cancelar a aposta e roubar o meu dinheiro.

Depois de evitar tantas ligações, eu não quero desligar esta. Estou cansado de ficar sozinho com meus pensamentos. E, falando com ela, acredito que não devo temer as ameaças de Assassino. Ele agora faz parte do passado, não do futuro.

– E você já pensou no que vai fazer com tanto dinheiro?

– Já. Vou comprar um vestido lindo. Você vai amar. Ele é preto e tem um decote enorme nas costas.

Se a conheço bem, ela já comprou um vestido contando que iria ganhar a aposta e vai comprar outro para comemorar a vitória.

– Então você comprou pensando em mim. Você vem hoje com ele?

– Sim e não. Pensei em você, lógico, mas esse é pra uma festa chique. Tipo formatura ou casamento. Beijos.

– Só mais uma coisa. Fala pro pessoal do escritório parar de me ligar. E fala que eu volto a trabalhar na segunda.

– Mas hoje é terça! – protesta, indignada.

– Não é quinta? Viu só como eu estou abalado?

– Sei... Agora você tá se aproveitando.

Ela fica em silêncio por um tempo. Ela vai desligar, mas eu ainda não disse o principal, o que preciso dizer. Reúno os frangalhos de minha coragem.

– Desculpa não ter te ligado antes. Eu sabia que você tava preocupada e mesmo assim não te liguei.

– Esquece isso, Gatinho – suplica, com a voz suave. – Eu sei que tá sendo difícil pra você. Sei que você não ia deixar de me ligar se não precisasse desse tempo. A gente se liga umas quinze vezes por dia, mesmo trabalhando juntos.

Meus olhos se enchem de lágrimas, mas sorrio. Tenho tanta sorte em ter encontrado uma pessoa como ela. Nesses dias de caos, preciso mais que nunca de compreensão e carinho.

– Quando, e se, você quiser conversar sobre isso, é só me falar – garante, com voz séria.

– Eu queria ter te ligado antes – digo, com a voz embargada. – Estava morrendo de saudades.

– Estava? Não está mais? – provoca, com raiva fingida.

– É – digo. – Agora já estou tranquilo.

– Então podemos desmarcar hoje, certo?

– Certo! – Quase consigo ver seu sorriso.

– Oito horas, então?

– E nem um minuto depois!

– Mais uma última coisa, eu fiz outra aposta – confessa.

– Você vai ter que ligar pro Pedrão o quanto antes. Aí eu vou poder

comprar uma sandalhinha linda pra combinar com o meu vestido novo! Você vai adorar! Mas precisa ser rápido!

– Você tá ganhando dinheiro às minhas custas!

– Sempre! Beijos!

– Beijos.

Deito na cama com o telefone no peito. Em meio a tanta desgraça, só ela para conseguir me fazer sentir tão bem. Para me lembrar do sentido da vida. Ontem, só tinha pensamentos mórbidos. Hoje, estou feliz por ter a oportunidade de estar vivo. Finalmente, acredito que vou superar tudo isso e, quem sabe algum dia, esquecer todo o mal que fiz.

Ligo para Pedrão.

– Eu. Não. Acredito! – grita. – Essa menina é sinistra mesmo, hein?

Ele ri por um bom minuto e eu rio com ele. Não acredito que não atendi suas ligações. Tudo que fiz nestas semanas fiz errado. Como pude achar que ia sair de minha pior crise sem a ajuda de meus melhores amigos, as pessoas mais importantes em minha vida? A cada dia, ficava mais para baixo, mais depressivo. Sem eles, o pior poderia acontecer.

– Adivinha onde eu estou – instiga.

– Não tenho a mínima ideia.

– Sério. Adivinha!

– Não sei. Na sua casa? Na praia?

– Cara, eu sabia que ela ia vencer a aposta, aí decidi partir para o ataque. Contratei um chaveiro e gastei metade da aposta para arrombar a sua casa.

Saio do quarto, vou até a sala e o encontro lá, sorrindo. O chaveiro, visivelmente constrangido com a situação, pede desculpas. Nem minha gargalhada o tranquiliza, e, quando Pedrão lhe paga, ele desaparece pela porta.

– E agora meu preju só aumentou – declara, ainda pelo telefone. – Eu não deveria, mas eu gosto dessa menina!

Vou até ele e o abraço. Ele me abraça de volta. E assim, em um segundo, está tudo resolvido. Aninha e Pedrão. Que eu nunca esqueça o quanto preciso deles em minha vida.

– Desculpa não ter atendido suas ligações – digo.

– Desculpa não ter arrombado a sua casa antes – zomba.

– Agora, é sério, qualquer um consegue entrar nesse prédio com um chaveiro e abrir um apê.

– Ah, não exagera, o porteiro te conhece!

– Corrigindo... – insiste. – Qualquer um que tenha algum amigo que more aqui pode entrar no prédio com um chaveiro e abrir o apê que escolher.

– Aí sim! – digo, e ambos rimos.

Ele me olha com atenção por um momento. Sei que está me avaliando. Quer saber se estou bem. Quase não comi nada nesses dias, então devo estar abatido. Também não fiz a barba nem cortei o cabelo e estou usando apenas uma samba-canção. Devo estar parecendo um mendigo louco.

– E então? Chopezinho? – pergunta.

– Que horas são? Não tá muito cedo pra isso, não?

– Que isso, cara? São quase cinco da tarde!

Meu relógio marca quatro e meia. Está cedo para beber, e ainda nem almocei. Agora percebo a fome chegando.

– Que barulho é esse? É a sua barriga? – indaga, rindo.

– Talvez...

– Cara, agora olhando pra você... Você deu uma boa emagrecida. Tá fininho, hein? Tá com o quê? Uns cento e trinta quilos agora? – brinca, entre gargalhadas.

– E é por isso que eu não te atendi nenhuma vez.

– Nossa, como ele está sensível! E mais uma coisa – continua. – Há quantos dias não toma um banho, seu mendigo imundo? Cê tá fedendo pra caralho!

Penso um pouco, mas não tenho essa resposta. Alguns, com certeza. Talvez uma semana. E eu não sou o único imundo. Tem lixo jogado pela sala, principalmente em volta do sofá. E Aninha vem aqui hoje. Preciso limpar esse apartamento agora. Ainda bem que ela me ligou antes. Se chegasse aqui nesse chiqueiro, não ia rolar nada, com certeza. E, se bobear, essa imagem iria ficar na cabeça dela como um exemplo eterno do que não se deve fazer num encontro.

Vou em direção ao sofá e começo a recolher o lixo. Pedrão segura meu braço.

— Cara, vai tomar seu banhinho e deixa que eu limpo essa merdalhada. Vai demorar mais tempo pra você tirar essa sua catin-ga do que pra eu limpar a casa. Cê tá horrível. Realmente tá parecendo um mendigo.

— Muito obrigado... — digo, olhando para o espelho.

— E eu quero beber contigo antes que Aninha chegue e estrague nossa conversa de macho. Depois que ela chegar, vocês vão ficar falando sobre quem gosta mais de quem. Você sabe que eu não suporto ficar ouvindo essas balelas açucaradas nem segurar vela.

Eu estreito os olhos, esperando que ele confesse.

— Sim, eu combinei tudo com ela — confessa, cruzando os braços. — Já te falei que essa menina é perigosa, cara? Cuidado com ela!

Eu sigo rindo para o banho. Não vai dar tempo de raspar a cabeça, mas pelo menos a barba eu tenho que fazer.

Depois de semanas de reclusão e tristeza, remoendo as coisas terríveis que fiz e pensando em mil formas de tê-las evitado, com esses dois, eu estou feliz novamente. Não posso me esquecer disso nunca. Sem eles, estou sozinho, mesmo numa multidão. Eles são as pessoas mais importantes para mim. Mais que meu pai, muito mais que minha mãe. Soa estranho pensar assim, mas não é por isso que deixa de ser verdade. Os dois são as pessoas que mais amo neste mundo e me sinto completo com eles.

Não consigo parar de sorrir.

# UMA LISTA

– E aí, é verdade essas paradas que tão falando de você nos jornais?

– pergunta Pedrão.

– Que paradas? Eu nem liguei a televisão esses dias.

– O quê? Não ligou a TV? Que que cê fez esse tempo todo em casa?

– Só fiquei colocando o sono em dia.

– Imagino que nem o computador você ligou também.

– Nem o videogame.

– Você é maluco. Ficou esse tempo todo em casa e nem pra jogar um gamezinho. Esquece... – continua. – Tem um blog desses anônimos que começou a te chamar de herói. Aí, uns outros blogs acharam que ele tava exagerando. Nossa, começou uma discussão sobre o que você era e o que aconteceu de verdade no ônibus.

O que eu mais queria era poder colocar uma pedra em cima de tudo e fingir que esqueci. Levar a vida da mesma forma que antes. Sem ser reconhecido. Sem ter que falar sobre isso. Contudo, isso não vai ser possível se outras pessoas continuarem a tocar no

assunto. E nada poderia ser pior que um blogueiro sensacionalista interessado em minha história.

— E o que eu sou?

— O pessoal tem variado bastante, mas, na média, estão falando que você é quase um ninja, que defendeu o ônibus de três assassinos perigosos e procurados.

— Os três eram procurados pela polícia?

— Parece que só um, mas ele era menor.

Aquele Segundo realmente era um desgraçado. Mesmo que tenha repetido todos esses dias que nenhum deles merecia morrer, é só a culpa falando. A morte dele me dá o orgulho do dever cumprido.

— Em outra versão, você é uma pessoa violenta e descontrolada, altamente nociva à sociedade, mesmo salvando todo mundo desta vez — comenta, com cautela.

Nocivo. Essa palavra resume tudo o que tenho sentido sobre mim. Um ser prejudicial aos outros. Alguém sem controle e imprudente, que destrói tudo ao redor.

— E tem uma terceira, que é a mais realista. Pelo relato de alguns passageiros, foi realmente isso que aconteceu: você ficou puto e virou um Hulk preto, virou o ônibus e saiu matando todo mundo. — Sorri. — Obviamente, eu acredito nessa aí.

Ele ri descontroladamente e, mesmo tentando me segurar, acabo rindo também.

— Até fizeram um videozinho de zoação.

Ele pega o celular e logo acha o vídeo. Nele, um sujeito negro e franzino vai ficando cada vez maior a cada bandido mascarado que aparece. Quando o terceiro entra, ele (ou eu) está tão grande que destrói o teto do ônibus. Então, ele pega os bandidos e os engole sem mastigar.

A animação é tosca, mas, sem ser muito criterioso, é engraçada. É o tipo de vídeo idiota que gosto de ver e que procuro sempre que estou entediado. Assistimos mais duas vezes,

até eu finalmente relaxar, esquecer que sou aquele protagonista bizarro e gargalhar.

— Parece que não é cedo demais para fazer piada!

— Ainda é, mas essa foi boa.

Eu rio ainda mais enquanto ele imita o que seria o Hulk Preto atacando seus inimigos. Quando finalmente a risada esmorece, vejo que ele está olhando para a cicatriz na minha barriga. E para a do ombro direito. Marcas do incidente. Devia ter vestido uma camiseta para escondê-las. Pedrão desvia o olhar, mas sei que lhe devo uma explicação sobre o que aconteceu no ônibus. É meu melhor amigo, afinal. Mais do que isso, preciso falar com alguém sobre o que aconteceu para tentar aliviar o peso em minhas costas. E Pedrão é a única pessoa com quem já conversei com franqueza sobre meus instintos violentos.

— E aí, vamos ou não vamos pro bar? — pergunto.

— Lógico! — concorda, animado. — Quer dizer, se você quiser conversar aqui mesmo, eu entendo.

— Quando a gente chegar lá, eu te conto a porra toda.

E é isso que faço assim que a primeira cerveja chega. Depois do brinde, não paro de falar nem para beber um gole. Só quando um garçom se aproxima é que interrompo a história. Conto a Pedrão tudo que aconteceu naquela noite. Detalhe por detalhe. Tudo que fiz, tudo que pensei. Ele me escuta atento e em silêncio, enquanto procuro as melhores palavras para explicar pelo que passei.

Quando termino, ele coloca a mão em meu ombro. Minha respiração está irregular. Estou usando toda a concentração para não chorar. Não quero chorar mais. Quero passar para a fase em que posso rir das tragédias do passado. Mas ainda não vai ser hoje que vou conseguir conter minhas emoções.

Ele me abraça e eu choro. Tremendo e soluçando, como uma criancinha indefesa.

A esta altura, a cerveja está quente e pedimos outra. Pedrão pede uma pizza gigante de calabresa e, só de ouvir a palavra “pizza”, meu estômago grita de felicidade. Não comi o dia inteiro.

Ficamos em silêncio até a outra cerveja chegar. Cada um tentando achar as palavras certas para continuar a conversa.

– Dureza, cara! – lamenta, depois do segundo gole. – Sei que você tá se culpando pelo que aconteceu com os dois. Mas, cara, um deles era a porra de um psicopata! Ele ia passar a vida matando gente. Ou pior, se o assassino tiver falado a verdade. Você fez bem em ter acabado com esse desgraçado.

– Aquele merdinha eu até me sinto um pouco bem por ter matado – digo, com toda a sinceridade que devo a meu amigo. – Mas o outro era só um infeliz...

– Infeliz ou não, algum dia ele ia se acostumar a roubar. E se alguém reagisse? Ele tava num caminho sem volta... Quando você entra nessa vida, já era!

Eu concordo com tudo o que Pedrão falou, mas não cabe a mim decidir sobre as possibilidades do futuro de ninguém. Ele teria que ser julgado apenas pelo que realmente fez, não pelo que poderia fazer. Não que eu de fato acredite na Justiça do país. Ou em que sua punição seria suficiente para reparar os danos que acabaria causando. Afinal, também faço parte desse sistema quebrado. Mas não é correto tirar as escolhas de uma pessoa.

E o extremo de, além de julgar, condenar à morte é demais para mim. Eu, que sou, e sempre fui, contra a pena de morte, que chamava de boçal qualquer um que a defendesse, matei duas pessoas. Agi como um ditadorzinho intolerante e fui juiz e carrasco de duas pessoas. E julguei uma delas com base em mentiras contadas por um assassino.

Ainda que me sinta culpado por Desdentado e triste por ter agido contra o que acho que é certo, sinto orgulho por ter acabado com Segundo. Ele era um psicopata e iria destruir várias vidas se tivesse chance. Esse nasceu podre e nem o melhor sistema car-

cerário do mundo iria consertá-lo. No caso dele, eliminar as possibilidades foi algo inteiramente positivo.

— Sei que é difícil ter matado uma pessoa, mas você é o herói da história, cara.

Ele para de falar enquanto enche meu copo.

— Se você não fizesse nada, o outro cara ia te matar...

— É isso que não sai da minha cabeça — digo depois de virar o copo de cerveja. — Se ele quisesse me matar, eu tava morto. Ele se levantou, me bateu e foi embora.

Não conto a Pedrão o que Assassino me disse enquanto eu estava prostrado no chão. É a única coisa que não conto a ele. Talvez para não mostrar o quanto estou com medo de um novo encontro. Talvez por vergonha de admitir que fiz parte do plano de um maníaco. Uma marionete nas mãos de um monstro.

Na realidade, é um medo irracional. Tenho certeza de que Assassino me achou por acaso e percebeu que eu era esquentado. Então, viu a oportunidade de fazer uma brincadeira sádica comigo. Uma que já deve ter feito com muita gente. Foi apenas azar meu. Eu sei que ele não vai me procurar. E, mesmo que quisesse, não saberia como me encontrar. Não sabe nem meu nome.

— Cara, mas o que você ia fazer? Esperar que um desses malucos te matasse? — argumenta. — Não tem jeito, cara, cê fez o que cê tinha que fazer.

Não acredito que ele diria isso para outra pessoa senão o melhor amigo, mas me sinto bem ao ouvir alguém me defendendo contra meus próprios pensamentos. Minha culpa, sem dúvida, diminuiu um pouco quando lhe contei, mas é ouvindo Pedrão que consigo reduzi-la consideravelmente.

— E digo mais! Devia ter mais Hulks Pretos para defender este país fodido — completa. — Eu vi esses dias uma estatística que os filhos dos ricos cometem cinco vezes mais crimes que os filhos da gente de classe média, mas são presos em me-

nos de cinco por cento dos casos. Que porra é essa, cara? Que país é esse?

— Tem certeza que isso tá certo?

Pedrão tem o péssimo costume de inventar dados estatísticos para adubar suas opiniões. O apelido dele na faculdade era lbope.

— Lógico que não, porra! — confessa, contrariado. — Mas deve ser por aí! Esses filhos da puta podem fazer o que quiserem e nunca são presos. E os traficantes, do outro lado, também podem fazer a merda que quiserem dentro da favela. Todo mundo sabe que eles estão lá, mas ninguém faz nada.

Não quero ouvir meu amigo bêbado concordar com a linha de pensamento de Assassino. Mas também não quero brigar com ele, porque sei que está falando isso só para me deixar menos culpado. Decido prestar mais atenção na pizza do que nele. Pizza essa que a fome está transformando na melhor que já comi.

Comemos em silêncio até não sobrar mais nenhum pedaço.

— Cara, o que você fez, bom ou ruim, vai salvar a vida de outras pessoas — continua. — Dá pra fazer, fácil, cara, uma lista com esse tipo de infeliz. Gente que não traz nada de bom pro mundo, que só prejudica.

— Uma lista? — pergunto, descrente.

— É. Uma lista com os bandidos que todo mundo sabe que não têm jeito. Tipo os traficantes que matam qualquer um pra subir ao poder, os que controlam a favela da prisão ou os psicopatas que nasceram desse jeito e nunca vão parar de matar. — Ele vai ficando mais animado. — Claro que tinha que ter um espaço para os policiais corruptos que permitem que isso aconteça e os políticos que roubam a porra toda!

— E qual seria a nobre entidade que ia garantir que essa lista não se transformasse num grupo de extermínio

como tantos outros? – digo, irritado. – Ou numa empresa de mortes encomendadas?

– A entidade do Hulk Preto!

Tento prender o riso, afinal era para estar irritado com ele, mas a tentativa faz com que um som parecido com um rosna-do de cachorro me saia da garganta. Isso acaba de vez com meu autocontrole. Gargalho. Pedrão ri ainda mais alto que eu. Esta-mos mais embriagados do que eu achava.

– Deveria ter mais pessoas como você, cara – acrescenta.

– Imagina um esquadrão multicolorido de Hulks. Hulks de todas as cores para limpar a sociedade de todo o mal!

– Não! – digo, enfim entrando na brincadeira. – Para expurgar todo o mal da sociedade!

– Isso! “Expurgar” é uma boa palavra!

A zombaria me traz um gosto amargo na boca quando me lembro do que fiz e de como fui manipulado para matar uma pes-soa desarmada que nunca vi antes. Influenciado por um assassino a matar. Se alguém aparecesse no escritório e me dissesse que fez isso, eu ia dizer que o caso estava perdido. Como aconteceu co-migo, eu estou no bar brincando sobre a possibilidade de criar um grupo e de fazer isso outras vezes.

– E pensar que tudo isso só aconteceu porque você é mão de vaca e não me ouve nunca.

– Hã?

– Se você tivesse comprado a porra de um carro não ia de busão pro trabalho.

– Você sabe que eu não gosto de dirigir.

– Sei... Cara, cê precisa resolver esse trauma de gastar di-nheiro e abrir a porra da carteira. Ou você vai continuar a ir pra Barra de busão?

– Sei lá, cara. Nem pensei nisso – minto.

Não consigo suportar a ideia de entrar num ônibus de novo. Mas odeio dirigir no trânsito e ir de táxi ficaria uma fortuna

por dia. Tenho pensado em pedir carona para alguém do escritório. Mas não sei quem.

– Você pode ir de bicicleta – brinca.

Quando percebe que eu não estou rindo, ele fica sério também.

– Cara, eu sei que você tá chateado. Talvez, você tenha pisado na bola – analisa. – Ou talvez não. Você nunca vai saber de verdade, cara. Mas eu acho que você fez a coisa certa.

– Não sei, Pedrão – digo. – Eu fiz uma parada muito errada. Num acho que uma coisa dessas pode ter algum lado bom. Esse não é o jeito certo de fazer as coisas.

– Não é o certo, mas foi o que deu – justifica, com um sorriso acolhedor.

Ele abre os braços e eu o abraço. Talvez por estar bêbado, ou por precisar de amparo, ou pelos dois. Fico uns instantes de olhos fechados, tentando acreditar no que ele diz. Será que realmente foi o melhor que eu podia fazer?

– Olha essa viadagem aí! – protesta um policial.

Ele me dá um tapa na cabeça e segue na direção de uma mesa vazia. Escolhe uma cadeira que lhe permite olhar para todo o resto do bar. Ao sentar, quase cai. Está visivelmente embriagado e veste a farda da polícia militar. Olha para o máximo de pessoas ao colocar a arma sobre a mesa. Não parece querer outra coisa, além de confusão.

Uma aura de raiva e desgosto inunda o bar e eu não sou imune a ela. Quase posso escutar o pensamento universal de revolta contra uma figura que deveria estar mantendo leis, e não as quebrando.

– O que foi? – grita o policial para a mesa mais próxima.

– Você perdeu alguma coisa aqui?

Aponta a arma para a cabeça de um homem. Ele perde toda a cor do rosto e levanta os braços instintivamente.

— Que isso, meu irmão? — diz, com dificuldade. — Eu não fiz nada para você.

— Eu não sou seu irmão, viadinho.

O policial finge que dá um tiro, mas devolve a arma para o tampo da mesa. Ri, satisfeito com o desespero do homem.

— Babaca! — sussurra Pedrão entre os dentes.

As mesas mais próximas pedem suas contas quase ao mesmo tempo e saem o mais rápido que podem. Um dos grupos deixa o dinheiro na mesa, sem esperar pela conta ou troco. As pessoas que frequentam o bar não estão nem acostumadas nem dispostas a enfrentar este tipo de problema. A distância, os clientes que deixaram o local fotografam e filmam o policial.

Rapidamente, o estabelecimento perde quase todos os fregueses. E, mais inconsolados que o dono, só os garçons, que não vão receber gorjetas hoje. Como se a culpa fosse deles...

O dono do bar vai até ele. Conversa em baixo tom, provavelmente tentando convencê-lo a sair. Entretanto, Policial aponta a arma para o rosto dele, como se o gesto fosse banal. Talvez para ele seja.

— Me traz uma garrafa de Black Label, na conta da casa! — grita.

Um dos garçons se apressa para lhe entregar uma garrafa.

— Cadê o copo com gelo? — resmunga.

Quando o copo é entregue, ele relaxa e para de prestar atenção no dono do bar, visivelmente abalado. O garçom que o serviu puxa o patrão para dentro da cozinha.

— Cara, odeio a polícia — afirma Pedrão, ainda encarando Policial. — Pra mim, todos eles são piores que os bandidos. — Hesita por uma fração de segundo. — Tá, nem todos. Mas a maioria entraria na lista.

Os pelos dos meus braços se arrepiam. Pedrão, meu melhor amigo, uma das pessoas de quem mais gosto no mundo, está falando exatamente o que Assassino diria. Isso me faz pensar que talvez ele tenha uma lista como essa que Pedrão tanto cita. Isso me

leva novamente ao ônibus e às mortes. Vejo Assassino a meu lado no bar, falando com a voz do meu amigo. Usando as palavras do meu amigo.

Fecho os olhos e chacoalho a cabeça para tirar essas imagens da mente.

– Vamos embora – digo. – A gente bebe em outro lugar.

– E deixar esse babaca vencer? – pergunta. – Não vou sair do meu bar favorito por causa dele.

– Ele já venceu, Pedrão – insisto. – E você gosta de qualquer bar.

– Não, cara, este aqui é especial – mente.

– Você tá querendo confusão, porra – digo irritado, mas com voz baixa. – Você sempre arruma alguma merda e me arrasta. Esse cara tá armado, Pedrão.

– Ei – reclama, magoado. – Eu já disse que não vou mais te meter em furada.

Eu fico em silêncio. Não preciso expressar minha descrença numa promessa que ele quebrou tantas outras vezes.

– Cara, a Aninha já tá chegando – pondera, em tom conciliador. – Quando ela chegar, nós vamos.

Nós permanecemos no bar, mas minha recente tranquilidade já não existe. Meu coração bate descontrolado. Me sinto como se estivesse entrando mais uma vez pelas portas daquele ônibus do inferno.

# UM FIM

– Fala pra mim. Você não acha, de verdade, que o mundo ia ser melhor sem um babaca desses? – pergunta Pedrão, sem tirar o olho do policial.

Sua voz é calma e triste. Não há mais traços de revolta e eu lhe agradeço mentalmente por isso. Mas é perturbador ver um Pedrão reflexivo, coisa que ele nunca foi.

– Acho que ele tinha que ir pra cadeia – desconverso.

– E você, como um advogado criminalista, acredita mesmo que esse cara vai pra cadeia?

– Difícil... – confesso. – Policial, pra ser preso, tem que fazer muita merda. Vários escapam até de chacinas.

É triste saber disso. E é extremamente vergonhoso saber que sou parte desse sistema imundo. Não entrei na faculdade querendo defender a Justiça. Nem minha ideia de adolescente era ser uma espécie de herói. Mas, desde que decidi ser criminalista, o di-nheiro tem falado tão alto que ultimamente defendo criminosos. Mesmo não sendo um moralista, nunca vou ficar satisfeito ajudando bandidos. E, hoje, eu sou um dos caras que impedem que safa-

dos, como este policial, sejam presos. Claro, desde que ele tenha o dinheiro necessário para contratar o escritório em que trabalho.

Fazer parte do lado negro da força já vinha me tirando o sono antes do ônibus. Contudo, agora, depois de tudo que presenciei e venho repetindo na cabeça, está insuportável. Não foi à toa que não liguei para o escritório todos estes dias. Acho que meu subconsciente esperava que, se eu continuasse sem dar satisfações, seria demitido. Aí eu poderia culpar o trauma por ter perdido o emprego. E, quando as pessoas comessem a ladainha que um emprego desses não se perde, poderia me fingir de vítima.

Mas eu não fui demitido nem sou uma vítima.

— E, se, por uma sorte nossa, esse babaca fosse preso hoje, isso iria resolver o problema? — Ele olha em meus olhos. — Em uma semana, ele estaria solto, de volta pra polícia.

Eu fico em silêncio. Não há mais nada a dizer. Ele está certo e sabe disso. Não existe uma solução simples e milagrosa que resolva um problema tão complicado como este. A velha esquerda deveria saber disso. Distribuição de renda e educação dignas precedem a Justiça. Porém achar que isso resolveria o problema, por si só, faz da utopia a solução. Mais triste é saber que a direita está tão perdida quanto.

— Com sinceridade, cê não acha que este cara tinha que tá na lista?

— Que porra é essa, Pedrão? — pergunto, tentando manter meu tom baixo. — Você só pode tá de sacanagem com essa fixação pela sua lista idiota.

— Cara, talvez você não seja pronto pra falar sobre isso, mas... — Respiro fundo, sem paciência, e ele sorri amarelo. — Mas uma das vítimas do ônibus deu uma entrevista falando do desgraçado que matou o policial. Ela levou vários tiros dele e mesmo assim deu uma entrevista defendendo o cara. Foi doideira isso, cara. Ela disse que ele era completamente louco, mas impediu que houvesse uma troca de tiros e que um passageiro fosse morto por um dos

comparsas. Ela falou que ele, pelo menos, estava tentando fazer alguma coisa para conter a violência.

– Levou vários tiros? A mulher gorda? – pergunto, mais para mim do que para ele.

– Que insensível, cara. Ela era gordinha sim, mas isso não vem ao caso.

– Eu pensei que ela tinha morrido.

– Viva ela está, mas tá meio maluca. Ela deu uma entrevista falando que o cara não deixou que o assalto acontecesse, matou três criminosos, inclusive um policial que estava com uma mala cheia de propina. E que o maior dano foi causado pelo motorista que se assustou e fez merda.

– Que isso! – falo alto demais. – Aquele cara ia me matar. E deu vários tiros nela. Como ela pode defender aquele monstro?

– Cara, foi uma entrevista bem... polêmica. Essa é a palavra. Mas ela não citou você em nenhum momento. Os médicos disseram que o estresse da situação pode ter sido demais pra ela. Aí, a mente pode ter mudado as memórias pra conseguir lidar com o trauma.

– Que loucura! – digo. – A mulher levou um monte de tiros do desgraçado e dá uma entrevista defendendo o cara?

– Depois você devia dar uma lida na entrevista.

Não estou gostando do rumo da conversa. Definitivamente, não esperava falar sobre tudo isso no primeiro dia em que saio de casa. Esperava uma conversa de bêbados. Sobre futebol e mulheres. Nada mais do que isso. Não vejo a hora de Aninha chegar para sairmos daqui.

– Cara, eu sei que eu tô forçando a barra – assume, depois de mais um silêncio incômodo. – Só tô dizendo isso pra você saber que eu realmente acredito que você fez o certo naquele ônibus. Sério. Mais gente deveria fazer o que você fez e acabar com esses babacas.

– Valeu, Pedrão, mas já deu esse assunto por hoje.

Ele olha para mim e sorri desanimado. Está com o olhar de quem entende algo que você não entende. O tradicional olhar de um bêbado incompreendido.

Pouco depois, Aninha chega ao bar. Está especialmente linda hoje. Ainda mais do que em minhas lembranças. Parece envolvida por uma aura que irradia felicidade. E pode me dar, enfim, o beijo que eu tanto esperava. Nos abraçamos e seu toque me arrepiou todo.

— E aí, Gatinho, como vai a vida mole? — sussurra em meu ouvido.

— Agora, está ótima!

Nos beijamos mais uma vez. Dessa vez, com toda a paixão que sentimos.

Ouvimos Pedrão pigarrear. Sorrimos, ainda nos beijando. E, contra minha vontade, ela me larga.

— E aí, Pedrão, beleza? Como você está se sentindo depois de perder mais uma aposta?

— Se você continuar vencendo sempre, algum dia eu vou parar de apostar contigo.

— Da próxima vez, eu deixo você ganhar. — Sorri. — Pode acreditar em mim.

— Você já disse isso antes...

Eles riem. Eu também rio, mas estou alheio às implicações deles. Sorrio sem deixar de olhá-la. Sorrio porque, agora que ela chegou, estou feliz de novo. Ela olha para mim sorrindo e me estende a mão. É fácil perceber que ela sente o mesmo que eu.

Aninha pede uma caipirinha para o nada, acreditando que algum garçom vai ouvir e atendê-la.

— Esse lugar tá vazio hoje... É porque é terça, né? — pergunta e, sem esperar resposta, dirige-se a Pedrão: — Ei, só para você não esquecer: você tá me devendo um dinheirinho!

— Parece que sim — ele concorda e começa a rir.

Me junto aos risos e me sinto leve novamente. Sem preocupações. Sem culpas.

Mas isso dura pouco tempo.

— Pessoal, vamos embora — Pedrão suplica, agitado.

Aninha protesta, mas eu vejo o que ele está vendo. Policial está vindo na nossa direção. Com arma em riste e sorriso no rosto.

Nós nos levantamos rápido, mas fingindo não ter pressa.

— Vocês não acham que vão sair sem pagar a conta, né? — grita, antes que consigamos chegar à saída.

Nós paramos e viramos para ele, os três aterrorizados.

— Eles já pagaram a conta — grita o mesmo garçom que antes lhe tinha dado a garrafa de uísque.

— Quer dizer que vocês tão pensando que vão sair sem pagar? — continua Policial, ignorando o garçom. — Sabiam que isso dá prisão?

Pelo seu andar, ele está ainda mais bêbado.

— Eles têm conta aqui no bar — insiste o garçom. — Eles acertam uma vez por mês.

— Você fica na sua, senão vai pagar a porra da conta com o seu salário — ameaça, irritado.

— Que isso, cara? Nós já pagamos — barganha Pedrão. — Você ouviu o garçom.

— Cala a boca! — rosna Policial. — Você não vai mentir na minha cara não, seu merda!

Ele se aproxima. Meu coração está batendo forte. Metade por medo, metade pela adrenalina que me sobe à cabeça e implora para que eu reaja. Que eu seja o Hulk Preto mais uma vez. Não consigo pensar numa saída em que nada de ruim aconteça.

Aninha dá um passo para trás de mim e eu recupero a concentração. Minha primeira prioridade é protegê-la. Seguro suas mãos. Ela está tremendo.

— Quem é a novinha, aí? — pergunta, para meu desespero.

— É a minha namorada — declara Pedrão, se colocando na frente do grupo e encarando o porco fardado.

Ele me prometeu que não iria mais me envolver em confusão, mas não era isso que eu estava pensando. Ele está tentando me proteger. Para que eu não passe por mais nada que possa ser traumático.

Quero entrar na frente dele, mas não consigo. O terror do ônibus volta e me paralisa. Estou tremendo também. O medo venceu a disputa contra a raiva.

O policial dá um tapa forte no rosto de Pedrão.

Pedrão continua a encará-lo, sem levar a mão ao rosto.

— Eu vi ela com o negão, seu babaca. — Ele segura com força o queixo de Pedrão. — Se mentir pra mim mais uma vez...

Ele perde o interesse em meu amigo no meio da frase e olha para Aninha com desejo. Ela percebe a atenção e me abraça, tentando se esconder atrás de mim.

— Sai da minha frente, crioulo. Tá na cara que ela tem bagu-lho. Vou tê que te revistar, novinha.

Algo dentro de mim quer explodir. Eu me concentro. Tento não me mexer nem falar. É a mesma sensação que tive no ônibus quando agredi Desdentado. Mas a intensidade é muito maior. Se fosse a mim que ele quisesse agredir, eu apanharia em silêncio, mas não posso deixar que encoste um dedo nela. Agora, vivendo isso, não dá para discordar de Pedrão e daquele assassino desgraçado. Um lixo como esse não merece estar vivo.

— Cara, olha pra você — desdenha Pedrão. — Era pra você tá protegendo a gente, cara. Mas você tá bêbado e querendo fazer merda com uma arma na mão.

O policial dá uma estocada com o revólver na barriga de Pedrão. Dessa vez, por mais que ele não queira demonstrar a dor que sente, verga com a mão na barriga.

— Cala boca, seu merda! — grita Policial. — Quem é tu pra me dá sermão?

O policial sorri, orgulhoso da dor que causou.

— Cê tá maluco? — pergunto. — A arma podia ter disparado!

— Tá achando que eu sô idiota? — pergunta, com raiva. —

Se eu quiser atirar, eu atiro. Se num quiser, num atiro.

Ele para na minha frente e levanta a cabeça para me encarar. E, então, dá o tapa que eu já esperava. Forte e certo. Minha face esquerda queima. Ele sorri, ainda mais satisfeito.

Preciso de toda a força de vontade para não enfiar um soco no imbecil. Mas, se não me tirassem de cima dele a bala, eu não pararia até que ele ficasse inconsciente. Uma vez que eu comece, só paro quando sobe o medo de ter matado o cara. Não quero que Aninha veja esse lado meu. Nem quero uma agressão contra um policial na minha ficha.

Infelizmente, recorrer à polícia parece quase tão desastroso quanto agredi-lo. Atrair os comparsas dele para cá só nos deixaria em mais desvantagem. Só nos resta esperar que ele se canse de bater em mim e em Pedrão e esqueça Aninha.

— Sai da frente e me deixa revistar a novinha, que eu já tô perdendo a paciência com vocês.

Pedrão segura o ombro de Policial, impedindo que ele chegue mais perto de mim e Aninha. O movimento resolutivo o assusta. Ele se vira. Por reflexo ou por condicionamento, atira.

O som do tiro ecoa em minha cabeça como as badaladas de um sino anunciando o luto. Meu amigo cai no chão segurando a barriga.

— Puta que pariu! Puta que pariu! — grita Policial, levando as mãos à cabeça.

Aninha grita por ajuda enquanto agacha ao lado dele.

O policial foge para a cozinha do bar.

Eu não me mexo. Estou completamente paralisado, olhando meu amigo caído no meio de uma poça de sangue cada vez maior. Não dá para acreditar que ele levou um tiro à queimadura na barriga. Policial volta com alguns panos de prato.

— A ambulância já tá chegando — diz Policial, em tom amigável.

— Sai daqui! — grita Aninha, quando ele se aproxima.

O grito dela me desperta do estupor. Ela tem tanto sangue nas mãos e nos braços que penso que também foi atingida. Mas o sangue nela é de Pedrão.

Eu me agacho e seguro a mão de meu amigo. Me sinto vazio. Ele está fraco. Cada vez mais fraco, à medida que o sangue o abandona em ondas no ritmo de sua respiração. Ele está morrendo diante de meus olhos. E está morrendo rápido demais. Não é nada como nos filmes. Ele já está fraco demais para falar.

Ele olha nos meus olhos e sorri.

— A lista — balbucia.

E, então, está morto. E o cara que o matou é o cara que deveria nos proteger. Aninha o abraça e chora enquanto nina seu corpo.

Não há nada que me impeça de explodir agora. Não há mais medo, só ódio. O Hulk Preto, que Pedrão tanto queria ver, está livre para fazer o estrago que quiser. Toda a raiva que já contive na vida é liberada em ondas crescentes. É como se fogo me consumisse por dentro, destruindo tudo de bom.

Meus momentos com Pedrão enchem minha cabeça. Cada vez que Pedrão esteve do meu lado é um pedaço de lenha no fogo. Cada vez que ele fez algo estúpido só para me fazer rir, mais combustível.

Olho para o policial. O maldito canalha filho da puta está chorando também. Não por meu amigo, tenho certeza. Por si mesmo. Por medo das consequências do que fez. O covarde não percebeu que sua punição é minha. Uma vida pela outra.

Ele percebe que o estou olhando com uma fúria assassina e aponta a arma para mim. Como se isso fosse me impedir de atacá-lo.

— Você quer matar mais um hoje, é isso? — rosno.

— Foi um acidente, porra! — suplica.

— Foi? — Dou um passo lento em sua direção. — Não pareceu para mim!

— Não, Will — pede Aninha. — Isso não vai trazer o Pedrão de volta.

Não respondo. Ela está certa. Mas quantos outros Pedrões eu vou salvar eliminando este cara?

— Eu fiz merda, mas ainda sou policial! — grita, sem conseguir esconder o medo. — Não chega perto, senão eu atiro.

Ele não sabe que, para mim, um policial corrupto vale por dois bandidos. Sua morte vai ajudar a limpar nossa sociedade. Logo, logo, nosso país vai ser um lugar melhor.

Dou mais um passo. Ele recua. Outro passo, e ele esbarra na mesa e cai para trás. A arma dispara novamente. Desta vez, sem atingir ninguém.

Avanço veloz e o arranco do chão com as duas mãos. Poderia estrangulá-lo, mas ele merece sofrer mais. Largo seu pescoço e espremo a mão que segura a arma. Com um ligeiro movimento, a arma cai. Eu a afasto com o pé. Mantenho a pressão até ouvir o estalo dos ossos do punho. Ele grunhe. Eu sorrio. Devia ter feito isso com Assassino.

Com a mão mais hábil quebrada e com a arma longe, não preciso me preocupar com nada que ele possa fazer. Eu o seguro pela gola da farda e pela perna e o levanto sobre a minha cabeça. Minha força parece aterrorizá-lo e é isso que eu quero. Que ele implore pela vida antes de morrer. Eu o jogo em cima das mesas mais próximas. As mesas de plástico quebram e oferecem pouca proteção contra o chão.

Ele está sangrando. A farda está um pouco rasgada, talvez pelo plástico das mesas, talvez pelo vidro das garrafas. Não me importo. Ele se arrasta nos cacos de vidro em direção à cozinha. Ele pode ir aonde for, não terá escapatória.

Com dificuldade, ele se apoia no balcão do bar e pega uma faca pequena de serra. Aponta para mim como se aquilo fosse lhe salvar a vida.

Pego uma garrafa long neck em uma das mesas abandonadas e despejo o conteúdo. Vou até a parede, sem pressa. Ele decide partir para a ofensiva com a faca na mão esquerda. Não me importo. Quebro a boca da garrafa com cuidado. Com três pequenos golpes, minha arma fica boa o suficiente.

Viro e a faca está a poucos centímetros de meu peito. Eu poderia desviar, mas não me importo com esse dano insignificante. A faca rasga minha pele com dificuldade e para quando a lâmina está na metade. Fica presa do lado esquerdo do meu peito direito, na parte de cima, mais perto do ombro que do coração.

Ele perdeu a chance e sabe disso.

Com toda a força que tenho, enfio a garrafa quebrada embaixo de seu queixo. Ele chega a sair um pouco do chão e, quando volta, desaba. De baixo, olha para mim sem acreditar no que aconteceu. Tenta tirar a garrafa, mas não tem forças. O desgraçado se debate como um peixe fora d'água. Não é uma cena bonita. Ver a garrafa por sua boca entreaberta é especialmente macabro. Mesmo assim, me sinto um pouco realizado. Da forma como me senti quando matei Segundo. Pedrão está morto, mas está vingado.

Agora que não pode fazer nada por meu amigo, a ambulância chega. Enquanto um médico checa o pulso de Pedrão, o outro vai até o policial e aplica alguma coisa nele. Policial para de se mexer. Vejo repugnância quando os olhos do médico se viram para mim. Com a ajuda do enfermeiro, coloca Policial na maca. Mas todos sabemos que qualquer esforço é inútil.

Dois policiais chegam a tempo de ver o destino do colega. Minha mão vermelha e a poça de sangue a meus pés me denunciam. Eles apontam as pistolas para mim e me algemam depois de alguns golpes.

Fico triste que Aninha esteja vendo isso, mas também grato pelo bravo garçom que a ampara.

Sou jogado de cabeça no camburão. Sem que as testemunhas pos-

sam ver o que acontece, eles me batem mais. Não me importo com os golpes. Não sinto nenhuma dor. Apenas tento decidir se isso já é suficiente para que eles entrem na minha lista ou se devo relevar estes merdinhas e focar em alvos que possam causar um estrago real em nossa sociedade.

Mas, a cada chute, me imagino escrevendo uma letra de seus nomes na Lista.

# UMA INVESTIGAÇÃO

## (PARTE 2)

– É verdade. Eu poderia não o ter matado. Mas o ilustríssimo delegado sabe muito bem que ele iria ficar apenas alguns meses na prisão. Se ficasse. E, então, estaria livre para destruir mais famílias e, provavelmente, nem perderia o emprego de policial. E a família do Pedrão? Como fica nisso?

Delegado me observa sem expressão.

– Eu não consegui simplesmente deixar que ele saísse impune depois de ter assassinado meu melhor amigo, que estava apenas tentando defender a minha namorada – continuo. – Você sabe o que aquele animal queria fazer com a minha namorada, na minha frente? E, se não fosse o Pedrão, ele faria e nem seria punido.

– Então você o matou pensando racionalmente nas consequências? – inquire. – Frio e calculista. Simples assim?

Delegado ainda não desistiu de me colocar na cadeia. Esse corporativismo entre policiais é repugnante. Eles não se preocupam com crimes ou suas implicações, apenas com a possi-

bilidade de impedir que um colega seja incriminado. Mesmo quando não são inocentes. Mesmo se já estão mortos.

– Você sabe muito bem que eu não sou um psicopata.

– Você pensou nas consequências antes de matar o policial? – insiste.

– Foi instinto. Eu não pensei em nada, a não ser em vingar o meu amigo.

– E o seu instinto é sair por aí matando as pessoas?

– Contanto que não matem meu melhor amigo, não.

– Caralho, em dois meses, você matou mais gente do que eu em toda a minha carreira. Como vou acreditar que você não se transformou em um serial killer disfarçado de justiceiro? Talvez sua cabeça de advogado tenha distorcido o significado disso, mas, sempre que mata uma pessoa, você comete um homicídio.

– Não vou voltar a matar – minto.

Delegado me olha por longos segundos. Está buscando uma forma de me incriminar mais contundentemente. Porém nenhuma testemunha vai depor contra mim depois do que Policial fez. E faltam provas de que eu não agi apenas em legítima defesa. Além disso, sabe que trabalho em um dos melhores escritórios criminalistas do país. E, desta vez, o corporativismo está a meu lado.

– Me diz o que eu faço com você? – pergunta, com ar cansado. – Você e seu amigo se metiam em todas as brigas que conseguiam. Algumas vezes para defender um qualquer desconhecido. Caralho, vocês tiveram a minha simpatia, quando surraram aqueles três playboyzinhos que espancaram um mendigo. E depois você bateu no mesmo mendigo quando ele assaltou uma idosa. Podia até acreditar que estava fazendo algo certo, fazendo algum bem, mas agora está matando, Willian. Passou de todos os limites.

Lembrar os momentos em que eu e Pedrão fizemos coisas inconsequentes traz um gosto amargo à boca. Na maioria das vezes, foi ele quem armou a confusão. Foi ele que iniciou a briga com os três pitboys. Ele que me fez correr atrás do mendigo. E ele é o

idealizador da Lista. Mas, em sua última estupidez, ele me entregou um fardo pesado, e não consigo deixar de concordar com Delegado. Isso está muito além de qualquer limite. É algo inaceitável mesmo para as pessoas que quero defender. Sem dúvida, estarei sozinho neste caminho.

— Você é uma boa pessoa, com boas intenções, mas repito: quem é você para julgar quem deve morrer? — continua Delegado. — E quem é você para punir quem você mesmo julgou? Se a Justiça erra todos os dias, será que você seria tão bom a ponto de não errar nunca? Ou está sossegado caso mate alguns inocentes, de vez em quando?

Inegavelmente, ele está certo mais uma vez. Não há dúvida de que esse é meu grande desafio. Se tenho o que parece ser uma habilidade natural para matar, devo concentrar esforços para impedir que inocentes sejam tomados como alvos. Não que algum dia eu vá esquecer o que fiz com Desdentado, mas tenho que tomar medidas para não repetir o erro. Talvez deva buscar apenas os que sejam notoriamente culpados. Pessoas que, sem dúvida alguma, façam apenas mal à sociedade. Pessoas que a Justiça convencional tenha falhado em punir. Ou monstros cruéis demais para nosso sistema penal.

Se eu atingir as pessoas certas e a sensação de impunidade diminuir, talvez o medo de ser o próximo possa fazer com que menos gente cometa crimes. Ou, na pior das hipóteses, menos pessoas estarão disponíveis para cometer esses crimes...

— Não gosto deste seu olhar... — Ele suspira. — Me faz acreditar que algum dia vou precisar te colocar na cadeia.

— Não se preocupe com isso, o senhor não vai precisar — digo, tentando transmitir o máximo de credibilidade. Nada que o faça aumentar sua pouca fé em mim.

Meu amigo não morreu em vão pelas mãos de um policial bêbado que queria abusar da minha namorada e depois tentou me matar.

Seu legado é a Lista. Vou dar tudo de mim e, a qualquer custo, essa escória vai ser destruída. Alvo a alvo. Sei que, no final, nada de bom vai sobrar para mim. Meu futuro é a cadeia ou a morte. Ou um ou outro. Ou os dois juntos, no caso de morrer na cadeia. Mas meu destino está selado.

Não dá para acreditar que agora entendo e concordo com tudo o que Assassino falou. Realmente, algumas pessoas fazem tão mal à sociedade que deveriam ser eliminadas. Mas, se ele entendeu certo, está mirando na direção errada. E isso faz dele uma pessoa perigosa para a sociedade. Assim que chegar em casa, vou escrever “Assassino” no topo da Lista. Assim que o achar, será meu primeiro alvo.

– Você vai atrás daquele bandido do ônibus, não vai?

Delegado parece ler minha mente e, mesmo sem responder, não consigo esconder meu espanto.

Suspira novamente. Parece alguns anos mais velho desde que entrei em sua sala. Ele me olha em silêncio. Parece medir o perigo que eu ofereço e decidir o que fazer comigo.

Não que eu possa fazer algo sobre isso agora.

– Bom, parece que não tem outra forma, então. A partir de agora, você será investigado de perto. Se eu achar alguma maneira de incriminá-lo, nem que seja por atravessar a rua fora da faixa, eu vou te prender. Esteja avisado.

Ele tira as algemas de mim. Não sei exatamente o que sinto, mas tem um pouco de alívio, muito de medo e algum orgulho de ter confrontado Delegado e de sair livre de sua sala. Não vou conseguir evitar o processo criminal, mas, ao menos, vou aguardar em liberdade. E, quando chegar a hora, serei inocentado. Não tenho dúvida.

– E, pra que você não morra de curiosidade, existe apenas uma razão pra você não sair daqui direto para a prisão – anuncia, quando chego à porta. – Obviamente, você só ficaria um ou dois dias por lá, até conseguir um habeas corpus. E isso só te mostraria

como as injustiças deste mundo são muito maiores do que as que você experimentou na sua vidinha de classe média alta.

É impossível ignorar o olhar de superioridade estampado na cara dele. Eu me sinto um garoto levado à diretoria da escola.

— E, se você tiver realmente o objetivo de se tornar um justiceiro, isso só ia te dar mais determinação — continua. — Eu te dei mais essa chance, então, pense muito bem antes de seguir por esse caminho. Não tem volta. Uma vez que se entra nesse mundo, só se sai morto. Escreve o que eu tô te falando. Dentro ou fora da prisão, o futuro é a morte.

Mais uma vez, ele está certo. Certo demais até. Mas é como ele disse, uma vez que se entra, não há volta. É tarde demais para desistir. Mudei muito depois de ter conhecido Assassino e, mais ainda, depois de ter perdido Pedrão. Não há como fingir que posso ser a mesma pessoa que eu era.

— Na próxima vez que vier me visitar, lembre-se de que não vai poder usar a desculpa de ter reagido. Você será um homicida como qualquer outro.

Caminho devagar até a porta.

— E tem uma outra razão também — digo. — A imprensa já estava me chamando de herói antes de eu matar um policial corrupto que assassinou meu amigo. Não imagino nada pior para a já frágil imagem da polícia do que forçar a barra e me prender, quando todos sabem que eu só reagi a um monstro de farda.

— Tinha me esquecido dessa daí.

Estou de costas, mas sei que ele está com seu tradicional sorriso triste no rosto.

Depois de tudo que fiz, ele ainda está preocupado comigo.

# UM COMPROMISSO

— Meu amigo, você me abandonou há três meses — digo depois de juntar forças por quase meia hora. — Parece que foi ontem que você estava na minha sala tentando me animar.

Respiro fundo e olho para o nome dele inscrito em alto-relevo. Placa de metal dourado sobre mármore negro. Sei que ele não gostaria da lápide que os pais escolheram para ele. É linda, mas é tradicional demais para uma pessoa que gostava da loucura da vanguarda. Quem sabe, ele nem se importaria com isso. As coisas em um cemitério têm mais uso para os vivos do que para os mortos.

— Dessa vez, eu não te trouxe flores — digo. — Aliás, sua mãe vem todos os dias aqui pra cuidar de tudo. Trocar as flores e esse tipo de coisa. Eu nunca vi muito sentido em dar flores para os mortos, mas eu trago pra agradar sua mãe. Pra que ela veja que você não foi esquecido. Hoje em dia, só nós dois te visitamos. Você tinha tantos amigos, mas as pessoas já estão te esquecendo, cara. É muito triste isso. Eu tenho pensado muito que, quando eu morrer, só Aninha vai querer vir me visitar. Depois que você foi embora, é

só ela que eu tenho na vida. Nós ficamos ainda mais unidos. E eu, enfim, fiz o pedido oficial de namoro.

Pensar nela é paradoxalmente deprimente e maravilhoso. Não contenho meu sorriso, porque eles são cada vez mais raros e débéis. Sem ela, minha vida não seria nada além de ódio e sofrimento.

— Eu te falei que ia pedir Aninha em namoro na semana do assalto no ônibus, não falei? Não me lembro de te falar isso, mas era importante. Devo ter falado. Depois a minha vida ficou um caos e eu acabei não falando com ela...

Meu sorriso desaparece rápido demais.

— De qualquer forma, o importante é que agora estamos namorando. Dois meses de namoro já. Você ia gostar de saber. Você gostava dela. Quem não gosta, né?

Olho para a lápide imaginando a reação de meu amigo. Esse silêncio denso nunca foi seu estilo. Ele iria gritar, me dar uns socos no braço e usar isso como desculpa para beber umas cervejas em um bar qualquer. “Temos que comemorar enquanto estamos vivos!” ele sempre dizia. Ele vivia tão intensamente que parecia saber que morreria jovem. A ironia é que sua escolha de comemorar em um bar, em vez de ficar bebendo em casa, antecipou sua morte.

Não! Foi aquele policial que o matou. Ninguém mais é culpado por isso.

O vento balança o papel na minha mão e quase o leva embora. É um lembrete do motivo que me trouxe aqui. Não vim para falar sobre minhas tristezas e alegrias. Vim para falar sobre meus deveres. O tempo de chopes e comemorações acabou.

— Finalmente saiu a lista de aprovados do concurso para Promotor do Estado. — Minha voz falha. — Você passou, meu amigo. Finalmente, você passou! Eu trouxe o jornal pra você. Depois de anos estudando e se desesperando, você foi chamado. Ia ser engraçado a gente em lados opostos num julgamento. Eu defendendo os bandidos, e você fazendo de tudo pra colocar a escória toda na cadeia. Na verdade, não seria engraçado. Eu ia ficar envergonhado de

fazer esse trabalho sujo na sua frente. Mas você ia adorar esfregar esse jornal na cara do seu pai. Aposto que, mesmo antes do primeiro salário, você ia dizer que não precisava mais do dinheiro dele.

Forço um sorriso.

— Depois que você se foi, ele mudou muito. Aquela personalidade forte, que vocês compartilhavam, não existe mais. Ele está em frangalhos, meu amigo. Não parou de chorar desde ontem, quando saiu a lista na internet.

Falo tanto para ele quanto para mim. Para tentar desatar o nó que estrangula minha garganta.

— E, pra piorar, sua mãe não está conversando com ele. Eles têm brigado muito. Ela está culpando seu pai por todas as vezes que vocês brigaram, por todas as vezes que ele disse pra você se esforçar nos estudos e deixar de beber tanto. Como se isso fosse te trazer de volta.

Tudo é tão injusto que dá vontade de berrar. E é isso que faço.

— Mas a culpa não é do seu pai! É daquele policial desgraçado! Foi o tiro dele, não os esporros do seu pai, que destruiu a vida da sua família inteira. Cara, sua família está desmoronando. Eu não ficaria surpreso se seus pais se divorciassem. Eles eram tão felizes antes...

Fica impossível segurar o soluço. Olho para cima, porque olhar para o túmulo de meu melhor amigo é difícil demais. O sol está quase se pondo e o céu está tingido de laranja e rosa. É estranho ver tudo tão bonito em um momento tão trágico. Parece errado e injusto. Mas o mundo é maior do que meu sofrimento e, enquanto eu estou chorando, outros estão sorrindo. Se meu amigo pudesse falar, diria que a responsabilidade dos fortes é a alegria dos fracos. Os poderosos devem sofrer para que os demais não sofram. Ele era um sonhador, e sua lista foi a forma que viu de eliminar os poderosos que não agiam de acordo com a teoria dele.

— Você ia achar engraçado como a mídia está falando de você. Ah, você ia adorar! Em todas as reportagens, eles te des-

crevem como um santo. Nunca disseram nada sobre as brigas de rua quase semanais ou sobre as vezes que a gente te encontrou completamente bêbado, dormindo na calçada. Ou daquela vez que você tava tão trêbado que resolveu correr pelado na praia.

Difícil não rir dessas memórias inesquecíveis. Algumas estão eternizadas em fotos ou vídeos. Que saudade! Nós estávamos sempre juntos nas piores situações. Nas boas, nem tanto, mas, nas piores, sempre. Pedrão tinha orgulho de fazer coisas de que ele provavelmente se arrependeria depois. “É isso que deixa a vida interessante”, ele falava.

– Com relação a mim, você pode ficar tranquilo. Depois da repercussão da sua morte, a polícia fez um acordo comigo, e meu nome não vai ser divulgado. E, desde que eu não dê nenhuma entrevista, eles vão encerrar o inquérito em alguns meses como legítima defesa. E nem vou ter que ir ao tribunal. Não que isso signifique que os jornais não saibam meu nome. No dia seguinte, aquele blog que você me falou divulgou cada detalhe do que aconteceu naquele dia. Parecia que o blogueiro estava lá na hora. Deve ter sido o garçom que contou tudo.

Não é justo que meu amigo tenha sofrido as consequências de tudo sozinho e eu seja visto como herói. Não fui um herói. Não salvei ninguém. Eu condenei uma pessoa à morte e a executei. De minha parte, foi uma vingança. Para a sociedade como um todo, foi a prevenção de outros crimes.

Me abaixo e deixo a folha do jornal sobre o túmulo. Tive o cuidado de plastificar para que a chuva não a destrua. Coloco uma pedra em cima para que o vento não a leve.

– Eles mostraram a vida daquele desgraçado também. A mídia, quero dizer.

Não gosto de me lembrar das coisas que vi e ouvi de Policial, mas meu amigo tem que saber.

— Ele nunca tinha sido preso, mas tinha um monte de inquéritos administrativos. Só um deles não estava arquivado, e isso porque foi aberto naquele dia; o mesmo que ele te matou. — Suspiro e contínuo. — Ele batia quase todas as noites na mulher e ameaçava os filhos com a arma. Era um alcoólatra descontrolado. E, mesmo assim, não foi exonerado da polícia. Apenas tiraram a arma dele e o impediram de patrulhar as ruas pra ele não fazer nada de desastroso. Só que sabiam que ele tinha outra arma, uma ilegal, comprada de traficantes, e ninguém fez nada, porque era dele, não da polícia.

Preciso de um tempo para reunir coragem suficiente para continuar.

— Você e o seu plano estúpido de sair matando todo mundo estão certos. Ele nunca foi punido de verdade nem nunca seria. Ele só tinha que ter morrido antes!

O choro sai livremente, mesmo eu sabendo que meu amigo não gostaria de me ver chorando. Ele acreditava que um homem de verdade só devia chorar sozinho, nunca na frente dos outros. Isso já não importa mais.

— Eu queria ter matado aquele cara antes de ele ter feito isso com você!

Eu me esforço para controlar a respiração. Não é justo falar isso para ele. Nós dois sabemos que eu não mataria um cara desses antes. Mesmo se acreditasse que sua vida fosse ser mais nociva do que benéfica para a sociedade.

Mas eu mudei. O plano que um dia foi de meu amigo agora é meu. Meu objetivo de vida é evitar que outras famílias sofram o que a de Pedrão está sofrendo. O tempo em que fingia fazer minha parte para construir uma sociedade melhor acabou. Alvo a alvo, vou melhorar nossa cidade. Essa é minha responsabilidade, e vou me manter fiel a ela mesmo que pague com a vida.

— Hoje vou colocar a sua ideia em prática — digo, enfim. — Demorei muito tempo para tomar coragem, mas já escrevi na Lista o nome dos três primeiros alvos. Eu sei que você vai achar tempo

demais para três nomes, mas eu não vou correr o risco de julgar alguém de forma precipitada. Já fiz isso uma vez; não vou fazer de novo. — Respiro fundo e prossigo. — Ainda não me esqueci do ônibus. Quase todas as noites, eu me vejo matando Desdentado, em pesadelos. Para que isso não se repita, eu pensei muito numa forma de escolher os alvos certos e criei algumas regras pra me ajudar.

Sinto um aperto no peito ao esperar por comentários que não virão. Se ele estivesse vivo, teríamos dias de conversas para definir as normas.

— A primeira regra é que a justiça normal tem que falhar primeiro. No caso de ela não conseguir punir os alvos da maneira correta, eu ajo. Alguns são poderosos demais e manipulam as leis, outros são tão cruéis que as nossas leis são brandas demais para eles. Esses dois tipos vão ser meus alvos principais. A segunda regra é que eles devem representar um perigo real para outras pessoas. Não me interessa um filho de desembargador que tenha matado uma família inteira quando dirigia bêbado. Dificilmente ele faria isso de novo. E eu não quero fazer justiça. O que eu quero é impedir que mais pessoas inocentes sofram.

Existe uma terceira regra, mas não conto para meu amigo. Ele não iria concordar com ela, mas é a forma que encontrei para conseguir tirar a Lista do papel. Meus alvos têm que ser pessoas acessíveis. Não adianta querer invadir uma prisão de segurança máxima para matar o chefe do tráfico que ainda controla a chegada de drogas no país se eu não for capaz de passar pelo primeiro guarda. Pedrão ia querer ir com tudo desde o início e provavelmente morreria sem eliminar nenhum alvo. Eu não vou ser tão tolo. Tenho que caminhar com a cautela necessária para conseguir eliminar o maior número de alvos possível, sem que mate nenhum inocente ou acabe preso ou morto.

— Eu sei que você deve estar achando que o primeiro alvo vai ser Assassino. Infelizmente, não. Eu não consegui achar nenhuma informação sobre aquele canalha, nem mesmo o nome. Nenhuma pista

sobre quem ele é ou onde mora. Mas ele ainda é a primeira pessoa na Lista. Assim que o encontrar, acabo com o desgraçado.

Bufo e balanço a cabeça negativamente.

– Sobre hoje, estou com um pressentimento de que não vai dar certo. Mas acho que é porque estou nervoso. Meu plano tem algumas falhas, eu não tenho experiência e o cara deve andar armado. Gostaria que você me ajudasse. Sozinho, vai ser muito mais difícil. E, para piorar, decidi que não vou usar nenhuma arma de fogo até que eu saiba melhor o que estou fazendo. Então, as minhas únicas armas vão ser um par de facas de churrasco que comprei.

Quase posso ouvi-lo na minha cabeça, berrando: “Isso é loucura!”. Quase.

– Espero que dê tudo certo e que eu não morra. Nem seja preso. Não por mim, você sabe, mas pelas famílias que eu ajudaria. E principalmente por Aninha. Nós nunca tocamos no assunto, mas ela nunca gostou de violência, e ver você morrendo e eu matando o policial só a deixou mais sensível a tudo isso. Ela não pode saber o que vou fazer. Além de terminar comigo, o que seria incrivelmente doloroso, eu não conseguiria viver tendo visto o olhar de repulsa dela.

Exalo todo o ar que tenho no peito. E inalo profundamente, para me aquietar.

– Cara, como é difícil falar contigo e não ter resposta. É perturbador falar e falar e você continuar em silêncio. Isso nunca aconteceu. Você era do tipo que falava mais do que devia.

– Desculpa não ter conversado com você nas outras vezes. É difícil pra mim. – Não permito que as lágrimas abandonem meus olhos. – Vou tentar falar nas próximas vezes também.

Respiro fundo. Já fiquei tempo demais nesse lugar deprimidamente por hoje, e a proximidade do que restou de meu amigo torna a saudade algo insuportável. Tenho que ir embora, antes que perca o ânimo para seguir com o plano. Com a Lista.

– Deixa eu ir embora, que a noite vai ser tensa – digo, com um sorriso forçado. – Reza por mim aí de cima, porque eu não consegui ser hipócrita o suficiente para pedir a Deus que me ajude a matar uma pessoa.

# UMA MENTIRA

– Oi, Aninha.

Tento disfarçar a voz embargada. Não devia ter atendido. Pelo menos não sem pensar no que vou falar com ela. Mas o movimento foi automático.

– Ai, meu Gatinho! – gane. – Que dó! Você foi ao cemitério hoje? Como é que você está?

– Fui. Quer dizer, ainda estou aqui, mas já tô indo embora.

– E como você está? Eu devia ter ido com você.

– Estou bem – minto. – Eu queria conversar com meu amigo sozinho.

– Eu sei. Você me disse. Mas eu podia ter ido até aí e esperado em algum lugar. Ia ser melhor.

– Ia mesmo... – admito. – Bem, pena que não dá pra voltar atrás.

Como eu queria que ela estivesse aqui me abraçando. Estou prestes a dar um passo irreversível na vida e nem posso contar com seu apoio. Ela não me apoiaria nisso, de qualquer forma.

– E você falou com a mãe do Pedrão?

– Falei. O clima lá tá ainda pior depois que eles souberam que ele passou.

– Imagino.

– Eu acho que eles vão acabar se separando. Já estavam brigando direto; agora, mal se falam.

– Que droga. Desse jeito eles vão se separar mesmo. Não tem como um relacionamento suportar muito tempo se eles não conversarem sobre problemas desse tamanho.

Conversar. Ser honesto. Não mentir. O que estou fazendo já é errado apenas por isso. Se tenho que esconder da pessoa mais importante na minha vida, como posso estar fazendo algo certo? Não estou. E não me engano com isso. É uma coisa que tenho que fazer. Contudo, no final, meu relacionamento com Aninha vai ser abalado por minhas mentiras.

Aliás, esta será a primeira vez que vou mentir para ela. Estou nervoso. Mesmo sendo um advogado com péssimos clientes, não costumo mentir. Procuro brechas que possam anular testemunhas ou provas, mas sem usar mentiras ou difamações, como meus colegas costumam fazer. E, por essa falta de experiência, agora que preciso, não sei mentir. Nem o que dizer para ela.

– Gatinho?

– Oi.

– Você tava me ouvindo?

– Desculpa. Não ouvi. Tava pensando na... vaga do Pedrão.

– É difícil mesmo. Deve ser horrível saber que seu filho deu tão duro e, quando finalmente ia colher o que plantou, uma tragédia dessas acontece.

– Não tão duro assim, mas é verdade. É terrível.

– É, ele ia ser promotor agora...

Acho que ela, de alguma forma, se sente culpada pelo que aconteceu. Por Pedrão ter morrido tentando protegê-la. Nas vezes em que tentei mostrar que o verdadeiro culpado foi o monstro fardado, ela chorou tanto que não consegui conti-

nuar. Também não conversamos sobre minha reação. Ela me viu matando o policial com a crueldade de um psicopata. E se ela não quer tocar no assunto, eu quero menos ainda. Isso é o tipo de coisa que eu só conversaria com Pedrão. Só ele entenderia e aprovaria o que eu fiz.

Com o passar dos meses, Aninha deixou de se assustar com qualquer barulho que a fizesse se lembrar de um tiro. Mas, desde ontem, com a notícia de que ele passou no concurso, ela está falando rápido demais. E isso é sinal de que está aflita. Possivelmente, pensando em tudo que Pedrão perdeu para protegê-la.

Ela nunca escondeu que invejava a coragem dele ao largar um bom emprego, com promessa de crescimento rápido, para estudar até passar em um dos poucos concursos para o cargo que ele queria. Promotor. Mesmo com o pai o chamando de vagabundo todos os dias. Ainda que ela não assuma, ainda que siga por um caminho diferente do dele, seus objetivos profissionais são parecidos com os de meu amigo. Se acabar de estudar por uns anos e depois ter um bom salário para a vida toda. Fazer a diferença sem precisar se matar de trabalhar ou ter medo de ser demitido. Para mim, isso é perder dinheiro, quase uma caridade que você está fazendo. Sem dúvida, ela entende melhor do que eu o que significa a oportunidade que Pedrão perdeu.

— Mas o que você manda, minha linda? — desconverso.

Eu já sei por que Aninha ligou, mas ela não vai ter coragem de falar. Quer ficar do meu lado e me apoiar. Sabe como foi difícil visitar meu amigo. Mas ela precisa estudar. E eu preciso dela longe de mim esta noite. Não quero adiar mais uma vez. Vou destruir meu primeiro alvo hoje. Por Pedrão. Mas, antes, vou ter que mentir para a única pessoa que amo.

— Nada. Esquece.

— Pode falar, Aninha.

— É que ia cancelar o cineminha de hoje, mas esquece. Eu dou um jeito.

— Você tem que estudar, né?

— Tinha, mas vou ficar com você. Você tá precisando dos meus cuidados hoje.

— Aninha, eu sei como você está atrasada com a monografia. Se você não der um gás nesse mês, não vai conseguir terminar a tempo. Vai acabar atrasando a formatura.

— Uma noite não vai fazer tanta diferença.

— Vai. E você sabe disso.

— Eu sei, mas você está precisando de mim. E já está decidido! Eu não vou te deixar na mão para estudar. Nós vamos ao cinema.

Não sei o que dizer. Se falar mais alguma coisa, ela vai começar a estranhar que eu queira tanto que ela não vá comigo ao cinema hoje. Se não falar nada, não vou conseguir eliminar meu primeiro alvo nunca. E não se trata de apenas um alvo, mas de todos os outros. Se vou continuar com a Lista, vou ter que achar uma forma de estar longe dela por algumas horas sem levantar suspeita. Vou ter que aprender a manipular Aninha e a mentir para ela.

— Só uma pergunta. Me ajuda com a matemática? Que você sabe que não é o meu forte. Se você atrasar a formatura, quantos sapatos vai deixar de comprar nesses seis meses com a diferença entre o salário de advogada e o de estagiária?

— Você acha que eu me importo mais com sapatos do que com você?

— Não? — digo, em tom de brincadeira. — Aprendendo a cada dia...

— Não! — protesta. — Vocês são igualmente importantes na minha vida. E nem dá pra calcular isso — continua. — Essa bolsa de estagiária é uma miséria. Não consigo mais pagar nem o cartão, quanto mais comprar alguma coisa!

Aninha gargalha e eu respiro aliviado por ela ter caído na brincadeira. Não consigo rir de verdade. Finjo. Estou envergonha-

do por usar seu ponto fraco contra ela mesma, que é viciada em compras. Tem um armário cheio de roupas que não usou e raramente usa a mesma roupa duas vezes. E, por mais que goste de presentes, não suporta a ideia de ser sustentada. Mesmo com seu pequeno salário. Seu prazer é ter dinheiro para conseguir comprar o que quiser. Eu pago cinemas e restaurantes, mas ela não me deixa mimá-la de verdade.

Adoro isso nela. Quer brigar pelas coisas, não receber tudo de graça. Mesmo assim, acabei de usar isso contra ela. É tudo com a melhor das intenções: impedir que o pior tipo de pessoa continue a assolar nossa sociedade. Mas que tipo de pessoa vou me tornar, tentando fazer o melhor, se preciso enganar quem mais amo para isso? Espero que não seja um caminho sem volta.

Sua risada murcha e minha namorada fica em silêncio tentando decidir o que fazer. Está realmente preocupada com a possibilidade de atrasar a formatura. Se não entregar e apresentar a monografia em um mês, terá que cursar mais um semestre de faculdade. Mais seis meses, se não usar todo o tempo disponível neste mês. O que tem escrito é menos de um terço do que tem que escrever, e usou quatro meses para chegar até esse ponto.

Apesar de meu motivo nefasto, é o melhor para nós dois, não só para mim. Se ela deixar para depois, pode acabar perdendo não só um semestre da vida, mas também a chance de ser contratada. E já foi avisada sobre isso.

E preciso começar, de uma vez por todas, com a Lista. Se meu primeiro alvo, ou qualquer uma das pessoas que estou investigando, fizer alguma coisa porque demorei a agir, não vou me perdoar nunca. Minhas fraquezas pessoais não podem impedir que eu destrua os alvos.

Respiro fundo e me preparo para o xeque-mate.

— Pode ficar tranquila. Eu vou ficar bem.

— Vai mesmo?

— Não vou ficar ótimo, mas é só um mês — digo.

– Só um mês? Não sei se aguento esse tempo todo sem você!  
Eu rio, desta vez, sem fingir.

– Esqueceu que a gente trabalha junto? A gente vai se ver todo dia.

– No trabalho não conta...

– É, não conta. Mas a gente dá um jeito.

– E o que você vai fazer com esse tempo todo sem mim?

Eu ignoro seu ciúme e engulo a culpa.

– Eu vou tentar achar alguma coisa pra fazer. Tô pensando em comprar um game pra passar o fim de semana jogando.

– Que horrível, Gatinho! Acho que vou pra sua casa então.

– Não precisa.

Digo rápido demais, antes de perceber que era uma brincadeira dela.

– Você tem que estudar, minha linda – continuo, mais calmo.

– E eu vou ficar bem, jogando videogame como nos velhos tempos.

– Tá bom – concorda, depois de um longo suspiro. – Mas vê se não compra nenhum jogo violento.

Enganá-la me faz mal. Mas é para o seu próprio bem. Ela não suportaria saber o que pretendo fazer. No que me tornarei. Serei, a partir da noite de hoje, uma das coisas que ela mais rejeita: um justiceiro. Alguém boçal o suficiente para desistir de sua capacidade de pensar como uma pessoa civilizada, para usar apenas força e violência, como um animal selvagem qualquer. Ela diria alguma coisa parecida com isso, se eu pedisse uma definição.

Há algum tempo, concordaria com ela. Entretanto, alguns eventos demandam medidas drásticas. E, algumas vezes, só um ato de violência pode impedir que uma violência ainda maior aconteça. Um assassinato pode impedir um massacre. Um massacre pode evitar uma guerra. E eu acredito que chegou minha vez de tomar à força a proteção que nos deveria ter sido dada. De recuperar o espaço que perdemos para os maus. De revidar todo o sofrimento.

Não sou hipócrita. Sei que, ao perseguir perversos, vou me transformar num deles. Como na guerra, os inocentes são eliminados logo no início, na primeira missão. Depois, sobram apenas assassinos dos dois lados. Não me importo com o que me tornarei, desde que não perca o foco nos três princípios da Lista. Se segui-los, continuarei a eliminar os alvos certos e a fazer minha parte.

Deveria me afastar de Aninha, no entanto. Estou sendo egoísta ao mantê-la por perto quando ela abomina todas essas coisas. Quando tudo explodir e eu acabar ou morto ou preso, ela não vai me perdoar e vai sofrer ainda mais do que sofreria com uma separação. Mas não tenho forças para ficar sem ela nem coragem para dispensá-la. É doloroso pensar sobre isso, mas seria melhor que ela se apaixonasse por outra pessoa ou que, aos poucos, perdesse o interesse por mim.

– Pode deixar... – digo, com falsa animação. – É sobre a terceira guerra mundial, então vai ser light.

– Gatinho, você não tem nada melhor, não? Você não prefere jogar um desses jogos de futebol ou de corrida, não?

– Você tá me pedindo pra comprar um Fifa? Acho que é a primeira vez na história que uma namorada propõe pro namorado comprar um Fifa.

Nós rimos juntos, mas não estamos felizes. É apenas uma alegria superficial. Ambos nos sentimos culpados. Aninha, por me abandonar. Eu, por enganá-la. Só que não existe razão para que ela se sinta assim. Queria poder lhe explicar isso sem demonstrar que a enganei. Então, ela ficaria realmente feliz e, mesmo sem ter o direito, eu também ficaria. Ela tem esse poder sobre mim. Me faz lembrar de que ainda existe alegria mesmo depois da tragédia. E pensar nessa alegria me faz questionar a Lista e meus objetivos. Não estou só abdicando de minha felicidade, mas também destruindo a dela. Não há um futuro possível em que vivamos felizes; no qual envelheçamos juntos numa casa no interior.

- Já me arrependi! Cancela o videogame e compra um livro!
- Trocar um jogo por um livro? – digo, com falsa dúvida.
- Vai ver um filme então.
- Vou ficar com o videogame.

Nós deixamos que risos frágeis simulem nossa alegria, até que as próprias risadas revelam nossa tristeza. Foi um dia ruim, de uma semana ruim, e o final de semana promete ser pior. Já não temos nenhum poder para mudar isso. É só esperar que tudo termine bem e que, na segunda-feira, possamos nos abraçar aliviados e felizes.

- Fica bem hoje, tá bom?
- Pode deixar. E você também. E vê se termina isso logo.
- Ok. Mas depois que acabar, vou ter que estudar para a prova da OAB.

- Um passo de cada vez. Depois você pensa nisso.
- É verdade – pondera, tensa. – Eu te amo.
- Eu também te amo.

Desligo rápido. Antes que a dor em sua voz me faça cancelar os planos. No final, o que quero é transformar o mundo num lugar melhor para pessoas decentes, como ela. Foi por isso que aceitei meu árduo destino. Em troca, ela deixa minha vida suportável, quase feliz.

# UM ALVO

Estou sentado no capô do carro de minha vítima, em um estacionamento subterrâneo do centro da cidade. Como é rotina, meu alvo só virá buscar o automóvel depois das dez horas da noite. Sendo sexta-feira, o estacionamento está vazio e ainda faltam trinta minutos para as dez. Tenho tempo para repassar o plano mais algumas vezes. Já desliguei as câmeras do andar. As duas facas que comprei estão escondidas em meu melhor paletó, guardadas em capas improvisadas de plástico e fita isolante. Uma de cada lado.

Já estou aqui há mais de uma hora e não aguento mais esperar. Estou nervoso e ansioso. Esperei demais para decidir quem iria matar e quero acabar logo com isso. Tenho uma estratégia. O lugar está preparado. O celular, desligado. E tomei o cuidado de não ser visto por ninguém e de nenhuma câmera ter flagrado meu rosto. Agora só falta que o alvo venha até mim.

Foram mais de dois meses tentando achar o melhor alvo para minha estreia. Meu objetivo era achar alguém que fosse pública e incontestavelmente merecedor. Alguém que destruísse as pessoas que cruzassem seu caminho. Foi muito fácil fazer uma

primeira lista, que tinha basicamente os políticos mais corruptos e os líderes de facções criminosas já reclusos na segurança de nossas prisões. Contudo, quando tentei escolher especificamente meu primeiro alvo, não consegui achar uma pessoa que fosse vulnerável o suficiente para dar margem a meus prováveis erros de principiante.

O problema em caçar um político é que, se matasse um deles, mesmo que fosse o pior, não adiantaria nada. Num instante, outro estaria no lugar. E, se nada vai mudar, não faz sentido matar alguém. Fora que a mídia, cercando-os à espera de um deslize, também acaba protegendo-os de um ataque pontual. Também não explodiria um prédio com todos dentro. Não sei como conseguiria uma façanha dessas e, mesmo se conseguisse, mataria muitos inocentes junto. Meus alvos têm que ser individuais e específicos. Sei que já estou fazendo o errado ao matar pessoas notoriamente culpadas e seria ainda pior matar uma pessoa qualquer como dano colateral.

Bandidos importantes também não são alvos simples. Muitos controlam suas gangues a partir dos presídios de segurança máxima, outros, em fortalezas nas favelas, com um exército particular à disposição. Em ambos os casos, não tenho nem habilidade nem recursos para entrar e eliminar um alvo e sair intacto. Ainda mais fazer tudo isso sem matar pessoas que apenas atravessassem meu caminho.

Há mais ou menos um ano, um cara entrou em uma das favelas mais perigosas da cidade acompanhado de apenas um comparsa. Eles mataram quase todos os bandidos da comunidade. Poucos escaparam. O comparsa morreu. O cara só levou um tiro. Tudo isso para resgatar uma garota das mãos do chefe do tráfico. Ele é uma lenda. Eu sou apenas um jovem com raiva do mundo.

E, mesmo respeitando a nobreza e a coragem do cara, ele não tinha o direito de matar qualquer garoto de dez anos que ganhou um fuzil do chefe do morro. Várias crianças foram execu-

tadas naquele dia. Eu não acredito que todas pudessem ter sido salvas. Mas, talvez, algumas.

Ele foi prático e não deu chance ao azar. Aniquilou qualquer um que cruzou seu caminho com uma arma na mão. Qualquer um que representasse perigo. Criança, adulto ou idoso. Traficante ou policial. Um blog anônimo, que desconfio que seja escrito por policiais, afirmou, na época, que ele não errou um tiro sequer. Cada tiro tinha um endereço certo. Isso não é comum nem entre atiradores de elite e só seria explicável se ele tivesse, além de treinamento militar, uma grande experiência em caça. Sua identidade nunca foi descoberta, então a mídia o apelidou de “Caçador”.

A porta do elevador se abre. Alguém vem vindo. A chance é grande de que seja meu alvo. Os poucos carros que sobraram neste andar devem ter sido deixados para segunda-feira. Os passos ecoam e meus batimentos cardíacos aceleram. Ele vem em minha direção. Seguro o cabo de uma das facas, com o cuidado de mantê-la escondida. O rush de adrenalina traz a meu conhecimento mais detalhes do local. Sinto-me zozzo e tenho que segurar a ânsia de vômito. Definitivamente, não estou pronto para isso.

Mas os passos param ainda distantes e o bipe do alarme de outro carro confirma que aquele não era meu alvo. Respiro novamente. Bastante aliviado e um pouco desapontado.

Demorei demais para achar alguém que fosse indiscutivelmente culpado, mas acessível. Tanto tempo que decidi mudar o jeito como pesquisava. Parei de pesquisar na mídia para buscar dentro de casa. No escritório de advocacia em que trabalho, mais especificamente.

No começo, não queria isso. Se não for cuidadoso o suficiente, mesmo em um futuro mais distante, alguma pista contra mim poderá ser achada. Não uma prova, eu espero, porque tudo tem que acontecer como o planejado. Não há espaço

para imprevistos e tudo já foi ensaiado. No entanto, se alguém perceber que a única ligação de um grupo de pessoas mortas é que fui o advogado delas, serei o suspeito principal, independentemente de provas.

Contudo, quando pensei em um cliente que merecesse morrer, apenas um nome me veio à mente. A escolha foi simples e óbvia. Que ele seja o primeiro e o último de meus clientes a morrer por minhas mãos.

— Quem está aí? — pergunta uma voz que odeio reconhecer.

Viro e percebo que não estava prestando tanta atenção assim. Da próxima vez, não posso me permitir distrações. Ainda mais por simples devaneios.

— Willian, é você?

Na impossibilidade de desatar o nó na garganta, aceno com a cabeça.

— Que susto, porra! Que você está fazendo aqui? — pergunta, assustado.

— Você estuprou aquela garota, não foi? — digo, sem estômago para rodeios.

— Que conversa é essa?

— Apenas responde à pergunta.

— Nós dois sabemos que não — desafia, com uma piscadela. — Foi você mesmo que provou que eu não fiz nada.

— Eu disse que não havia provas — rebato. — Nunca disse que você era inocente.

— Ah! Quanta hipocrisia! — acusa, jocosamente. — Quando estava recebendo rios de dinheiro, você não me fez essa pergunta. Mas, agora, você quer saber a verdade. Tá com a conscienciazinha pesada, é?

Ele pressiona o botão do alarme do carro e segue para entrar. Para ele, a conversa acabou. Entro no caminho para impedi-lo.

Ele suspira e me olha como se eu fosse um adolescente petulante e ele não tivesse tempo para lidar com meus problemas infantis.

— Eu tenho conversado bastante com o seu chefe e ele me disse que você tem feito um monte de merda por aí. Do ônibus eu já sabia, mas ele contou do policial também. É merda atrás de merda — provoca, me encarando. — Por acaso, você está aqui pra aprender como viver com uma consciência suja?

— Porque, se for isso, eu não posso te ajudar. — Sorri. — A minha consciência é tão pura quanto a de uma menininha.

Não deixo que a raiva, a vontade de destruir cada centímetro de seu corpo, assuma o controle de minha mente. Por mais que seja difícil para uma pessoa explosiva como eu, onde estou me metendo, não há espaço para emoções. Não quero agir de forma impensada novamente. Matar quem não deve morrer. Ou ser mais cruel do que o necessário com os alvos. Minhas ações terão que ser cirúrgicas e frias. Um corte, uma morte.

Mas como é difícil!

— Mesmo sabendo que ela se matou depois do que você fez? — pergunto, disfarçando minha ira.

— Depois que eu estupro ela, você quer dizer? — Ele eleva a voz. — Foi ela que se matou. Eu não matei ninguém.

Ele me olha com um quê de pena. Como se eu precisasse de sua ajuda. Minha mão direita começa a tremer.

— Fica tranquilo que eu aprendi a lição. A partir de agora, só estupro prostitutas. Depois eu dou um dinheirinho a mais e está tudo certo. Bom pra elas. Bom pra mim.

Ele gargalha. Essa é confirmação de que eu precisava para ter certeza do que devo fazer. Nada nem ninguém conseguiriam fazer com que mudasse. Ele é um monstro que se acha acima da lei, melhor do que os outros.

Mostro uma das facas que trouxe. Ele para de rir, mas não há medo em seu olhar. E isso não pode ser bom.

— Bem que seu chefe me disse que você tava meio louco. Mas eu resolvo isso já.

Ele tira o telefone do bolso e me mostra uma chamada ativa. Fico com medo de quem é que está nos escutando. A polícia, provavelmente. Penso em fugir, mas não tem mais jeito. E, se vou ser preso, que seja então pelo assassinato de fato desse sujeito desprezível, não pela tentativa.

Ouçõ um caminhar apressado em nossa direção. Congelo. Não consigo dar o passo final que ainda nos mantém afastados. Estou perdido. Vou ser preso.

Dois sujeitos usando ternos batidos chegam até ele. A questão da chamada acabou. Ele ligou para os seguranças, e não para a polícia. Agora são três caras, possivelmente armados, contra um com duas facas. É o que se pode chamar de desvantagem. Mas, desde que eu despache meu alvo e espanque os dois até que não consigam se lembrar de nada, tudo vai dar certo e o plano vai voltar para o rumo.

— Bom, não sei se você já conhecia meus novos assessores. Eu contatei os dois depois que o pai da menina me jurou de morte.

Ele passa confiante, enquanto os seguranças apontam seus revólveres para mim. Levanto os braços e deixo a faca que revelei cair no chão.

— Não precisa matar, pessoal — anuncia, com metade do corpo dentro do carro. — Willian, considere isso uma retribuição por você ter me livrado da cadeia — continua. — Mas, se te vir novamente, não vou ser tão generoso.

Com um soco no rosto, eu caio. Quando levanto, levo mais alguns na barriga. Então, um deles me segura por trás. Quando me viro e

cuspo sangue na sua cara, ele me solta. Suspiro aliviado, acreditando que foi melhor do que esperava, mas me precipitei. Ele só me largou para que pudesse me bater também.

Sou derrubado novamente com um chute no joelho. Bato com a testa no chão e fico tonto. Os golpes não param de vir. Inevitavelmente, perco a conta e não consigo mais distinguir os golpes. E os chutes. E as joelhadas. E os socos. No frenesi da agressão, eles querem usar o máximo de si para me atingir. Sorriem satisfeitos com a vitória fácil. Eles batem. Apanho em silêncio.

Minha boca se contorce em um sorriso cheio de sangue. Eles estão tão confiantes em minha ruína que guardaram as armas para conseguir me bater mais livremente. Eles não me conhecem. Acham que sou apenas um covarde incapaz de lutar sem uma arma. Estão enganados. Esta não é a primeira vez que sou espancado. E nem de longe a pior.

É hora de mostrar do que sou capaz.

Coloco a mão no bolso do blazer. Não me desespero por ter perdido a outra faca também. Já esperava por isso. Levanto a cabeça para tentar achar qualquer uma delas. Eu as localizo distantes demais para que as alcance deitado. Vou ter que me resolver sem elas, mesmo.

Controlo a respiração até recobrar a calma. Presto atenção aos golpes novamente. O ritmo é o mais importante. Sempre, o ritmo precede a força. Um deles chuta minhas costas, repetidamente. A velocidade diminui a cada chute. Está cansado. Ele será o primeiro.

Viro e dou o bote. Seguro sua perna na hora do impacto. Surpreendido, ele cai sem oferecer muita resistência. Aproveito a queda e me jogo em cima dele. Bato sua cabeça duas vezes no chão, o mais forte que consigo. Não posso dar tempo para que o outro se recupere do susto e saque a arma novamente.

O segundo, assustado, dá dois passos para trás e só então busca a arma. O tempo não é seu melhor amigo hoje, e já estou correndo em direção a ele. Pulo e atinjo seus joelhos com os pés.

O golpe é mais forte do que eu esperava. Sinto e ouço seus ossos quebrando. Seus joelhos dobram na direção errada. Ele cai no chão gritando de dor. Tiro a arma dele e jogo longe. O outro segurança está desacordado. Mesmo assim, faço o mesmo com sua arma.

Meu alvo, que assistia à cena alegremente de dentro do carro, se apressa em ligar o motor. Seus olhos estão esbugalhados, sua boca, escancarada. Duvido que já tenha visto alguém reagir com tanta violência fora da televisão. Finalmente, sinto o prazer de ver medo em seus olhos.

Resisto à vontade de sorrir. Não estou aqui para me sentir feliz ou satisfeito. Estou aqui para fazer o que deve ser feito. Eliminar um alvo. Fazer um mal necessário para que o mundo melhore. Um pouco, pelo menos. Por mais condenáveis que os métodos sejam, no final, o resultado será positivo. Menos um monstro para nos assolar.

Ele acelera mesmo sem destravar o freio de mão. Os pneus cantam, impedindo o avanço. Até que ele liberta o carro, e a velocidade da arrancada o pega desprevenido. A frente do automóvel de luxo é destruída em uma das colunas do estacionamento.

A agonia da caixa de câmbio anuncia que ele está mudando para a marcha a ré. Imediatamente, ele coloca o carro em movimento e não para nem ao atropelar o segurança que teve os joelhos destruídos. Depois que o carro passa, o segurança não se mexe mais. Está desacordado. Ou talvez morto.

Mas o corpo força uma desaceleração que me permite alcançar uma das facas no chão e correr na direção do carro. Com um soco, quebro a janela do carona e me penduro para entrar. Tento me enfiar através do vidro quebrado, enquanto ele procura algo no porta-luvas. É uma arma, tenho certeza. Preciso ser mais rápido.

Sem olhar para o caminho, ele bate em outra coluna. Sou jogado com violência no chão. Rolo algumas vezes e uso a mão direita e os pés para frear. Por sorte, minha própria faca não me ma-

tu. Por força, ela continua firme em minha mão esquerda. Levanto antes que ele tenha tempo de se recuperar e pegar a arma.

Se depender de mim, ele não terá outra chance de reagir.

Pela janela quebrada, abro a porta no momento em que ele, finalmente, alcança a arma.

Eu a seguro e impeço que ele mire minha cara. Ele não decide se tenta fugir com o carro ou atirar. E erra ao acreditar que pode fazer os dois ao mesmo tempo. Passa a marcha com a mão esquerda, enquanto a direita segura a arma. Ele não tem força suficiente em uma mão só para impedir que eu o desarme. Nem controle suficiente para evitar mais uma pilastra.

O novo choque me deixa zozno. A pistola é jogada no colo do motorista.

Percebemos ao mesmo tempo.

Ele decide buscar sua arma. Eu decido usar a minha.

Num movimento amplo, ele tenta mirar em mim. Mas minhas mãos são mais rápidas. Com a direita, bloqueio o braço dele e seguro a arma. Ao mesmo tempo, a mão esquerda age sozinha e faz um corte profundo perto do cotovelo do mesmo braço. Antes que a arma caia sobre o painel, antes que eu perceba o que minhas mãos estão fazendo, a faca troca de mão e entra até o cabo embaixo de seu queixo. Ele demora um momento para entender o que aconteceu. E eu, o mesmo momento, para acreditar que consigo matar tão facilmente uma pessoa desarmada. Foi tudo mais um reflexo do que um movimento pensado.

E, simples assim, matei outra pessoa da mesma forma. Parece que essa vai ser minha assinatura. Pensar nisso me deixa nervoso, porque só um serial killer teria uma assinatura macabra dessas.

Tento tirar a faca, mas ela não sai, por mais que eu tente. Deve ter entrado no topo do crânio. Com a adrenalina, parece que minha força também foi embora. Se continuar tentando, só vou acabar me sujando mais. E também não tenho muito tempo para resolver da melhor forma. Tanta batida deve ter chamado a atenção de

alguém. Então deixo minha faca presa na cabeça dele e saio do carro. Vejo que os dois seguranças estão imóveis. Três mortes, em vez de uma. Saio apressado, fingindo calma.

O plano foi um fiasco. Minha execução, ainda pior. Estou mais fora de forma do que achava e não antecipei o que poderia acontecer. O resultado? Não apenas deixei uma pista, mas uma prova real contra mim. Além disso, meu terno está rasgado e com respingos de sangue, minha blusa, suja de sola de sapato, meu rosto, inchado e ensanguentado. O corpo todo está doído. Se alguém me vir saindo do estacionamento assim, vou ser ligado ao crime, com toda a certeza.

Além disso, o fracasso do plano levou duas pessoas inocentes a se machucarem. Não inocentes no sentido real da palavra, mas elas estavam fora da Lista e não deveriam morrer. Fui tão descuidado que alguém pode ter ouvido alguma coisa e chamado a polícia. Não acredito que já vou ser preso no meu primeiro alvo. Estraguei tudo. De novo.

Saio do estacionamento como se nada tivesse acontecido. Passo pela única portaria que ainda está aberta, como se fosse um dos executivos que trabalham no prédio. Não olho para o segurança. Mas, pela hora, acho que ele já está dormindo.

Quando piso no lado de fora, ouço uma sirene. Prendo a respiração. Um carro vermelho passa ao longe. Os bombeiros. Respiro aliviado, mas decido evitar as luzes das calçadas. Sigo pelas ruas mais escuras e, conseqüentemente, perigosas. Estou longe de casa, mas não quero pegar um táxi. Não quero que alguém possa me ligar a isso no futuro. Já existem ligações com o alvo, além da arma do crime. Não quero criar nenhuma outra prova. É melhor ir embora para casa andando.

Em uma hora de caminhada, chego a uma das praias da cidade e decido parar para pensar. Estou cansado e moralmente destruído. Esperava estar em êxtase por ter feito a coisa certa. Por ter ido além dos limites a que a sociedade nos permite ir. No entanto, a culpa e a tristeza me sufocam. Não há dúvida de que fiz o melhor para o mundo, mas, desta vez, não consigo mentir para mim mesmo e fingir que não tive a intenção de ser um mero assassino. Nem terei a mídia para me consolar e me chamar de herói. Cometi um crime perverso, um homicídio qualificado. E ponto. Não sou uma vítima sob nenhum aspecto. Agora, por mais que queira me disfarçar de justiceiro, é inegável que sou um monstro tão desprezível quanto Assassino.

Fico na praia por um bom tempo, sozinho na escuridão. Penso em Pedrão. Gostaria de falar com ele agora. Ele ia gostar de saber dos detalhes e ia me confortar dizendo que eu era o verdadeiro altruísta, sacrificando meu futuro por um bem maior. Era o que ele diria, mas que eu mesmo não posso me dizer. Este caminho é duro demais e vai ficar ainda mais difícil com o tempo, por mais que seus resultados sejam positivos. Só não consigo me convencer de que estou fazendo tudo isso porque acredito nos benefícios da Lista, e não porque foi o último desejo de Pedrão. Queria olhar na cara dele e dizer que o odeio por ter me colocado nessa posição.

Quando saio da praia, pego um táxi. Não estou mais a fim de andar. Pensa-se muito enquanto se anda. E, definitivamente, não quero mais pensar.

— Noite difícil? — pergunta o taxista, me olhando apreensivo pelo retrovisor.

— É... — digo, já arrependido de ter pegado o táxi. — Fui assaltado, aí reagi e eles me bateram.

— Os caras deviam ser grandes, para bater em você.

— Eram três.

Dizer alguns pedaços de verdade faz com que a mentira saia de forma menos amarga, mais natural. Tenho que começar a me acostumar a ter uma versão que explique qualquer deslize.

— Quer que eu passe na delegacia?

— Não — digo, rápido demais. — Eles não vão prender ninguém mesmo. Eu só quero ir pra casa dormir.

— Verdade. As coisas estão difíceis nessa cidade!

Peço a ele que pare a alguns quarteirões de meu prédio. Só para prevenir, ando o resto do caminho evitando grupos de pessoas em ruelas escuras.

Quando, finalmente, chego, fico feliz ao ver o porteiro dormindo com a cabeça encostada na escrivaninha. Não quero ninguém me olhando. Ou me perguntando. E, principalmente, não quero conversar com ninguém.

Nem com Aninha. Não tenho o que dizer a ela. Não posso lhe contar a verdade nem a convencer de que nada de errado aconteceu comigo. Só quero dormir e torcer para que amanhã eu esteja bem o bastante para conseguir persuadi-la de que tudo está bem.

Giro a chave, mas a porta já está aberta. Eu nunca deixo a porta aberta.

Mais uma vez, uma onda de adrenalina preenche minhas veias, me deixando ciente de todas as minhas dores. Sigo pelo corredor com cautela. As luzes estão acesas e a televisão, ligada. Deve ser Aninha. Relaxo por um momento, mas, logo, estou tenso novamente. Mais do que antes, quando segurei uma faca ensanguentada. Não sei como explicar por que não estava em casa jogando videogame. Por que estou com a cara destruída e vestindo um terno com respingos vermelhos.

Respiro fundo e sigo adiante.

E, então, não dá mais para respirar.

# UM REENCANTRO

Assassino está sentado em meu sofá, com os pés na mesa de centro, assistindo à televisão.

Não sei se sinto mais ultraje ou raiva. Ou medo. Ele arrombou minha porta, violou meu lar. Depois de foder com a minha vida, ele voltou para se certificar de que tudo está arruinado o suficiente para que ele possa destruí-la literalmente.

Que sorte a minha que tudo isso esteja acontecendo no mesmo dia. Queria poder empurrá-lo até a porta e pedir que volte amanhã. Só queria tomar um banho e dormir. Não dá para lidar com ele desse jeito.

– O que você tá fazendo na minha casa? – pergunto, cansado. – Como você sabe onde eu moro? E por que está sentado na porra do meu sofá?

Ele olha para a televisão por mais um momento. Depois se vira e me encara. Segura uma pistola com silenciador acoplado, de forma casual sobre o colo, como se fosse a raquete de um tenista em descanso. Está vestindo calça jeans e casaco de moletom, o que parece esquisito nele. Faz com que pareça bem mais novo. Ele passaria por um universitário qualquer, se não tivesse uma arma na mão.

— Vejo que você optou por um terno — diz, finalmente. — Ótima escolha. Mas seria interessante escolher algum menos surrado. Você parece um mendigo.

Sua cara me irrita. Seu sorriso me irrita. Seu sarcasmo me irrita. E seu atrevimento também. Mas o que me faz lutar contra meu cansaço e querer tentar minha sorte contra um cara armado é seu sotaque. Ouvir sua voz de gringo me faz querer acabar com ele.

— Caralho, por que você está aqui na minha casa? — falo, entre os dentes.

— Estou salvando a sua pele, seu imbecil — alega, sussurrando. — Aposto que você esqueceu alguma coisa na sua pequena aventura de hoje.

Tento parecer o mais natural possível, mas tenho quase certeza de que meus olhos estão arregalados. Talvez tenha escancarado a boca também. Como ele sabe o que eu fiz? Como isso é possível? Ele está me seguindo? Por que ele está me seguindo?

Ele não espera que eu me recomponha e joga um saco com duas facas dentro. A ensanguentada tem uma ponta levemente amassada.

— Acredito que isso seja seu.

— Como?

Não me preocupo em esconder minha incompreensão. Ele está muitos passos à frente. Sabe da minha incompetência. Mais uma vez, aqui está ele para brincar com minha vida.

— Não interessa — rebate. — Parece que você esqueceu uma das premissas fundamentais de um criminoso. Nunca deixar impressões digitais na arma do crime. Bem amador para um advogado criminalista, não acha?

Fui um tolo, realmente. Um completo idiota. Como pude esquecer uma questão tão fundamental, tão óbvia? Não a arma, mas uma arma com as impressões digitais. Engulo a vergonha à força. Foi um erro grosseiro. Com as facas, deixei uma das únicas coisas que me incriminariam na ausência de testemunhas ou filmagem. Num crime perfeito, nem o corpo nem a arma são acha-

dos. No pior dos casos, a cena do crime tem o corpo e a arma com as impressões digitais. Eu fiquei tão desesperado para sair de lá que nem pensei nisso. Como um advogado pode esquecer uma coisa dessas?

Sem a ajuda de Assassino, não teria outro destino além da prisão. Seria só questão de tempo. Mas nada que venha dele é de graça. Talvez, em sua mente doentia, tudo não passe de um tipo de jogo em que estou preso. Uma armadilha na qual vou ser manipulado a seu bel-prazer até que ele se canse e me mate. Meu coração acelera com a possibilidade.

Tento me acalmar. Forço-me a respirar fundo algumas vezes. Como ele poderia saber o que eu estava fazendo? Ou onde moro? Ou minha profissão? Decidi apenas hoje e só contei para Pedrão, que, obviamente, não pode contar a ninguém. Nenhuma outra pessoa teria como saber disso. Talvez ele estivesse escondido no cemitério, mas eu verifiquei que estava sozinho. Eu o teria visto. E ele não poderia ter instalado câmeras ou microfones em casa, porque não sabe onde eu moro. Não sabia, na verdade.

Mas ele sabe onde eu moro e, independentemente do método que tenha usado, ele está na minha casa, com as armas de meu crime. Isso não é um blefe. Talvez nem o encontro no ônibus tenha sido aleatório. Talvez ele me vigie há muito tempo, esperando o momento certo para me atacar. Não, ele decidiu me perseguir depois do ônibus. Viu uma oportunidade e aproveitou. Foi isso. Depois, procurou até me achar. Deve acreditar que me influenciou a matar. Mal sabe ele que foi a morte de Pedrão, e não seu discurso infame, que me jogou neste caminho. O que não diminui minha necessidade de matá-lo.

– Como você sabia o que eu ia fazer?

– Você tem aparecido tanto nos jornais que não faltam informações a seu respeito – argumenta, evitando a minha pergunta.

– Como você sabia o que eu ia fazer hoje? – insisto.

– Você é bem previsível, não acha? Buscou o pior cliente que já teve. Quanta inteligência. Parabéns. Acho que já devia esperar a visita daquele delegado de quem tanto gosta.

– Cala a boca! – grito. – Quem é você para me criticar?

– Isso! – diz, em voz baixa. – Continua gritando como uma criancinha mimada pra acordar os vizinhos. Tenho certeza que isso é o certo a se fazer depois de trucidar três pessoas, idiota.

– Há quanto tempo está me seguindo? – pergunto, em voz baixa, como ele.

Ele se vira para a televisão, que transmite um seriado qualquer de humor, e não me responde. Não parece mais interessado em mim do que na série antiga. Não consigo compreender por que essa criatura desumana e louca pode estar tão obcecada por mim a ponto de me seguir e limpar uma cena de crime que me incriminaria.

– O que você quer comigo? – digo, relutante.

– Finalmente uma pergunta que merece ser esclarecida – voltando a me olhar.

– Você é igual a mim, por mais que nunca vá concordar.

Há alguns meses, eu não aceitaria ser comparado a um maníaco desses. Hoje, entretanto, consigo ver as semelhanças, mesmo que superficiais. Se ele mata por prazer, eu mato por senso de obrigação. Ele é frio e insensível ao sofrimento alheio; eu vou sofrer até o último dia por cada uma das almas tiradas. Ele é um monstro. E eu? Aos olhos da maioria, apenas outro tipo da mesma espécie. No final, somos dois assassinos.

– Como o meu plano é matar muita gente, qualquer ajuda é bem-vinda.

– Eu não vou te ajudar a matar ninguém!

– Tem certeza? – pergunta. – Porque você acabou de fazer isso.

Meu silêncio é sua alegria. Minha vergonha é sua vitória. Ele se levanta e desliga a televisão. Passa por mim e penso em tentar minha sorte contra ele. Eu o mataria apenas para tirar o sorriso desdenhoso da cara dele. Mas Assassino parece ler meus pensamentos e atira duas vezes no chão. Um tiro na frente de cada dedão. E ele nem olhou para meus pés. A disparidade entre nossas habilidades é incrível. Eu não conseguiria matar o número um da Lista nem se passasse a usar pistolas, e não vou fazer isso.

— Nem pensar — desafia. — Hoje, estou aqui pra resolver a tua vida. Não me faça mudar de ideia e matar você, porque já tive bastante trabalho. Mas fique tranquilo, que a sua hora vai chegar.

— Eu não vou matar pra você! — digo, juntando o pouco que sobrou do meu orgulho. — Não vou ser um capanga seu. Prefiro morrer antes disso.

— Você mata quem você quiser. Não vou me meter nisso — esclarece. — Mas, quanto melhor você for, menos trabalho sobra pra mim. Entende?

— Eu não vou te ajudar merda nenhuma, você é um assassino! — replico, ainda sem elevar a voz.

— E você não? — questiona. — Pergunta para o filho daquele empresário se você não é um assassino cruel. Depois de anos sofrendo com o processo, aguentando todo tipo de bullying na escola, ele enfim viu a reputação da família ser restaurada, só para saber, em seguida, que o pai foi brutalmente assassinado. Mas e se você perguntar para o pai daquela garota sobre o que ele mesmo não teve coragem de fazer? Sobre o que você fez por ele, o que você acha que ele diria?

As palavras descem quadradas. Carregam verdade demais. Mesmo que tenha a melhor intenção do mundo, eu me tornei um monstro que a sociedade repudia. Quase consigo acreditar que ele é alguém como eu, que busca soluções indignas para nossos

problemas cotidianos. Alguém tão nobre que aceitou a máscara de monstro. Talvez ele só tenha se perdido no caminho e não consiga mais tirar a máscara. Se isso é verdade, tempo demais já passou e ele está quebrado. Para ele, não há mais volta.

Ainda assim, ele me dá um novo presente. Permite que eu entenda no que me tornei. Sou uma marionete, levada a fazer o trabalho sujo que precisa ser feito. Criada a contragosto pela necessidade. Para dar um futuro melhor para alguns em troca de meu próprio futuro. Entrei num mundo mais complicado do que esperava e gostaria de fugir dele o mais rápido que pudesse. Quero ter uma vida feliz ao lado de Aninha. Sem Assassino, eu não entenderia isso. Mas saber de tudo isso me deixa sobrecarregado.

— Para não tomar mais do seu precioso tempo, eu trouxe outros dois presentes, além da sua liberdade. E mais dois conselhos — avisa apontando para as facas ensanguentadas.

Mesmo entendendo a cabeça deste maníaco, não tenho nenhuma intenção de retirá-lo da primeira posição da Lista. Claramente, ele não pensa da mesma forma. Talvez acredite que uma parceria possa emergir de minha gratidão. Mas não existe gratidão nenhuma. Mesmo que ele tenha me livrado da cadeia. Mesmo que tivesse salvado minha vida. Não existe nada de bom que possa vir dessa alma sinistra. E ele ainda acredita que está habilitado a me dar conselhos? Quão louco é esse cara?

Ele se vira como se não tivesse mais nada a fazer e segue em direção à porta.

— Fala logo quais são as duas coisas e sai da minha casa!

Me odeio por chorar. É exatamente o jeito como ele queria que me comportasse. Mas é necessário que não exista nada pendente entre nós. Só a morte dele. Não quero vê-lo outra vez até que ele seja meu alvo do dia.

Ele para com a porta aberta e se vira, rápido demais.

Ele lança três objetos em minha direção. O primeiro vem em direção do meu rosto e eu desvio. Não consigo me mexer rápido o suficiente para desviar dos outros dois. O segundo penetra em minha coxa direita. O terceiro, na coxa esquerda.

Luto para não berrar de dor. A porta está aberta e, se eu gritar tudo que preciso, toda a vizinhança vai ouvir. Por que este animal fez isso? Por que, depois de tudo o que fez para me salvar, ele está tentando me matar?

— Quais são as duas outras coisas? — Ele sorri, fechando a porta, lentamente. — A primeira não era nada, só uma caneta. Ótimos reflexos, by the way. Você tem futuro.

— Seu filho da puta! — digo, rangendo os dentes.

Ele gargalha. Parece feliz. Realmente feliz, pela primeira vez. Como se sua tentativa de me cegar com uma caneta fosse apenas um susto dado numa criança. E as duas adagas ardendo em minhas coxas fossem uma brincadeira inocente. Como se nenhum sangue escorresse pelas minhas pernas.

Quando finalmente ele para de rir, fala num tom sério:

— A adaga de metal tem o telefone de um fornecedor de armas. Ele vai te ajudar a achar a melhor arma para cada tipo de alvo, assim como com qualquer serviço que possa te ajudar a matar sua vítima. Ele cobra uma fortuna, mas sempre tem as melhores armas, as melhores munições e as melhores pessoas. Nunca dê calote nele. Nunca. Se não tiver dinheiro, não compre nada dele. A adaga de vidro tem o endereço de uma pessoa que vai te ajudar a melhorar as suas habilidades e te ensinar algumas técnicas para facilitar o seu trabalho. Eu aconselho que você perca essa barriga antes de ir lá.

Eu mal presto atenção nele. Estou tentando arrancar uma faca de vidro da minha carne. Ela provoca uma ardência muito maior que a outra. Parece feita de fogo.

— Leve as adagas sem limpar o sangue — continua. — Ouviu, idiota? Se chegarem lá sem o seu sangue, eles vão te matar. Quanto

aos conselhos, o primeiro é óbvio. Pare de ser idiota e use uma pistola em vez de uma faca. Sempre!

— Nunca — retruco, quase sem força, ao arrancar a segunda adaga.

— Você é imbecil mesmo, hein? Só porque conseguiu sobreviver a três caras armados, acha que consegue enfrentar qualquer um? Vai acabar levando uma bala de um bêbado qualquer.

— Se eu morrer, o problema é meu.

Ele suspira e continua.

— Mais uma razão para você ir a esse endereço entregar a adaga de vidro. Ele vai te ajudar com facas. Por fim, uma ajuda pessoal.

Seu tom sombrio captura minha atenção.

— Afaste-se da sua namorada. Antes que seja tarde demais pra ela.

— Como você ousa ameaçar ela na minha frente, seu verme?

Isso passou dos limites. Ele não vai ficar livre para cumprir essa ameaça. Pego as adagas e me preparo para confrontar sua teoria de facas contra pistolas.

— Não é isso — responde, calmo. — Mas o que você vai trazer pra vida dela, além de sofrimento?

Mais uma vez, no mesmo dia, ele me surpreende mostrando sua humanidade esquecida. Não parece que ele quer me proteger, apenas não quer que eu deixe a pessoa que mais prezo se machucar. Alguma coisa em seu olhar me faz lembrar que ele já perdeu alguém importante. O pai. Ele falou sobre isso no ônibus. Que haviam matado o pai dele. Talvez por isso, ele tenha se tornado um monstro. Pela primeira vez, ele quase sai do primeiro lugar da Lista.

Ele está certo. Mas eu não consigo ser nobre o suficiente para enfrentar esse inferno sem Aninha. Pelo menos por enquanto. Ela é o que me restou de puro na vida. O limiar da minha sanidade. É Aninha que ainda me prende à sociedade e me faz lutar por ela, e não contra ela. É apenas Aninha que me impede de destruir, em vez de salvar. Sem ela, eu me transformaria no psicopata que está a minha frente.

— Só para você não parar de me odiar, uma última coisa — diverte-se. — Você deixou os seguranças vivos. Eu tinha achado que, como advogado, você saberia a importância de testemunhas.

— Puta que pariu, você matou os seguranças! — digo, colocando a mão na cabeça. — Eles não eram alvos.

— É obvio que matei, idiota — confirma, terminando de abrir a porta.

— Só para você saber, você está no topo da minha Lista.

— E que lista é essa?

— A lista dos meus próximos alvos. Das pessoas que vou matar.

— Justo. — Sorri. — Mas antes você tem que me achar e conseguir me matar. E falta muito pra isso. Você nem imagina o quanto...

Ele, finalmente, deixa meu apartamento, e eu não consigo acreditar que tanta desgraça possa ter acontecido apenas num dia. E hoje, que fui espancado e esfaqueado duas vezes, a maior dor não é a das costelas fissuradas ou a dos ferimentos nas pernas. Ela vem de meu fracasso e de minha vergonha. Em um só dia, falhei com a Justiça, com Pedrão, com as famílias dos seguranças mortos e com meu plano de fazer deste um lugar melhor. Toda a atrocidade que fiz foi em vão.

Além disso, Assassino estará me vigiando. E sabe de Aninha.

Falhei com ela também. Ela estaria mais segura longe de mim. Preciso achar alguma forma de acabar com Assassino, antes que ele use minha namorada para me manipular. Nem que para isso me torne o próprio maníaco.

Mas estou fraco agora. Preciso me fortalecer para vencer essa guerra.

Eu me dobro e minhas costelas queimam. Meu corpo quer expulsar todo o mal de dentro de mim, mas vômitos, sangue ou lágrimas não vão limpar minha alma. Nem a promessa de não matar mais inocentes. Ela é uma dessas que já nasceu morta.

# DRÁCULA

“Mas vocês precisam lembrar que eu não sou como vocês. Existe um veneno em meu sangue, em minha alma, que pode me destruir, que deve me destruir, a não ser que algum alívio venha a nós.”

Bram Stoker, *Drácula*

# A REPERCUSSÃO

*A violência fugiu do controle. Não existe mais lei neste país e, principalmente, não existe mais ordem. Há cinco dias, mais uma pessoa foi cruelmente assassinada pelo Maníaco da Faca. Desta vez, a vítima foi um juiz federal. Isso mesmo, um juiz federal! Nem uma das maiores autoridades deste país está protegida contra essa violência desenfreada. Imaginem se nós, cidadãos comuns, estamos seguros neste pardieiro chamado Brasil.*

O repórter aponta o dedo para a câmera enquanto grita, furioso. Gosto de seu trabalho, mas ele não passa de mais um hipócrita entre tantos outros. Quem é ele para falar do medo dos cidadãos comuns, do alto de sua cobertura no bairro mais caro da cidade? Será que meu vizinho acha que sua audiência é tão burra a ponto de comprar esta historinha? Ou talvez ele esteja falando apenas para os donos de coberturas amedrontados. Aí, faria mais sentido.

Mas seu medo não é fingimento. Ele realmente teme que esse matador o visite. Ele deve estar devendo alguma coisa à Justiça... E nada melhor do que uma emoção verdadeira para capturar a empatia das pessoas. Mesmo eu ficaria comovido, se não fosse pela origem de seus temores.

Não é à toa que é a primeira vez que ele escreve sobre mim na coluna semanal do jornal que assino. Há vários meses, meu alter ego está nos principais jornais nacionais e em todos os regionais. E, até agora, não tinha chegado perto a ponto de incomodá-lo. Ele não se sentia atingido por mim. Talvez até gostasse de meu trabalho e torcesse a meu favor.

Paro um momento para pensar se não deveria investigar a razão de seu desespero. Mas deixo para lá. Ele é um tipo de alvo ainda pior que o juiz. Mais visado e sem nenhum indício de crime. E duvido que tenha feito algo tão ruim assim. A não ser que ele comece a matar pessoas por aí, não vai entrar para a Lista.

Na mesma edição do jornal, outra matéria me chama a atenção. O título é “Maníaco da Faca: famílias destruídas”. Faz parte de uma série diária para mostrar como tenho sido perverso. A cada edição, eles entrevistam os familiares e amigos de um de meus alvos. Por mais desagradável que seja ver o sofrimento colateral que venho causando na vida de tantas pessoas, é o exercício que, acredito, vai impedir que eu perca de vez minha humanidade.

Ver a imagem de cada uma das pessoas chorando dá um rosto a toda dor que causei. Só assim para conseguir me colocar no lugar delas e pensar como seria se eu fosse um desses pais sem filhos, uma das viúvas ou órfãos. Nas primeiras vezes, foi desesperador e quase insuportável. Chorei muito. Me entristeci por meses. Mas não deixei de fazer o que acho que é certo. O sofrimento que causo também tem que ser meu.

Agora, é bem mais simples. Minha dor se transforma rapidamente em raiva. Se eu estivesse no lugar deles, iria atrás do assassino. Iria achá-lo e matá-lo.

Hoje, mais que todos os outros dias, não me sinto abalado. Nem a família de Juiz o suportava. Na reportagem, apenas cinco amigos e sua namorada manifestam a dor da perda. E, mesmo a edição, não consegue disfarçar que eles realmente sentirão falta do dinheiro e da influência do juiz, e não saudades do amigo

e namorado. Seus filhos não quiseram dar entrevista, alegando estarem abalados demais. No entanto, em minha pesquisa, vi que eles já não se falavam há vários anos.

Juiz era, sem dúvida alguma, um corrupto que gostava de fazer propaganda de seu poder, mostrando para qualquer um que estava acima da lei. Com frequência, humilhava quem dissesse que ele estava errado e distribuía ordens de prisão sempre que era confrontado. Em suma, era um sujeito desprezível, que representava um dos piores lados da nossa sociedade, mas poderoso demais para ser preso. Ele pensava que nunca seria punido. Bem, pensou errado.

No entanto, tudo que ele fazia não passava de traquinagens de um menino mimado, ainda que tivesse mais de quarenta anos. Ele não representava um perigo real. Nunca tirou a vida de ninguém. Era apenas uma afronta moral, e não deveria ter sido um alvo meu. Não segui os princípios que defini, e não gosto disso. De fato, minha única culpa vem de ter quebrado as regras ao abrir esta exceção. O mundo segue melhor sem esse idiota, mas minhas normas têm o propósito de me manter no caminho correto. Matando os alvos certos, sem que me transforme num monstro como Assassino.

Meu foco são aqueles que oferecem alguma ameaça à vida das pessoas. Foi a mensagem de “ninguém é poderoso demais para encarar as consequências de seus atos” que me fez abandonar momentaneamente o rigor na seleção de alvos. Essa mensagem e a petulância do juiz. Foi uma oportunidade de mostrar aos desamparados que não caço apenas bandidos pobres, como a mídia denunciou. Meus alvos são sempre ordenados pela relação custo-benefício. A dificuldade de matar o alvo contra o benefício de tê-lo morto. Independentemente de raça ou classe social. Essa foi a primeira exceção das três que pretendo fazer.

A segunda será quando eu matar Assassino. Apenas uma vingança pessoal, independente do benefício coletivo.

Quase seis meses se passaram desde a última vez que o vi. Não consegui uma pista sequer sobre seu paradeiro. Nada sobre o que anda fazendo. Nada sobre sua vida particular. Nenhum dos donos das adagas me deu qualquer informação sobre ele. Pior, se eu perguntar novamente, eles garantiram que me matam. Dele só me restam as cicatrizes nas coxas e as marcas de tiro no chão do apartamento. E a raiva, que queima cada vez mais forte. Naquele dia, ele me salvou da prisão, ao custo de me mostrar que sou tão monstruoso quanto ele. Mas monstro de uma categoria inferior. Mais fraco, mais lento e mais burro.

Com medo de um novo encontro, pensei em me mudar. Por uma semana, procurei um novo apartamento. Longe, bem longe dali. Só então que entendi a perseguição a ele como um desafio. Tenho um tempo indeterminado para me preparar o suficiente para enfrentá-lo.

Fecho o site desse jornal conservador e entro em um blog que descamba para o outro lado. É o mesmo que Pedrão me mostrou no dia em que foi morto. O blogueiro não sabe, mas me acompanha desde o assalto no ônibus. Ele elogiava minha atitude naquela época e, agora, acredita que meu alter ego é um verdadeiro herói urbano. Ele foi o primeiro a me chamar de Segundo Caçador, em referência ao cara que subiu o morro e matou todo mundo para salvar a namorada, que acabou morrendo. Esse cara é o Caçador, o original. Hoje em dia, só um jornal me chama de Maníaco da Faca.

Em um dos posts da semana, o blogueiro aponta possíveis futuros alvos dos Caçadores. Dos cinco nomes, dois já estão na Lista e os outros três vão ser incluídos quando eu chegar em casa. Esse idiota é minha maior fonte de informação sobre quem deveria morrer. Ele faz um trabalho investigativo ótimo, nem me preocupo mais em verificar.

Ele afirma categoricamente que sua intenção é apenas alertar as possíveis vítimas. Mas o texto apenas as deprecia, mos-

trando em detalhes as razões pelas quais cada uma deve temer pela vida. Tenho certeza de que sua principal intenção é facilitar meu trabalho e o de meu predecessor. Mesmo sendo um boçal, ele me presta um bom serviço.

Em outro post, ele rebate uma teoria oficial. Para a polícia, não seríamos dois Caçadores, mas um grande grupo de justiceiros, matando por motivos pessoais e corriqueiros. Não haveria ligação entre as mortes. O principal argumento é que não haveria como apenas duas pessoas fazerem tanto estrago sem ser presas. A hipótese da polícia é tão mal fundamentada que me dá a certeza de que eles não têm a mínima ideia do que está acontecendo. E, no caso do juiz, eles acreditam que não tenha sido um crime correlato. Para eles, foi um ato de vingança. Por isso, chamaram para depor todas as vítimas de suas ordens de prisão arbitrárias.

Blogueiro mostra o que a polícia não quer ou não consegue ver. Quase todas as mais de cem mortes aconteceram de duas formas muito específicas. Mais da metade das vítimas foi atingida na testa por um projétil. Ele fornece um link no qual peritos independentes afirmam que, em ao menos quinze casos, o atirador estava em movimento na hora do disparo. E esse nível de habilidade é único. Em quase todos os restantes, a cena do crime continha sinais de luta e a vítima sofreu, além de alguns ferimentos superficiais, uma estocada fatal sob o queixo. Em todos os episódios analisados, o objeto perfurante abriu caminho até a parte interna superior do crânio. A arma que melhor se encaixaria nas simulações seria um modelo específico de faca de caça, coincidentemente, similar ao que uso. E o criminoso precisaria ser bem forte. Um Hulk Preto, diria Pedrão.

Na comparação de Blogueiro, existe uma divisão simples: o Primeiro Caçador é um artista, o outro é um animal raivoso. Sinto uma inveja boa do outro Caçador. Lógico que gostaria de poder fazer o que ele faz, mas acredito que nossos papéis sejam complementares. Com ele me protegendo a distância, eu conseguiria

agir de forma mais agressiva. Quem sabe até libertar do tráfico um morro por fim de semana.

Já pensei até em procurá-lo e pedir que me treine, mas ele só usa armas de fogo e não tenho intenção de usá-las. E também não quero incomodá-lo em sua dor. Se estou quebrado por ter perdido alguém que amava, ele está muito pior tendo perdido, além do amigo, a namorada.

E existe mais uma coisa que nem os jornais nem a polícia perceberam. Quase todas as mortes aconteceram dentro da cidade ou na região metropolitana, apesar de estarem recebendo atenção da mídia do país todo. Se fosse o caso de uma ação de pessoas aleatórias, imitando umas às outras, a violência não seria regional.

Blogueiro pode ser um boçal ao querer apontar minhas próximas vítimas, mas não é burro. Ele deve dedicar a isso quase todo o tempo livre de seu dia, para fazer um trabalho tão bem feito.

No final da segunda página do blog, vejo um post que ignoro há quatro dias. Feito no dia seguinte à morte do juiz, seu título é bem sugestivo: “Para o 2º Caçador”. Tenho certeza de que não contém nenhum elogio desta vez. Contudo, preciso me conservar aberto às críticas e entender todos os lados da história, se quiser manter a possibilidade de ter uma vida normal outra vez. Caso contrário, vou me transformar, aos poucos, no monstro que os jornais dizem que sou. Não vou permitir que nada de mim sobre para Aninha, quando eu acabar. Suspiro e abro.

*Se até ontem alguns podiam dizer que você estava prestando um serviço à sociedade, hoje ninguém mais pode dizer isso. Se você, antes, perseguiu assassinos e estupradores, os lixos da nossa comunidade, agora você persegue um corrupto qualquer. Sim, o juiz era corrupto, como todos sabiam. Sim, abusava da sua autoridade de juiz, como todos sabiam. Sim, ele mandou prender dezenas de pessoas inocentes. Nada disso é novidade para ninguém. Mas ele merecia ser morto com uma faca atravessada no cérebro? Não! Não que os outros tenham merecido suas punições,*

*mas, se você continuar caçando qualquer um que seja “apenas” mais um corrupto neste país de corruptos, saiba que poucos vivos sobrarão. Se sua intenção não for matar todo mundo, então mantenha o foco nos monstros da sua espécie, começando pelos piores. Enquanto ainda tivermos maníacos disponíveis em nossa cidade, não volte a nos incomodar com assassinatos de pessoas inofensivas.*

Desde quando um blogueiro pode repreender um assassino supostamente temido? Não que eu fique irritado. Acho até engraçado. “Mantenha o foco nos monstros da sua espécie”? Adorei! Eu usaria as mesmas palavras. Não concordo com tudo, principalmente com a parte que sugere que o juiz era inofensivo. Ninguém é. Mas ele está certo, o juiz não mataria ninguém. Blogueiro parece me conhecer como poucos. Meu lado obscuro, pelo menos. E sua bronca me ajuda a refletir sobre meu erro e a entender que preciso ser mais fiel a minhas convicções originais.

Ainda que o safado não fosse inocente, errei ao escolher este alvo. Agora, consigo ver isso. Mesmo depois de tanto treinamento, não estou pronto para desempenhar meu papel. Controlar minhas emoções me exige muito esforço. Achava que já seria uma coisa natural a este ponto, depois de tantos alvos, mas a arrogância me fez deslizar. Que seja a última vez. Não há espaço para emoções na Lista. Uma análise fria da relação custo-benefício é a regra.

Não estou arrependido, entretanto. Ter cometido este erro me permitirá não repeti-lo. De certa forma, fez parte de meu treinamento. E estou otimista que os benefícios dessa falha ainda possam ser interessantes no futuro. O medo é um dos melhores instrumentos de controle que existem e, talvez, quando o próximo corrupto estiver prestes a agir, ele se lembre de mim e de minha faca. Alguma pessoa vai controlar seu ímpeto sórdido por medo de ser a próxima presa. Se isso acontecer, mesmo que uma única vez, a corrupção já diminui. Qualquer tanto ajuda.

Fico feliz por ter alguém que se preocupe em me ajudar na caçada, mesmo que seja de forma velada. Todo mundo precisa de alguém para dar conselhos e alertar quando as coisas estão fora do caminho. E não tenho ninguém com quem falar sobre isso. Estou completamente sozinho. Das únicas três pessoas que sabem o que faço, duas parecem me preferir morto e a outra é meu inimigo mortal. Até por não me conhecer, Blogueiro é quase um amigo para mim. O único nessa guerra.

# O DESCOMPASSO

Cinco e meia.

Não acredito! Passei o dia inteiro lendo notícias e posts ou assistindo a entrevistas na internet, sem perceber o tempo passar. Agora, sei praticamente tudo sobre o que as pessoas pensam a respeito de justiceiros em geral e sobre os caçadores em particular, mas não escrevi uma palavra sequer da defesa do cliente. Já deveria ter terminado há algumas semanas e amanhã ele virá ao escritório para uma reunião. Vai cobrar, pela segunda vez, que eu salve seu rabo da cadeia. Afinal, ele está pagando uma fortuna para que eu prove que é inocente. Mesmo sendo realmente culpado e pagando o escritório com o dinheiro de suas fraudes.

E ele tem razão em estar aflito. O julgamento é em algumas semanas e, mais uma vez, não terei nada para lhe mostrar. Preciso me esforçar, ou perderei o emprego no dia em que ele for para a cadeia.

O problema é que eu me importo muito pouco com meu emprego e menos ainda com a liberdade desse meu cliente corrupto. Desde que criei a Lista, meu trabalho se tornou uma incoerência insuportável em minha vida. Ganho dinheiro defendendo pessoas poderosas e culpadas, agravando as injustiças desta cidade. E, uma ou duas vezes por semana, coloco em prática o hobby de

matar pessoas que não enfrentam a Justiça. Não que eu ache que outro cliente meu mereça se tornar um alvo, mas não me sinto bem com a vida dupla que levo.

Venho pensando até em virar a casaca e entrar para a promotoria. Pedrão iria adorar a ideia. Aninha também. Mas, só em imaginar ficar pelo menos um ano estudando para uma prova idiota, fico com preguiça. Odeio esse tipo de processo seletivo e, inclusive, acho que é por isso que sempre ganho no tribunal. Os promotores são os melhores em passar numa prova. Eu sou bom em achar brechas nas leis que corroborem meus argumentos, ainda que seja óbvio que meu cliente não é inocente.

Meu chefe, um dos sócios do escritório, passa por mim e acena. Está com a cara preocupada. E está mais constrangido do que eu por ter que me cobrar todo dia. Já faz uns meses que ele revogou meu título de “melhor advogado do país”. Não vou mentir, isso feriu meu orgulho. Pelos outros sócios, eu já teria sido demitido. É meu chefe que impede que o inevitável aconteça. Para ele, é apenas um ano conturbado para seu “prodígio”. Contudo, se eu perder mais um caso, ele não vai ter nem força nem vontade para brigar pela manutenção de meu emprego.

Meus colegas também mudaram comigo. Antes, eles se amontoavam em volta de mim pedindo ajuda em seus processos. Hoje, me ignoram. Não me veem mais como um parceiro. Depois de distribuir conselhos danosos, sou para eles um rival. E é o que sou. Eles promovem a injustiça e se orgulham de seus sucessos, e eu sirvo à Justiça, eliminando pessoas nocivas a ela. De qualquer forma, não eram meus amigos de verdade e essa perda não foi importante.

Com todas as vergonhas com que este trabalho me presenteou, uma coisa foi extremamente boa. O salário e meu estilo de vida me fizeram guardar uma soma considerável. Aliás, Pedrão ficaria desconcertado em saber como foi importante para a Lista que eu tenha sido pão-duro. Mesmo gastando rios de dinheiro com Bérico, o fornecedor de armas que Assassino me indicou, com facas que não podem

ser rastreadas e serviços auxiliares que vão de motorista até destruição das armas do crime, tenho o bastante para passar mais de um ano sem trabalhar, atualizando a Lista quase todo dia. E ainda sobra grana para encher Aninha de presentes.

Mesmo não querendo, eu deveria ficar até mais tarde trabalhando para preparar alguma coisa para a reunião de amanhã. Alguma coisa que faça Cliente acreditar que o trabalho está quase completo. Mas preciso de todo o tempo disponível para estudar meus próximos alvos. Não há espaço para amadorismo desta vez. O menor dos erros e eu morro.

Normalmente, nenhum advogado sai antes das sete. Não é raro que alguém fique até as onze. E, no passado, já fiquei vinte e quatro horas direto no escritório. Também já trabalhei durante as férias. Hoje, saio às seis, sem peso na consciência.

Há alguns meses, Aninha percebeu que eu não estava trabalhando como antes. Pediu que me esforçasse mais. Ela já tinha se formado nessa época, só lhe faltando conseguir a carteira da OAB para ser contratada.

Ela quer trabalhar comigo de qualquer jeito e pediu que eu aguento firme para aprender comigo como funciona o lado negro da força, antes de se tornar a melhor promotora da história. Expliquei que estou enojado demais de tudo isso para continuar e que poderia ensiná-la independentemente de meu emprego. Depois, tentei convencê-la a procurarmos outro escritório, um menos perverso. Infelizmente, falhei em todas as tentativas e continuo no emprego por Aninha.

Contudo, hoje, ela saiu mais cedo. Está fazendo um curso preparatório para a prova da Ordem. Isso me dá a chance de ir para casa e me organizar para os alvos de hoje. Não faria isso se os preparativos não fossem tão complicados e não exigissem uma coordenação insana entre os contatos de Bélico. Quando contei meu plano, foi a primeira vez que ele ficou feliz com uma ligação minha. Normalmente, ele me

trata mal, porque não compro nada além de facas e serviços simples. Ele ganha dinheiro de verdade vendendo fuzis e armas pesadas. Ou intermediando grandes negociações.

Finalizo a ligação de Bélico e olho mais uma vez para meus esquemas. São muitas as variáveis e tenho que estar pronto para qualquer eventualidade possível. Se meu planejamento estiver incompleto e alguma coisa der errado, se tiver sorte, serei preso. E morto, em seguida.

Serão cinco alvos. Cinco traficantes perigosos. Bélico me garantiu que eles estarão desarmados, se eu não considerar qualquer coisa improvisada e grosseira como arma. No entanto, existe uma grande chance de que meus alvos se multipliquem e eu venha a enfrentar umas vinte pessoas ao mesmo tempo. Essa é a grande chance de algo errado acontecer. Ainda assim, estou confiante de que tudo vai dar certo. Treinei com afinco e estudei minhas opções com cuidado. Estou preparado para isso.

No cofre, pego apenas uma faca de caça. É bem parecida com a usada pelo herói do filme Rambo II. Costumo caçar com este modelo, mas cada arma é usada apenas uma vez. Li que é quase impossível destruir todos os resquícios de fluidos corporais e, para garantir que nada me incrimine, contratei Bélico para derretê-las.

O resto das armas da caçada de hoje será entregue no caminho. Não confio tanto assim em Bélico para sair desarmado, mas ele insistiu em me fazer uma surpresa sobre as armas que vai me vender. Segundo o fornecedor, serão as mais apropriadas, entregues no momento mais conveniente. Se eu não aceitasse, não concluiria o restante dos preparativos. E, desta vez, eles são muito mais importantes que a escolha das armas. Não tem jeito, estou nas mãos dele esta noite.

Olho para o celular. Falta só mais uma aresta a ser aparada. A que vai garantir minha tranquilidade. São oito horas, exatamente o horário do intervalo entre as aulas de Aninha. Ligo para ela.

– Gatinho!

– Oi, minha linda. Como está a aula? Já está pronta para a prova?

– Está insuportável! – ela reclama, animada. – Hoje são duas aulas de Tributário. Já sobrevivi a uma, falta a outra.

– Mas essa é a que você mais precisa estudar – protesto.

– Exatamente por isso é a mais chata. Se eu gostasse de matemática, teria escolhido outra carreira – rebate. – E você, terminou a defesa?

– Não fiz quase nada – admito. – Tá cada vez mais difícil defender esses caras. Mais um dia insuportável, olhando para o computador e querendo escrever um e-mail para a promotoria com todas as evidências da culpa do meu cliente.

– Aguenta mais um pouquinho... – implora. – Daqui a pouco, eu vou conseguir a minha carteira e vou poder trabalhar direto com você. Aí, você fica mais uns meses e depois sai. Só preciso aprender como se faz uma das suas defesas invencíveis antes que você saia.

Ela também acha que sou um prodígio do Direito. Acredita que sou muito melhor do que sou de fato. Me vê mais com o coração do que com os olhos.

– Eu posso te ensinar mesmo depois que sair – digo e me arrependo. O mesmo papo mais uma vez.

– Não! Você é um péssimo professor. Não tem paciência nenhuma para estudar comigo. Se não me ensinar quando for obrigado, vou acabar não aprendendo nada.

– Péssimo professor?

– Horrível, na verdade. Um dos piores que eu já vi! Quase tão ruim como este professor de Tributário.

– E, mesmo assim, você quer aprender comigo?

– Isso.

– Tudo bem. Eu fico no escritório até que você complete seis meses de contratação. E nem um dia a mais, ok?

– Ótimo! – comemora. – Você é demais. Mas me deixa ir, que eu quero comer alguma coisa antes de entrar na sala de novo.

– Tudo bem. Que horas acaba a sua aula? Dez?

– Isso.

– Então a gente se fala amanhã no trabalho. Eu tô morrendo de cansaço e vou adiantar o sono.

– Vai dormir às oito?

– Não. Vou tomar banho, comer alguma coisa e depois dormir. Talvez umas nove. Antes das dez com certeza.

– Você bem que podia dar um gás naquela defesa que você tá devendo. Aposto que o escritório ainda está lotado a essa hora.

– Deve estar. Mas a academia foi muito puxada essa semana. Tenho que dar uma descansada, senão caio duro amanhã.

– É verdade, você tá se esforçando demais. Tem que tirar uma semana de descanso dessa maratona para regular a vida. Ou vai acabar tendo um treco.

– Eu vou treinar puxado amanhã e, a partir de sábado à tarde, estou livre. Vou tirar o final de semana de folga.

– Ótimo! Eu também estou precisando de uma folga.

– Você escolhe o que a gente vai fazer. Sem treino para atrapalhar.

– Tá escolhido! A gente dorme o final de semana inteiro.

– Maravilha. Não vou pensar em outra coisa até lá.

– Deixa eu ir, que, daqui a pouco, a aula volta e eu tô morrendo de fome – anuncia.

– Tá. Beijos, linda.

– Beijinhos... Gatinho? – Ouço com o telefone já afastado da orelha.

– Oi.

– Você tem estado estranho comigo, ultimamente.

– Como assim? Estranho como?

– Meio distante.

- Eu? Desculpa, então. Eu nem percebi – digo, culpado.
- Deve ser o cansaço, minha linda. Tô me matando todos os dias da semana há meses.
- É. Deve ser isso mesmo – releva, mal disfarçando a tristeza. – Pelo menos o resultado tá ótimo.
- Você acha, é?
- Eu acho – assume, envergonhada.
- Eu vou dar um jeito de diminuir a carga de exercícios para te dar uma atenção.
- Brigada! Eu te amo.
- Eu também te amo.
- Sonha comigo.
- Pode deixar.

Deixo o telefone no carregador. Quando sair da aula, ela vai me ligar. O importante é que ele esteja ligado e com bateria, para que toque até que ela acredite que estou dormindo. O dia em que esqueci e o deixei desligado, ela me exigiu milhões de explicações. É melhor evitar isso.

Pego um outro celular no cofre, um dos vários descartáveis que comprei com Bélico. Neste só está gravado o número dele, para o caso de precisar de ajuda. Ou para relatar uma mudança nos planos. Esses aparelhos não costumam me ser úteis, mas são uma apólice contra imprevistos.

Hoje, foi mole enganar Aninha. Amanhã vai ser mais difícil, ainda mais depois dessa demonstração de carência. Vou ter que tirar uma semana de folga da Lista, para abrandar as suspeitas. Infelizmente, é o único jeito.

Tenho grandes planos para hoje e para amanhã. Vou fazer algo realmente importante para a sociedade. Em duas noites, vou atingir nove de meus alvos mais perigosos e poderosos. Hoje, tenho quarenta nomes riscados. E, no sábado, vou ter colecionado quarenta e nove mortes da Lista. Apenas um, para a incrível marca de cinquenta bandidos mortos. Se for bem-sucedido, a cidade vai

acordar para um sábado de esperança. E os criminosos, para o início de uma era de desespero.

Depois de matar o número cinquenta, vou tirar um mês de folga para comemorar e para compensar com Aninha. Estudar com ela, se ainda quiser minha ajuda. Mas estou pensando em fazer uma surpresa e comprar passagens para algum lugar bem lindo e bem longe. Um lugar onde eu não pense nem na Lista nem nos meus crimes. Talvez atrapalhe um pouco os estudos de Aninha, mas ela vai adorar. E, se sobrar um tempo entre a viagem e as comemorações, até me esforço um pouco para tentar manter o emprego.

Saio do prédio quinze minutos antes do combinado com Bélico. Um de seus motoristas vai me levar até o local da caçada, como virou rotina. Estou animado e orgulhoso com meu plano e com minha coragem. Satisfeito como raramente. Quase feliz com a difícil decisão. Pedrão estaria vibrante a meu lado. Iria querer entrar comigo no ninho de cobras.

Mas qualquer alegria é demais para mim. Meu sorriso desvanece assim que vejo Assassino, acenando do outro lado da rua. Ele está bebendo um chope no mesmo bar em que meu amigo foi morto.

# O MINISTRO

— O que você está fazendo aqui? — pergunto, por entre os dentes.

Não levanto a voz para não chamar a atenção, mas minha cara de poucos amigos não é discreta. Olho em volta e confirmo que atraí alguns olhares apreensivos.

Ele apenas sorri e me convida a sentar. Acima dele, uma câmera de segurança está virada exatamente para a cadeira à sua frente. Sem dúvida mexeu nela para que meu rosto, em vez do dele, seja filmado.

Naquele dia, não existiam câmeras que pudessem registrar a morte de Pedrão. Talvez, se o bar já as tivesse, o policial fosse menos imprudente. Ou, de repente, eu poderia acreditar que ele seria punido. Porém esse mundo de possibilidades é muito tortuoso e não representa nenhum pedaço da realidade.

— Tomando uma cerveja. Você?

Olho para ele e calculo minhas chances. Não há dúvida de que seria preso, não só por causa das câmeras como também pelas testemunhas, mas, a essa distância, eu confiaria na sorte. Sento

na cadeira, relutante. É mais importante que eu mate os alvos da noite. Para a sociedade, pelo menos. Não para mim. Ele continua sendo o número um da Lista.

— Corta essa. O que você está fazendo aqui?

Ele aponta para trás de mim e eu vejo o garçom se aproximando. Esperamos em silêncio. Peço um suco de laranja.

— Está de dieta ou vai fazer algo de importante hoje?

— Você tem que perder este hábito de xeretar minha vida. Você pretende se esquecer de mim algum dia e me deixar viver tranquilo?

— Talvez.

— O que você sabe? — pergunto. — Me economiza um tempo e me conta logo.

— Sei que hoje e amanhã serão dias importantes para a sua carreira e arriscados para a sua vida.

Eu fico quieto. Não quero entregar mais nenhuma informação, mesmo que ele sempre pareça saber mais do que eu sobre meus próprios planos. Pelo visto, ele continua a espionagem. Isso só vai acabar com um de nós morto.

— E sei que você não encomendou uma pistola sequer.

— Então é Bélico que é seu informante.

— Se fosse, eu só saberia da sua vida depois de te dar o contato dele.

Merda. Faz sentido. Será que, de alguma forma, ele me conhecia antes do ônibus? Mas por que ele teria se dado ao trabalho por mim? Não faz sentido. Por outro lado, ele não parecia, e cada vez parece menos, um assaltante de ônibus. Continuo com a sensação de que estou sendo traído e fazendo papel de marionete em um jogo cujas regras nem conheço.

— Eu tenho olhos em todos os lugares. Você precisa entender isso — continua. — Acompanhei de perto a sua evolução. Impressionante. Quarenta vítimas em menos de seis meses. Ou “alvos”, como você chama os coitados. Mas você ainda não está pronto para tentar atingir várias vítimas de uma vez.

Como ele sabe disso tudo? Ele está obcecado por mim. Tenho que matá-lo o mais rápido possível.

– E quem é você pra me dizer se eu estou pronto ou não?

– Eu tenho mais experiência do que você. Você deveria me ouvir. Se continuar nessa sede de sangue, vai acabar morrendo, cabeça-dura.

– E por que você se importaria com isso?

– Porque vai acabar sobrando mais trabalho pra mim.

– Sério? Você diz como se estivesse fazendo alguma coisa.

Eu e o Caçador estamos resolvendo tudo sozinhos. Você pode se aposentar e esperar a sua hora de entrar na Lista.

– Se o que eu faço não aparece nos jornais é porque estou fazendo certo, idiota – rebate, irritado.

– Sei...

O suco chega e ficamos em silêncio até que o garçom se afaste. Assassino está olhando para as pessoas do bar como se estivesse esperando por alguém. Fico alerta esperando qualquer coisa ruim.

– Você veio aqui alguma vez depois da morte do seu amigo? – pergunta.

Minha mente junta algumas peças freneticamente e forma uma teoria nefasta. Toda a raiva que tenho dentro de mim explode e me faz esquecer os clientes ao redor e as consequências de meus atos. Ele já fez pessoas morrerem só para me transformar em monstro; seria até óbvio que ele tivesse feito outra vez. Seguro o cabo da faca, sem revelá-la ainda, mas pronto para degolá-lo ao menor sinal de movimento ou se ele mentir.

– Se você estiver envolvido na morte dele, eu juro que vou enfiar uma faca na tua garganta agora mesmo. Com câmera ou sem câmera.

Ele olha nos meus olhos, impassível. Sem mover um músculo. Sem demonstrar qualquer sinal de medo.

– Imagino que sim – murmura, sombrio.

Apenas a voz quebra sua apatia e denuncia que ele se sente insultado por minha acusação. É um pedaço perdido de gente

por trás do monstro. Algum resquício de quem ele era antes de se transformar em Assassino. Talvez sua dor venha de também ter perdido um amigo, ou talvez de nunca ter tido um. Sua fragilidade me confunde. E como eu poderia imaginar que se sentiria magoado ou ofendido, se, para mim, ele não é nada além de Assassino? E por que seria diferente quando eu o acusasse de matar mais um? De qualquer forma, me acalmo. Ele não teve nada com aquilo. Agora eu sei.

Ele deve ter tido motivos maiores do que eu naquele dia do ônibus. Talvez estivesse lá para matar aqueles dois infelizes. Deve ter sido contratado para isso.

– Não – digo.

– Não o quê?

– Não. É a primeira vez que venho aqui, desde aquele dia.

Ele balança a cabeça para cima e para baixo devagar. Não diz nada enquanto olha para um ponto atrás de mim. Olhos perdidos em ninguém em particular.

– E aí, o que achou do juiz? – pergunto, autenticamente curioso.

– Bem estúpido de sua parte – avalia e abre um sorriso. – Mas ele tava merecendo muito. Eu adorei!

– Não é!

Rimos juntos e, por um momento, esqueço que somos inimigos. Mas somos. Não há espaço para nada além de morte em nossa relação. E, mesmo depois que o matar, ele vai ser o eterno primeiro da Lista. Qualquer coisa além dessa é ilusória. Hoje, entretanto, consigo respeitá-lo. Não como um ser humano. Como um sócio no crime, trabalhando para eliminar aqueles que conseguem ser ainda piores do que nós.

Ele deve pensar o mesmo, pois nossos sorrisos desaparecem juntos.

– Por que você veio até aqui? – pergunto. – Imagino que não tenha sido para tomar um chope.

— Porque — ele se aproxima e diminui o tom — matar tá ficando fácil demais pra você. Isso nunca dá certo.

— Você só pode estar de sacanagem — digo. — Você é a porra do assassino sanguinário que me arrastou pra essa merda de mundo e vem me dizer que eu estou me tornando uma má pessoa. Vai se fuder!

— Eu não sou tão desprezível quanto você pensa.

— Ah tá! Você é a merda de um monge budista agora?

Ele sorri e aponta para o outro lado da rua.

— Sua carona chegou.

Não acredito em quem Bélico me enviou desta vez. Foda-se Assassino. Só consigo pensar na ironia da situação. Estou há meia hora no carro e ainda não acredito. Faz sentido, mas não acredito.

Estou no banco do carona de uma viatura da SEAP, a Secretaria de Estado de Administração Penitenciária, vestindo uma farda que o policial a meu lado me deu. Ele não disse nada além de “entra”. Não sei se é um policial de verdade ou se é um capanga disfarçado. Nem quero saber.

Nada disso fazia parte do plano. Uma surpresa positiva, contudo. Bélico me deixou um bilhete para me atualizar sobre as mudanças. Todas às minhas expensas, é claro. O policial vai me levar até Bangu 3, o presídio de segurança máxima. As câmeras vão estar desligadas e os agentes penitenciários não estarão em seus postos. Uma rebelião vai ser forjada e os presos de uma das alas do presídio serão soltos no corredor. Eu vou ser o único “policial” para conter a rebelião.

Estando a menos de meia hora do presídio, meu estômago já está embrulhado. Minhas mãos suam e meus pés escorregam no coturno emprestado. A chance de alguma coisa dar errado na ofensiva não é desprezível. Estou nas mãos de Bélico. Se alguém envolvido der para trás ou descumprir alguma parte do acordo, vou direto para a cadeia. Quer dizer, vou continuar nela.

Feita a parte dele, vem a minha. Localizar e anular os alvos em menos de quinze minutos. Nenhum deles pode ficar vivo. Todos devem morrer. Se sobrar alguém lá dentro, deve ter medo suficiente para não repassar a notícia de que seus chefes estão mortos.

A parte que o plano não especifica é a quantidade de pessoas que vou enfrentar. Dos quase quinhentos presos da ala B, por volta de trinta são extremamente violentos. Destes, gostaria de matar o maior número possível, mas meus alvos são só cinco. Apenas o chefe e seus soldados mais importantes, os mais cruéis. Ainda assim, nenhum deles deve estar armado. Acho que, apenas com uma faca, consigo dar conta de trinta bandidos desarmados.

O problema vai ser se eles soltarem gente demais. Bélico disse que existe uma chance de isso acontecer. O lado positivo é que, se a multidão pode me matar, pode também me esconder. “O risco vale a pena”: esse é meu mantra de hoje. Mas ele não me acalma. O que me acalma é saber que nasci para isso.

— Vambora, rapá — rosna o policial. — Tá pensando que essa porra é brincadeira? Caralho, parece uma mulherzinha escolhendo roupa!

Decido que, pela forma como ele fala, é um policial de verdade. Não dou margem para outro esporro. Ele está certo e minha janela de quinze minutos está para começar. Pego o último conjunto de facas que Bélico separou para mim e o levanto para poder vê-las melhor. São dois facões. Um com a lâmina retangular, o outro, curva. As duas mais ou menos do mesmo tamanho, uns quarenta e cinco centímetros. Parecem mais pesados do que realmente são. Os dois são completamente pretos. Ele realmente ficou feliz com a insanidade de meus planos e está querendo me agradar.

Abaixo a balaclava e seguro um facão em cada mão. O policial também está com o rosto coberto. Esperamos menos de um minuto até que a porta seja aberta por quatro policiais, nenhum com a cara à mostra, todos com os nomes retirados das fardas.

Não foi barato, mas não vejo como o dinheiro que dei para Bélico pagaria por tudo isso. Ele deve ter alguma outra vantagem com minha investida. Talvez os policiais também.

As luzes são desligadas e eles me guiam para dentro do presídio com lanternas. Passamos por mais dois portões de ferro até que um deles coloca a mão em meu peito. Estamos de frente para o último portão.

— A partir daqui não tem volta. Se der merda, a gente vai te enterrar como um preso qualquer.

— Eu sei.

— E você está tranquilo com isso?

— Eu não vou morrer.

— Nem demorar mais de dez minutos.

— Quinze.

— Tá. Quinze e nem mais um segundo. Depois disso, os caras entram e você fica pra trás.

— Eu sei.

— Então você é um idiota.

— Eu sei.

Meus braços estão tremendo. Respiro fundo três vezes; ele abre o portão.

Logo que atravesso, a luz é religada. À minha frente, as portas das celas estão abertas. Poucos presos estão no corredor. Quando me veem, de facas na mão, alguns se assustam e fecham suas celas. Outros percebem a possibilidade de roubar minhas armas e iniciar uma rebelião. Aguardo, imóvel. Eles não conseguem ver meu rosto, mas estou sorrindo.

Três juntam coragem e correm em minha direção com lanças improvisadas feitas de cano de PVC.

Espero até o último instante para desviar do primeiro golpe. Os dois seguintes eu bloqueio e destruo as armas no processo.

Eles são lentos. Não têm a mínima chance, mas não perceberam. Espero a próxima onda de golpes. Não é um desafio de verdade, mas é bom como aquecimento.

Apenas me esquivo dos golpes seguintes. Eles ficam animados pensando que vão vencer. Acham que estou desesperado. Não que eu tenha tempo a perder, mas não quero amedrontar os outros. Se eu matar rápido demais, ninguém vai me atacar e vou perder uma ótima oportunidade de acabar com uns desgraçados. Duvido que tenha outra dessa na vida. Meu objetivo é matar meus alvos e o máximo de presos possível, qualquer um que me oferecer perigo.

Quando vejo que a plateia está crescendo, paro de me esquivar. Chegou a hora de testar minhas novas armas.

Um golpe com o machete retangular e eu decapito o primeiro deles. Droga. Forte demais. Os outros dois dão passos nervosos para trás, mas já entenderam que estão mortos. Eu os ataco com velocidade total. Acerto os dois no pescoço, mas, desta vez, com mais precisão. As cabeças permanecem nos corpos.

Dos presos que me observavam, a maioria volta para as celas. Mas ainda sobram uns trinta no corredor. Na pior das hipóteses, uns quarenta. São muitos para mim. Não vou conseguir.

“Fluidez no momento certo e, então, força”, palavras de Sensei. “Você não é um alvo tão grande assim para mais de cinco pessoas te atingirem ao mesmo tempo. Menos que isso, você consegue vencer.” “Fluidez. O assassinato é como uma dança. Cada passo deve ser dado no momento mais apropriado.” Chegou a hora de acreditar no que aquele desgraçado disse.

Eles partem para cima de mim como se eu fosse a sua liberdade, não a danação. Corro em direção a eles. A única chance que têm é me imprensarem contra uma parede, e não vou permitir que isso

aconteça. Hoje, serei o mais cruel dos monstros. Não o Segundo Caçador, mas o Maníaco da Faca.

A segunda leva vem em três filas desorganizadas de quatro bandidos. Cada um deles carrega alguma arma rudimentar. Pequenos pedaços de metal ou pedra afiados na ponta. Até uma caneta foi feita de arma. Distribuo golpes em X sempre que não preciso desviar de algum ataque. Não miro em nada específico, só quero provocar o maior dano que conseguir. Se alguém tenta me estocar, corto uma mão. Se consegue, um braço.

O que acontece não é nada bonito. Uma chuva de sangue e membros. Não se ouve nada mais que urros de dor. Sou forçado a recuar um metro quando a pilha de corpos agonizantes ameaça um novo ataque.

Concedo misericórdia aos moribundos. Não por pena. Por irritação. É insuportável ouvir os ganidos dessa escória. Eles só estão recebendo de volta toda a crueldade que praticaram na vida. Nada mais. Com chutes, limpo o caminho, tendo o cuidado de lançar uma cabeça para o grupo restante.

A terceira onda não vem. Ninguém parece mais tão interessado em fugir.

— Quem você veio matar? — pergunta um sujeito pequeno no lado oposto do corredor.

— Qualquer um que queira morrer, mas eu vim aqui procurando o Chefe.

— Não tem nenhum chefe aqui.

— Então eu vou matar todo mundo.

Em um movimento quase sincronizado, eles correm para as celas. Não há chaves ou cadeados, então eles seguram as portas pelas barras para que elas continuem fechadas. Apenas um deles fica no corredor, tentando entrar. Ele puxa a porta, mas não tem força para abri-la. Seus colegas o condenaram à morte. Tenho certeza de que ele é o Chefe, meu alvo principal da noite.

Ele chora enquanto tenta me ameaçar e me comprar ao mesmo tempo. Para uma pessoa tão cruel, que não via valor na vida de ninguém, é patético vê-lo tão preso à própria. Guardo os facões nos coldres da cintura, e ele acha que me venceu com sua arma escondida.

Eu o enfrento com as mãos vazias. Ele tem uma faca improvisada com lâminas de barbear.

Golpeia no pescoço.

Eu desvio.

Ouçõ o barulho das portas abrindo. Passos cada vez mais perto.

Duas pessoas puxam meus braços para trás. Mais passos se aproximam.

O baixinho que chorava agora ri, de faca na mão. Tem certeza de que me venceu.

Olho para o relógio, preocupado. Tenho menos de cinco minutos.

É engraçado como é fácil enganar os tolos. Eles acabaram de ver a facilidade com que destruí vários de seus colegas e, porque guardei minhas armas, esses idiotas acham que não represento mais nenhum perigo. Agora, não têm dúvida de que conseguem me vencer. Se tivesse mais tempo, acabaria com eles sem qualquer arma. Só com as mãos.

Preciso de toda a força para levantar os braços e me soltar do abraço duplo. Estou cercado por nove idiotas. Reconheço meus outros alvos no círculo. Esqueço os facões e pego as duas facas de caça guardadas nas botas. A curtas distâncias, prefiro essas facas menores.

Escolho um deles e parto para cima com tudo. Acerto seu pescoço e faço um rasgo profundo. O sangue jorra como se tivesse pressa de sair daquele corpo fétido. Giro e, antes que o primeiro chegue ao chão, o segundo já está morto. Uma estocada limpa no

coração. Cara de sorte. Continuo girando e derrubo mais dois. Então, todos fogem novamente.

Farto desse jogo de esconde-esconde, escolho as facas de arremesso, escondidas junto às costelas. Lanço todas. Minha mira não é das melhores e preciso de uma dúzia para matar cinco pessoas. Todos atingidos nas costas. Só deixei um vivo e ele está chorando mais uma vez. Chefe é emotivo demais para um traficante cruel. Se tivesse tempo, brincaria um pouco com ele. Como não tenho, risco sua barriga de um lado a outro. Esse vai morrer devagar, tentando devolver o intestino para dentro do corpo.

Recolho as facas e preciso terminar com mais dois que se fingiam de mortos. Minha mira é horrível mesmo.

Queria poder entrar em cada cela e matar o resto deles, mas o tempo acabou. Tenho que me ater ao plano. O benefício de amanhã será muito maior do que matar essa escória.

— Tratem de se comportar — grito. — Senão eu volto.

O medo, sozinho, vai domar esses vermes imundos por mim. Duvido que tornem a causar problemas. Minha farda é falsa, mas nenhum deles sabe disso. Para eles, eu trabalho aqui e posso visitá-los a qualquer momento.

Olho uma última vez para Chorão. Ele está sentado e ainda agoniza numa poça de sangue e fezes. É uma cena forte e em outros tempos me faria vomitar. Hoje, o monstro ri.

# ARROTINA

Estou usando uma caneleira de dez quilos em cada perna, enquanto corro na esteira da academia. O esforço é absurdo e ter dormido às duas da manhã o deixou mil vezes pior. As pessoas me acham maluco por correr dessa forma. Mas estou correndo apenas para continuar vivo. Sensei me deu apenas mais alguns dias para que eu perca de vez a barriga. Se não conseguir, ele me mata. Simples assim. Aquele desgraçado é completamente indiferente à vida e, eu sei, me mataria sem pestanejar.

— Will! — grita o instrutor.

Eu me assusto, mas é o grito que me impede de apagar na esteira mais uma vez. Seguro no apoio lateral e recupero o equilíbrio. Tem ocorrido com tanta frequência que o dono da academia disponibilizou um instrutor exclusivo, depois que assinei um termo que o exime de todas as responsabilidades referentes a minha morte acidental em sua academia. Bom para mim, bom para ele.

Ainda faltam quatro quilômetros, que devo completar em uns vinte minutos, para o final do treino de hoje. Tenho certeza de que não existe energia suficiente em meu corpo. Pego a bar-

ra de proteína número três. Não é muita coisa, mas vai me fazer continuar de pé até que termine a corrida. Graças a Deus que hoje não é dia de musculação. Podia ser pior.

Uma menina corre na esteira ao lado. Ela se esforça para olhar o visor a minha frente. Quer saber a distância que percorri, mas não sabe que o aparelho desliga automaticamente depois de uma hora. Faltam vinte minutos para minha segunda hora. O que ela vê é menos da metade do que corri hoje. Quando percebe que notei seu olhar, se desconcerta e quase cai. Das sete esteiras da academia, as duas do meu lado são sempre as mais concorridas. Virei um herói para eles, a prova viva de que o esforço se paga. O gordinho, que agora sei que eu era, que tinha o sonho de completar uma maratona e finalmente decidiu tomar as rédeas de sua vida. Um exemplo de superação. Todos acreditam nessa história.

Menos Aninha. Ela me conhece o suficiente para saber que tenho outro objetivo, mas me respeita o suficiente para não perguntar. Sabe que não conto tudo a ela desde a morte de Pedrão, mas não me incomoda e deixa que eu guarde alguns segredos para mim. Confia em mim. Essa é uma das razões por que eu adoro aquela garota.

Saio da esteira com as pernas bambas. O instrutor me ajuda a sentar no chão e retira os pesos. Eu me deito. Queria tirar um dia de folga dessa malhação idiota. Odeio academias e, acima de tudo, correr. E, ontem, pelas minhas contas, dei cabo de vinte e quatro dos criminosos mais violentos do país. Merecia umas férias. Ainda mais se tudo der certo hoje. Então, mostrarei que já estou preparado para a guerra e que não preciso mais do treinamento de Sensei. Porém, até que aquele desgraçado diga que estou pronto, estou preso a ele. Eu o odeio cada vez mais. Não é à toa que ele é meu número dois na Lista. Atrás de Assassino.

— Você tá bem? — pergunta o instrutor.

— Estou — minto. — Só preciso de um minuto.

Ele me deixa no chão e me joga um Gatorade. Apressa-se para atender outros clientes, feliz por meu treinamento ter acabado. Eu o entendo. Se eu tiver um treco, ele vai se sentir responsável.

Olho para o teto por uns instantes enquanto bebo devagar. Minha respiração ainda está acelerada. Estou muito cansado, mas tenho que ir. Ainda preciso tomar uma ducha antes de seguir para o trabalho. Hoje vai ser um dia cansativo. Reunião. Sensei. E os alvos. Ontem foi fácil, eles nem estavam armados. Os alvos de hoje vão ser mais perigosos. E ainda dormi pouco e estou cansado da adrenalina de ontem.

Não acredito que, com tanta coisa importante acontecendo, eu tenha que trabalhar hoje. Odeio esse trabalho!

Relutante, levanto.

Chego atrasado para uma reunião com Cliente. Não tenho tempo para falar com Aninha e mando uma mensagem só para avisar que sobrevivi mais uma vez ao treino. Ela me responde imediatamente com palavras de apoio. Estou cansado, mas estou feliz. Daria tudo para ter um dia calmo só com ela. E vou ter. O final de semana vai ser um maravilhoso marasmo. Dois dias comendo junk food, bebendo cerveja e vendo filmes alugados enquanto ela dorme no sofá de minha casa. Adoro vê-la dormir. A serenidade dela me faz esquecer minhas escolhas. Mais um dia. Só preciso sobreviver ao dia de hoje, e vamos aproveitar um magnífico final de semana juntos.

Uma vez que já perdi a hora, dez ou vinte minutos fazem pouca diferença. Vou ao banheiro. Lá, dou uma olhada nas notícias sobre minha ação de ontem. Para todos os jornais influentes, o que aconteceu foi uma simples rebelião. Os agentes penitenciários de plantão confirmaram o levante dos presos. Não há perguntas sobre as câmeras desligadas, celas abertas ou o estado abominável dos corpos. Não estou convencido de que seja um simples ato de negligência dos jornalistas ou uma censura intencional dessas informa-

ções, para não promover a sensação de insegurança na população. Mas acho que naturalmente esperamos esse tipo de barbárie de criminosos condenados. Talvez seja um erro honesto.

Só Blogueiro aborda a notícia de forma diferente. Nenhum detalhe passa batido e sua teoria é exatamente o que aconteceu. Por mais que goste da divulgação que ele dá ao Segundo Caçador, não consigo deixar de ficar receoso com a quantidade de detalhes sobre cada um de meus alvos. Ou sou previsível ou ele sabe com antecedência o que vou fazer. Mas como ele saberia? E a resposta me vem à cabeça imediatamente. Os cinco alvos de ontem foram sugestões dele. Como são os desta noite. Sinto-me um fantoche. Tenho que voltar a fazer um trabalho maior de pesquisa. E escolher os alvos por mim mesmo.

A reunião começa meia hora depois do horário e deve demorar umas duas horas. Cliente é suspeito de evasão de divisas e peculato. Ele alega inocência. Sei que não é, mesmo sem uma confissão. Meus olhos já se acostumaram a procurar por alvos. É culpado, sem dúvida. Se não fosse, além do medo de ir para a cadeia, estaria inconformado por duvidarem dele. Nele, só vejo medo. Penso na Lista e desconsidero. Existem dois motivos para que ele não seja um alvo meu. Não fez nenhum mal diretamente contra uma pessoa e eu não escolho outros clientes do escritório.

– O senhor já ouviu falar desses justiceiros que andam matando todo mundo por aí? – menciono, sem paciência para ouvir sua voz trêmula.

– Hã? – Desconcerta-se com a troca repentina de assunto.

– Os Caçadores, acho que é esse o nome – digo, casualmente. – Dessa vez, eles mataram uma porrada de presos dentro de Bangu 3. Sabia?

– Achei... que tivesse sido uma rebelião.

– Tem um blog que eu acompanho que disse que foi um deles que entrou na cadeia. E matou todo mundo.

– Alguém tem que pôr um fim nesses caras!

– O senhor quer que eu aumente o ar-condicionado? O senhor está suando.

– Não. Estou bem.

– Eles até mataram um de nossos clientes. Uma pena, eu mesmo tinha acabado de salvar a pele do cara. Meses de trabalho para nada.

Ele engole a saliva com dificuldade. Parece que vai ter um piripaque. Seguro o sorriso. Não vou matar qualquer criminoso, mas nem por isso vou deixar de propagar o medo que eles deveriam ter da Justiça.

Ouçõ batidas na porta. Aninha entra, séria.

– Doutor Barros, desculpe interromper, mas tenho uma ligação urgente na linha dois.

Olho para Cliente. E informo que é uma ligação que estava esperando e que pode ajudar no caso.

– Sem problemas – anuncia, aliviado.

Quando estou na porta, me viro.

– Quer que eu traga água para o senhor na volta? O senhor parece meio abalado.

Quando passo a porta e a fecho, Aninha pula em minhas costas e me enche de beijos na bochecha. Eu a giro feliz, recebendo alguns olhares reprovadores. Coloco-a no chão e a beijo de verdade, atraindo o resto dos olhares. Sinto-me cheio de energia pela primeira vez no dia. Deveria levá-la todos os dias para a academia. Iria ser melhor do que meu tomador de conta atual. Quando titubeasse, pá! Um beijo.

– Como foi a corrida? Já tá pronto pra maratona?

Eu adoro também isso nela. Para mim, sarcasmo é a marca dos inteligentes. Ela não sabe por que, de repente, passei a me importar tanto com minha preparação física, mas sabe que não é para uma maratona. Exatamente por isso, procura todas as corridas próximas e me informa sobre todos os detalhes com um meio sorriso. Chegou até a fazer uma inscrição em meu nome.

– Quase lá. Hoje não foi tão bom. Vinte e cinco quilômetros só. Semana que vem, talvez...

– Ainda não? Você tá ficando preguiçoso. Foi dormir cedo ontem para me desapontar desse jeito?

– Se você quiser, eu treino amanhã à tarde – implico.

– Se você mexer com o meu final de semana, eu acabo com a tua raça.

– Você e qual exército, tampinha?

Nós estamos abraçados e rindo, mas a mensagem é clara: se este final de semana não for de folga, cabeças vão rolar. Uma cabeça, na verdade. Um final de semana sem que eu esconda qualquer coisa dela. Sem estudos e sem treinos. Sem a Lista ou qualquer tipo de violência. Sem ser encontrado chorando no banheiro de casa, abraçando os joelhos. Parece um sonho para mim.

Gostaria de poder lhe contar toda a verdade, mas ela, sobre todas as pessoas, não entenderia. Aninha é uma alma pura que acredita que nenhuma violência é justificável. Acredito que ela seria hippie, se tivesse nascido em outra época e outro país. E eu seria um dos soldados nas florestas do Vietnã. Ela é a paz: frágil, mas linda. Eu, a guerra: repulsiva, mas necessária. Lembro-me de uma frase de Isaac Asimov: “Violência é o último refúgio dos incompetentes”. Torço para que ele esteja errado. Se não estiver, eu sou terrivelmente incompetente.

De qualquer forma, ela ficou feliz com minha decisão de desistir da barriga. E quem não gostaria de trocar um namorado barrigudo por um com todos os quadradinhos do abdômen? No início, foi cética, como até eu seria se não fosse um caso de vida ou morte. Mas minha evolução rápida a deixou animada. Ela nunca disse nada sobre isso, mas tem me olhado diferente, de uma forma mais intensa.

Suspiro, de angústia e de felicidade. Estar com ela é tão bom que eu deveria respeitá-la mais, e não mentir. Se não desistir logo desse meu hobby, um dia a verdade virá à tona. E não vai

sobrar nem um caco da felicidade que sinto agora. Preciso parar antes que isso aconteça. Depois desta noite, vou pensar com calma sobre minha aposentadoria.

– Que foi? – pergunta.

– Tô morto!

– Imagino – assente. – Mas correr é moleza perto de estudar pra essa maldita prova da OAB.

– Lógico... – Rio. – Pelo menos a prova não é tão chata!

– Não pode existir nada mais chato que estudar pra OAB.

– Se existe! Pensa em passar duas horas correndo no mesmo lugar, três vezes por semana.

– Ah, eu imagino! – zomba, imitando minha voz. – Quatro horas sentada no mesmo lugar assistindo à aula de Tributário.

Nós rimos.

– Você tem que superar esse trauma de Tributário.

Tenho que voltar para a reunião. Ela também sabe disso. Dou outro beijo nela e mais um abraço apertado. Depois um último beijo, e sigo para a sala de reunião. Nada pior que trocar sua companhia pela desse lixo. Quase o coloco na Lista por isso.

– E aí? – pergunta Cliente assim que entro na sala. – Alguma novidade?

Tinha me esquecido do que falei para ele. Sorte minha que esteja tão sedento por algum fato novo que salve seu pescoço. Senão entraria na sala sem lembrar por que saí.

– Infelizmente, ainda não temos nenhuma novidade – digo, com uma voz desapontada.

Cliente fica com os olhos arregalados. Quase chora. Se ele se comportar dessa forma, vai ser condenado, independentemente dos indícios de inocência que eu consiga reunir. Respiro aliviado, tenho alguma coisa para dizer a ele durante o resto da reunião.

– Meu consultor me pediu mais uma semana pra entregar um relatório completo. Com este documento, tudo vai dar certo. E você vai provar que é inocente.

Cliente fica aliviado. Aliviado demais.

Aproveito a deixa para começar meu discurso sobre a importância da postura certa perante o júri. Explico que, sem um comportamento adequado, até as maiores evidências caem por terra. Nada além de uma baboseira que vai preencher o tempo restante da reunião e fazê-lo sair daqui achando que tivemos algum progresso. Ele balança a cabeça, atento a qualquer coisa que o ajude a escapar dos crimes que cometeu.

# O BANQUETE

Enrolo no trabalho até as cinco e meia da tarde. Saio com Aninha para levá-la até o cursinho para o exame da OAB. Às seis horas, ela entra na sala de aula e eu não volto para o escritório, como deveria. Disse para o pessoal que iria trabalhar o resto do expediente em casa. Ninguém acreditou. E eu não estou nem aí.

Vou para a academia clandestina de Sensei. Na primeira vez que vim aqui, ele disse que iria purificar minha alma e preparar meu corpo para a arte do assassinio. Em meses de treinamento, já não tenho dúvida de que ele pretende fazer isso me surrando até a morte.

No centro do tatame, o desgraçado me espera meditando. Aos seus pés, Yin e Yang, seus dois porretes preferidos. Vou triste para o vestiário. Como essas armas, em teoria, não são letais, ele não vai segurar a brutalidade. Hoje, vou apanhar muito. Isso é o que ganho por pedir que pegue leve. Ele não se importa com o fato de que será uma noite importante.

Visto meu quimono preto, meias pretas e touca ninja. Sensei é mestre em várias artes marciais, mas me ensina as diversas técnicas adaptando-as ao ninjitsu. Ele faz questão de

que eu cubra o rosto e de que não fale enquanto estiver no tatame, para não sentir piedade de mim enquanto me treina. Mas duvido que este louco já tenha sentido piedade por alguma coisa na vida.

Um pouco, entretanto, devo a ele. Ele se negou a me fornecer treinamento espiritual, por eu ser uma “criatura doente”. Para mim é um alívio me ver livre de toda a balela de energia interna e da necessidade de praticar o bem. Não iria suportar se o cara que me ensinasse a matar pessoas com eficiência fosse o mesmo que me dissesse para não fazer mal aos outros.

Respiro fundo e entro no tatame. Ele abre os olhos e se levanta.

– Você continua gordo demais. Se continuar assim em dez dias, morre – comenta, casualmente.

Há semanas que consigo ver os gomos da barriga. Não é suficiente para ele. Nada nunca é. Não reclamo, no entanto. Não contei a ele, mas é a última vez que venho. Se sobreviver aos alvos desta noite, estarei pronto para enfrentar qualquer outro. Menos Assassino, a média ou longa distância, e o próprio Sensei, a qualquer distância. Sua posição na Lista é honorária e virtualmente inatingível. Está lá só porque eu o odeio.

– Hoje, vamos treinar esquiva.

No meio da frase, ele começa a lançar estrelas ninja contra mim. O maldito colocou os bastões só para me enganar. Rolo de um lado para outro enquanto elas passam zunindo pelos meus ouvidos. Perco a conta na vigésima. Sensei parece ter um estoque infinito de armas em suas longas mangas caídas.

Enfim, ele para. Eu me levanto, sangrando em várias partes dos braços e das pernas, mesmo que as lâminas não tenham sido afiadas. É a força do arremesso que as torna tão perigosas.

– Bom... Você não morreu – observa, sorrindo levemente.

– Semana passada você morreria.

– E você quer que eu aprenda alguma coisa ou só quer me matar? – grito.

Quando as palavras saem, percebo o quanto errei. O cansaço e a arrogância me fizeram perder o controle. É difícil ter medo de alguém conseguindo matar tão facilmente. Mas, agora, estou apavorado.

Ele me encara em silêncio. Estou arfando do exercício de esquiva, tentando me acalmar e me preparar para o ataque. Já não teria muitas chances se estivesse descansado. Do jeito que estou, não tenho nenhuma.

— Isso é você que decide — informa, com voz mansa. — Se aprender o que eu te ensino, não adianta que eu queira te matar. Se não aprender, não tem como você sobreviver.

Apenas mais uma das armadilhas que Assassino armou para mim. Não posso simplesmente parar de vir e deixar que Sensei continue a produzir outros monstros como eu. Seus alunos serão um perigo para a sociedade se decidirem usar essas técnicas para o mal. Mas não sei se venceria Sensei, mesmo com uma pistola. Com minha faca, sei que é impossível. Talvez esteja na hora de ceder à tentação e comprar um rifle de precisão para matá-lo de longe. De bem longe.

No espelho, vejo meu corpo cheio de hematomas. Por sorte, minha pele não os deixa muito visíveis. E, como estão em todos os lugares, parece que estou apenas com o corpo todo inchado. Isso os disfarça bastante. No mais, Sensei me presta o serviço de não destruir meu rosto. E, por eu usar terno quase o tempo todo, tenho certeza de que ninguém nunca os notou.

Ninguém além de Aninha, é claro. A cada dia fico mais farto de omitir as coisas dela. Ela nunca me pergunta nada nem faz qualquer comentário quando os vê. Apenas os acaricia com os olhos perdidos por um tempo. Depois fala alguma coisa engraçada para acabar com o silêncio. Não é justo o que eu faço com ela.

Já tentei pensar em formas de lhe contar tudo. A verdade inteira, não as atuais meias mentiras. Sem deixar escapar um só detalhe ou sentimento. Contar como e por que sou o que sou. Contudo,

tenho certeza de que ela não me aceitaria se conhecesse o monstro que habita meu interior. Uma parte de mim é tão cruel e sanguinária quanto o pior dos psicopatas. Ela não está pronta para a verdade e não tenho coragem de perdê-la.

Nas vezes em que conversamos sobre as notícias dos Caçadores, ela demonstrou um absoluto desprezo por eles, em especial pelo cruel Segundo Caçador: “Esses caras não são humanos, são animais.” Para Aninha, ninguém está acima da lei. E só a lei pode manter a ordem. É uma advogada recém-formada e honesta. Foi sua inocência que a impediu de trocar de ramo. Não percebeu ainda que a lei não funciona e que a ordem não existe. Que o poder é o que move as engrenagens da Justiça.

Como ela, eu também já fui ingênuo. E sinto saudades dessa época. Do tempo em que meu “lobo” estava bem preso pelas correntes da sociedade. Eu acreditava que, se estudasse o suficiente, seria tão bom que não perderia nenhum caso. Descubri mais tarde que, em muitos casos, ganhei não pela habilidade, mas pela influência que os sócios do escritório tinham sobre os juízes. E, por influência, entenda-se suborno.

Na mesma época em que percebi isso, o Primeiro Caçador começou sua saga. Foi a primeira vez que ouvi meu monstro uivando por sangue. Queria seguir o exemplo dele e, em vez de matar bandidos perigosos, passei a perseguir ladrões e a entregá-los para a polícia, na mesma delegacia em que fui interrogado duas vezes. Pedrão ficou ainda mais animado com a ideia. O monstro dele sempre teve as correntes frouxas. Tive que segurar seu ânimo algumas vezes, para que ele não fosse longe demais.

Algumas semanas depois, Aninha entrou no escritório como estagiária. E eu perdi o interesse em qualquer outra coisa na vida. Desisti de deixar o escritório para ter a oportunidade de conhecê-la melhor, com a desculpa de que juntaria provas contra os meus chefes. Para chamar sua atenção, passei a fazer o melhor trabalho possível. Logo, todos do escritório passaram a

me olhar diferente. Menos Aninha. Foi assim que ela me deixou de quatro.

Pedrao não aceitou bem minha mudança. Pelo menos no início. Mas quem era ele para competir com Aninha? Com o tempo, ele passou a gostar dela.

A campanha toca e sou trazido de volta à dura realidade. Abotoo a camisa e me dirijo até a porta. Como esperado, um dos capangas de Bélico deixou uma maleta prateada na entrada e saiu antes que eu atendesse. Ele já entrou no elevador quando abro a porta. Pego a valise. Bélico demanda que seus clientes não vejam o rosto de seus ajudantes. Uma precaução que me será extremamente útil com os alvos de hoje, e completamente desnecessária em um prédio vigiado por câmeras como o meu.

Tranco a porta da sala, levo a maleta para meu quarto e o tranco também. Dentro, um conjunto de doze facas de arremesso, duas machadinhas retráteis, uma bomba de gás lacrimogêneo e uma granada supostamente comum. Tudo como encomendei. Mas parece faltar alguma coisa. Uma pistola. Ou duas. É um desperdício usar uma mala dessa e não colocar pelo menos uma pistola dentro.

Nunca comprei pistolas ou qualquer outro tipo de arma de fogo. Prefiro continuar assim, por enquanto. Não gosto da facilidade com que se mata com uma bala. E, de qualquer forma, minha mira não é boa o suficiente para garantir que eu acerte um alvo em vez de um inocente.

Hoje, entretanto, posso precisar de algo mais destrutivo do que facas. Por isso, comprei uma granada pela primeira vez. Ela preenche um pouco a falta que uma pistola faz na valise. Sinto pena de não ter comprado outra. Ia fazer com que a maleta parecesse mais digna...

Prendo as facas de arremesso nos coldres sobre a camisa, na altura da costela, seis de cada lado. As machadinhas eu coloco na cintura, uma de cada lado. Minha faca de caça, em seu coldre

na perna direita. Olho meus dois machetes abandonados no armário. É uma pena deixá-los no cofre depois do grande trabalho que fizeram ontem. Não tive nem coragem de mandar destruí-los. Mas não conseguiria escondê-los no terno. Por fim, deixo a granada e a bomba de gás na maleta, que é a verdadeira arma da noite.

Sigo para um bar na periferia da cidade. Ele é famoso na região por ser frequentado apenas pelos comparsas dos alvos de ontem. E por ser o favorito de meus alvos de hoje. Apenas quatro serão alvos meus hoje. Mas quem estiver lá dentro não é inocente. Se não fugirem, irão morrer. Se eu tiver a chance, irão morrer.

Escondido, vejo três entrarem com fuzis. O outro é o dono do estabelecimento e já deve estar lá dentro. Estou nervoso. Muito nervoso. Nunca enfrentei ninguém que usasse uma arma mais poderosa do que uma pistola. Para piorar, este é meu plano mais frágil e arriscado de todos. A qualquer instante, um tiro me atinge e eu morro. Simples assim.

Olho para a granada em minha mão e penso que poderia acabar tudo de forma rápida. Mas, com o perigo, vai embora a graça também.

Dois adolescentes de não mais de quinze anos me bararam na porta do bar. Eles não são meus alvos. Contudo, não me deixo enganar por suas idades. Cada um tem um fuzil preso nas costas e uma pistola na cintura.

— Que que tu tá fazendo aqui, rapá? — pergunta um deles.

— Só vim entregar isso pra você.

Tiro o pino da granada e a jogo para ele, como nos filmes. Sempre quis fazer isso.

Ele arregala os olhos e a segura sem respirar.

Seu amigo não perde tempo e sai correndo. Mesmo com um fuzil, não passa de uma criança.

Meu coração fica apertado quando faço o arremesso e o vejo cair no chão com a faca enfiada na nuca. Forço minha mente a se concentrar e reprimir essa fraqueza. Se tinha um fuzil é porque era um soldado do tráfico e já matou algumas pessoas. Talvez, até mais do que eu. Provavelmente, não.

Vou até o corpo e recolho a faca. Limpo nas calças do defunto. Quando volto, o outro soldado está sentado no chão, chorando. Dou um tapa na cara dele. Ele olha para mim.

— Presta atenção! Se você não me criar problemas, eu devolvo o pino da granada e você não morre.

Ele balança a cabeça.

— E não mexe essa porra. Senão ela explode.

Ele balança a cabeça mais uma vez.

Quando entro, mesmo com a música alta, todos se viram para mim. A conversa para. Todos temem o fornecedor de armas e eles acreditam que sou um. Bélico trabalha bem sua fama. Conto treze bandidos ao todo, entre as quase vinte mulheres seminuas. Todos eles armados. Meus quatro alvos estão dispersos pelo salão. Hoje, vou ter trabalho.

O bar tem apenas três mesas, mesmo comportando facilmente outras cinco. Foi feito para ser exclusivo daquela gangue. Não há cadeiras para as mulheres, que sentam no colo dos bandidos. Cinco delas dançam no palco. Três bandidos cheiram carreiras de cocaína despreocupadamente no balcão. Nas mesas, a maioria segura um baseado.

Na mesa central, de frente para a porta, está sentado meu alvo número um. Duas garotas sentam em seu colo. Ele é o chefe do tráfico da região, um sujeito cruel, mandante de dezenas de assassinatos nas comunidades vizinhas. Número Três está em pé ao lado dele. É o dono do bar e segurança de Número Um.

Vou em direção à mesa dele e permaneço em silêncio, encarando Um.

— Pra fora, vagabundas — grita Dois, da mesa da esquerda.

– Você não vinha amanhã? – pergunta Número Um, depois que todas as mulheres saem do bar.

– As armas vêm amanhã – digo. – O pagamento vai ser adiantado, desta vez.

– Esse Bélico filho da puta só pode tá de sacanagem – resmungo Um.

– Quer ligar pra ele? – desafio.

Ninguém em sã consciência desafia Bélico. Mas drogados não são conhecidos pelo bom senso. Se ligarem, não sei se ele vai em frente com essa farsa.

– Eu achava que não – digo, aliviado, quando ninguém responde.

Cansei de encenação, não costumo conversar com meus alvos. Quero sair o mais rápido possível desse ambiente miserável e voltar para minha casa para riscar mais quatro nomes da Lista. Daqui a pouco, eu alcanço a marca de quarenta e nove alvos. Só mais um para a marca de cinquenta.

Abro a maleta e deixo a bomba de gás quicar e rolar no chão. Do jeito que faço, parece um acidente. Ninguém se mexe. Até que veem que apenas gás sai dela. Então relaxam. Demais.

Em um só movimento, pego duas facas de arremesso em cada mão e as lanço nos criminosos mais distantes. Antes que atinjam seus alvos, mais uma leva segue para os que estão a uma distância intermediária. Os outros terão um destino menos piedoso. Quando percebem o que está acontecendo, o gás já preencheu o ambiente e nenhum deles consegue enxergar direito. Tenho pouco tempo para acabar com os demais antes que eles saiam pela porta do bar e fujam de minha armadilha. A céu aberto, eu não teria a mínima chance contra suas armas.

Número Um derruba seu fuzil no chão e opta por pistolas. Ele atira onde acha que estou, mas já não estou mais lá. Mergulho para o lado e pego as machadinhas, abrindo-as com um movimento rápido para a frente e para trás. A adrenalina enche minhas veias e me sinto feliz e pronto para a ação de verdade.

Meu primeiro golpe acerta um bandido na lateral do pescoço. O segundo golpe destrói o tórax de Número Um exatamente no meio. Os dois morrerão em minutos, com ou sem ajuda médica.

O problema de usar uma machadinha é que, quando o golpe é muito forte, ela agarra no corpo da vítima e não sai por nada. E eu perco a da mão esquerda quando quase parto o crânio de Número Três ao meio.

Ainda sobram cinco marginais ilesos mais dois feridos pelas facas de arremesso e outros dois pelas balas de seus colegas desesperados. Dos feridos, só Número Quatro não corre risco de vida. Foi atingido de raspão no braço.

Lanço a machadinha restante no peito de Número Dois. Em seguida, as duas últimas facas para o outro lado da sala. Desta vez, minha mira não me ajuda. Só uma das facas acerta o alvo. Faltam apenas três bandidos.

A fumaça está se dispersando rapidamente, agora. Procuro por uma janela aberta, mas é pelos buracos de tiro que o ar limpo entra. De qualquer forma, logo eles me verão.

Número Quatro está usando o corpo dos dois comparsas feridos para se proteger enquanto tenta recarregar com uma mão. Preciso ser ainda mais rápido e mais preciso desta vez se quiser ter uma chance.

Corro em direção aos três, enquanto Número Quatro atira o pente inteiro. Minha adrenalina está em seu nível máximo e consigo sentir as balas passando por meu corpo. Desvio da maioria. Duas me acertam no peito. Não deixo que isso me pare. Estou me sentindo Neo de Matrix, mas é a péssima mira dele e meu colega que garantem minha sobrevivência.

Eles partem para cima de mim, mas, feridos e sem armas, não têm a menor das chances. Com um golpe único, corto a garganta de dois.

Sobra apenas Número Quatro, tremendo e chorando enquanto tenta encaixar o novo pente na arma. Ele deixa o pente cair no chão. Eu pego para ele e devolvo em sua mão, sorrindo. Quando

ele finalmente recarrega a arma, enfio a faca embaixo de seu queixo e, com as duas mãos, o levanto do chão. Ele se debate só um pouco e tenta puxar a faca, mas seu corpo logo desmonta. Ele está morto. Não sobra mais ninguém. Meu plano não foi bom, mas a execução foi perfeita.

Tenho tempo para recolher minhas facas. Mesmo com os barulhos de tiro, nenhum reforço chega. As machadinhas são as mais difíceis. Tenho que pisar na cabeça de Três para conseguir arrancá-la. Isso fora minha faca de caça, que sempre é a mais difícil de recuperar.

Checo os moribundos e distribuo minha misericórdia para três deles. Não é minha intenção fazê-los sofrer tanto quanto eles fizeram sofrer suas vítimas. Meu papel nesse mundo não é fazer justiça ou vingança, é apenas evitar futuras vítimas de bandidos cruéis. Se conseguir isso, sou vitorioso. Quando me esqueço disso, me aproximo cada vez mais deles.

Todo o cansaço da semana bate de uma vez só quando a adrenalina abaixa. Foi uma semana extraordinária. Nove alvos mortos. Uma quadrilha inteira abatida. Sinto falta de poder me gabar para alguém. Essa é a pior parte de estar sozinho neste ofício. É nessas horas que a saudade de Pedrão bate mais forte. Mas é uma saudade boa.

Deveria fugir, mas não tenho energia. Enquanto me recupero, limpo o sangue das armas e as coloco na maleta. Em seguida limpo a maleta também. Deixo apenas duas das facas de arremesso à mão e minha faca de caça na perna, para o caso de algum imprevisto. Com esforço, levanto e saio.

O menino da granada continua na mesma posição, chorando sem lágrimas. Quando me vê saindo, ileso depois dos tiros e gritos, ele me teme ainda mais. Pego a granada de sua mão e recoloco o pino. Ele respira aliviado por um instante e depois me olha com apreensão. Eu arruinei quatorze companheiros dele. Todos fortemente armados. Sabe que posso matá-lo com facilidade.

Exterminei muitas pessoas nesses dois dias. Estou orgulhoso, mas também farto de tantas mortes. Não quero eliminar mais ninguém, menos ainda um adolescente. Ele não é necessariamente mau. Talvez tenha feito apenas escolhas ruins. Sempre achei errado matar crianças. Sempre achei que o Primeiro Caçador errou nisso, quando subiu aquele morro.

Não quero outra coisa além de chegar em casa, descansar nos braços de Aninha. E esquecer essa minha outra parte. Hoje, riscarei o quadragésimo nono nome da Lista. Quase cem defuntos no total. É muita gente em apenas seis meses. Cansei dessa vida. Cansei de matar. Cansei de ser a criatura que causa repulsa em Aninha. Cansei de ser o monstro.

Tiro as armas do soldado e digo a ele para correr o mais rápido que conseguir. Se não olhar para trás, não irei matá-lo, prometo. Ele olha para as armas com esperança, mas sabe que não me venceria. Então corre, sem acreditar que vai viver. Eu o deixo ir.

Percorro devagar o caminho de volta. Tenho que tirar o chapéu para o desgraçado do Sensei. Sem o treinamento dele, se eu não tivesse morrido ontem, morreria hoje.

Quando saio da comunidade, o cara de sempre está esperando. Bélico deu um contato seguro para ser meu motorista nas caçadas. Sem perguntas. Nunca ouvi nenhum som dele. Acho que é capaz de ele ser mudo de verdade.

Como de costume, entro pela porta de trás e encontro uma lata de lixo de metal. Coloco dentro o terno sujo de sangue e o restante das roupas, incluindo meu colete, as meias e os sapatos. A única exceção são minhas luvas de couro. Uso quase um pote de álcool em gel para limpar meu corpo com uma toalha. Tenho cuidado especial com o cabelo. Não posso deixar uma gota de sangue sequer. Limpo as armas outra vez, minuciosamente. Assim que termino, jogo a toalha, o restante do álcool e mais outro pote inteiro na lata. Peço ao motorista que pare em um local seguro.

Enquanto ele procura uma região deserta, visto uma calça jeans, tênis e um casaco de moletom. Uso roupas casuais para quebrar a ideia do assassino de terno, embora, em todos os retratos falados, o Segundo Caçador seja um cara branco. É uma precaução que me deixa desconfortável. Uso terno há tanto tempo que, mesmo no verão, só me sinto bem assim.

Ele para em uma rua de terra margeada por uma mata densa. Não reconheço o lugar, mas confio nele. Saio e vejo minhas roupas queimarem. Tornou-se uma cerimônia para mim, em que as mortes e a culpa desaparecem com as evidências. Depois disso, estou pronto para ir para casa.

Sem qualquer contratempo, chego a meu apartamento. Deixo a maleta no carro, agora com dinheiro em vez de armas. Peço que o motorista entregue a Bélico, mas nem precisava. Ninguém trapaceia Bélico. Coloco minhas armas na mochila que veio com as roupas e o dinheiro.

Não vejo a hora de riscar mais quatro nomes da Lista. Poderia ter riscado muito mais nesses dois dias. Teria, no entanto, que saber o nome dos outros bandidos antes, e isso não foi possível nem com a ajuda de Blogueiro. E, se soubesse todos os nomes, não poderia ter deixado Soldado viver. A ânsia de riscar mais nomes não deixaria. Não sei se foi um sinal de fraqueza ou de esperança. Talvez eu ainda tenha uma alma. Talvez o monstro não tenha me subjogado por completo.

Estou feliz, de qualquer forma. Os dois dias foram sucessos excepcionais. E deixar uma testemunha para trás me deixa saudoso. Foi como em meu primeiro alvo. Aprendi muito desde então. Eu era uma criança, hoje sou um Caçador. Só espero que Soldado não me obrigue a colocá-lo na Lista.

Abro a porta e imediatamente sei que há alguma coisa errada. Tem alguém dentro da minha casa e eu sei quem é. Pego minha faca de caça com a mão esquerda e três facas de arremesso com a direita.

Hoje, completo cinquenta alvos matando meu número um. Nada poderia ser melhor.

# O ERRO

Aninha está de lingerie em meu sofá.

Não Assassino com uma arma, mas Aninha de lingerie.

Ela grita. Eu grito.

Não consigo impedir meus arremessos, apenas mudo levemente a direção. Acerto duas facas no sofá e uma na parede. Todas a poucos centímetros dela. Aninha olha para elas e para mim. Duas vezes. Em silêncio. E sai correndo, gritando, para o quarto. Tranca a porta. Ouço o choro histérico através da porta.

– Quem tá aí? – grita, entre o choro.

– Sou eu, Aninha. Will – digo, aflito. – Desculpa te assustar.

– Por que você tentou me matar?

Eu quase matei Aninha. Eu. Quase. Matei. Aninha. Como pude fazer isso?

– Eu pensei que alguém estava invadindo o apê.

– Mas você quase me acertou!

– Eu sei. Desculpa.

– Você quase me matou!

– Eu sei. Eu sei. Desculpa.

Ela não diz mais nada, mas o choro está quase parando.

— Abre a porta, vai. Por favor.

Ela afasta a porta um pouco e espia pela brecha. Quando me vê, começa a chorar de novo, mas corre para meus braços. Eu a abraço com o máximo de força que seu corpo aguentaria. Meu coração está tão acelerado quanto o dela. Nunca foi tão difícil respirar. Quase matei a única pessoa que realmente me importa na vida. Eu nunca me perdoaria. Ela não merece passar por isso. Fora Aninha, minha vida é só violência. E, agora, invadi sua vida com esse mal. Mesmo a protegendo da verdade, ela nunca vai estar realmente protegida de mim.

É só nessa hora que percebo que, em minha vida de Caçador, Aninha não tem espaço. Exatamente como Assassino me disse, há tantos meses. Fui iludido pelo egoísmo e só pensei em como precisava dela para suportar o crescimento de meu monstro. Nunca perguntei o que ela queria. Nem me preocupei em como ela também precisa de mim. Não a ajudei em sua monografia, mesmo depois de muitos pedidos, nem a estou ajudando com o exame da OAB.

Não dá para continuar assim. Ela merece mais. Só é justo mantê-la a meu lado se estiver disposto a desistir de ser o Segundo Caçador. E a suprimir para sempre esse monstro dentro de mim.

Ficamos por vários minutos em silêncio. Abraçados e nos acariciando, enquanto nossas lágrimas secam.

— Você me assustou — diz, timidamente.

Seus olhos estão vermelhos e seu rosto inchado. Mas nunca esteve tão linda. Um anjo enviado para trazer luz para um mundo de escuridão.

— Eu sei — digo.

Quero falar algo inteligente, algo que a faça sorrir e se sentir melhor. Que a faça esquecer o que aconteceu. Mas, quando abro a boca, engasgo em soluços ao imaginar o horror de matar a mulher que eu amo. No final, é ela quem me acalma. Mesmo sendo

tão menor do que eu, ela é muito mais forte. Forte por dentro, no coração, onde importa.

– Pelo menos sua mira é ruim...

Eu rio. Ela ri. Nos beijamos. E eu começo a chorar novamente.

Para melhorar o clima, Aninha compra um filme na TV a cabo. Uma comédia romântica açucarada que me faz chorar a cada quinze minutos. Até ontem, nunca tinha chorado assistindo a um filme. Eu não a deixo sair de perto de mim nem para ir ao banheiro, com medo de que alguma coisa possa lhe acontecer. É tolice, pois o perigo em sua vida diminui quando ela se afasta de mim. E os buracos no sofá me encaram, confirmando isso.

– Gatinho, por que você anda com essas facas? – pergunta, quando o filme acaba.

Seus olhos imploram por mais respostas do que quero dar. Não quero guardar mais nada dentro de mim, mas sei que tudo de uma vez é demais para ela. Respiro fundo. Ela tem o direito de saber por que sua vida corre perigo, mas, se soubesse de toda a verdade, descobriria o ser hediondo que sou. Não consigo suportar seu olhar de desprezo, agora. Uma parte da verdade vai ter que servir, por enquanto.

– Lembra o assassino do ônibus?

– Quem? Aquele cara que te fez matar os outros dois bandidos?

Ela me lança seu olhar de preocupação e pena, que diz: “Essa história do ônibus de novo?”. Se eu estivesse no lugar dela, sabendo o que ela sabe, me acharia esquizofrênico. Perseguido por um sujeito que nem a polícia confirma que existiu. Ela deve achar que o culpo por todos os meus problemas. Bem, nisso, concordamos.

– Esse mesmo.

– Por que eu tenho que me lembrar desse cara?

Mostro as cicatrizes que tenho nas coxas. Estão à mostra sempre que uso pijamas, como agora. Mesmo assim, ela nunca perguntou como as consegui. Sempre as acaricia. Sem imaginar o que representam. E nunca pergunta.

— No dia seguinte que a gente descobriu que Pedrão passou para promotor, daquela última vez que fui ao cemitério, eu cheguei em casa e ele estava aqui. Sentado na minha sala, com uma arma na mão.

A descrença é clara em seu rosto. Ao que parece, devem-se provar todas as coisas para uma advogada. Nada que não valeria para mim também. Levanto e tiro o tapete novo do lugar. Ela vê os dois buracos no chão e não entende como aquilo pode me ajudar a explicar.

— Ele atirou duas vezes no chão.

— Não acredito! — Seus olhos arregalados dizem o contrário. — Meu Deus! Ele atirou nas suas pernas!

— Não. Ele enfiou duas facas. Uma em cada perna.

— O quê?!

— E disse que ia voltar. Eu não contei pra polícia, porque...

— Por que você não me contou isso? — me interrompe, magoada.

— Eu não quis te preocupar. Já faz vários meses. Talvez ele nunca mais volte. Acho que só queria fazer um terror psicológico.

— Terror psicológico, te esfaqueando? — pergunta. — Se alguém te agride, não é psicológico, Will. É tortura.

— Eu sei.

— Sabe? Você devia ter me contado. Como vou poder te ajudar se eu não sei o que aconteceu?

— Verdade...

— Eu tô do seu lado, Gatinho — afirma, com a voz suave, me abraçando novamente. — Você tem que contar as coisas pra mim. Não tem que segurar tudo sozinho. Pode contar sempre comigo.

Gostaria tanto de acreditar que ela ficaria a meu lado se eu contasse a verdade. Eu finjo que acredito, em silêncio, balançando a

cabeça para cima e para baixo. Por dentro, estou em pedaços. Nunca vou ter uma chance melhor de lhe contar tudo.

Omitir é a mesma coisa que mentir. Eu estou traindo sua confiança.

– E você nunca mais o viu?

– Não – minto.

– Você tem que chamar a polícia.

– E o que eles vão fazer? Esse desgraçado é um fantasma. Eu pedi as fitas de segurança do prédio e, justo no momento que ele estava aqui, elas não estavam gravando. E o porteiro estava dormindo exatamente nessa hora. Nem a câmera daquele ônibus tava funcionando. Eu não acredito que isso tudo tenha sido coincidência.

– É por isso que você está fazendo aquela luta idiota e correndo como um louco – declara.

– Em minha defesa, é uma arte marcial séria, e não faz mal pra ninguém entrar em forma. Mas sim, eu pensei que conseguiria me defender, se me preparasse – confesso parcialmente. – E, por isso, tudo quase acaba em tragédia.

– Meu Deus, Will! O que você tem na cabeça?

Eu não respondo. Não preciso. Se já parecia uma ideia horrível na minha mente, falando, eu consegui piorar. Se contasse que decidi matar o máximo de bandidos possível para diminuir a criminalidade do país, o que ela acharia?

– Você tá achando que, se ganhar de um cara desses numa luta, ele vai parar de te incomodar? Tipo um filme de adolescente americano? Ele iria aprender a lição e pedir desculpas. Então iria embora e nunca mais voltaria. É isso?

É quase engraçado que me julgue tão ingênuo, quando é ela que não consegue ver as coisas. Sabe que estou fazendo uma arte marcial famosa por produzir assassinos, mas nem suspeita que pretendo matá-lo. Mesmo carregando facas de arremesso e quase a matando ao confundir os dois. Minha garota não consegue ver esse tipo de maldade em mim.

— Meu Deus! Esse cara enfiou duas facas em você, Will. Ele é aquele maníaco dos jornais! — continua. — Já pensou nisso? Você tem que ir à polícia. Ele pode te matar, Will! Não é exagero meu!

— O Maníaco da Faca? — Tento esconder meu choque. — Sem chance. Esse cara só mata bandido.

— Bandidos ou não, ele mata quem ele bem entender. Ele mesmo julga, condena e mata. Ele matou um juiz, Will. Um juiz federal. E matou aquele cliente que você livrou da cadeia com um milagre. E se ele sabe que você foi o advogado de defesa dele?

— Ele não vai me matar — digo, para encerrar o assunto.

— Como você pode ter certeza? Esse cara é doente, Will. Você mesmo me mostrou um blog que diz o que ele faz. Se metade daquilo for verdade, esse cara é um monstro, Will. Um monstro da pior categoria.

— Porque, se ele quisesse, eu já estaria morto. — Minha voz sai ríspida demais.

Ela me olha magoada e fica em silêncio. Descansa a cabeça em meu peito. Eu a abraço, mas não peço desculpas. Não digo nada, nem quando sinto suas lágrimas molhando minha camiseta. Minhas lágrimas se seguem às dela, por motivos diferentes. Culpa e desgosto pelo que me tornei. Sou aquele que minha namorada repudia! Se ela fizesse uma Lista, eu seria seu número um.

Ver-me como um sujeito mau, não é novo e nunca foi agradável. Mesmo assim, eu era realista e entendia meu papel na sociedade. Aprendi que um Caçador tem que ser frio e pragmático. Para destruir os maus, tinha que me transformar num deles. Simples assim. Mas, mesmo que nunca tenha acreditado que ela iria entender o que faço, escutar de sua boca que sou um monstro dos piores foi a coisa mais terrível que já ouvi. Para ela, não sou melhor do que os alvos que caço e sou tão ruim quanto a pessoa que me jogou nesse mundo de violência.

Não estou magoado com ela. Pelo contrário. Ela está completamente certa. Estou decepcionado comigo, com o que me tor-

nei. Só agora percebo que, para destruir Assassino, eu me transformei na criatura que acreditei que ele era. E o fato de usarmos armas distintas não nos faz diferentes. Ambos matamos pessoas em emboscadas. De forma covarde. Na maioria das vezes, sem dar chance para que possam se defender. Só que eu uso uma arma mais cruel e mais suja. No final, ele estava certo mais uma vez. Eu deveria usar armas de fogo.

Dou um beijo na cabeça de Aninha. Ela olha para cima com um sorriso triste. Eu olho em seus olhos tentando capturar toda a pureza deles. Olhar para ela me dá esperanças. Ainda é cedo para desistir de minha humanidade. Eu posso fugir de tudo isso. Explorar minhas possibilidades de um futuro simples. Uma casa pequena, numa cidade distante desse mar de monstros, com crianças correndo livres. Um lugar onde a violência não seja uma coisa rotineira.

Talvez, se olhar bem para seus olhos e os guardar na memória, poderei usá-los como faróis nesta tempestade. Talvez eles me ensinem a enjaular o monstro.

– Eu não posso te perder – digo.

– Nem eu.

Ela me envolve num abraço apertado. Sobe em cima de mim e me beija devagar. Seu beijo, salgado pelas lágrimas, acalma minhas aflições. Ela é a única fonte de felicidade em minha vida e a razão de eu não ter caído no buraco da depressão depois de tudo que aconteceu neste ano. Está do meu lado a cada vez que minha vida desaba. Sem que eu tenha pedido uma única vez.

Quanto a mim, mesmo já tendo feito mais do que deveria, mais do que minha parte, a violência não diminuiu. Na verdade, nada mudou. Os alvos que eliminei eram uma parcela insignificante nesta cidade arrasada. Na maioria das vezes, quando um verme foi ceifado, outro assumiu o lugar. Não estou pronto para desistir sem ter feito o suficiente. Tenho que causar um impacto real sobre os maus. Matá-los ou amedrontá-los, tanto faz. Mas ainda está cedo para parar.

Sinto uma pontada de tristeza quando penso em tudo de que estou abrindo mão, por nós dois, para perseguir algo que ela não entenderia. Eu não a mereço. Se não existisse nenhuma Lista, adoraria planejar nossas vidas juntos, talvez pedi-la em casamento na festa de formatura. Ela iria adorar ser cortejada na frente de todos os amigos, e sei que aceitaria sem pestanejar. E iria querer um casamento de princesa. E, a partir daí, uma vida feliz e tranquila. Aninha merece tudo isso.

E eu vou dar a ela.

Eu vou destruir a Lista. Vou trancar meu monstro. E vou esquecer o passado.

Só mais um alvo e acabou. Um alvo importante como nenhum outro. Então, eu paro de brincar de caçador.

Não deixo que ela fale mais nenhuma palavra. Tampouco digo qualquer coisa. Apenas transformo nosso beijo carinhoso em um desesperado. Ela me mostra seu sorriso maldoso enquanto busca por ar. Hoje, não vou permitir que minhas escolhas destruam a gente ou que o futuro atrapalhe o presente. Por hoje, ela estará segura a meu lado. E ela vai ficar feliz.

Em breve, vou poder oferecer mais que isso, essa felicidade será a nossa rotina. Vou me tornar uma pessoa melhor.

# O EXPERT

Passo dois dias maravilhosos e intensos com Aninha. Seriam também relaxantes, se eu conseguisse tirar da cabeça que, enquanto aproveito o melhor que a vida pode me oferecer, pessoas estão sofrendo com a violência a que eu deveria pôr fim. Sei que não mereço toda a felicidade que tenho. Por que eu, entre tantas outras pessoas melhores, devo estar feliz?

De dia, a culpa me leva a ouvir tiros no mais comum dos barulhos. De noite, são os pesadelos que me atormentam. Crianças mortas vêm me mostrar os ferimentos que as mataram. Nenhuma palavra é dita, mas seus olhos cobram explicações. Por que fui dormir cedo se é de noite que os piores crimes ocorrem? Por que não acordei cedo para treinar e melhorar o que faço? Por que não me importei com elas o suficiente para intervir, para impedir?

Sei que é minha cabeça que produz essas crianças e que o sofrimento delas não é de verdade. Mesmo assim, fico abalado com as cenas. Isso poderia ser real. Alguém morreu nesses dois dias

porque tive um final de semana de folga. Ou vai morrer porque não me preparei para alvos mais importantes.

Não consigo explicar a Aninha por que acordo nas duas noites gritando e chorando. Não quero parecer louco. Ela liga os pesadelos ao trauma do ônibus e à morte de meu amigo. Eu não nego. Não digo nada, porque, se disser, mentirei. Apenas aprovei-to seu abraço preocupado enquanto sinto o cheiro do sangue dos inocentes que não salvei.

Segunda-feira de manhã, digo a Aninha que não estou me sentindo bem. Ela não fica preocupada. Acha que estou só estendendo o bom final de semana porque não suporto mais o trabalho. Seus olhos deixam claro o que pensa. Seria até bem provável que fosse verdade. Em outro dia. Hoje, tenho planos especiais ao custo de mais uma mentira.

É apenas mais uma mentira para que eu tenha tempo suficiente para eliminar um alvo ainda esta tarde. Procurar um alvo acessível e elaborar um plano é algo que leva dias em minha rotina de namoro, trabalho e preparação física. Não vou conseguir esperar tanto. Por isso preciso ficar em casa e acelerar o processo.

Espero dez minutos após a saída de Aninha para ligar o computador. Depois do incidente de sexta à noite, não quero que ela me veja acessando o blog.

Para meu alívio, Blogueiro tem as respostas para minhas indagações. Em sua lista semanal de pessoas que devem tomar cuidado comigo e com o Primeiro Caçador, aponta um assassino de aluguel. Ele matou muito mais do que eu, agindo em todo o território nacional. Chegou à cidade na noite de ontem e estará hospedado em um hotel na zona sul até o final da semana. Isso traz indícios fortes de que atuará em breve. Isso, se eu permitir.

Pego a Lista no cofre e a atualizo.

O blog me informa até o quarto em que está hospedado. Eu lhe agradeço por isso. Falta pensar na parte mais complicada: encontrar uma forma de eliminá-lo sem ser visto nem deixar qualquer prova. No hotel, certamente haverá câmeras e, para me passar

por um funcionário, tenho que arranjar crachás de identificação e cartões de acesso. Penso em duas opções: alugar um helicóptero e descer no terraço, torcendo para que ninguém me veja. Ou ligar para Béliço e pedir a sua ajuda.

– Béliço?

– Fala.

– Tô precisando entrar em um hotel sem ser visto.

– Quando?

– Agora.

– Qual hotel?

– Eu te mandei o endereço por mensagem.

– Eu posso te dar uma identidade falsa e você entra como hóspede...

– E as câmeras?

– Eu posso te enviar uma máscara de silicone com uma pessoa para aplicar.

– Não. Isso não vai disfarçar o meu tamanho, Béliço. Eu preciso que as câmeras estejam desligadas.

– Então vai ter que ser um apagão.

– E se eles tiverem um gerador?

– Eles têm. Eu desligo antes e, depois, o resto do prédio.

– Preciso de um uniforme da companhia elétrica também.

– Tá. E armas?

– Não. Tava pensando em alguma coisa mais sutil.

– Vai passar a matar os caras na mão?

– Não é isso. Você tem algum veneno pesado?

– Tenho um aqui que você não vai gostar do preço, mas é indetectável. Vai parecer que o cara morreu de ataque cardíaco.

– Ok. Esse mesmo.

– Ele vai estar no bolso direito do uniforme.

– Ok. Em quanto tempo?

– Desce em duas horas.

— Ok.

Faço um lanche rápido, visto uma calça jeans, uma camiseta branca e os tênis que usei da última vez que pintei a casa, há dois anos. Mesmo preferindo um bom terno em quase todas as ocasiões, a indumentária sempre deve se ajustar às circunstâncias. Não o contrário. Um terno normalmente me ajuda a passar despercebido, mas, num hotel de frente para a praia, só causaria estranhamento. Com a camisa do uniforme, vou estar virtualmente invisível em meu disfarce de funcionário da companhia elétrica.

Para o bem ou para o mal, as pessoas usam seus preconceitos para associar o que você veste a quem você é. Aprendi isso com Assassino, no ônibus. Foi seu terno caro e sua cara de gringo que me impediram de enxergar o monstro que ele era.

Na hora marcada, um veículo da companhia elétrica está me esperando a uma esquina de casa. É um modelo popular que já seria desconfortável para alguém do meu tamanho se estivesse sozinho. E tenho três companhias.

Nenhum deles olha para mim. Ninguém fala comigo. Devem imaginar o que sou e, se pudessem, se negariam a me ajudar. Favores. Eles devem favores a Bélico. É óbvio, mas só entendi agora. Exatamente como os agentes penitenciários. Não paguei o suficiente para que eles se arriscassem a ser presos. E isso considerando que Bélico não teve nenhum lucro, o que não foi o caso. Imagino se ele está me envolvendo na mesma armadilha em que prendeu todos esses capachos. Cada vez que ele me ajuda a eliminar meus alvos, fico mais preso em sua teia.

Agora não é hora para temores. Apenas digo o nome do hotel e fico no carro enquanto eles aprontam a cena para meu show. Enquanto um se esgueira e joga algum produto no combustível do gerador, os outros dois cortam a luz da rua. Em menos de cinco minutos, já estão recebendo gritos furiosos do gerente do hotel.

Eles argumentam que se trata de uma manutenção preventiva da prefeitura e que um hotel daquele porte deveria ter um gerador funcionando. Quando o gerente fala que o hotel possui o aparelho, eles oferecem ajuda para resolver o problema. São convincentes.

Com a atenção desviada, sigo pelas escadas. Sem o ar-condicionado, chego completamente suado ao sétimo andar, onde um funcionário do hotel me pergunta o que está acontecendo. Eu não tenho tempo para lidar com ele. Apago-o com um soco que ele não esperava.

No mais, o hotel está silencioso. Os hóspedes que não estão dormindo já devem estar na praia. Continuo subindo com o cuidado de não fazer barulho.

Chego à porta do alvo. Não tive tempo hábil para descobrir seus hábitos no hotel. Ou se, pelo menos, ele está no quarto agora. Devia ter sido mais cuidadoso. Posso estar gastando tempo, dinheiro e sorte à toa. De qualquer forma, o que está feito, está feito. Bato três vezes na porta.

— Senhor. Estamos experienciando uma pane elétrica e precisamos evacuar o prédio.

Nenhuma resposta. Nenhum som.

Bato novamente.

— Senhor, precisamos evacuar o prédio. É uma emergência. Eu sei que o senhor está aí — tento simular pânico. Não parece surtir efeito. — Senhor! Por favor.

O quarto continua em silêncio. É hora de invadir. Pego a única arma que trouxe, uma faca de arremesso, e a uso para arrombar a porta. Entro com cuidado, segurando a faca em uma mão e o pequeno pote de veneno na outra. Se puder, vou evitar derramamento de sangue.

Verifico rapidamente o banheiro e vou em direção à cama. Não vejo ninguém. Estou sozinho no quarto.

Minha mão age sozinha e bloqueia um ataque que não previ. Do

banheiro, meu alvo tenta me atingir com um bastão retrátil. Ele acerta dois golpes no meu antebraço. A faca me foge da mão. Rolo no chão tentando recuperá-la, mas ele a chuta para longe. Então, vai ser desarmado. Finalmente.

— Esperava que o outro viesse. Ia ser melhor que enfrentar o carnicheiro.

— Outro? Que outro?

— O seu amigo pistoleiro.

— Amigo? Eu não tenho nenhum amigo. O único que tinha morreu.

Ele aproveita minha distração e ataca. Mas, sem o elemento surpresa, ele não é páreo para mim.

Ele tenta me golpear com toda a força. Eu bloqueio. Com a mão livre, o esgano. Em questão de segundos, não tem mais forças para empunhar o bastão. Ainda segurando seu pescoço, pego o frasco no chão e enfio o líquido goela abaixo, me certificando de que ele engoliu tudo.

— Já pode me soltar agora — pondera, com dificuldade. — Você já venceu.

Nunca vi ninguém aceitar tão tranquilamente a morte. Sabe que tem apenas poucos minutos de vida e não se incomoda. Isso me choca um pouco.

Solto seu pescoço e recolho o bastão e minha faca. Fico atento para qualquer tentativa de reação. Quase lanço minha faca quando ele busca um charuto no bolso do paletó. Ele sorri ao me ver aflito e me oferece um trago.

— Não gosta de cubanos?

— Eu não fumo.

— Você não fuma... — Ele ri. — Quando eu era jovem, ninguém pensava na saúde como hoje em dia. E, mesmo se a gente pensasse, me parece uma ideia idiota me preocupar com um enfisema num ramo desses. Talvez, se tivesse me preocupado, isso faria a diferença hoje.

— Eu ainda te venceria. — Estou nervoso com a situação.

– Verdade. Você é um brutamontes.

– Se você me esperava, por que não atirou em mim? – pergunto. – Você é velho demais para não usar armas.

– Eu sou velho demais? – Ele ri como se fôssemos amigos, como se eu não tivesse executado sua sentença de morte. – Seu filho da puta! Vai se foder! Porque, curiosamente, meu fornecedor atrasou a entrega das armas.

Bélico. Minha respiração para. É o segundo cliente dele que elimino em menos de uma semana. Todos eles, alvos indicados pelo blog. Não pode ser apenas uma coincidência.

– Você parece tenso. Já percebeu que está sendo manipulado ou quer que eu te explique como as coisas funcionam?

Minha cabeça está girando. Eu comecei a acabar com os alvos para impedir que eles fizessem novas vítimas. Matar criminosos para não permitir que pessoas inocentes fossem mortas. Contudo, não passo de um tolo com uma arma na mão, sendo usado como assassino de aluguel e ainda pagando uma fortuna por isso. Que tipo de idiota eu sou?

– Pela faca, eu diria que você é quem eles chamam de Segundo Caçador.

Eu permaneço em silêncio para não demonstrar a surpresa de ser desmascarado pela primeira vez.

– Acertei, não? – continua. – Você tem feito um bom trabalho. É uma pena que tudo tenha que acabar assim. Nós podíamos ser parceiros.

– Nunca!

O esforço de falar leva vômito à minha garganta. Eu engulo de volta com alguma dificuldade. Pego uma água no frigobar e bebo a garrafa quase inteira. Isso faz eu me sentir melhor.

– Está passando mal? Quer se deitar?

Tiro a camisa do uniforme. E me sento na cama. O calor está insuportável. Seria ótimo se eles religassem o ar-condiciona-

do. Não estou preocupado com o alvo nem com minha fuga. Ele estará morto em alguns instantes. Depois me viro para sair daqui.

Em vez disso, me concentro no que ele me falou. E minha cabeça dói ao pensar como fui tão ingênuo. Como um advogado experiente em enganar júris e juizes pôde ser iludido tão facilmente?

Sinto-me fraco, pequeno. Meus pulmões parecem insuficientes para o meu tamanho. Arfo.

— Então você achava que podia confiar num blog anônimo e num vendedor de armas?

O blog, o fornecedor, o professor e o assassino. Todos estão unidos nessa trama contra mim.

As armas me escapam das mãos. Vejo-as quicando no chão, mas não tenho ânimo para pegá-las de volta. Elas não têm mais finalidade hoje. Lágrimas enchem meus olhos e minha garganta está tão fechada que não consigo engolir.

Ele se levanta com facilidade. Em quanto tempo o veneno vai fazer efeito? Ele já deveria estar agonizando agora. Caminha com calma em minha direção, se abaixa e pega a faca. Eu vejo isso acontecendo e tento impedir. Meu corpo não responde. Tem alguma coisa esquisita comigo.

Ele sorri para mim e joga a fumaça do charuto em meu rosto. Eu me sinto mais atordoado e deito na cama, sem forças. Alguma coisa em seu charuto está me matando. Só posso torcer para que o veneno faça efeito logo. Entretanto, sei que não vai fazer. Desta vez, sou eu quem foi traído por Bético.

Me olha com pena. Como se eu fosse uma criança indefesa que ele não queria matar. Que ironia. Há alguns dias, acreditava que era indestrutível. Hoje, não passo de uma mosca numa teia de aranha.

— Espero que você entenda a minha posição. Nós somos iguais, eu e você — analisa. — Eu nunca matei um inocente. E, pelo que acompanhei nos jornais, você também não.

— É uma pena... — continua. — Faríamos uma boa dupla,  
eu e você.

Ele levanta a faca, minha faca. E então cai sobre mim.

# O RESGATE

Abro os olhos. O céu está lindo. Completamente azul. Sem uma nuvem sequer. Se conseguisse esquecer o calor insuportável desta cidade e todos os crimes em meu currículo, poderia até achar que morri e ascendi. Por isso não ser possível, estou vivo.

Tento me sentar e não consigo. Ainda estou um pouco zozno. Minha garganta está seca. Meus olhos, embaçados. Tento novamente e desta vez me sento com sucesso. Estou no terraço de algum prédio perto do mar. O cheiro de maresia e a ausência de prédios à minha frente me dizem isso. Apoio no parapeito e confirmo minha suspeita. Ainda estou no hotel.

– Cuidado aí! – alerta alguém.

Seria meu alvo? O que ele fez comigo? Por que ainda estou vivo?

– Toma isso aqui – ele me entrega uma garrafa.

A prudência diria para não beber de uma garrafa dada por alguém que tentou te envenenar, mas a sede é grande. Bebo até a

metade, até que percebo que é leite. Eu não tomo leite. Eu odeio leite. Vomito tudo o que bebi e comi desde o início do dia.

— Boa — anui. — Bota isso pra fora.

Depois que vomito nos meus pés, minha mente clareia um pouco. Com o leite, devo ter expelido uma parte do veneno. Forço a barra e tomo a outra metade da garrafa. Depois da terceira ânsia de vômito, acredito que o líquido vai ficar em meu corpo. Infelizmente, o gosto também fica.

Levanto com dificuldade. Sou escorado quando quase caio. Ele me afasta do parapeito. Estou perto demais e atordado demais para me aventurar a ficar em pé. Mas, se ele tentou me matar, por que está impedindo que eu morra num acidente? Não faz sentido. Procuo o ferimento de faca em meu peito, e ele não está lá. Decididamente, tem alguma coisa esquisita acontecendo.

— Cara, se você continuar andando desse jeito, vai cair daqui de cima.

Conheço esta voz. Não é o velho matador. É de alguém da minha idade. Definitivamente, não é meu alvo. É outra pessoa. Mas não lembro bem quem é. Minha cabeça está uma zona. Eu devia estar morto e estou vivo. Ainda não entendi o porquê disso. Viro a cabeça e tento focar a vista, mas não consigo enxergar com clareza. Vejo apenas a silhueta de três pessoas. Uma delas é quem está me ajudando a sentar. A que falou comigo agora está saindo de perto de mim para se juntar à terceira.

— Porra, você é pesado, hein? — reclama. — Não ia conseguir te trazer até aqui se não tivesse ajuda.

Sua voz é um pouco esquisita. Ela me lembra alguém. Mas minha mente está embaralhada.

— Onde estou? — pergunto, para testá-lo. Quero saber se vai mentir para mim.

— No terraço do hotel.

— O que aconteceu?

- Você foi drogado e ia ser esfaqueado quando eu entrei.
- Você matou o cara?
- Matei.
- E por que ele não morreu com o veneno? Bélico me traiu
- Minha voz soa infantil na minha mente.
- Ouviu isso, Bélico? – instiga, gargalhando.
- Ei! Se não fosse por mim, você estaria morto, cara! A culpa é sua se você escolheu logo a única coisa que não mataria aquele velho desgraçado.

Então esta é a voz de Bélico sem a distorção que ele usa no telefone. Achava que era mais velho. Como uma pessoa tão jovem consegue ser um fornecedor de armas tão importante numa cidade tão cheia de armas? Mas as vozes podem enganar. Ele deve ser mais velho do que a voz aparenta.

– Ele era um assassino das antigas – explica o que me ajudou a sentar. – Tomava um pouco de veneno todos os dias para ficar imune a tudo quanto é tipo de toxina. Foi por isso que ele não foi afetado pela fumaça também.

– Se ele já está curioso é porque já está bem – pondera Bélico. – Eu vou indo então.

Ele e a terceira pessoa, a que está em silêncio, me dão uma última olhada. Eu levanto a mão para tentar impedir que partam. Eles me ignoram e fecham a porta do terraço antes que eu possa fazer mais perguntas.

- Quem são eles?
- Bélico e um policial que tá no nosso time.
- Time? Que time?
- Uma parceria, você poderia dizer.
- E por que vocês me salvaram? Sou uma arma que vocês não podem perder, é isso?
- Porque você não está sozinho nisso, rapaz. Você faz parte de um movimento muito maior do que consegue ver.
- E que movimento seria esse?

– Você vai saber na hora certa.

– E quem é você? Me diz qual é o seu nome.

Se ele eliminou meu alvo, é um matador como eu. Talvez seja o Primeiro Caçador e acredite que sou tão nobre quanto ele. Como ele está enganado. Será que ele sabe que sou o Segundo Caçador? O carniceiro, como disse meu alvo. Ou o Maníaco da Faca, como diz o jornal. Se tem um plano para mim, ele sabe quem sou. Ou talvez Bélico o esteja manipulando também. Se me reconhecesse, teria me deixado morrer. Ou teria me matado ele mesmo.

– O meu nome não importa, amigo.

A sonolência volta. A voz dele está ficando distante. Não vou continuar acordado por muito tempo.

O leite! Merda! Eles colocaram alguma coisa nele. Não é possível! Fui drogado pela segunda vez no mesmo dia. Minha consciência vai me abandonando rapidamente. Minha cabeça despenca para trás. Ele me segura e me deita no chão.

– Assassino – anuncia.

– Hã?

– Você costuma me chamar de Assassino.

– Gatinho, você acordou!

– Aninha? – Me sento abruptamente. Espero a tontura, mas ela não vem. – Onde eu estou?

– Vai com calma, meu queridinho. Você está no hospital.

– Por que eu estou aqui? O que aconteceu?

– Você passou mal e um vizinho seu ligou para a ambulância.

– Ela segura minha mão, aflita. – Eu vim assim que soube.

– Que vizinho?

De rompante, minha memória volta. O hotel. O alvo. O terraço. Bélico. Assassino. E lembro como fui uma marionete nesse jogo de assassinatos. A vergonha acompanha as lembranças. Fui um cordeiro vivendo em terra de lobos. Enganado por um homicida sanguinário e pelos ideais infantis de meu amigo morto. O que tanta

violência poderia trazer além de destruição? Se realmente gentileza puder gerar gentileza, então violência com certeza gera mais violência. E esse é o legado que criei.

– Não sei. Mas temos que descobrir! E mandar um presente para ele. Ele salvou a sua vida!

– Verdade. Mas o que eu tive?

– Intoxicação alimentar – responde, com uma cara sofrida. – Você comeu alguma coisa estragada e passou mal. Por acaso, você comeu alguma coisa que eu não comi ontem?

– Não que me lembre.

– Deve ter sido aquela comida mexicana que a gente pediu.

– Deve ser isso – digo para disfarçar. – Eu comi mais do que você.

Ela me olha de um jeito estranho. Como se soubesse de algo que não sei e estivesse com medo de me contar. Será que eu disse alguma coisa enquanto estava apagado?

– Que foi? – pergunto, carinhosamente.

– Eu tinha que ter ficado em casa com você! Mas eu achei que você tava só fazendo manha para não ir trabalhar, porque não gosta do trabalho – revela, abalada. – Me desculpa por não ter acreditado em você. Você não merece isso. Você não merece uma pessoa que te deixa de cama para ir trabalhar!

Depois de tê-la enganado de novo para correr atrás de mais um alvo, é ela quem me pede desculpa. Isso me parte o coração. Ela é a única pessoa que está em meu leito, a única pessoa que está comigo quando mais preciso. Ela, e mais ninguém, está do meu lado. E eu continuo mentindo para ela. Que tipo de pessoa eu sou? Pior: ainda sou uma pessoa?

Em silêncio, faço uma promessa irrevogável. Só mais um alvo. Um único e mais nenhum outro. Um alvo que eu procure, escolha e elimine sozinho, sem a ajuda de ninguém. Sem ser manipulado por ninguém. E nunca mais matarei um ser humano.

Depois, minha vida será dedicada exclusivamente a fazê-la feliz.

– Esquece isso – digo. – Eu só estava enjoado na hora que você saiu.

– Mesmo assim...

– Você não tinha como saber que eu ia piorar, Aninha. – Seguro suas mãos. – Olha para o lado, minha linda.

– O que tem? – pergunta, confusa.

– Dentro deste quarto, estão todas as pessoas que se importam comigo. Nem minha mãe está aqui. Só você.

Ela sorri para mim. Eu limpo suas lágrimas e sussurro “eu te amo” em seu ouvido.

Ela me abraça apertado e, mesmo sem ver o seu rosto, sei que não continua triste.

– Eu sei! – concorda, orgulhosa.

Desde meu *début*, cinquenta de meus alvos já morreram. Desses, quarenta e nove por minhas mãos. Muito mais que esse número se eu contasse os que não eram alvos. No início, eliminar cinquenta psicopatas era uma meta ambiciosa, que me deixava orgulhoso. Estava fazendo o máximo pela sociedade, sacrificando minha felicidade para melhorar a vida das outras pessoas. Acreditava que, para cada alvo que eu eliminasse, salvaria um inocente. Hoje, essa máscara de mártir caiu por terra. Sou um serial killer como qualquer outro. Cruel, violento e viciado em matar. Se sou melhor que alguns deles, é pelas vítimas que escolho. Se o Primeiro Caçador soubesse quem sou e onde moro, eu não estaria mais vivo. Tenho certeza disso. Se ele for alguma espécie de monstro, sei que é de um tipo mais nobre.

Em seis meses de ação, não fui nada além de um fantoche nas mãos de estranhos. Nada mais que um cão adestrado, atacando quando era ordenado. Abdiqueei da minha alma. Coloquei Aninha em perigo. Transformei a vida de tantas pessoas num inferno de

sangue e agonia. Enchi seus familiares de pesar e ódio. Tudo por acreditar num sonho que nunca foi meu.

Assim que saio do hospital, decido fazer algumas mudanças para começar a retomar o controle sobre minha vida. A primeira é na rotina. Abandono imediatamente a academia e as aulas de Sensei. Nada mais de desmaiar em esteiras ou de desviar de dezenas de facas todos os dias. Se Sensei vier a cumprir sua promessa de me matar, estarei esperando. Pronto para enfrentá-lo.

A segunda mudança é espiritual. Decidi perdoar Assassino por todo o mal que me fez. Na verdade, já não o odeio há algum tempo, mas não conseguia assumir. De todos, ele foi o que mais esteve a meu lado, sinceramente se preocupando comigo e tentando me ajudar. Lógico que o jeito como ele escolheu fazer isso foi inquestionavelmente errado. Porém, com toda a sua crueldade, foi ele quem me ajudou quando precisei. Agora está claro que ele tinha planos para mim. Ele e o grupo que integra. Contudo, creio que sua preocupação seja verdadeira. E, se eu estiver certo, ele vai entender minha decisão de parar. Caso contrário, terei que o eliminar.

Também tenho pensado muito em minha relação com Aninha. Gostaria de passar uma borracha em meu passado e começar tudo de novo, do zero, jogar limpo. Contudo, tenho que ser corajoso e contar a ela todos os meus segredos. Algum dia, meu passado pode alcançá-la, e nada seria pior para ela do que descobrir tudo vendo a polícia invadindo minha casa para me levar preso. Ela se sentiria traída e talvez perdesse a crença nas pessoas. Ou me encontrar com um tiro na testa, e passar a vida acreditando que não havia razões para que eu sofresse uma violência dessas. Ela precisa saber de tudo, enxergar que tipo de ser humano eu fui para, então, decidir se vai querer ficar comigo. Com o pacote completo, com monstro e pessoa. Se ela me aceitar sabendo disso, serei a pessoa mais feliz. Se não, sofrerei sozinho, sabendo que fiz o que era certo.

O tempo de escolhas simplistas acabou.

No entanto, restam ainda algumas pontas soltas em minha conclusão. Não desisti, nem desistirei, de meu último alvo. Ele representa para mim a absolvição de todos os meus crimes. Por isso mesmo, deve ser a pior pessoa que existir. O maior benefício, não importa o custo. Estou disposto a tudo, mas não tenho ideia de quem poderia ser. O único limitador é o tempo. O alvo tem que ser eliminado em até dois meses. Na festa de formatura de Aninha, serei uma pessoa diferente, uma pessoa digna dela.

Além de, obviamente, dar um novo rumo para minha vida profissional.

A última questão é a mais complexa de todas. Sabendo que tenho um impulso para matar pessoas, preciso achar uma forma de me controlar. Se pudesse apenas deixar de dormir e sonhar, minha cabeça não me atormentaria com os rostos de crianças mortas pedindo por justiça. Isso facilitaria minha vida. Se pedisse a ajuda de um psiquiatra, acabaria dopado ou trancafiado num hospício. Isso está fora de questão. Preciso achar algum jeito de lidar com a culpa de não as ajudar, sem que a vontade de agir seja imperativa.

Minha cabeça está cheia com esses pensamentos até que a vendedora volta, orgulhosa, trazendo uma caixinha. Então, só penso em Aninha. Imagino-a linda em um vestido longo, girando feliz como uma princesa e mostrando a todos o presente que lhe dei.

Nem consulto o preço, apenas compro.

É com esse anel que Aninha irá aceitar fazer parte de minha nova vida para sempre.

# O ÚLTIMO

O que eu achava que seria um dos problemas mais difíceis de decifrar foi resolvido sem minha participação. Quando ainda não havia começado a me preocupar com ele. Afinal, qual alvo seria digno da aposentadoria do Segundo Caçador? A resposta, que parecia impossível de ser encontrada, era de certa forma óbvia. O maior benefício será obtido quando se eliminar a pessoa que mais atrapalha este país. E quem seria o indivíduo cuja mera existência é obscena? Este será meu último alvo.

Entretanto, eu tinha deixado o problema para o futuro e, enquanto este não chegasse, estaria feliz jogando meus jogos de guerra. Então, foi Aninha que achou a resposta para mim.

— Esse sujeito é ridículo! — reclama. — Como é que pode?

— Quem?

— Esse idiota desse senador. Ele acha que, porque é senador, pode fazer o que bem entender?

Olho para a televisão e vejo um de nossos mais ilustres senadores usando a força de seus seguranças para conseguir fugir

da multidão de jornalistas. Admito que conheço poucos senadores, mas este o país inteiro conhece. É um integrante da nata da corrupção. Com seu grupo de aliados, é suspeito de envolvimento em todas as grandes falcatruas da nação.

Ainda que eu tivesse um apego pessoal pela ideia, ninguém do grupo dele entrou para a Lista porque eu não escolhia políticos como alvos. O trabalho seria enorme para eliminá-los, e, em dias, suplentes que já conhecessem todos os esquemas assumiriam seus lugares. Se nada for mudar, o risco não vale a pena.

– Conheço esse cara. – Olho rápido e volto minha atenção ao jogo do computador. – Ele está envolvido nessas roubalheiras todas.

– Quem dera se fosse só isso...

– “Só isso”? – Pauso o jogo. – Como assim? O cara dá um prejuízo enorme para o país.

– Porque ele está sendo investigado por trabalho análogo ao escravo e várias mortes suspeitas na região.

– E o que a polícia diz disso?

– O boato é que ele comprou a polícia militar e civil do estado.

– Então tá tranquilo, que ainda tem a Federal.

– Isso não é brincadeira, Will – rebate, irritada.

– Eu sei que não é. Foi mal.

Abandono o computador de vez e sento no sofá ao lado dela.

– Mas, infelizmente, não temos o que fazer, além de votar melhor – digo.

– Como você pode acreditar nisso?

– Não entendi.

– Toda vez que você fala daqueles maníacos, aqueles Caçadores, você não consegue esconder o orgulho por eles.

– Hã?

– Eu te conheço, Will – declara. – Aposto que você até já pensou em fazer parte desse bando de malucos.

– Como assim?

— Vamos lá: você começou a fazer uma luta, sempre que eu uso o seu computador, todas as propagandas são de armas e o único blog que você lê é quase um memorial daqueles Caçadores.

Fico quieto. Nunca pensei que tinha deixado tantas pistas assim. Preciso ser mais cuidadoso. Se ela não tivesse tanta fé em mim, já teria desconfiado.

Minha cara de desespero deve ter sido grande, porque ela sorri com compaixão.

— Não tem problema, Gatinho. Depois da violência que você sofreu, é normal querer revidar — continua, com suavidade. — O importante é que, mesmo com tudo que você passou, você não abriu mão da sua sanidade, como esses animais.

À mente me vêm os tiros, as facas e os porretes que me acertaram nessa peregrinação pelo inferno, e nada foi mais doloroso que ouvir isso. Ela parece que está escolhendo a dedo o que falar para me ferir. Só a morte de Pedrão está um nível acima em minha escala de sofrimento. Meus olhos se enchem de lágrimas, e luto para não as deixar sair.

Aninha me abraça sem entender o que disse de errado. Acha que está me apoiando, mas enfiou uma farpa em meu coração. Uma farpa merecida, é verdade, mas isso não alivia a dor. Agora não sobram dúvidas nem esperanças sobre o que achará quando souber o que esconde dela. Mesmo assim, não vou me acovardar. Ainda vou lhe contar tudo, e talvez este seja o melhor momento que terei.

— Você tem estado muito sensível, Gatinho — conclui. — Quer conversar sobre isso comigo?

Esta é a hora. Um momento que não vai se repetir.

E eu o deixo passar.

— Nada de novo. É a mesma coisa de sempre — digo. — Mas por que você começou a falar dos Caçadores?

— Porque eles vivem tirando de circulação criminosos menores e sem importância. Aí, quando aparece alguém realmente mau, eles não vão fazer nada?

— Então você acha que eles tinham que matar o senador?  
— pergunto, confuso.

— Matar não. Matar é demais — pondera. — Mas bem que eu gostaria que eles dessem uma boa surra nesse canalha.

— E depois que dessem essa surra no senador, você acha que ele iria mudar? — Tento disfarçar meu interesse. — E, se mudasse, você acha que ia fazer diferença pro resto? Você não acha que esse bando de safado iria roubar mesmo sem ele?

— Talvez sim. Talvez não. Mas, se nada mudasse, pelo menos alguma coisa ia ser feita. Não aguento mais ver tanta impunidade.

Ela esfrega as mãos no rosto, aflita. Nunca a vi fazendo qualquer apologia à violência. Parece que todo mundo tem um limite. Quando ele é ultrapassado, o que resta é o caos, o instinto animal.

— E ia mandar uma mensagem para os outros — continua, séria.

— Que mensagem?

— Que todos têm que pagar pelos seus crimes.

Sorriso. Não vejo a hora de contar a ela que sou o monstro que faz justiça quando ninguém mais consegue. A punição pela qual até ela clamou. De alguma forma, vou deixá-la orgulhosa de mim. Não completamente, mas um pouco.

Como meu último alvo está decidido, inicio o plano para tirar sua vida. Estou animado com minha aposentadoria em grande estilo. Vou mandar uma mensagem clara a todos os criminosos. Eles irão me temer por vários anos, acreditando que eu posso aparecer a qualquer momento e trazer suas punições na ponta de uma faca.

A parte principal de meu planejamento é uma pesquisa consistente sobre o alvo. Para minha surpresa, ele é um sujeito ainda pior do que a opinião pública acredita. Sua ficha criminal

começou na adolescência, quando duas jovens o denunciaram por violência sexual. Ele as acusou de calúnia e difamação, e pouco depois elas foram encontradas mortas. O caso acabou sendo arquivado por causa da influência do pai dele com os militares. A partir de então, desaparecimentos e acidentes suspeitos começaram a ficar comuns no entorno da propriedade da família. Nem seu pai escapou e foi atropelado na própria fazenda.

Com o final da ditadura, ele decidiu que ninguém seria melhor do que ele para representar o povo de seu estado. Através da compra de votos e ameaças, não deixou de ser eleito em nenhuma das eleições de que participou. Nas últimas, seu adversário desistiu de concorrer uma semana antes do dia da votação e se mudou de estado. Mas nenhuma denúncia foi registrada contra ele, nem no tribunal eleitoral, nem na justiça comum.

Sua fortuna aumentou exponencialmente desde a morte do pai. O que era a maior área de cultivo e criação da cidade, hoje, é uma das maiores do país. No processo, engoliu as fazendas vizinhas com aquisições em que o preço de compra representava uma pequena parcela do valor real da propriedade. Os que não aceitavam mudavam de ideia e doavam as terras antes de desaparecerem.

Na região, sua palavra vale mais que a lei. Exatamente como nos filmes de velho oeste. E, como os tiranos famosos de nossa história, ele passou a investir na propaganda de sua imagem. Para isso, comprou por meio de suborno a concessão de uma emissora de TV e de várias estações de rádio.

Mesmo assim, no último mês, sua imagem foi abalada quando uma fonte anônima divulgou um relatório preliminar do Ministério do Trabalho que afirmava haver evidências de trabalho escravo e tortura na fazenda. Ele agiu rápido, e, ontem, o mesmo ministério negou que existissem investigações ou indícios de exploração de trabalhadores em sua propriedade.

O que originou a ira de Aninha foi a entrevista que Senador deu, dizendo que tudo foi uma armação contra ele. Mais uma armação feita por seus adversários políticos, querendo impedir que o incrível desenvolvimento de seu estado alcance o resto do país. Não é segredo que ele quer se candidatar à presidência. Seu estandarte é que seu estado tem a maior taxa nacional de crescimento econômico. O que ele nunca divulga é que o mesmo estado é também o mais pobre de todos.

Falta cerca de um ano para as eleições. Mas ele não ganhará desta vez. Não se eu puder impedir.

Encaro sua foto no principal jornal do país. A reportagem é levemente ácida, mas não chega a arranhar sua imagem. Nem a mídia mais poderosa em todo o território nacional, famosa por suas manipulações eleitorais, pode com ele.

Este crápula será meu derradeiro alvo. Vou destruir o último baluarte de um coronelismo que insiste em não morrer. Nunca tive motivações políticas, mas me sinto um revolucionário defendendo meu país de seu maior perigo político.

Sinto que todos os alvos anteriores deram o sangue para me preparar para a verdadeira missão, para meu verdadeiro alvo. De certa forma, Senador será o primeiro.

A ansiedade não me permite dormir. Imagino como vai ser, não sua morte, mas o anúncio de seu assassinato. Sua morte está quase certa. Provavelmente, uma faca silenciosa na noite, enfiada por baixo de seu queixo. Para que todos saibam que foi o Segundo Caçador que acabou com este problema. Mas é a repercussão da violência que mantém minha mente girando.

Quero ver quem vai me apoiar abertamente, aqueles que o farão de forma velada, os que serão meus oponentes ferrenhos e os que estarão morrendo de medo de ser o próximo. Não haverá próximos, mas eles nunca saberão disso.

Rio imaginando uma manchete dizendo que a democracia está em risco. O que é engraçado por duas razões. A primeira é que nada é mais frágil que uma democracia. Uma pessoa sozinha pode destruí-la com ou sem apoio do povo. A segunda é que duvido que este país já tenha experimentado um regime democrático verdadeiro. Sendo o povo manipulado desde as primeiras eleições, seria este um governo de todos ou o governo de alguns?

E é para os poderosos que a mensagem será mais clara. Atrás de seus muros eletrificados, da proteção de seus seguranças particulares, dentro de suas mansões e carros blindados, enquanto estiverem no nosso território, estarão correndo perigo. E, mesmo sem nenhuma outra morte, eles vão se esforçar para não chamar minha atenção até que se esqueçam de quem sou e do que fiz com uma das pessoas mais poderosas desta nação. Se a justiça oficial não chegar até eles, eles acreditarão que um dos Caçadores estará a caminho.

Não tenho dúvida de que os hipócritas tentarão me atear fogo. Na visão deles, serei apenas um terrorista tentando destruir o país. Depois de um juiz federal, um senador da república. Quem seria o próximo? O próprio presidente? E eles não deixam de estar certos. Estou destruindo um pedaço, mas é a parte mais suja e podre.

Eles apenas não têm estômago para enxergar o lado positivo do caos.

A reação do povo é minha grande angústia nessa equação. Com um opressor tão poderoso sendo assassinado, eles poderão me ver como um justiceiro que não sou. Não estou preocupado em fazer justiça ou em vingar os que sofreram com meus alvos. Minha única intenção é eliminar aqueles que nos prejudicam. Minha visão é o bem-estar futuro das pessoas. E, mesmo que o trabalho pareça infinito, pelo excesso de ervas daninhas no jardim, concordo com os hipócritas sobre não existir espaço nem para mim, quanto mais para um país de matadores. Sou uma anomalia que a sociedade não

pode ter. E nossa sociedade já tem duas. Réplicas só farão as coisas piorarem. Para o país, seria mais perigoso que positivo.

Por isso, meu último crime tem que ser feito de forma suja. Tem que parecer algo tão sórdido que ninguém tenha coragem de me apoiar abertamente. Apenas desse jeito, ficarei tranquilo quanto a meu legado de terror e poderei destruir a Lista de uma vez por todas.

Infelizmente, a escolha deste alvo também me traz sérios problemas. Por ser um homem público, ele é menos vulnerável a ataques. Por ser um senador, a quase totalidade dos lugares que frequenta tem acesso limitado ou vigiado, além de ele dispor do serviço de vários seguranças particulares. Por ser uma figura polêmica, a mídia o segue em todos os lugares que consegue, tornando difícil que eu não seja reconhecido depois do ataque. Considerando que consiga atingi-lo e fugir de seus seguranças.

Com tantos aspectos desfavoráveis, um ataque corpo a corpo está longe de ser recomendado. Considerando que minha mira é discutível e que o alcance é limitado, minhas facas de arremesso também não são as armas indicadas. Minha terceira possibilidade, o uso de um disfarce para matá-lo com venenos ou pequenas armas, não deixaria a cena do crime tão imoral quanto quero. Para o que almejo com este alvo, o melhor seria utilizar um rifle de precisão e explodir sua cabeça bem na frente das câmeras. Mas nunca usei um rifle e não tenho tempo para aprender. Uma pena que não ouvi os conselhos de Assassino quanto às armas.

Para complicar ainda mais a situação, se eu for tanto ao senado quanto à fazenda, precisarei chegar de avião. Isso me traz três problemas adicionais. Primeiro, não posso levar minhas armas por avião. Elas levantariam suspeitas demais e seriam facilmente ligadas à morte do alvo. E ainda existe a possibilidade de no local do acerto de contas eu perder alguma faca, que poderia ser rastreada pelos dados coletados no aeroporto. Isso me leva ao segundo problema. Preciso achar na região um fornecedor de armas que

seja confiável. Imagino que Bélico tenha seus contatos, mas não sei se ainda posso confiar nele. E, por fim, não sei o que dizer para Aninha. Será uma caçada mais longa do que o normal e não quero mais mentir para ela. E, mesmo se quisesse, não sei o que dizer que não faça suas desconfianças, que ela tenta esconder de mim, aumentarem. Tem que ser algo simples e urgente, para que ela acredite com facilidade e entenda minha necessidade de me ausentar por alguns dias.

Por enquanto, não tenho as respostas necessárias para que meu plano seja infalível. Vou precisar de mais tempo ou mais recursos, mas não os tenho tanto assim. Faltam menos de dois meses para a festa de formatura de Aninha. Irremediavelmente, minha vida de Caçador acabará antes disso. E não tenho o maior recurso de que gostaria de dispor: a ajuda do Primeiro Caçador. Meu alvo é ideal para ele. Mas nem ao menos tenho seu contato. O jeito é torcer para que uma oportunidade única caia do céu. Bem no meu colo.

# A DESCOBERTA

Uma semana depois de definir Senador como meu último alvo, não consegui nenhuma evolução real em minhas maquinações, por mais que o assunto não me saia da cabeça. São tantas variáveis que, quanto mais penso sobre isso, mais o plano fica complicado. Até agora, está decidido que irei matá-lo na calada da noite. Entretanto, a ideia é tão embrionária que nem o lugar foi decidido. Não sei se ele seria um alvo mais vulnerável na residência oficial, onde mora nos dias de semana, ou em sua principal fazenda. Seu apartamento tem um controle de acesso rigoroso. Na fazenda, onde não acredito que seja difícil entrar escondido pela plantação, ele controla a polícia.

Por ora, prefiro a residência oficial. Um disfarce de motoboy de farmácia ou pizzaria talvez seja suficiente. Enquanto esta decisão não é tomada, estudo a ação nos dois endereços.

Ainda procuro por armas e passagens aéreas no computador, quando meu coração para. Uma, duas, três batidas fortes na porta da frente. É exatamente como a polícia faz nos filmes.

Meu Deus! Não acredito que vou ser preso! Não acredito que vou ser preso antes de ter contado tudo a Aninha. Tinha que ter contado quando tive chance, no dia em que ela defendeu os Caçadores. Era a deixa para falar que eu era um deles. Agora, ela vai saber o que fiz e quem sou pelos jornais e vai sofrer ainda mais por se sentir traída.

Isso não é justo. Eu ia contar para ela. Só precisava de mais um alvo.

As batidas continuam, mais fortes e mais frequentes. Agora gritam meu nome. Minha cabeça está zonga enquanto corro para esconder no cofre qualquer evidência da Lista e seus alvos.

Mas ainda não consigo acreditar que eles me encontraram. Sempre fui tão cuidadoso. Bélico. Só posso ter sido traído. Porque Assassino deixou passar todas as chances em que poderia ter me prejudicado. A não ser que ele quisesse me incriminar com os próprios crimes, desde o início. Não acredito que achei que ele era meu amigo. Meu único amigo está morto.

Meu celular toca. É Aninha. Péssima hora para me ligar. Não atendo. Ela liga de novo e joga o celular na cama.

Não tendo mais o que guardar no cofre, respiro fundo e sigo para a sala. Não tenho para onde fugir e é melhor atender antes que eles arrebentem a porta. Não tem outra saída.

Respiro fundo três vezes.

E abro a porta.

— Aninha?

Ela entra com a chave na mão e distribuindo tapas.

— Onde é que está?

— Que isso? Você tá bêbada, Aninha?

— Tô! E foda-se! — grita. — O problema é meu, seu filho da puta!

Ela entra no banheiro. Sai furiosa e entra no quarto. Quando chego lá, ela já abriu todas as portas do armário e está olhando debaixo da cama.

— O que é isso, Aninha? Você tá bagunçando tudo. Por que você tá fazendo isso?

— Você é um canalha! — grita e me bate mais. — Eu sei de tudo.

Estou acostumado a sentir os efeitos da adrenalina quando estou com medo. Eu me sinto mais leve, forte e rápido. Experimentando pela primeira vez adrenalina por culpa, meu cérebro dá mil voltas tentando procurar uma explicação, uma saída. Mas meu corpo está pesado, pregado no chão. Penso em mil novas mentiras. Formas de cobrir meu monstro com uma camada de justiça.

Não vou fazer isso. Não vou enganá-la outra vez. Ela merece a dura verdade.

— Não acredito que você fez isso comigo!

Ela se joga na cama e chora como nunca a vi chorar. Seus soluços são tão altos quanto gritos. Como uma criança mimada com não mais de cinco anos de idade. Fecho a porta do quarto. Preciso de tempo para pensar. Tempo para entender como descobriu. Não faz sentido. Acaricio seus cabelos. Para minha surpresa, Aninha não afasta meu toque. Espero que se acalme um pouco.

Quando os soluços diminuem, ela me olha nos olhos. E isso dói. Despedaça-me por dentro. Vejo tanta agonia em seu rosto, que me sinto um exímio torturador. Cada movimento meu serve para lhe causar mais sofrimento.

— Como você pôde fazer isso comigo? — pergunta.

Como?

Como pude fazer isso com ela?

Não acredito que tive coragem de mentir, de enganar a única pessoa que importa para mim neste mundo, a única pessoa que esteve do meu lado enquanto eu enfrentava minhas tormentas.

Não aguento seu olhar e abaixo a cabeça. Tento, sem sucesso, conter minhas lágrimas de remorso. Não tenho o direito de chorar depois do que fiz, mas não tenho energia para me conter.

Ela interpreta minha vergonha como confissão.

Abraça os joelhos e se balança, inquieta.

— Eu queria sumir! — grita. — Eu queria nunca ter te conhecido!

Eu a abraço e trago sua cabeça para meu peito. Desta vez, ela resiste. Insisto, até ela se acalmar. Enquanto reúno coragem, sinto o cheiro de seus cabelos por alguns minutos. Isso ajuda a me acalmar também.

— Como você ficou sabendo? — pergunto.

— Não importa!

Fico em silêncio, esperando. Sei que ela vai me contar.

— Uma amiga te viu entrando num carro de noite.

Mais gente sabe que sou um matador. Pelo menos mais uma pessoa, mas duvido que ela tenha contado só para Aninha. Em questão de dias, a notícia estará nos jornais e a polícia de verdade virá me prender.

Como pude deixar isso acontecer? Sempre tomei todos os cuidados para que nem a polícia me achasse, e uma amiga de minha namorada me descobriu. Me viu entrando num carro, me seguiu e viu o que faço com as pessoas. Mesmo com todas as precauções que o motorista tomou, trocando de rota sempre que um carro ficava muito tempo à vista.

Não é possível. Ela teria que ser uma especialista e, que eu saiba, Aninha não tem nenhuma amiga policial. Tem algo errado nessa história. Alguma coisa que não está sendo dita.

— Então sua amiga me seguiu.

— Pra que ela ia te seguir? Ela te viu entrando no carro da outra na noite que você me disse que ia dormir cedo. Você acha que eu sou trouxa?

Estou confuso. Outra? Outra o quê? Se a amiga dela não me seguiu, como poderia saber o que eu fiz? Não é uma

coisa que se imagina quando se vê uma pessoa conhecida entrando num carro de luxo. Nada do que ela viu me ligaria a crime nenhum.

— Seu cínico! Não adianta você ficar com essa cara de inocente, que eu sei que você tem uma amante.

Só agora entendo do que se trata, sobre o que ela está fazendo. Ela pensa que a estou traindo. Isso, de forma estranha, é tão engraçado que, mesmo sabendo que não deveria, não consigo impedir uma gargalhada.

Seu olhar de incompreensão logo se transforma em ameaça de morte. Mesmo assim, não consigo parar de rir. Tento agarrá-la para impedir que vá embora, mas não consigo.

Ela não sai. Em vez disso, pega a cadeira e me golpeia. A raiva é maior que a embriaguez.

Levanto e viro de costas sem tentar me esquivar. Isso vai ajudar a acalmá-la e não vai me machucar. O segundo golpe quebra uma perna da cadeira. Definitivamente, ela não está feliz comigo, mas desiste de me agredir. Larga a cadeira no chão.

— Como você pode me trair e depois rir na minha cara?

Sua tristeza ofusca minha alegria imprudente. Paro de rir.

— Eu não estou te traindo — digo. — Nem te traí.

Chego perto para abraçá-la. Ela me rejeita e se vira de costas. Está chorando novamente.

— Eu nunca te trairia, minha linda — digo suavemente, virando-a até que me olhe. — Está me ouvindo? Nunca. Você é a única mulher na minha vida. Sempre foi e sempre vai ser a única.

— Como é que eu vou acreditar em você, Will? Você é cheio de mistério e vive fugindo do trabalho. Você dizia que ficava em casa, mas agora eu sei que não ficava. Você mentiu pra mim, Will! — sibila.

— Eu sei que eu menti — digo. — Eu não queria esconder nada de você, mas não tive coragem de te contar. Me perdoa.

— O que você está escondendo de mim, Will?

— Muita coisa. Mas... — Não permito que ela proteste. — Mas eu vou te contar toda a verdade.

— Você vai me dizer agora! — exige.

— Hoje você está bêbada, minha linda, e o assunto é sério demais pra conversarmos assim.

— Não! Você vai me contar agora.

— Ainda não. Ainda não dá.

— O que está acontecendo com você, Gatinho? — suplica, chorando. — Por que você não confia em mim?

— Eu confio. Só ainda não posso te contar — digo. — Mas, logo, logo, você vai ficar sabendo de tudo.

— E quando vai ser isso?

Respiro fundo e penso em dizer tudo agora mesmo. Contudo, seria injusto jogar nas costas dela o tanto que omiti nesse quase um ano, sem que ela esteja preparada. E, depois, pedir que decida se quer continuar ou não comigo. Gostaria de poder esperar o melhor momento, contudo agora percebo que ele pode não chegar. Posso morrer ou ser preso a qualquer momento, e ela precisa saber a razão do que venha a ser meu destino.

Sei que, mesmo em sua melhor reação, ela não vai permitir que eu continue com minha vida de matador. Contando agora, teria que desistir de meu último alvo. Desistir de me redimir de meus erros. Desistir de, finalmente, fazer algo de útil para a sociedade.

Mas isso já não se trata do que eu sinto ou do que eu quero. Trata-se do que é importante para ela. E ela quer a verdade.

Minha decisão está tomada.

— Amanhã — digo. — Amanhã de manhã, eu conto tudo. Todos os detalhes que eu escondi de você nesses meses.

— Promete?

— Prometo.

— Não vai ser nada agradável de ouvir — alerta.

— Mas você vai ser sincero comigo?

— Sim. Cem por cento.

— Então, por pior que seja, eu vou ficar do seu lado.

Ela me beija docemente. Tento guardar cada detalhe deste que deve ser o nosso último beijo. O gosto salgado de lágrimas, que eu adoro. Seu perfume frutado. Até o gosto de álcool me vale como recordação. Amanhã, ela não vai suportar a verdade e vai terminar comigo.

Ela parece entender a gravidade do momento. Lágrimas silenciosas não param de escorrer por suas bochechas. Suas mãos apertam minhas costas como se ela tivesse medo de que eu fosse fugir.

Sabemos que nada será como antes. Que algo puro está prestes a ser destruído. Soa indigno presenciar algo tão triste. Um ataque contra nosso amor. É a forma mais crua de pecado que já presenciei.

O beijo termina e ela se aninha em meu colo, a cabeça em meu ombro, os braços em volta de meu pescoço. Demora, mas, aos poucos, suas lágrimas cessam e sua respiração fica ritmada. E ela fica em paz.

— Eu te amo — sussurro em seu ouvido.

Ela não diz nada, apenas sorri. Acaricio os seus cabelos e rezo por um milagre que não mereço. Peço em silêncio que ela ouça o que tenho a dizer, que entenda minhas razões e me perdoe. E que continue me amando depois de me conhecer de verdade.

É então que choro como uma criancinha. Não acredito em milagres, nunca acreditei. E o que mais me dói é a culpa de ter deixado meu pesar vencer e ter ido na direção contrária. Eu fiz tudo errado. Em vez de escolher o amor de Aninha, escolhi o ódio de Pedrão.

Com a desculpa de construir algo melhor para os outros, o que fiz foi cultivar o discurso destrutivo de um adolescente irritado. E minha jornada tortuosa foi tudo, menos imparcial. Burlei minhas próprias regras. Me perdi em minhas mentiras. E me

transformei num justiceiro como outro qualquer, mergulhado em ódio e sangue. Uma besta suicida com o objetivo de levar a maior quantidade de gente para o abismo.

“A escuridão não pode expulsar a escuridão, só a luz pode fazer isso. O ódio não pode expulsar o ódio, só o amor pode fazer isso.”

Eu já conhecia essa frase de Martin Luther King, mas nunca acreditei em seu poder.

Agora eu acredito. Desde o início, só Aninha tinha o poder de me salvar.

# A VERDADE

Eu estou sentado à escrivaninha, olhando para seu rosto, quando ela acorda. Tenho nas mãos os símbolos de minha carreira de matador. A Lista e a faca de caça. Passei a madrugada inteira pensando e ainda não sei como poderia lhe explicar qualquer coisa. Nem ao menos como começar. “Aninha, veja bem, eu sou aquele assassino dos jornais. Não o outro. Aquele que você chama de monstro e os jornais, de maníaco.” Não me parece um bom começo.

Tentei imaginar como contar meu ponto de vista de uma maneira aceitável. Só para depois perceber o que eu estava fazendo. Sou deprimente assim. Preciso me esforçar para perceber quando estou manipulando a verdade para que ela aparente ser mais bonita do que é.

Está tudo errado comigo. Que direito tenho de tentar pintar de belo o bizarro? E, mesmo com toda a maquiagem possível, será que faria alguma diferença depois de tudo o que fiz?

Se a conheço bem, não terei mais do que alguns minutos de sua atenção. Ela é contra qualquer tipo de ação violenta e agora sou seu exemplo de tolo-simplista-extremista que pensa que tudo pode ser resolvido pela força. Um bruto que não conhece a diplomacia. Talvez minha única chance seja buscar uma nova lógica para os fatos, como faria o bom advogado.

Talvez seja isso que ela prefira. Como quando, às vésperas do vestibular, ela escolheu o curso de Direito por achar que esse era o caminho correto, o caminho mais civilizado. Todos são ouvidos, todos contam suas versões. E uma grande ênfase é atribuída à argumentação. O melhor orador tem mais poder.

Nem lembro por que escolhi o Direito, mas estou nessa área há tempo suficiente para saber que isso não passa de uma mentira. Existe poder na dialética, mas os que são poderosos fora dos tribunais têm a voz mais alta. Dependendo de quem você está enfrentando, sua voz nem será ouvida.

– Will? – chama. – Que horas são?

– Cinco e meia.

– E você já está acordado?

– Hum... Eu nem dormi – digo, nervoso. – Dorme mais um pouco, está cedo ainda.

Esperei a noite inteira por essa conversa e, se pudesse, eu a adiaría para sempre. Não estou preparado para perder Aninha. Mas ela não fecha os olhos como pedi. Senta na cama e se espreguiça. E fica olhando para mim, esperando que eu diga alguma coisa. Minha cabeça gira, frenética, pensando em mil formas de começar, mas não consigo romper o silêncio.

– Consertou a cadeira? – supõe, olhando para os objetos em minha mão.

– Não. Peguei outra na sala.

– Tá.

Mais silêncio.

– O que é isso na sua mão?

– Isso... – digo – é a minha Lista e a minha faca.

– E por que você tá com uma faca na mão?

Respiro fundo. Começou. Ela me olha com atenção. Eu levanto e vou até a cama. Deixo a faca na escrivaninha e levo a Lista comigo.

– Antes de começar a te contar o que tenho escondido de você, queria te mostrar esta lista – digo.

– Que lista é essa?

– Dá uma olhada.

Ela pega meu fichário e o folheia. Guardadas dentro de cada envelope plástico, várias páginas de papel. Cada uma delas com uma finalidade para o estudo de meus alvos: a relação dos crimes cometidos, detalhes sobre quando estão vulneráveis, os rascunhos dos planos. Na frente de todas, a foto de cada um dos alvos futuros, em ordem de prioridade. Pela primeira vez, a posição principal não é de Assassino. Senador a tomou. Na última página, uma relação de cinquenta nomes e a data de suas mortes. Ela não tira os olhos da última página. Sei que ela vai reconhecer alguns nomes de bandidos famosos e do primeiro alvo. Mas é o nome do juiz que detém seu olhar.

– O que é isso? – pergunta. – Que nomes são esses?

– É uma lista de pessoas mortas pelo Segundo Caçador.

– Meu Deus, Will – murmura. – E isso é seu?

– Sim.

– E por que você tem isso?

– Fui eu que fiz essa lista.

– Eu não entendo...

– Aninha, o que eu vou te confessar não vai ser bonito de ouvir nem fácil de falar. Então eu preciso que você não me interrompa e me escute até o final. Ok?

Ela balança a cabeça afirmativamente, mordendo os lábios. Seus olhos já estão cheios de água, prevendo alguma atrocidade minha.

Entrego a ela quarenta e três envelopes pardos. Por fora, têm apenas o número do alvo, ou alvos, de cada caçada. Dentro, reportagens recortadas ou impressas sobre suas mortes. O envelope número quarenta, do juiz, é o mais pesado. Outros, no entanto, contêm apenas duas páginas de posts escritos por Blogueiro.

— Essas são as reportagens de cada uma das mortes.

— Por que você guardou tudo isso? — pergunta, nervosa.  
— Isso é coisa de maluco, Will.

Ela nem imagina como sou louco. Não sabe de meu impulso para matar. Mas já vai saber. Sinto pena dela. Sinto pena da gente.

— Eu sei — digo, sério. — Porque eu queria entender essas mortes por todos os ângulos. A dor da perda das famílias dos mortos, a sensação de justiça das famílias das vítimas, qual é a opinião do povo e a da elite. E, principalmente, qual o benefício para a sociedade por eles não estarem mais vivos.

— Will! Um assassinato nunca vai ser um benefício para a sociedade — afirma

É a vez dela de sentir pena de mim.

— Concordaria na maioria das vezes — digo. — Mas e se aquele senador que você viu na televisão não existisse?

Pego a Lista e retiro a ficha que fiz do meu novo número um.

— Homicídio. Estupro. Corrupção. Peculato. Evasão de divisas. Mais homicídios. Lavagem de dinheiro. Envolvimento em desaparecimentos. Trabalho análogo ao escravo. Suspeita de parricídio. Compra de policiais. Controle da mídia. Compra de votos. E não é a lista completa. E, mesmo com tudo isso, ele é o candidato mais forte para concorrer à presidência no ano que vem. Esse é o crápula que vai ser o nosso presidente, Aninha.

Ela não diz nada. E como poderia? Quem não concordaria que esse verme é melhor morto do que vivo?

— Depois do que aconteceu comigo no ônibus, Pedrão me contou uma ideia que tinha. Ele queria fazer uma lista de pessoas

que não deveriam estar vivas. Pessoas tão nocivas à sociedade que alguém deveria tomar a providência de acabar com elas.

— Você é o dono do blog que só fala dos Caçadores? — pergunta, com esperança.

— Infelizmente, não.

Ela tampa a boca com as mãos. Não emite nenhum som, enquanto as lágrimas escorrem livremente por seu rosto.

Aproveito seu choque para continuar.

— Quando Pedrão, você sabe... — Engulo minha dor e prosigo. — Eu me senti na obrigação de criar uma lista com o nome de todas as pessoas que não mereciam estar vivas. Aquele policial era uma delas. Ele não tinha o direito de destruir a vida de tanta gente. Ele batia na mulher dele todo santo dia, Aninha. Bebia e batia na coitada — continuo, sem me preocupar com o choro meu ou dela. — Como puderam dar uma arma para aquele monstro?

A tristeza toma conta de mim. É a primeira vez que conversei sobre isso com alguém. Do túmulo, Pedrão definitivamente não conta como um confidente. Nem nas sessões espíritas que frequentei ele me disse qualquer coisa. Nada. Apenas o mais completo silêncio rebatendo meus questionamentos.

Aninha coloca a mão em meu ombro. Eu não olho para ela. Nem quando me abraça. Acima da tristeza de ter perdido meu melhor amigo, sinto vergonha por não ter sido forte o suficiente para engolir minha mágoa e suportar meu luto. Em vez disso, me transformei numa arma.

Afasto-a com delicadeza. Não mereço nem seu amparo nem seu amor.

— Você já deve estar imaginando o meu papel nisso tudo, certo?

Ela balança a cabeça para um lado e para outro.

— Quando Pedrão estava morrendo, ele pediu que o policial fosse o primeiro nome da Lista.

Aninha solta um ganido de choque. Pela sua cara, acabou de entender aonde quero chegar.

— No início, eu só preenchia uma lista. Era minha forma de punir quem só trazia o mal para os outros. Eu passei meses investigando todo tipo de gente. Meu objetivo era ser imparcial. E eu consegui ser com todos, menos com meu número um: o assassino do ônibus. Mas a ideia de Pedrão não era apenas preencher uma lista — digo, negando com a cabeça. — Era construir uma sociedade melhor, sem algumas das pessoas que atrapalham.

— Will, seu amigo tá morto!

— Eu sei — digo. — Eu sei.

Ficamos em silêncio. Ela me olhando com descrença, eu a observando com o canto do olho enquanto miro o chão.

— Foi então que eu me lembrei do caso que o meu chefe me obrigou a pegar. O caso daquele empresário que estuprou uma garota que se suicidou depois. Eu disse pro chefe que não ia defender aquele monstro, mas ele não me deu opção. Era isso ou eu seria demitido. Pensando hoje, é claro que eu preferia ter sido demitido. Mas, na época, pensei que a minha carreira iria acabar.

Aninha me olha de boca aberta.

— Eu fui o cara que impediu que ele fosse preso, Aninha — grito, chorando. — Eu só pensei na minha carreira e me esforcei ao máximo até achar uma brecha que desqualificasse a única testemunha do caso. A melhor amiga da garota, a única pessoa que viu tudo, era esquizofrênica. E eu usei isso em favor do meu cliente!

Levanto e dou uma volta no quarto. Só para me sentar de novo.

— Quando o juiz deu o veredito, o pai da vítima começou a gritar que ia matar o réu. Ele precisou ser contido pela polícia, enquanto aquele monstro saía de cabeça erguida. Quando cheguei ao escritório, o chefe me recebeu com uma garrafa de champanhe e me promoveu pelo ótimo trabalho.

Entrego a ela o envelope número um. E mostro o primeiro nome da lista.

— Era minha responsabilidade. Eu não podia deixar que ele fizesse isso com outra menina. Aquela não foi a primeira, Aninha, e não seria a última. E, toda noite, ela vinha nos meus pesadelos pedindo minha ajuda. Ela e uma dezena de outras meninas chorando e implorando que eu não deixasse mais ninguém sofrer o que elas tinham sofrido. Para que eu fizesse alguma coisa. E eu fiz.

Fecho os olhos para não ver a reação dela. Não consigo ouvi-la através de meus soluços, o que é bom. Não quero parar. Agora que comecei, quero tirar tudo de dentro do peito.

Respiro fundo e me forço a terminar a história com o máximo de dignidade que ainda é possível manter. Um carniceiro que chora quando confessa, se arrependendo ou não, é um ser dos mais desprezíveis do mundo.

— De tudo o que eu fiz, é desse que eu menos me arrependo. Ele destruiu a vida de muita gente, mas agora o mundo está melhor sem ele.

— Foi você que matou ele, Will?

Tomo um longo fôlego e confirmo com a cabeça.

— Sim. Fui eu.

— Meu Deus, Will! — rebate, com dureza. — E quem é você pra decidir quem vai morrer ou viver?

Não respondo. Não existe resposta decente. Mas o monstro dentro de mim sabe a resposta. Eu sou um dos caçadores desta cidade. Eu sou o Segundo Caçador.

— Isso não faz sentido, Will. Você criou uma teoria pra te dar o direito de limpar a sua consciência e é isso. Quem te garante que esse cara faria mais alguma coisa com alguém? Isso se ele for culpado mesmo. Você acha que sabe mais do que o juiz, mais que o júri, hein?

— Sim.

— Hã? — pergunta, confusa.

— Eu sei sim. Mais do que todos eles — digo. — Ele me confessou tudo! E disse que, depois do julgamento, passou a estuprar garotas de programa. Aí era só pagar um extra e ameaçar as coitadas pra que nenhuma delas o denunciasse. Você acha que um verme desses merece viver?

— Mas a lei...

— A lei? — grito.

Respiro e me acalmo. A razão nos abandona quando gritamos. E eu já estou carente de razão.

— A lei não foi feita para lidar com o bizarro, Aninha — digo, em voz baixa. — Esses monstros que matei, todos estavam acima dela. Faziam o que bem entendiam. Sem se importar com as pessoas. Tinham algum tipo de poder que os protegia das leis.

Ela me olha com um misto de vergonha e incompreensão. Sabe que estou errado e tenta encontrar um argumento que mantenha minha culpa, sem remover a punição do safado, sem que ele fizesse mais vítimas. Se ela acreditasse que estou certo, por outro lado, estaria concordando com um ato intencional de violência, e isso fere sua natureza pacifista. Ela está acostumada a classificar as coisas como certo e errado, mas meu mundo é cinza escuro.

— E quem é o seu comparsa?

— De quem você está falando? — pergunto. — Eu não tenho comparsa.

— Do Primeiro Caçador.

— Eu não o conheço. Nem nunca nos falamos. Ele é só um outro cara, com outros motivos.

— Devo acreditar que ele também é um herói que quer limpar a cidade dos vilões do mundo real? — pergunta, em tom de escárnio.

— Herói, não. Não existem heróis. Mas ele está bem alinhado com a minha Lista.

— E se ele perceber que você tá por aí matando um monte de gente? — questiona. — E se ele achar que você é um dos caras maus?

— Se ele vier, eu estarei pronto para enfrentar meu destino.

— Mas eu não, Will!

Ela me abraça apertado e, quando chora, parece estar gritando.

— Você não percebe isso? Desde que perdeu seu melhor amigo, você está com essa ideia suicida — acusa. — Você não pensa em mim, não? O que vai ser de mim se você morrer?

Eu não tenho palavras. E, se as tivesse, ainda não conseguiria falar. Pensei que ela iria me odiar e me denunciar para a polícia. Mas, acima de tudo, ela está preocupada com meu bem-estar. Antes do que ela acredita como certo, está meu bem-estar? Não sabia que eu representava tanto para ela. Eu a via como uma pessoa ingênua, mas era eu o tolo. O amor é forte. Bem mais denso que a morte.

— Fica tranquila, minha linda — digo em seu ouvido. — Eu não sou indefeso.

Ela não parece satisfeita com minha resposta.

— De qualquer forma, duvido que isso vá acontecer. Ele me parece um cara comum que foi levado ao extremo. Você conhece a história dele?

Eu acaricio sua cabeça enquanto ela tenta controlar o choro. Sem conseguir falar, ela apenas balança a cabeça positivamente.

— Se fosse em outro tempo, seria algo até romântico.

— Você acha que é verdade? — pergunta, com um sorriso frágil no rosto sofrido.

— Pelas minhas pesquisas, é sim — digo. — A namorada dele foi sequestrada. Ele e o melhor amigo foram atrás dela. Eles saíram matando todo mundo, mas, no final, ela e o amigo morreram.

— Essa história é muito triste.

— Muito.

— Eu não quero que a nossa seja assim, Will. Você não pode continuar com isso. Você tem que parar! Você tem que me prometer isso!

— Eu sei — digo. — Isso foi longe demais e eu já tava planejando parar. Minha intenção era parar sem que você soubesse o que eu tava fazendo — continuo. — O senador vai ser o meu último, e eu te prometo que não vou machucar mais ninguém na minha vida.

Ela se levanta com os olhos arregalados

— Não! — retruca, resoluta. — Não vai ter mais nenhum outro alvo, Will.

— Mas, Aninha, ele é um monstro! Nem o estuprador era uma pessoa tão ruim quanto o senador.

— Will, já existiram pessoas piores e vão existir outras ainda mais terríveis. Faz parte da natureza humana. Infelizmente. Nem que você quisesse, conseguiria acabar com todos esses seus monstros.

— Mas, se eu não fizer nada, ele vai ser o nosso presidente.

— Então é porque nós merecemos isso.

— Você não pode acreditar nisso...

— Will. — Ela segura minha mão e me olha nos olhos. — Eu adoraria que ele morresse de ataque cardíaco antes das eleições. Mas nada te dá o direito de tirar a vida dele.

Respiro fundo e olho para o chão, derrotado. Ela está certa. Não sou melhor que ninguém para decidir quem deve viver e quem deve morrer. Sou apenas uma pessoa quebrada por minhas próprias tragédias tentando impedir da pior forma imaginável que outras tragédias aconteçam. Não posso confiar em meu julgamento. E a prova de que nunca estive certo é a pontada de culpa e de vergonha que venho reprimindo há um bom tempo.

— Você não vai mais ferir ninguém. Nem que uma pessoa seja o maior problema do país. Mesmo que você veja essa pessoa se elegendo e se reelegendo — determina. — Isso é a única coisa que eu te peço. É o preço que você precisa pagar para continuar comigo.

Ela levanta meu queixo até eu a encarar novamente.

— Você me promete, Will?

— Prometo.

Ela me abraça e ficamos assim por bastante tempo. Em silêncio. Aproveitando a tranquilidade desse nosso acordo.

– Dos males o menor – garante, séria.

– Hã?

– Pelo menos você não está me traindo.

E é quando a vejo rindo que sei que tudo vai ficar bem. Me junto à gargalhada dela, me sentindo a pessoa mais feliz e sortuda do mundo. Não vou mais deixar que meu passado destrua meu futuro. Viverei o hoje como o presente que ele é.

# RESENDA

“Nunca se esqueça de quem é, porque é certo que o mundo não se lembrará. Faça disso a sua força. Assim, não poderá ser nunca a sua fraqueza. Arme-se com esta lembrança, e ela nunca poderá ser usada para magoá-lo.”

George R. R. Martin, *A guerra dos tronos*

# MINHA NOVA VIDA

*I said maybe  
You're gonna be the one that saves me  
And after all  
You're my wonderwall*

Hoje, acordei e coloquei Oasis. A melodia me deixa relaxado, a letra me faz pensar em Aninha. Em minha linda Aninha. É uma forma maravilhosa de acordar. Pensando nela.

Eu me lembro da primeira vez que a vi, no escritório. Desde esse dia, sabia que ia acabar apaixonado. Ela é uma dessas pessoas que brilham na multidão, que são notadas de longe. E, quando ela riu de volta, não consegui conter meu sorriso.

E, se eu já a amava muito, depois que ela quis ficar a meu lado, mesmo quando não deveria, meu amor explodiu. E a melhor parte é que o sentimento é recíproco. Nunca em minha vida fui amado por alguém como ela.

Quando a música acaba, aperto o play mais uma vez. Perdi as contas de quantas vezes a música já tocou. Talvez umas cinco. Tomo coragem e olho as horas no celular. Dez e meia. Está cedo demais para um desempregado. Não existe uma razão sequer para acordar antes de meio-dia. Por isso mesmo, levanto. Abro as cortinas. O dia está lindo, como qual-

quer outro dia nesta cidade. E como todos os outros do resto da minha vida.

Em meia hora, estou de café tomado, pronto para uma corrida na orla. Finalmente, o mar, que sempre esteve tão perto de mim, faz parte de minha vida. Tenho corrido todos os dias no calçadão. Depois me refresco com um coco gelado. E essa é grande parte de minha rotina.

Quando conversamos, minha linda namorada fez apenas uma exigência: nunca mais machucar uma pessoa. Então contei sobre meu impulso de “machucar” criminosos e ela acrescentou outra exigência: tirar da vida tudo que me faz mal. Um pedido bastante abrangente para se fazer, é verdade, mas que só me beneficiaria. A primeira coisa que fiz foi pedir demissão, no mesmo dia, por telefone. Ela já tinha me dito que eles iriam me demitir de qualquer forma, então, foi ótimo tirar este prazer deles. No fim, foi ótimo para as duas partes, meu relacionamento com o escritório já não estava dando certo fazia bastante tempo e, sem conseguir defender pessoas inescrupulosas, não poderia fazer um trabalho decente.

No dia seguinte, fui à academia de Sensei para agradecer com toda a sinceridade pelas lições que me mantiveram vivo e notificá-lo de que não continuaria sendo seu aluno. Além de implorar, humildemente, para que ele não me matasse. Mas seu dojo não existia mais. No chão, ao lado da porta, havia um bilhete: “Você está pronto”. Achei muito fofo, por isso, nem um pouco a cara dele. Não tenho dúvida de que foi deixado pelo Caçador.

Eu já tinha deixado de contatar Bélico, e, como não lhe devo nada, um contato só seria iniciado por mim. Não que a tentativa de encomendar algum serviço ou arma fosse grande, mas eu preferi destruir todos os seus telefones descartáveis. Não quero nada que me faça me lembrar dele. Continuo achando que me traiu, vendendo um veneno falso. Talvez ele tenha feito aquele es-

petáculo de salvamento para que eu ficasse lhe devendo um favor, para que me sentisse na obrigação de entrar para aquele grupo com Assassino e o policial misterioso. Bom, não funcionou.

O resto foi mais complicado. Acessar o blog várias vezes por dia era quase um vício para mim. Quase bloqueei o endereço no computador, mas preferi treinar o autocontrole. Tem sido suficiente. No fim, o que preciso é subjugar meu monstro.

Foi muito doloroso me desfazer das armas. Eu tentei explicar para Aninha que nem todas tinham sido usadas e que eu tinha gostado de fazer coleção. Iriam ficar ótimas expostas numa caixa de vidro na sala. Ela mal ouviu minhas súplicas. E só recitou, resoluta: “Nenhuma lembrança de violência na minha vida”. Não tive opção além de destruir todas elas e me livrar dos pedaços. Nem minha faca de caça sobreviveu.

Nada, contudo, comparou-se à dor de destruir a Lista e os envelopes dos alvos. Não porque poderiam ser úteis outra vez ou porque significava jogar fora um ano dedicado à investigação. No tempo que gastei, estava preparando e atualizando a ideia de Pedrão. E jogar aqueles papéis no lixo foi como destruir o último pedaço que sobrou de meu amigo em minha vida.

Em meu cofre, hoje, resta o anel de noivado escondido em um compartimento secreto onde, antes, eu costumava guardar uma bomba de fumaça, para o caso de a polícia vir me prender. A ironia é que, quando pensei que eles estavam invadindo meu apartamento, não me lembrei dela. Além do anel, tenho o dinheiro que reservava para comprar as armas, que ainda não depusitei no banco. De qualquer maneira, em pouco mais de uma semana, o cofre ficará completamente vazio. Dinheiro no banco, anel no dedo. E não vejo a hora de isso acontecer.

Sei que deveria estar nervoso à procura de um emprego, mas minha vida está boa demais para que me preocupe com isso. É só depois da festa de formatura dela que vou tentar decidir o que fazer

da vida. Por enquanto, tudo que faço é meditar sobre as opções que tenho. Ando pensando bastante em estudar para o concurso da promotoria e usar o conhecimento adquirido sobre o tipo de meus ex-clientes, dando uma vantagem para a Casa. Ou, talvez, seja mais interessante só mudar de área e continuar trabalhando como advogado.

O bom de continuar na mesma profissão é que o início é mais rápido. No começo, estava cogitando mudar para Direito de Família, mas não paga tão bem quanto Criminal. Talvez Tributário me sirva melhor para esse propósito. E a experiência que tenho com crimes de colarinho branco me ajudaria na transferência de área. Já com o concurso, consigo um cargo que admiro, mas vou ter que perder pelo menos um ano de trabalho para estudar. O que, sentado de frente para o mar, tomando água de coco, me parece a decisão mais sábia.

Algumas outras opções ainda me vagam pela cabeça pelo excesso de tempo disponível. Comprar um quiosque na praia, abrir uma franquía de sorvete ou ser dono de bar são as mais cotadas, caso eu decida desistir do Direito. A única opção que foi realmente descartada foi o concurso para delegado. Mesmo acreditando que tenho perfil para a função e que faria um ótimo trabalho, o cargo é completamente cercado por violência. Aninha não ficaria tranquila. Nem tive coragem de falar com ela e perguntar o que acha.

Aninha, no entanto, só enxerga uma alternativa. E uma radical. Por ela, nós mudamos para algum país distante o mais rápido possível. Seria uma fuga, na verdade. Uma fuga das razões por trás de meus crimes e, principalmente, das consequências deles. Ela sabe que, uma vez que a polícia descubra alguma ligação minha com o Segundo Caçador, será praticamente impossível que eu não seja condenado. Sem dúvida, à pena máxima. Depois que isso acontecesse, a única forma de atenuar a sentença seria apelar para minha insanidade, o que é bastante defensável. Como ela mesma disse: “Só sendo louco pra ter feito tanta merda”.

Enquanto não decidimos, qualquer prazer me diverte, até minha corrida diária. De qualquer forma, tenho tanto tempo livre que, além de correr, dormir, estudar com Aninha, assistir a filmes, voltar a ler livros, me atualizar nos quadrinhos e jogar videogame, ainda consigo pesquisar sobre a vida nos mais diversos países e o que precisaríamos fazer para conseguir vistos de trabalho e a validação de nossos diplomas. Tenho pensado inclusive em vender o apartamento que ganhei de meus pais para pagar uma viagem pelo mundo. Ainda não lhe contei nada, mas acho que ela vai adorar.

Quero pesquisar tudo para ter todas as opções até a formatura. Depois que for minha noiva, ela vai me dizer onde prefere que passemos o resto de nossas vidas. Não tenho nenhum amor ou desamor por qualquer país e, se ela estiver comigo, estarei feliz em qualquer lugar.

Mais dez dias e estará decidido.

Sem dúvida, nunca me senti tão bem.

Depois de almoçar um peixe frito de frente para o mar, volto para casa com uma pressa falsa. Em dez minutos, começa uma partida de futebol qualquer de algum campeonato europeu e quero ver esse jogo. Não que eu goste tanto assim do futebol europeu, mas porque todo mundo fala que elas são tão boas, quase de outro mundo, e nunca tive tempo de parar e ver qualquer coisa no meio da tarde. Hoje eu tenho e vou assistir só porque posso.

Chego em casa e tomo um banho demorado. Quando, enfim, ligo a televisão, o primeiro tempo já acabou. Me restam os comentários do intervalo da partida. Isso já é demais para mim. Ligo o videogame e perco a noção do tempo. É o único pedaço de violência que me é permitido. Os jogos me ajudam a queimar, em uma coisa que não é real, qualquer ímpeto de agressividade que tenha sobrado. Mesmo assim, vendi meus jogos de guerra. E tenho jogado basicamente jogos de zumbis.

Duas horas se passam antes que me lembre do futebol. Tarde demais. Acabou. E, pelo que está sendo falado na internet, foi um dos melhores jogos da temporada. Uma pena. Semana que vem, tem outro igual. Da próxima vez, tento sair da praia mais cedo.

Logo acima da cobertura do jogo, ainda na seção esportiva, um link redirecionando para uma matéria sobre Senador está em evidência. Provavelmente mais um desdobramento das denúncias do outro dia. Ele tem aparecido quase todos os dias nos jornais. Sem entrar na reportagem, fecho o site e desligo o computador. Nada que venha dele pode ser bom para minha nova vida.

Ligo a televisão. A maioria dos canais está mostrando uma foto de Senador. Certamente, jornalistas comentam alguma atrocidade que ele fez. Sobram apenas os canais de leilões de tapetes, joias ou bois. Nem a emissora que passaria um programa com os dez videoclipes mais votados do dia manteve a programação original. Desligo a televisão. Jogo no lixo o jornal ainda embrulhado no saco plástico. Ainda assim, vejo a cara de Senador na primeira página. Imagino que no rádio seja a mesma coisa, então nem ligo.

Com toda a mídia focada nos vários escândalos dele por quase dois meses, me sinto esperançoso com a possibilidade de não ver sua cara asquerosa nas eleições. Talvez o país esteja se esforçando para impedir que ele seja nosso próximo líder. Talvez seja como Aninha falou, e a humanidade cuide de expulsar os próprios monstros, com o tempo. Espero, porém, que eu consiga escapar dessa regra por bom comportamento.

Sem outras opções de entretenimento, abro um dos livros repletos de poeira que enchem minha estante. É difícil escolher um entre tantos clássicos, tantas obras importantes para a história humana. No final escolho, entre os três de capa mais bonita, o que tem o título mais interessante. É um tratado sobre a dialética, que comprei há uns cinco anos.

Depois de vinte minutos de leitura, relembro a verdadeira razão que tive para comprar todos estes livros. Além de enfeitarem tão bem a prateleira, eles me fazem parecer mais inteligente, desde que não os abra. Agora que abri um e tentei ler, estou me sentindo um ignorante por achar o livro tão chato e lento.

Religo o computador para procurar mais informações que me ajudem a decidir qual será meu futuro país. Canadá, Austrália e Nova Zelândia são minhas primeiras opções, e meia dúzia de países europeus fecha o ranking. Cada um tem alguma coisa excelente e todos são melhores do que este em todas as coisas importantes. Saúde, educação, segurança, crescimento econômico, qualidade de vida...

Não comentei com Aninha, mas, no fundo, não quero sair daqui. Este é meu lugar e sair fugido vai me deixar um gosto amargo na boca. Sinto-me um covarde por tentar me afastar do problema para fingir que ele não existe, em vez de resolvê-lo.

E é isso que estou fazendo com qualquer coisa que me apareça de errado nos jornais. Eu fujo. E faço isso porque não estou mais disposto a ser a pessoa que era, que só tentava resolver destruindo. Mas existem formas melhores de lidar com um problema, de uma forma construtiva, sem usar violência. E o primeiro passo é estar ciente dele.

E é para conhecer melhor os problemas do país, do meu país, que entro no site de notícias sem medo do que verei lá. Também ligo a televisão, busco o jornal no lixo e entro no blog. Quero entender a questão em sua totalidade e complexidade para contribuir melhor com a discussão das soluções. Hoje, sou uma pessoa diferente, evoluída. Meu monstro está enjaulado e nunca mais vai me controlar. Nem Senador tem qualquer poder sobre ele.

Nunca estive tão errado.

# MEU CHAMADO À AÇÃO

Na edição especial do noticiário da tarde, vejo Senador fugindo dos repórteres que o perseguem ignorando as ameaças dos seguranças. Pelo visto, mais um dos muitos escândalos em sua longa carreira de representante do povo. Será que ele é realmente o retrato de um povo corrupto? Não consigo me convencer de que sim. Culpar a massa de enganados não parece correto. Mas Aninha não deixa de ter sua razão. É fácil demais para um tolo abrir mão do complexo trabalho de separar o joio do trigo e, depois, ainda ficar livre para reclamar à vontade.

A imagem volta para o estúdio da emissora. Lá, três pessoas estão a postos para discutir as novas acusações contra Senador. Uma delas é o bom e velho Delegado, o mesmo que tomou meu depoimento depois que acabei com o policial que matou Pedrão. As outras duas figuras são repórteres da própria emissora que normalmente cobrem as notícias de grande importância. De todos, foi Delegado quem prendeu minha atenção. Ele perdeu o costumeiro semblante calmo. Está agitado, parece um tigre grande

preso numa jaula pequena. Se for solto, vai querer sangue. É estranho vê-lo assim.

Com o cuidado de não deixar que Delegado lhe roube a palavra, o repórter tenta dar à reportagem alguma imparcialidade jornalística. Mas é difícil. Desta vez, Senador foi ainda mais longe. De acordo com uma denúncia anônima, mais de trinta integrantes do Movimento dos Sem Terra foram fuzilados por seguranças em uma de suas fazendas. Seus corpos teriam sido jogados na rua principal da fazenda, que tem o tamanho de uma pequena cidade, para servir de exemplo para os próximos invasores. Ainda segundo as fontes anônimas, a maioria foi morta com tiros nas costas. Há suspeitas de que a polícia local esteja envolvida, uma vez que uma viatura fazia a ronda na fazenda durante o momento dos disparos e que o político tinha o costume de contratar policiais como seguranças particulares.

A emissora mostra um vídeo amador feito na hora dos disparos. Não dá para saber se a imagem original é muito ruim ou se foi tratada para que a violência não ficasse tão explícita. Além disso, tarjas pretas foram adicionadas para não mostrar os rostos. No final, é difícil entender a cena.

Numa pesquisa rápida na internet, poucas versões estão disponíveis. A maioria é o mesmo vídeo, com a mesma qualidade, sendo repassado. Mesmo os outros canais não fizeram grandes alterações. Todos os cliques foram bastante censurados. Vou para a página de Blogueiro. Ele, acima de todos, defende a divulgação da verdade nua e crua. No blog, a qualidade das imagens é bem melhor. Consigo ver claramente os rostos das pessoas. Os quinze segundos se estenderam para cerca de cinco minutos de gravação, durante os quais o que parecia um protesto pacífico se converteu em um banho de sangue de uma hora para outra. Um lado, com enxadas e facões; o outro, com fuzis e pistolas. Os gritos de ordem se transformam em gritos de desespero e de agonia. Não há onde se esconder das balas. Eles apenas correm e morrem. Dezenas deles. A quantidade de mor-

tes foi claramente subavaliada. Depois da primeira rajada, é possível ouvir a risada dos atiradores em meio ao lamento dos feridos.

Logo vem a segunda rajada, para aniquilar de uma vez os que haviam sobrevivido. Mesmo distantes, alguns dos que escaparam da primeira leva são atingidos. O cinegrafista é um deles. A imagem, agora tremida, passa a mostrar seu abdômen aberto. Tudo é tingido de vermelho escuro. Ele tenta sem sucesso limpar a lente da câmera do celular com a mão e com a camiseta. Mas tudo está sujo de sangue. Ele xinga e chora segurando a barriga. Na imagem avermelhada, uma mulher segura seu pé enquanto a vida a abandona. Ele a sacode com delicadeza e, quando ela não responde, ele chora mais alto. Então ouço vozes se aproximando. Ele começa a xingar. Um par de pés entra no quadro. O vídeo acaba com um barulho de tiro.

Eu revejo o vídeo mais duas vezes antes de acreditar que tudo aquilo é verdade. É difícil ver uma cena tão chocante fora dos cinemas. Agora percebo que o blog está todo preto. Mudou de seu vermelho sangue tradicional para o luto, em respeito a seu cinegrafista morto. Mensagens de apoio à família e pedidos de justiça estão distribuídos na tela. Nunca tinha pensado nisso, mas o blog é uma construção coletiva e uma das pessoas que o alimentava morreu na fazenda de Senador.

Se o blog já era polêmico, hoje ele desistiu de qualquer reserva no apoio aos Caçadores. Chama à ação os dois Caçadores e qualquer pessoa que tenha uma arma para revidar. O blog quer sangue. Quer vingança. E, em outros tempos, eu o ajudaria. Dessa vez, mesmo tentado a agir, vou esperar que a Polícia Federal entre em ação. O próprio site diz que estava reunindo evidências de trabalho escravo na fazenda. É apenas uma questão de tempo.

Minha atenção é atraída pela gritaria na televisão.

— Eu fui chamado aqui para você não me deixar falar? — protesta Delegado. — Foi pra isso?

– Se o senhor se acalmar, poderá dar a sua opinião de especialista – assegura o repórter.

– Então você me quer calmo?

– Exatamente.

– Tudo bem – concorda Delegado.

Como num passe de mágica, o semblante do policial fica calmo como de costume.

– Como eu estava dizendo, é extremamente difícil investigar crimes em regiões rurais afastadas, como esta – retoma.

– As testemunhas têm medo de que a polícia esteja envolvida, porque normalmente ela está. Quando... – Delegado levanta a mão para impedir a interrupção da repórter. – Quando o melhor cenário acontece e uma força policial externa é a responsável pela investigação, o receio das testemunhas é de que, assim que o trabalho policial estiver concluído, elas sejam abandonadas. O que também é verdade.

– Desculpe, delegado, mas não acredito que a participação da polícia seja tão comum – sugere a repórter, visivelmente desconfortável com a sinceridade do entrevistado.

– Bom... – diz, com voz baixa e firme. – Eu sou delegado da Polícia Federal há trinta anos e estou te afirmando que, em casos como este, a polícia normalmente está envolvida.

– Mesmo assim, é muito cedo para afirmar que a polícia está envolvida. Não é verdade? – acrescenta a repórter.

– Sim. Com certeza. Por isso que eu tomei a liberdade de iniciar as investigações agora ao vivo – anuncia. – Você pode mostrar aquele vídeo uma última vez?

– Com certeza – murmura o repórter, falhando em mascarar sua apreensão.

As imagens aparecem na grande tela à frente dos três.

– Segue. Segue. Para aí. Volta um pouco. Isso.

Delegado se levanta e com uma caneta aponta para um borrão.

– Tenho quase certeza que isso aqui é uma viatura de polícia daquele estado.

– Bom, a qualidade das imagens não nos permite ter certeza, mas sim, parece uma viatura – opina a repórter, vencida.

– Tem uma versão desse vídeo circulando na internet com um tratamento diferente do de vocês.

Se o tema não fosse tão deprimente, eu riria da audácia de Delegado.

– Nela, é possível ver com clareza que é uma viatura. Se vocês tiverem a bondade de mostrar apenas uma imagem do meu celular... – continua. – Como acontece antes dos tiros, não mostra nada que seja impróprio para a audiência.

– Lógico – concorda o repórter, contrariado.

Ele pega o celular e o coloca na mesa ao centro. A imagem do celular e a do telão aparecem lado a lado. Estão paradas no mesmo quadro. Uma imagem borrada e uma límpida. As suspeitas de Delegado se confirmam. Havia uma viatura no local. Vou ao blog e assisto ao filme mais uma vez. Agora que sei o que estou procurando, é fácil ver a viatura, que está com a sirene ligada.

Volto para a televisão.

– Um furo de reportagem incrível divulgado com exclusividade pela nossa emissora – declara o agora feliz repórter. – Nosso convidado, um delegado da Polícia Federal, prova a participação direta da polícia local num crime que choca a nossa sociedade.

– Não só da polícia, mas também do dono da propriedade.

– Mas o senhor de fato acredita que o senador esteja envolvido diretamente na chacina? – pergunta a repórter.

– Ao que parece, foi um conflito rural entre integrantes do MST e os seguranças da propriedade que terminou de forma trágica – completa o repórter. – Não vejo como é possível afirmar pelas imagens que alguém foi o mandante dessa barbárie.

— Sem que haja uma investigação criteriosa, é impossível ter certeza — concorda Delegado. — Contudo, em nossa visão superficial dos fatos que temos à disposição, ele seria, pelo menos, o responsável pela tragédia, uma vez que ele é o empregador dos homicidas.

— E o senhor acredita que ele tem um envolvimento maior do que apenas ter contratado as pessoas erradas? — pergunta a repórter, sedenta por novas informações. — Sendo elas policiais ou não?

— O que eu acredito é que o nosso senador é uma das pessoas mais nocivas à nossa sociedade — alega Delegado. — Mas o que eu acho não tem a menor importância. O que importa são os fatos. O primeiro deles a ser analisado é o amplo histórico de casos de violência, mal investigados, dentro da propriedade deste senador. São mais de três décadas, e isso nos ajuda a levantar fortes suspeitas.

Os repórteres se entreolham, constrangidos. Delegado está desrespeitando o regimento da emissora e hostilizando abertamente um político que ainda cumpre mandato. Nunca vi isso acontecendo antes. Mesmo quando as contendas ideológicas eram acirradas, a exposição foi sutil. E este poderá vir a ser nosso próximo presidente. Qualquer ofensa deveria ser ainda mais velada.

— Eu tenho certeza de que, se houvesse envolvimento do senador em qualquer um desses crimes, ele já teria sido condenado — contemporiza o repórter.

— Tenho certeza que sim — encerra a repórter, tentando pôr fim à questão.

— Seria assim, se o nobre senador não desfrutasse de imunidade parlamentar há tanto tempo — observa Delegado.

— Mesmo assim, ele pode ser preso. Correto? — pergunta o repórter.

— Apenas se for preso em flagrante cometendo crime inafiançável. Ou perder o mandato na Casa em que tem a maioria como aliada.

— O senhor está dizendo que, mesmo culpado, ele não seria preso? — emenda a repórter.

Delegado exhibe um discreto sorriso. Armou uma armadilha para os dois repórteres e eles ainda não percebem. Ele não se parece nada com o delegado que ouvia, paciente, todos os lados envolvidos antes de tomar sua decisão, e nos indicava sempre trabalhos comunitários. Parece uma cobra experiente, esperando, relaxada, o momento exato para dar o bote, certa de que dormirá com a barriga cheia. Paciente e cruel. Assim, ele me dá medo.

— Antes de responder à pergunta, gostaria de mostrar só mais um pedaço da filmagem. Bem no início. Isso. Para.

— O que o senhor está vendo nessa imagem? — pergunta o repórter, irritado. — Não há nada aí além de borões, não é?

— É, eu também não estou identificando nada — concorda, confusa, a repórter.

— As imagens estão ruins, mas mostram a cerca da fazenda. Conseguem ver?

— Sim. Uma cerca. Toda fazenda tem uma cerca — replica o repórter.

— Está vendo esta rua do lado de fora?

— Sim.

— Não é possível... — sussurra a repórter.

— Não entendi. O que isso significa? — pergunta o repórter.

— Os seguranças estão tentando impedir que as pessoas saiam da fazenda. Isso significa que eles não eram Sem Terra. Não era uma invasão. Eles eram trabalhadores querendo sair da fazenda. Escravos tentando fugir, na verdade.

Quando Delegado se senta, os dois repórteres estão imóveis olhando para o telão. A repórter olha para o chão para tentar esconder as lágrimas. O repórter não consegue fechar a boca e continua olhando a imagem estática. Delegado espera, em silêncio, que a câmera volte a focalizá-lo. O que acontece logo, porque

o cameraman não quer mostrar seus colegas derrotados. É a hora do xeque-mate.

– Só mais uma coisa que a audiência precisa saber. Não foi a primeira vez que isso aconteceu. Mais pessoas já morreram da mesma forma nesta mesma propriedade. O que está acontecendo de diferente é que, nesta ocasião, temos uma gravação da chacina. Mas, assim que o senador chegar à fazenda, hoje à noite, vai destruir cada uma das evidências que restaram. O que significa matar os sobreviventes ou torturar e mandá-los para uma de suas fazendas mais distantes, para que contem aos demais como o patrão trata quem tenta fugir.

Os repórteres continuam congelados.

– Na última investigação do Ministério do Trabalho, a única pessoa que teve coragem para testemunhar foi assassinada. Ela apresentava apenas um tiro de raspão no braço quando entrou no posto de saúde, que fica dentro da fazenda. Quando as autoridades chegaram, três dias depois, ela já estava morta e enterrada!

Delegado grita no final da frase como fazem os repórteres policiais de outras emissoras.

– Nem esse vídeo vai ser uma prova capaz de prendê-lo. Como já virou costume neste país, ele vai afirmar que não sabia que este tipo de coisa acontecia nas suas fazendas. Vai afirmar categoricamente que não sabia o que acontecia dentro da fazenda que é a sua residência em quatro dias da semana. E vai usar as suas responsabilidades de senador como desculpa para não ter percebido as atrocidades que aconteciam em sua casa.

Delegado ruge, furioso.

– Para os poderosos basta apenas negar e nada acontece! Eu não tenho mais estômago para isso, para fazer parte deste sistema podre! Por isso, aqui e agora, ao vivo, eu renuncio ao cargo de delegado! Eu tenho vergonha de ser uma autoridade policial num país desses!

Joga o distintivo no chão e continua seu discurso inflamado.

— O senador é idoso, mas é um vaso tão ruim que não vai quebrar sozinho! Se esperarmos que a natureza faça o seu trabalho, ele vai cometer mais atrocidades. Mais pessoas vão morrer!

E conclui:

— É por isso eu peço que, se alguém puder fazer alguma coisa para salvar essas almas que estão presas na fazenda dele, esperando a hora de morrer, que faça agora ou viva sabendo o covarde que é!

# MINHA DECISÃO

O que ele está me pedindo é que eu arruíne minha vida e a de Aninha para tentar salvar a vida de pessoas que nem conheço. Não sei o que poderia fazer contra tanta gente armada, mas é isso que ele está me incitando a fazer. A mim e ao outro Caçador. Quando não se pode confiar nem em nossos policiais, seria certo confiar nos assassinos mais bem-intencionados?

Já não sou mais um Caçador. Estou aposentado. Alguns jornais até me noticiaram como morto quando passei mais de um mês inativo. Ele, como delegado da região, deveria saber disso. Mesmo assim, está na televisão pedindo minha ajuda.

Isso tudo é uma loucura. Senador não seria tão petulante a ponto de matar todas as testemunhas e provar que Delegado estava certo. Ou seria? É uma dúvida idiota. Ele não acredita em consequências, nunca as sofreu. Acredita que de fato está acima da lei. Mais do que isso: em sua fazenda, ele é a lei. Nunca o que fez lá dentro foi usado contra ele do lado de fora, nem quando matou seu todo-poderoso pai. E um vídeo não vai mudar isso.

Fecho os olhos. Respiro devagar até me acalmar. Desta vez, não vou

agir guiado pela raiva. O monstro já não tem voz. Mas, se eu ficar em silêncio e prestar atenção, consigo ouvir seus uivos por sangue. Agora, ele não passa de um animal trancado para fora de casa, sem conseguir entrar.

Meu coração me diz que eu fuja com Aninha para outro país e aproveite minha vida com ela. Ter filhos, ficar velho. Ter uma vida plena e feliz ao lado da mulher que amo.

Meu senso de justiça não grita como no passado, apenas me faz uma pergunta: “Você conseguiria ser feliz com a culpa de saber que dezenas de pessoas morreram porque escolheu aproveitar a vida?”. Desde pequeno alguma coisa dentro de mim dizia que eu era grande por um motivo. Se eu era mais forte, é porque deveria proteger os mais fracos. Foi por isso que entrei em tantas brigas na escola. Foi por isso que me aproximei de meu amigo, fraco e abusado. E é por isso que deveria proteger essas vidas, mesmo ao preço da minha. É esse senso de dever que me diz para ser o herói que sempre deveria ter sido.

A questão, no entanto, é mais prática do que emocional. Qual seria o benefício de desperdiçar a vida e a felicidade se eu morrer sem conseguir salvar uma pessoa sequer? E qual seria minha chance real contra todos os capangas da fazenda armados de fuzil? Se tivesse a ajuda de Primeiro, talvez fosse possível. Enquanto eu cuidasse dos bandidos próximos, ele me daria cobertura com os de longe. Seríamos uma boa equipe. Mas, sem ele, só com um milagre ou uma bazuca.

A porta se abre num arroubo. Nem preciso olhar para saber quem chegou.

– Você viu? – pergunta, aflita.

Balanço a cabeça, ainda sem abrir os olhos. Ela vem até mim e me abraça com toda a força que tem para que eu não fuja dela. Não diz nada. Eu também não. Não sei o que falar. Nem para ela, nem para mim mesmo.

Ficamos em silêncio por um bom tempo, sem que seus braços se afrouxem. Mas as decisões têm que ser tomadas antes que

não haja tempo suficiente. Prefiro errar agindo a errar sendo omissos. Abro os olhos e ela está com uma expressão desesperada.

– Diz pra mim que você não vai lá.

Eu não digo nada.

– Diz pra mim, Will! – grita.

O choro contrasta com a altura de sua voz. É suave e lento, como se suas forças estivessem sendo drenadas pela lágrima anterior. Eu a abraço em silêncio. Uma parte de mim se contorce ao vê-la tão triste. Mas seria justo acabar com o sofrimento de uma única pessoa, mesmo a amando, e deixar tantas outras à mercê de um monstro cruel, sem o amparo de que precisam?

Não que ela vá perceber isso agora, mas, no fundo, sabe o quanto seria atroz se eu me detivesse aqui, no conforto de seu abraço. Mas, se não quero que ela sofra, da mesma forma, ela não quer que eu arrisque a vida. Sua dor é minha dor, e o contrário também é verdade.

– A polícia já deve estar a caminho – anuncia. – Eles não vão precisar de você.

– Você sabe que a polícia vai chegar tarde demais.

– Ninguém sabe disso!

– Se um delegado pediu pra alguém resolver por ele, é porque a parte honesta da polícia não vai chegar a tempo.

– Não, por favor! Não vai, Will! Eu te imploro!

– Aninha, como eu posso viver sabendo que mais gente vai morrer por culpa minha? Eu não consigo...

– Não é sua culpa, Will! Você não é o dono do mundo.

– É sim, minha linda. É isso que você não entende. Por algum motivo, eu nasci desse jeito, com essa terrível facilidade para matar pessoas. Não é uma coisa que me dê orgulho, mas não deixa de ser verdade por isso.

– Você é uma boa pessoa, Gatinho, não é esse monstro que você acredita – discorda, tocando minha bochecha suavemente. – Você é melhor que isso, você nasceu pra muitas coisas. Para qualquer coisa que você quiser... Você só fez umas escolhas

erradas – continua. – Isso não é o seu destino nem o seu carma. Como você não consegue enxergar isso?

– Eu consigo – digo, cansado. – Só que as minhas escolhas já me fizeram o que eu sou. Eu sou uma das duas únicas pessoas que podem ajudar. E cabe aos que podem ajudar os que não podem. Aos fortes, defender os fracos. Se eu agir ou não, a minha responsabilidade não muda.

– Se o Primeiro Caçador é tão nobre como dizem, por que ele não resolve isso sozinho?

– Eu gostaria de pedir a ajuda dele, mas não sei onde o procurar – digo. – E não tenho tempo pra ficar esperando pra ver se ele vai aparecer ou não.

– Will, você não vai! – ruje. – Eu te proíbo de sair!

Sorriso para ela, infeliz. Tenho mais de duas vezes seu peso. Não há nada que ela possa fazer para me impedir. Não conseguiria me barrar nem com a ajuda de outras três dela. Nem com uma arma na mão.

– Se você for, eu não vou estar te esperando quando voltar!

Minha pobre namorada ainda não entendeu a gravidade de minha decisão. É a hora de despedaçar seu coração mais uma vez. E, desta vez, para sempre.

– Aninha, eu não sei se eu vou voltar.

Ela fica em choque ao me ouvir. Ela acreditava que estava tentando me proteger de meu lado violento. Que eu estava sendo o garoto sem juízo mais uma vez. Hoje, não estou abrindo mão de minha humanidade. Não. Desta vez, estou renunciando não só a Aninha em minha vida, mas a minha vida em si.

– Mas você é forte...

– Não o bastante.

Deslizo a mão por sua bochecha e mergulho na tarefa impossível de secar seus olhos. E são eles que me atraem. Sua beleza é soberana e nem mesmo a tristeza pode abalá-la. Tão linda... Não merecia passar por tudo isso. Sempre pensei nela como meu anjo,

como a pessoa que, sozinha, carrega todas as minhas chances de redenção. E, por seis semanas, eu mudei. Não sei se foi o bastante para ter direito ao descanso eterno, mas gostaria de encontrá-la em outra vida, com as asas que lhe faltaram nesta.

— Aninha, eu queria ir para um bar e beber até esquecer as cenas que eu vi — digo, levantando-a. — Ou fazer uma lista com tudo que está errado e rasgar depois. Mas eu, simplesmente, não posso ficar sem fazer nada. Se eu nasci assim ou se foram as minhas escolhas que me fizeram assim, pouco importa, agora. O que importa é que eu sou diferente. Eu sou o monstro que conserta as coisas erradas da forma errada. E depois de toda a dor que causei, Deus me deu essa última chance de redenção.

— Não vai. — Ela se ajoelha e segura minhas pernas. — Por favor.

Eu a ergo com delicadeza e a beijo com todo o amor que tenho. Ela não retribui. A vida parece estar abandonando seu corpo. Respiração lenta. Batimentos fracos. Não fossem os tremores, ficaria preocupado. Observo-a por uns instantes com a visão embaçada, antes de sentá-la no sofá. Ela, parada, sem qualquer reação além de encarar a televisão desligada. Se a tristeza pudesse ser traduzida numa cena, seria essa.

Esvazio minha mochila e enfito nela uma muda de roupa. Pego um pouco de dinheiro no cofre, o suficiente para comprar minha passagem, uma diária em um hotel e as facas que achar. Gostaria de ter minhas armas de volta, especialmente a faca de caça, mas não conseguiria passar pelo aeroporto, de qualquer forma.

Pego o anel de Aninha. Pode ser a última vez que a vejo. Deveria entregá-lo, mas não consigo. Um momento tão trágico só iria ofuscar todo o amor que ele representa. Também não quero levá-lo e correr o risco de perdê-lo. Só me resta devolvê-lo ao esconderijo e rezar para ter outra chance de entregá-lo.

E por que não teria? Não estou morto ainda, nem sou uma pessoa fácil de ser morta. E muitos já tentaram. Já enfrentei uma dúzia de bandidos armados ao mesmo tempo, já entrei num dos

presídios mais perigosos do país, tive treinamento ninja e aconselhamento de assassino experiente. Não sou qualquer um e, se alguém consegue sair de lá vivo, sou eu.

Fecho o cofre e volto para a sala. Aninha está no mesmo lugar. Uma estátua congelada por Medusa no terror de sua morte. Deixá-la assim me parte o coração.

– Você encheu essa mochila com as armas que escondeu de mim?

– Eu não tenho mais armas. Eu joguei fora quando você pediu.

– E como você vai enfrentar os capangas? – Ela se vira com olhos arregalados.

– Eu vou dar um jeito...

– Por que você está tão desesperado para morrer? Sua vida é tão ruim assim?

– Meu amor, se eu não tivesse você, minha vida teria sido horrível e eu talvez fosse lá só pela chance de morrer. Mas com você minha vida é tão linda... – continuo, com a voz embargada. – Eu nunca fui tão feliz quanto nessas últimas semanas. Queria que você soubesse disso.

– Se foi tão bom, fica aqui comigo!

– Eu não posso... Eu queria, mas não posso!

– Então você não me ama! – grita chorando. – Eu te odeio, Will! Eu te odeio muito!

– Será que um dia você vai me perdoar pelo que fiz com a gente? – pergunto.

– Nunca! – grita. – Você é um escroto, um egoísta! Só faz a merda que quer! Você nunca me amou!

Ela corre até o banheiro e se tranca. Então será assim a última vez que vou vê-la? Sem um beijo de despedida? Suas últimas palavras para mim sendo “Você nunca me amou”?

Estou triste. Não um pouco. Estou completamente acabado. Desolado, caminho devagar até a porta, esperando que ela venha correndo para dizer que me perdoa e que me ama.

Isso não acontece. Olho uma última vez para o banheiro antes de sair do apartamento.

— Eu te amo, Aninha! — grito. — Desculpa por tudo.

O elevador chega rápido demais a meu andar e eu entro. A sensação de perda é tão grande que até o velho elevador parece bonito. Toda a sua lentidão soando elegância. Suas imperfeições, a irreverência. Sei que não vou mais voltar para cá. Em breve, estarei ou morto ou preso. Se puder escolher, prefiro morto.

Queria não ter entrado naquele ônibus. Queria não ter visto meu amigo morrer. Minha vida teria sido ótima, mesmo sem Pedrão. Não seria perfeita, mas estaria quase lá. Infelizmente, se podemos escolher nossas alegrias, não podemos impedir as tragédias que nos colocam de joelhos.

Quando a porta está quase fechando, uma mão a impede. Não quero encarar nenhum vizinho desse jeito e ter que ouvir suas perguntas desinteressadas sobre meu bem-estar. Levanto a cabeça, irritado, e vejo Aninha, de olhos vermelhos. Ela entra e me abraça forte enquanto descemos. Não conseguimos conter as lágrimas.

Ah! Como eu queria ficar do lado dela. Esquecer o mundo e ser egoísta, como ela pensa que sou. Só desta vez. Não mereço sofrer mais. Já paguei minha parcela. Deveria ter alguém para resolver essa por mim.

— Eu sei que você tem suas razões — sussurra em meu ouvido, com a voz rouca. — Eu não vou questionar mais isso. Mas eu preciso que você prometa que vai voltar inteiro pra mim. Eu não consigo viver sem você...

Seus lindos olhos me imploram por uma promessa que não posso cumprir. Mas Deus deve gostar dos heróis e esta é minha vez. Hoje, vou ser o cavaleiro da armadura dourada. E Ele vai me ajudar. Mesmo que eu tenha que ir ao inferno uma última vez, Ele vai me buscar de volta. Sinto no coração que Ele vai estar ao meu lado nessa.

– Prometo.

Ela me abraça mais forte.

– Eu te amo, Gatinho.

– Eu também, Aninha. Eu te amo muito.

– Eu sei.

Eu a abraço com toda a força e só paro quando sua coluna estala. Ela ri com o barulho. É uma risada fraca, mas me lembra de que, por pior que as coisas estejam, sempre existe alguma alegria escondida onde antes não conseguíamos ver. Que eu não me esqueça disso nunca.

– Acaba com aquele merda pra mim – instiga, com um olhar sanguinário.

Eu sorrio.

– Vou destruir todos eles!

# MEU NOVO AMIGO

Entro no aeroporto ainda abalado pela conversa com Aninha. No final, foi melhor do que eu podia esperar. Ela entendeu minha posição e me apoiou. Mesmo assim, não soou como uma vitória. Ela havia me pedido para nunca mais machucar uma pessoa, e estou indo matar várias. Mesmo que eu consiga voltar, não sei se ela vai aceitar se casar com um assassino, que insiste em continuar matando.

Apenas três pessoas estão à minha frente na fila do guichê da companhia aérea. Em uma hora, sai um voo para uma cidade vizinha à fazenda, e duvido que esteja cheio. De lá, mais duas horas de carro e eu chego à propriedade de Senador. No mais, não tenho praticamente nada decidido. Ainda preciso suprir a falta de armas e de um plano razoável. Um plano que não seja entrar lá com facas de cozinha nas mãos. Quando chegar, tenho que procurar um supermercado grande o suficiente para ter umas vinte boas facas de churrasco disponíveis. O ideal é que elas sejam iguais para que, ao lançar a primeira, eu consiga calibrar o lançamento das seguintes.

Sinto alguém se aproximando. Ignoro a sensação de perigo. Quem poderia saber o que estou prestes a fazer? Na verdade, só uma pessoa. Viro e confirmo que estava certo.

— Por que eu não estou surpreso em te ver aqui?

Assassino está com a mão estendida a poucos centímetros de meu ombro. Seus olhos, abertos demais. Eu o surpreendi pela primeira vez. Ele tenta disfarçar com um sorriso casual, como se nada tivesse acontecido.

— Willian Barros, que surpresa encontrá-lo por aqui.

— Corta essa. O que você quer?

— Vem — ordena, sério.

Ele caminha para longe da fila. Mesmo tendo me salvado da última vez, ainda não confio nele. Minha mão coça, querendo uma faca. Não tenho nenhuma comigo e não haveria qualquer benefício, para mim ou para ele, em duelar com tantas câmeras por perto.

Por isso, apenas o sigo.

Paramos quando chegamos a uma parte do aeroporto que está sendo reformada. Não vejo ninguém por perto. O expediente dos operários já acabou.

— O que você quer?

— O que eu quero? Eu não quero nada. Mas o que você deveria querer é ficar vivo.

— Como você sabe exatamente o que vou fazer?

Me irrita que ele esteja sempre um passo à frente. Sempre ciente do que estou para fazer. Sua investigação de minha vida continua.

— Isso não importa agora.

— Isso importa pra mim!

— Tem coisas mais importantes agora, como um tal senador em uma tal fazenda protegida por vários policiais armados de fuzis e escopetas — sussurra.

— Achei que você iria ficar feliz com tanta gente morrendo.

Ele me olha sem paciência.

– Este não é o trabalho para você, Will.

– E pra quem seria? Se você me disser que o outro Caçador faz parte do seu grupo e está indo no meu lugar, eu vou pra casa agora.

– Ele tá ocupado com outras coisas.

– Ele seria a pessoa ideal para uma missão dessas, você sabe. Ele é bom a longa distância.

– Esquece ele.

– Como esquecer? Eu sou bom de perto, com uma faca na mão. Sem a ajuda dele, eu fico em desvantagem contra todas essas armas.

– Você – continua – já enfrentou gente armada.

– Dentro de um lugar fechado. Não vai ser o caso, desta vez. Eu preciso da ajuda dele.

– Esquece ele, porra! – grita.

Não me lembro de tê-lo visto inquieto antes. Para Assassino, tudo é um jogo em que ele já começa com vantagem. Como talvez não tenha outra oportunidade dessas, decido aumentar seu desconforto. Ele merece, depois de tudo que me fez.

– E você?

– O que tem eu?

– Por que não vai comigo? Não vai me dizer que está com medo?

– Pra que eu iria? Pra morrer com você? Não, obrigado.

– Se a minha vida é importante para o tal do “movimento”, por que você não me ajuda? Tenho certeza de que você me ajudaria tanto quanto o Primeiro Caçador.

– Você é um idiota mesmo – conclui, balançando a cabeça. – Eu já fiz coisas muito piores, mas não arriscaria a minha vida desse jeito por mais ninguém.

– Então é verdade que você se acovardou com o tempo.

É difícil prender o riso quando a pessoa que você mais temeu está na sua frente nervosa com os riscos que você quer assumir. Ele

deixou de ser meu instrutor para ser meu colega. Permito-me apenas um sorriso. Um breve, porém maravilhoso sorriso.

— Se você não vai me ajudar, por que veio até aqui?

— Primeiro, para dizer que você não deveria ir — assegure-se. — Mas, como eu sabia que você é um imbecil cabeça-dura, vim aqui para te dar isso.

Ele me entrega um pedaço de papel com três letras e quatro números anotados. Uma placa de carro.

— O que é isso?

— Ache o carro branco com essa placa. No porta-malas, vai ter o equipamento de que você vai precisar.

— E quanto isso vai me custar?

— Desta vez, é por conta da casa — pondera, com falsa alegria.

— Finalmente alguma ajuda!

— Ei! Nem vem, que eu já te salvei de umas três furadas!

Nós dois rimos. Em outro mundo, seríamos amigos. Ele é a única pessoa que pode me entender de verdade. Aninha me aceita. Ele me entende. Passou por tudo que eu passei. Pelas dúvidas, pelo descontrole. Ele tem um monstro como o meu, que luta para tomar o controle das decisões. No entanto, não há amizade entre assassinos. Nada de bom sobrevive a nossa presença. Mesmo quando queremos fazer o bem, fazemos da forma errada.

— Eu sei que você é o Primeiro Caçador — digo.

— E o que te faz pensar isso?

Ele tenta achar algum sinal de que estou blefando. Eu não estou.

— Não existe outro matador nos jornais.

— Eu te disse que um bom profissional não é descoberto.

— Essa é a primeira razão para vocês serem a mesma pessoa. São as duas únicas pessoas que eu procurei e nunca encontrei.

— Não seja ridículo...

— E, se eu ignorar o ônibus e as adagas, você sempre esteve por perto pra me ajudar. O que me lembra da famosa nobreza do Caçador.

– Você sabe que pega mal pra nossa profissão ter fama de bonzinho, então corta essa.

– E você tentou me convencer a terminar com Aninha pra protegê-la.

– E o que isso tem a ver?

– Porque você perdeu a mulher que amava naquele morro. E não queria que isso acontecesse comigo. Não desejaria isso pra ninguém.

Ele me olha derrotado, triste.

– E você não me ouviu.

– Não consegui.

Então ele me abraça. Meu corpo fica rijo, à espera de alguma violência. Mas ele chora e eu relaxo. Nunca acreditei que o veria tão vulnerável. É compreensível. Se eu quase enlouqueci depois de um ano, mesmo tendo Aninha, ele, que está completamente sozinho há dois anos, deve ter vivido no inferno.

Ele me solta constrangido pela súbita fraqueza. Seca as lágrimas na camiseta e finge que nada aconteceu. E me dá um soco de amigo na costela.

– Não vai lá, Will. Eu demorei muito pra entender isso, mas não dá pra salvar todo mundo. Toda vez que eu salvo alguém, eu deixo de salvar outra pessoa.

– Eu te entendo, mas eu tenho que fazer isso. Não vou conseguir viver sem ter feito alguma coisa.

– Então você é um imbecil.

– E quem disse que eu não era?

– Ninguém, aposto. É só olhar pra sua cara pra ver isso...  
Então tá – continua. – Se você sobreviver e conseguir pegar o avião de volta pela manhã, vai para o seu apartamento, que eu vou deixar umas surpresas no cofre.

– Você sabe até a combinação?

– Claro que sei – confirma, rindo.

Não consigo não rir. Se ele sabe até como abrir meu cofre, como não saberia o que fiz nesse tempo?

— Uma última coisa — prossegue. — Desta vez, você vai ter que usar armas de verdade se não quiser morrer antes de conseguir ajudar aquelas pessoas.

— Eu sei.

— Então segue o seu rumo que você ainda tem que comprar a passagem.

Ele se vira e segue na direção oposta à do guichê.

— Calma aí. Não quero mais te chamar de Assassino. Qual é o seu nome?

— Duncan — revela, depois de um instante. — Meu nome é Duncan.

— Duncan... Nome esquisito. Combina com você. — E continuo: — Duncan, se eu sobreviver, você vai me contar a porra toda. Inclusive por que você estava naquele ônibus. Beleza?

— Se você sobreviver... — Ri.

Eu rio também.

— Obrigado por tudo, meu amigo! — Viro e o deixo para trás.

Não demoro muito tempo para achar o veículo branco. Não há muitos outros carros no estacionamento do aeroporto a esta hora. É uma caminhonete importada de cabine dupla. O número do chassi está raspado. Não é zero, mas é bem nova. Não conseguiria comprá-la com o dinheiro que deixei no cofre. Não sei o que vou fazer com ela depois. Devolvo na mesma vaga? Como se isso importasse agora. Preciso sair vivo de lá para depois pensar nisso.

A caçamba é fechada com uma tampa de metal. Numa rápida olhada, vejo várias malas de armas. Como nos filmes. A maioria é do tamanho de uma mala normal. Mas uma delas é bem maior que as outras. Um rifle, suponho. Talvez algo ainda maior. O compartimento todo tem muito mais armas do que uma pessoa conseguiria usar.

Somando a caminhonete e as armas, e considerando os preços extorsivos que Bélico cobra, eu precisaria vender o aparta-

mento para pagar por tudo. É dinheiro demais para ser dado apenas como um presente de boa vontade. Alguém com muita grana está financiando aquele grupo e minha missão. Sinto-me um mercenário por aceitar uma ajuda como essa, mas engulo o orgulho. Se vai me ajudar a salvar aquelas pessoas, ótimo.

Ligo o carro, e o GPS avisa que está programado para me levar à fazenda de Senador. Sigo por uma estrada de asfalto impecável por uma hora, até avistar a primeira placa da propriedade. A partir daí, meu caminho é uma estrada de terra em péssimas condições. A disparidade entre uma estrada e outra me faz pensar na razão de uma pessoa tão influente não se importar com isso. Parece que a estrada é assim para informar que ninguém é bem-vindo.

A fazenda me margeou durante a primeira hora na estrada de chão. Plantações sem fim de um lado. Plantações sem fim do outro. Quando o GPS informa que faltam dez minutos para chegar à entrada da propriedade, a estrada se transforma novamente num tapete. Asfalto claro e impecável, da melhor qualidade.

Avisto a guarita e diminuo a velocidade. É o único ponto iluminado além das fracas luzes dos postes. Passo devagar, observando o máximo de detalhes. A construção é grande e poderia se passar por uma casa pequena. O portão, ainda mais alto que ela, tem uns três metros e é de ferro grosso. Dois seguranças me observam com desconfiança de dentro da grande janela de vidro, que acredito ser blindado.

Pelo portão, vejo um pedaço da propriedade. Lá dentro, outros vários capangas estão com armas nas mãos. Conto sete seguranças próximos do portão mais os dois da portaria. Duvido que tenha que enfrentar menos de trinta. O local parece a mansão de um traficante latino num filme americano. Nada animador.

Finalmente, compreendo toda a preocupação de Aninha e Duncan. Minha probabilidade de morrer é muito maior do que a de matar todos, achar Senador, matá-lo também, encontrar os cativos e

fugir com todos eles sem ser ferido a ponto de morrer na fuga. Não vou conseguir nem chegar até meu alvo.

Sigo por mais meia hora, até achar um pequeno mercado. Aparentemente, ele faz parte da fazenda. Os preços são absurdos e o caixa estranha quando pago com dinheiro. Eles estão acostumados a cobrar fiado e receber no início do mês. Mais um artifício de Senador, tenho certeza. Tenho vontade de destruir o lugar, mas compro meu lanche e saio para comer no carro.

Continuo por outros trinta minutos. Quando me convenço de que não tem ninguém me seguindo ou observando, paro o carro. Está na hora de conferir meus presentes e achar uma maneira de entrar.

Fico maravilhado com tudo que tem na carroceria. Parece que estou dentro de um jogo. A maleta grande traz uma bazuca. Nas demais, várias granadas diferentes, três conjuntos diferentes de duas pistolas, um conjunto de duas submetralhadoras que me lembram das Uzis dos videogames, uma escopeta, um rifle de precisão, um colete à prova de balas e mais munição do que eu poderia usar. É tudo de que um matador iria precisar, mas essas não são as minhas armas.

Visto o colete e escolho as duas pistolas Glock. Pego as duas submetralhadoras e coloco no banco do carona com a maleta de granadas. Pego o máximo de munição que consigo carregar sem que me atrapalhe. A escopeta e o rifle eu coloco em pé atrás do banco do carona, para o caso de precisar. A bazuca eu acomodo dentro da caixa no banco de trás. Deixo o restante da munição na caçamba.

Quando estou fechando o tampo da caçamba, percebo algo estranho na cobertura. Puxo o pano e, embaixo de todas as armas perigosas, estão as que eu realmente gostaria de ter. Diversas facas em formatos que nunca tinha visto, fora as tantas que conheço. Escolho duas das facas de caça de lâmina negra. E mais duas machadinhas. Prendo doze facas de arremesso no colete e guardo na mochila mais quatro dúzias delas enroladas de seis em seis num

pano. Guardo alguns machados de arremesso na mochila também. E é então que vejo as duas armas mais lindas que já toquei. Uma katana e uma ninja-to. Uma é a espada samurai. A outra, a ninja. Removo-as da bainha e confirmo, observando o comprimento das lâminas, o que a diferença na ornamentação já me dizia. A katana é longa e linda. A ninja-to não tem adornos e sua lâmina é um pouco menor. Tenho a intuição de que elas foram escolhidas por Sensei. Sinto um aperto no coração por saber que não será possível levá-las de volta. Gostaria de começar minha coleção por elas e deixá-las expostas em minha sala.

Feliz com as armas, entro no carro. Demorei tempo demais escolhendo qual usar e tempo de menos pensando num plano decente. Mesmo com a planta da fazenda, que encontrei no porta-luvas, e com minhas pesquisas de dois meses atrás, as incertezas são enormes. A propriedade é bem maior do que eu esperava. Tem duas entradas que devem ser igualmente vigiadas. Não que isso importe. Estou longe demais da outra para considerá-la. As três construções principais são cercadas por uma imensa plantação. Esperava por uma série de pequenas casas para os trabalhadores. Sem saber onde eles dormem, não sei por onde começar a procurar.

De qualquer forma, é impossível me aproximar sem ser percebido e assim conseguir usar as armas brancas. O jeito é improvisar e tentar causar o máximo de dano desde o início, no melhor estilo Rambo de ser.

Dirijo de faróis apagados na volta. É perigoso, mas não vi outro carro desde que entrei nessa estrada e não acho que vá cruzar com um agora. Diminuo a velocidade até parar a uns cinquenta metros da guarita.

A adrenalina já me corre pelas veias. Meu coração está disparado. Um pedaço disso é medo. A maior parte é ansiedade. Finalmente, vou ver do que sou capaz e saber se todo o treinamento foi perda de tempo ou se serviu para alguma coisa. Finalmente, vou usar meu monstro para algo nobre.

Pego a bazuca. Saio do carro. Deixo o motor ligado.

Miro na guarita.

Nunca pensei que iria usar uma dessas. Se errar, estou morto. Eles vão sair atirando aos montes. Se acertar, qualquer coisa pode acontecer. A partir daqui, meu plano acabou.

Respiro fundo uma, duas, três vezes.

E atiro.

# MINHA GUERRA

Um segurança me olha espantado de dentro da guarita vendo o míssil vir em sua direção. Acerto a janela e a destruição é maior do que previ. Se as paredes eram blindadas, não fez a menor diferença. Nada sobra da estrutura além de uma parede pela metade agarrada ao portão, que desaba dois segundos depois e libera minha passagem.

Em um lugar onde se podiam ouvir insetos instantes atrás, o barulho soa como as trombetas do apocalipse anunciando o final dos tempos. E a vantagem de ser um elemento surpresa desaparece depressa demais. Nova estratégia: ser rápido e imprevisível.

Entro no carro e acelero. Passo por cima de portão e entulho, entrando na propriedade. Vejo um grupo de cinco capangas vindo pela rua central. Pego uma submetralhadora e atiro pelo para-brisa até a munição acabar. E desta vez o dano é exatamente como esperado. Algumas balas acertam meu carro, e nenhum deles é atingido. Na melhor das hipóteses, alguém ralou um joelho ao se arremessar no chão. Jogo a arma no banco traseiro do carro e pego outra. Atiro aleatoriamente com a esperança de pelo menos

semear o caos e criar qualquer distração que me permita continuar meu caminho.

Quando percebem que se trata de um amador, levantam atirando. A mira deles é bem melhor que a minha e mais tiros acertam o carro. Eu me abaixo em busca de proteção. Sou um alvo fácil, um carro branco na noite. Logo, a caminhonete estará completamente destruída. Antes que isso aconteça, salto para a plantação com o carro em movimento. Deixo para trás grande parte das armas e uma granada explosiva, sem o pino.

O veículo explode quando bate num enorme salgueiro-chorão na rotatória central da propriedade. Eu esperava mais da explosão. Pelo menos, as munições fazem um belo show pirotécnico. O carro é lançado só a um metro do chão e cai em chamas. A árvore se mantém em pé, incólume. Apenas as folhas mais baixas pegam fogo.

Faço um breve inventário de minhas armas. Granadas presas no cinto. Pistolas em seus coldres na cintura. Facas de caça presas na altura das panturrilhas. Fora as doze facas de arremesso sobre as costelas. As demais deixo na mochila. Faço furos nos bolsos laterais da calça para que os machados de arremesso e as machadinhas fiquem pendurados com o cabo para fora. Um tipo de cada lado. E minhas lindas espadas embainhadas na mão. O resto das armas já era.

Os seguranças, agora em dois grupos de quatro, cercam o carro a distância, apontando suas armas. Uma das portas cai sozinha e eles fuzilam o veículo novamente. Como se alguém que sobrevivesse àquela explosão fosse representar algum perigo.

Bom sinal. Eles estão assustados. Mesmo como policiais, não devem ter sido treinados para responder a um ataque tão insano quanto este. Jogo três bombas de gás em volta deles, antes que se acalmem. Eles atiram em qualquer direção em que veem uma ameaça. No entanto, sem perceberem, ficam cercados pela fumaça densa. Essa é a hora de lhes mostrar com quem estão lidando.

Deixo a mochila para trás e corro o mais rápido que posso com três facas de arremesso na mão direita e as duas espadas na outra. Lanço as facas e depois outras três e, sem parar, desembainho as espadas. Já passou da hora de testá-las.

Eu me assusto quando um fuzil é virado para mim e me joga de lado. Com a ninja-to, tento acertar o braço. Com uma faca, erraria. Com a espada ninja, amputo-o na altura do cotovelo. Ele tenta gritar e não consegue. Minha katana já tinha cortado sua garganta.

Dentro da névoa, ninguém atira, com medo de acertar o alvo errado. Um erro deles. Sem seus fuzis, eles são tão inofensivos para mim quanto crianças de colo.

Vejo mais duas sombras perto e vou até elas. Decapito um homem com um golpe horizontal e giro para o segundo distribuindo cortes diagonais em seu peito. Tropeço no quarto. Está caído. Deve ter sido atingido por uma das facas. Enfio a katana na garganta, só para garantir. Quatro já foram, e os outros nem perceberam.

Os quatro restantes estão do outro lado do veículo. Como o vento está forte, a fumaça está quase dissipada. Consigo distinguir seus vultos sem chegar tão perto. Da mesma forma, eles vão me ver.

Todos estão rijos de tensão e, aparentemente, nenhum deles foi atingido pelas outras facas. Seis facas, apenas um atingido. Que mira horrível, meu Deus! Isso foi ruim, até mesmo considerando meu histórico tenebroso.

Tenho pouco tempo para agir. Pego a cabeça que arranquei do segundo guarda e joga alto para que caia no meio do grupo. Isso vai atrair a atenção deles por tempo suficiente para criar uma oportunidade de ataque.

Deixo minhas espadas enfiadas no chão e pego duas machadinhas de arremesso. Quando a cabeça atinge o chão, corro para os alvos e faço o lançamento. Acerto dois seguranças no peito. Os outros dois finalmente me veem e atiram com as pistolas. Não paro de correr e, sem conseguir pegar as facas de caça, uso as de arremesso. Só paro ao enterrar uma faca em cada queixo.

Quando o perigo imediato acaba, sinto minhas forças me abandonando. Numa breve avaliação, percebo que fui atingido cinco vezes. Três no colete, um dos tiros a poucos centímetros de uma granada explosiva. Uma bala me atingiu de raspão no braço direito e a outra, em cheio, no ombro esquerdo. Ainda consigo mexer o braço, mas a dor é excruciante e está aumentando.

Ouçó barulho de motores e alguns pares de faróis se aproximam. O perigo ainda está longe de acabar. Reúno minhas forças; não é o momento de sentir dores. Eles vêm em quadriciclos, procurando pela origem do pandemônio. Quando me veem, aceleram e atiram. Pego as duas espadas e corro o mais rápido que consigo para o refúgio da lavoura.

Preciso de ideias. Eles não estão perto, mas, se continuarem me vendo, é apenas uma questão de tempo até que me matem. Preciso de alguma coisa que os destrua de uma vez. Contudo, não quero desperdiçar nenhuma granada. Precisava de outro tiro da bazuca...

Uma distração. É disso que preciso. Só tenho mais uma bomba de gás, que não vai durar um minuto com este vento. Tenho que achar algo que me dê uma vantagem permanente. A luz! Preciso de um blackout. Ou da maior escuridão que conseguir. Lanço minhas facas de arremesso nas lâmpadas dos três postes próximos. Duas facas para cada lâmpada. As chances não são boas, mas eu as destruo. Finalmente, essa mira me deu orgulho.

Os veículos usam seus faróis. Não temem a escuridão. De qualquer forma, completamente vestido de preto, não sou mais um alvo fácil. Entro na mata e me esforço para sair de perto do último lugar em que me viram. Se conseguir correr o suficiente, posso pegá-los por trás e vencer.

Eles, no entanto, não são inexperientes como os alvos que costumo caçar. São policiais treinados. Usam os faróis dos quadriciclos para procurar movimento nas plantas e me acham. Atiram à vontade em uma área extensa, para garantir que eu não fuja. Me

abaixo e espero imóvel, torcendo para não ser atingido enquanto as plantas são destruídas perto de mim.

Os tiros param e levanto a cabeça. Poucas plantas obstruem meu caminho. Eles concentraram os tiros alguns metros à minha frente e o lugar está devastado. Eu os vejo recarregando para uma nova leva de tiros. São uns dez, talvez mais. Alguns me veem, mas não se apressam. Estão confiantes em suas chances. Todos com fuzis. Eles estão certos, não tenho chance de abatê-los ao mesmo tempo e não sobreviverei a mais uma rajada. Preciso de outra armadilha.

— Granada! — grito ao jogá-la.

É minha última granada de gás e nem tirei o pino. Porém não é um completo desperdício. Enquanto os seguranças correm em busca de abrigo, uso minhas pistolas, uma em cada mão, para atingi-los nas costas. Faço um ótimo trabalho e mato oito, sem que a maioria tenha percebido que a granada não explodiu. Acerto três na cabeça. Os dois restantes conseguem fugir num quadriciclo e, logo, voltarão com reforços. Preciso sair daqui.

Adorei as pistolas. São letais, e consigo controlar os disparos com facilidade. Muito mais úteis do que as Uzis. Se não morrer, vou adicioná-las a meu arsenal permanente. Maldito! Mais uma vez, Duncan estava certo.

Procuro a granada no chão, mas desisto. Não vale a pena perder muito tempo com isso. Subo em um dos veículos e ouço o barulho de hélices. Não posso acreditar. Ele tem um helicóptero! Isso é duplamente ruim. Sou um alvo mais fácil de cima e Senador pode usá-lo para escapar. Não posso deixar que isso aconteça. Mesmo que tenha vindo aqui para salvar vidas, Senador terá sua punição.

Pego dois fuzis com os mortos e acelero até que o vejo já a uns metros do chão, parcialmente escondido no que deve ser um galpão. É um modelo pequeno, onde devem caber no máximo cinco pessoas. Freio e atiro sem desmontar. As primeiras balas passam longe, mas é fácil ajustar a pontaria vendo o traçado das balas no escuro. Tento acertar as hélices com a segunda rajada.

Além delas, acerto o piloto na cabeça.

O veículo começa a cair. Continuo atirando até o pente acabar. A aeronave sai da vista, atrás da casa principal. Com a ausência dos tiros, ouço gritos de desespero. Espero a explosão com um sorriso no rosto, mas ela não vem. Parece que as coisas só explodem como nos filmes se você tiver uma bela bazuca contigo.

Acelero e vou atrás do helicóptero. Não posso desperdiçar minha sorte de sobreviver aos seguranças e morrer sem acabar com o alvo de verdade. Avisto uma barreira de uns trinta seguranças na frente da mansão de Senador. Eles já estavam me esperando e logo uma chuva de tiros começa. A fileira parece impenetrável. Mudo de direção em busca de abrigo. As balas começam modestas, mas aumentam rapidamente. Muitas acertam o veículo e, quando estou a poucos metros do terceiro edifício, sou atingido na perna e na costela. Uso toda a força para não cair.

Chego numa estranha casa de dois andares e nenhuma janela que deve ser usada para estocar grãos. Desmonto com dificuldade. O tiro que acertou minha panturrilha não me atrapalha, só me irrita. O que me incomoda é bala que acertou o colete. Não atravessou, mas tornou impossível uma respiração funda. Deve ter quebrado alguma costela. Se ainda tivesse as facas de arremesso, o dano seria menor.

Apoio na parede para me acalmar, e minha visão é atraída por respingos vermelhos. Não é meu, já está seco. Dou um passo para trás e vejo a cena completa. Há buracos de tiro e manchas de sangue seco por toda a parede. E os tiros vieram de outra direção, não são consequência de meu ataque. Provavelmente foram feitos hoje cedo, durante a chacina. A crueldade alimenta meu monstro. Mais do que salvar pessoas, quero punir todos que participaram disso. Nenhum vai sair daqui vivo. Cada um vai encontrar seu castigo.

Eles parecem saber o que virá na direção deles. Mesmo que eu esteja fora da vista, as balas demoram a parar. Eles estão com medo. Agora já sabem que estão sendo atacados por apenas uma

pessoa. Será que desconfiam que sou um dos Caçadores? Se me reconheceram, devem estar mijando nas calças.

Preciso decidir o que fazer antes que eles me cerquem. Mais uma vez, a imprevisibilidade vai me proteger. Mais que nunca, estou precisando da bazuca. Queria não tê-la desperdiçado na guarita cedo demais. Pensando agora, tenho quase certeza de que a caminhonete já seria suficiente para derrubar o portão. Ou poderia ter usado uma granada. A bazuca seria tão útil agora... Estou longe demais para lançar uma granada explosiva por cima da casa, e é impossível pôr uma mão para fora sem ser atingido.

E não conseguiria vencer os trinta, nem que estivesse no meio deles.

Se Duncan estivesse aqui, eu poderia distrair os bandidos enquanto ele acertaria um por um de longe. Deve ter sido assim que ele fez no morro. Um distrai, o outro atira. Uma boa estratégia. Nessas condições, apenas um rifle no escuro não resolveria. E, a essa distância, só força bruta não é suficiente. Faríamos uma boa equipe, pena que ele não veio.

Mas eu não sou só força bruta. Além de outras coisas, eu sou força bruta.

Pego minhas machadinhas e testo a parte pontuda na parede. Elas ficam bem presas no muro e, juntas, aguentam meu peso. O ombro esquerdo e as costelas são um grande problema, mas consigo suportar a dor por mais algum tempo. O barulho que faço batendo na parede é o verdadeiro problema. Sem os tiros, que afinal pararam, eles vão saber que estou tentando alguma coisa e vão cercar o prédio.

Desligo o motor do quadriciclo e rasgo uma tira de pano de minha camiseta. Amarro no acelerador de forma que ele se mantenha acionado. Quando religá-lo vou ter pouco tempo, mas tenho que conseguir. É a chance que me sobrou nessa situação desesperadora.

Respiro fundo três vezes e ligo o motor. Quando o veículo avança sem mim, o ataque recomeça. Escalo o mais rápido

que consigo sem me importar com os tiros que acertam o quadrículo. Ele resiste por um bom minuto e meio até que explode. Quando os tiros param, já quebrei a porta do sótão, a uns seis metros do chão. Puxo meu corpo para dentro e retiro as machadinhas da parede.

Se a construção não é alta, é comprida. Caminho agachado o mais rápido que consigo, sob o telhado, com o cuidado de não fazer barulho. A última coisa que quero é ser surpreendido por alguém que possa estar lá dentro. Mesmo assim, tenho de agir rápido, antes que circundem a casa e percebam que fugi.

Encontro um par de olhos na escuridão e me assusto. Saco a pistola e aponto para a testa de quem está na minha frente. Devia ter pegado uma faca. Não quero atirar e revelar minha posição.

Contudo não preciso atirar. É apenas um menino escondido. Um dos sobreviventes da chacina da manhã. Achei meu primeiro refém. Com a ajuda dele, vou conseguir achar os outros. Faço sinal de silêncio e vou até ele. Pelo jeito como treme, acha que vim matá-lo.

# MEU LEGADO

– O que você está fazendo aqui? – pergunto para o garoto.

Ele continua em silêncio. Tem medo de mim. Guardo a pistola para que entenda que não quero machucá-lo.

– Você estava aqui de manhã, não estava? – sussurro.

Ele faz que sim com a cabeça e começa a chorar. Tapo sua boca, antes que ele denuncie nosso esconderijo.

– Shiiii! – digo. – Quer que alguém nos ouça?

Ele me olha assustado e balança a cabeça. É apenas uma criança, de talvez onze anos, e já conheceu a violência em sua forma mais crua. Seu olhar desesperado me lembra de Soldado, que poupei no bar; é a expressão da infância que desconhece completamente a piedade humana.

– Fica aqui escondido. Eu prometo que venho te buscar depois.

Ele continua parado no meu caminho.

– O que foi?

– Minha mãe tá aqui – revela, apontando para baixo.

– Aqui onde?

— Na casa. Tem um monte de gente presa com ela. Salva ela! Por favor!

Presa. Se faltavam provas de trabalho escravo, não faltam mais. Como o Ministério do Trabalho não conseguiu provas? Elas estão por todo o lugar! Uma casa sem janelas, onde pessoas são trancadas à noite e soltas para trabalhar de dia. Tenho que arranjar uma forma de libertar os trabalhadores cativos mesmo sem matar Senador e seus capangas. Só não sei como. Contudo, eles são a prioridade.

— Tudo bem — digo. — Eu vou salvar sua mãe e todo mundo que tá aqui também. Mas preciso resolver as coisas lá fora primeiro. Se não, eles vão atirar em vocês de novo.

Ele abre os olhos espantados. Eu trouxe de volta a sua cabeça tudo pelo que ele passou. Devia ter mais cuidado com as palavras. Não fui feito para tarefas delicadas, como acalmar uma criança traumatizada. Aninha faria esse trabalho muito melhor.

— Fica com isso aqui — digo, entregando as machadinhas — e, quando os tiros pararem, você tenta arrombar a porta. Acha que consegue?

Ele assente.

— Então se esconde do outro lado, porque chegou a hora de resolver essa nossa situação.

Chego à extremidade da casa. Fazendo o mínimo de barulho possível, retiro uma telha para poder analisar a situação. Estou bem perto deles agora. Uns cinco metros. Conto trinta e quatro, todos apinhados sob a proteção de três viaturas. Talvez todos sejam policiais. Mas, a essa altura do campeonato, nada vai salvá-los.

Aproveito que eles estão acuados e que ninguém está olhando para cima. É uma oportunidade única de resolver meu problema impossível. Meu monstro uiva, feliz com a proximidade de uma carnificina que vai ensinar a meu número cinquenta o significado desta palavra.

Jogo as duas granadas explosivas restantes. Elas quicam na parede da casa e caem atrás deles. Uma no primeiro carro, a outra no último, exatamente como queria.

Minha mira não é uma surpresa, desta vez. Quando consigo me conectar com meu monstro, nunca erro. A violência flui, sai limpa, sem falhas.

Não espero que elas explodam. Levanto com toda a força, quebrando as telhas e as ripas de madeira, até com o ombro ferido, e coloco metade do corpo para fora. Enquanto alguns notam as granadas, outros notam minha aparição. Nenhum tem tempo de reagir.

As granadas explodem duas das viaturas e a força destrutiva é duplicada. Fragmentos arrancam sem misericórdia pedaços dos corpos lá embaixo. Em meio a isso tudo, atiro em meus alvos quase à queima-roupa. Em segundos, o massacre acabou. O lugar é o retrato do inferno. Os poucos sobreviventes agonizam com alguma parte do corpo faltando.

Passo pelo garoto, que me olha assustado. Lágrimas escorrem por seu rosto, mas ele não faz nenhum barulho para não chamar minha atenção. Em sua mente infantil, ele deve me ver como um monstro macabro, sorrindo orgulhoso pela destruição que causou. Uma pessoa absolutamente má. Dizem que a opinião das crianças é a mais honesta. Deve haver alguma verdade nisso.

Desço pelos buracos na parede e reparo pela primeira vez no estilhaço de metal enfiado na barriga. Por sorte, o colete não deixou que ele entrasse muito fundo. Puxo e ele sai com facilidade, mas sob muita dor. Tenho que acabar com isso rápido para estancar o sangramento. A partir de agora, minhas forças vão me abandonar bem rápido.

Sigo para a mansão destruída. Como esperava, nenhum dos guardas tentou cercar a casa. Todos me esperando para um confronto cara a cara, um que eles poderiam vencer com facilidade. De

perto, a cena é ainda mais bizarra. Pedacos de gente espalhados pelo chão, alguns colados na parede. Corpos com partes faltando. Sem braços. Sem pernas. Sem metade do rosto.

Se os mortos já são um espetáculo tenebroso, são os vivos que reviram meu estômago. Não é fácil testemunhar o choro abafado dos moribundos. Nem a trágica dança de corpos carbonizados em seus últimos espasmos. Apenas dois têm alguma chance de sobreviver. Um sem as pernas e o outro com a metade do corpo queimada. Alívio o tormento deles e de mais cinco.

Entro pelo que foi a porta da frente e encontro Senador, sua família e mais três seguranças. Eles me olham chocados, como se o dia do Armagedom tivesse chegado. E, para eles, chegou. A seus olhos, eu sou a Morte. Aproveito o espanto e corro para os seguranças com minhas espadas nas mãos. Eles estão longe o suficiente para se recuperarem, mas sou rápido. Lanço a ninja-to no mais distante e enterro a katana no peito do mais próximo.

O grito das crianças me distrai. Ainda que seu pai seja a pior pessoa que nasceu neste país, para eles sou o monstro sou eu, que invadiu sua casa espalhando terror. Elas não deveriam estar vendo esse tipo de violência na sua sala de estar.

Minha hesitação tem um custo. A adrenalina cede e sinto dores no corpo. Minha perna direita se contrai com a dor. Tropeço e caio.

O último segurança não aproveita a oportunidade. Ele esvazia a pistola enquanto estou abrigado atrás do sofá. Quando o pente cai no chão, lanço uma faca de caça. Ela se enterra em seu peito. Ele cai morto.

Senador, uma figura imponente em seus ternos caros e discursos enérgicos, hoje não passa de um idoso em pijamas rasgados. Tem um curativo malfeito na testa, já manchado de sangue. Um ferimento da queda do helicóptero, aposto. Se não soubesse tanto sobre ele, sentiria dó e não conseguiria matá-lo.

Acreditaria que eu estava errado e que matei toda essa gente por engano.

Mas toda a podridão de seu caráter se confirma quando ele toma a própria esposa, uma mulher de trinta e poucos anos, como sua refém na frente dos filhos pequenos. Ele tem um revólver apontado para a mãe de seus filhos, na frente deles! Demoro um pouco para acreditar na situação. As três crianças choram agarradas às pernas da mãe.

– Você não tem coragem – digo mais para mim do que para ele.

– Crianças, vão para o quarto de vocês – ordena a esposa calma.

– Fiquem aí! – grita Senador.

– Vão para o quarto! – grita mais alto a mulher, e as crianças obedecem correndo.

Senador dá uma coronhada no rosto da esposa. Ela gane e se recupera para tentar manter a dignidade, mesmo com sangue escorrendo do rosto. Tirando uma lágrima solitária, sua expressão quase me convence de que está entediada com a situação. Compreendo. Ela está acostumada a apanhar do marido. E, tirando o ferimento no rosto, não tem mais nenhuma lesão aparente. Duvido que tenha embarcado na aeronave. Foi deixada para trás com os filhos. Que tipo de pessoa deixa os filhos para trás?

– Larga a faca e sai da minha casa! – grita Senador.

Ele aponta a arma para mim, com a refém protegendo seu corpo. Tenho apenas uma faca de caça comigo. Não confio em minha pontaria para um lançamento difícil como este. Mas, se não o matar, amanhã mesmo ele contrata novos capangas para continuar com seus crimes. Ele é um psicopata, um tipo de criatura sem remorso.

É a hora de um último risco.

Lanço a faca na perna da mulher e acerto em cheio. Desta vez ela grita a plenos pulmões e se joga no chão. Aproveito a surpresa de Senador e corro até o corpo do último segurança que

matei. Desenterro a faca e lanço de qualquer jeito contra meu alvo. Erro por pouco, mas o objetivo é cumprido. Ele ainda não atirou uma única vez. Me aproximo mais um pouco e recupero minha katana. Desta vez, a mira é um pouco melhor, e acerto seu braço esquerdo. O perigo ainda não passou, ele segura o revólver com a mão direita. Atira no chão quando é atingido. Corro e recupero a segunda espada.

Tento me aproximar, mas ele atira. Me jogo para o lado e, deslizando na enorme mesa de jantar, arremesso a ninja-to. Ela se encrava em sua barriga. Não espero pela reação. Corro até sua esposa e arranco um grito dela junto com minha faca.

Giro a lâmina em frente ao rosto de Senador. Para que ele entenda que sua vida é minha. Para que ele sinta o medo que suas vítimas sentiram antes de morrer. Então liberto toda a força e toda a fúria em um único golpe. Enfio a faca embaixo de seu queixo e o levanto um metro do chão. Deixo minha assinatura em meu último alvo.

Com sua boca trancada, não emite gemido algum. Mas seus olhos me observam com pavor, tentando entender o que aconteceu, enquanto ele morre. Jogo o corpo mole para longe.

Acabou.

Estou vivo, mas ferido. Bastante ferido. Se não fossem os reféns, deitaria no chão e dormiria. Não quero morrer. Quero voltar para Aninha. Mas são os reféns que me fazem levantar.

Um rastro de sangue chama minha atenção. Viro para ver a viúva chorando, balançando o corpo do marido. A infelicidade dela me deixa enjoado. Ela deveria estar me agradecendo. Isso se ela se esquecesse da faca que enfiei em sua coxa.

Mas esse não é um problema meu. Meus problemas são: libertar os cativos e fugir. Libertá-los é fácil agora: só falta arrombar uma porta, ao que parece. Fugir é mais complicado. Não posso pegar o voo completamente sujo de sangue, menos ainda sangrando desse jeito. Tenho que tratar do ombro e da barriga antes que

perca sangue demais. E tenho diversos ferimentos superficiais pelo corpo. Além da calça rasgada, tenho buracos de tiro na camiseta que escondia o colete. Com a adrenalina, não tinha percebido que levei tantos tiros. Por sorte, poucos me acertaram fora do colete.

— Você não vai sair daqui vivo — declara a mulher.

Eu me viro exausto e a vejo levantar com dificuldade, apoiando-se em uma poltrona. O revólver do marido na mão.

— Você não pode estar falando sério. Eu sei o que ele fazia com você.

— Você não entende nada, seu animal! — grita. — Ele me amava.

Só por isso queria matá-la, mas não tenho nem arma nem ânimo. Não quero morrer, mas já não há o que fazer para me defender. Se ela quiser me matar, vai conseguir.

É uma pena que eu não consiga completar a missão. Falhei com o menino e sua mãe. Falhei com Duncan. E falhei terrivelmente com Aninha. O que eu prometi a ela, não posso mais cumprir. Espero que ela não se sinta tão culpada por não ter me impedido quanto eu me sinto culpado por ter desistido.

Só não falhei com Pedrão. Para ele tudo era uma questão de quantas pessoas más eu tiraria deste mundo. E, nesse sentido, fiz um ótimo trabalho. Quando chegar ao inferno, vou esmurrar aquele desgraçado por ter morrido e deixado essa merda de trabalho para mim.

Ela fecha um olho para mirar. Pela forma como segura a arma, sabe o que está fazendo. Não vai errar. Mais uns segundos e estarei morto. Vingado por uma vítima de minha vingança. Ela está em seu direito de reivindicar minha morte. Que minha morte lhe traga a paz que minha vida lhe tirou.

Fecho os olhos. Estou tranquilo e preparado para meu destino. Não posso dizer que não mereci.

Ouçõ o som do tiro e a adrenalina volta tarde demais. Já não há o que fazer.

A morte não vem. Abro os olhos, confuso. Vejo a mulher caída. A criança do sótão chora segurando a pistola de um dos seguranças. Ela me salvou. Vou até o menino, tiro a arma de suas mãos e o abraço. Ele treme e soluça. É novo demais para o que fez, mas foi sua bravura que salvou sua mãe e a mim. Caminhamos com dificuldade até a porta da casa onde estão presos os reféns.

A porta está lascada por fora. A madeira é dura demais para que o menino conseguisse fazer um estrago substancial. Pego a machadinha. Só tenho o braço direito para usar. No quinto golpe, atravesso a porta. Dedos encham o buraco. Enquanto eles puxam, eu chuto. Não demora até que estejam livres. No galpão, a situação é semelhante. Centenas eram cativos em ambos. São tantas pessoas que seria impossível escondê-las.

A mãe do menino não cansa de me agradecer.

— Seu filho é que é o herói — digo. — Sem a ajuda dele, eu não ia conseguir.

— Você precisa de ajuda — afirma, apontando para meu ombro. — Quer que alguém te leve para o hospital?

— Eu não posso ir para o hospital. Tenho que ir para o aeroporto.

— Mas você precisa tratar disso antes.

— E preciso de outra muda de roupa — digo.

Sou levado para uma costureira, que retira a bala do ombro e costura minha pele. Ela chorou o tempo inteiro. Nunca deve ter costurado uma pessoa. Foi sua gratidão que a manteve firme.

Quando penso que não podia piorar, alguém tem a ideia de usar um vergalhão incandescente para cauterizar minha barriça. Aguento firme até que eles me dão um banho de cachaça para desinfetar os machucados. Estou quase desmaiando quando me trazem roupas limpas, mas ninguém ali é do meu tamanho. Então eles procuram entre os mortos, e saio com um terno descasado.

Como a calça e o paletó são escuros, ignoro os respingos de sangue que permanecem, mesmo depois da tímida limpeza que receberam.

Alguém abre a garagem da mansão, pega um dos carros e se dispõe a me levar ao aeroporto. Entendo que ele está tentando me ajudar, mas é uma atitude perigosa. Se saquearem a casa com as crianças dentro, elas vão ficar ainda mais traumatizadas.

— Cuide das crianças do senador até a polícia chegar — peço à mãe do menino. — E não deixe que ninguém faça nada estúpido.

Ela assente.

— Senão eu volto — digo.

Ela sorri.

Entro no carro torcendo para chegar logo em casa.

# MINHA FUGA

Abro a porta devagar. Estou aflito com a possibilidade de encontrar a polícia dentro do apartamento. Sei que estou preocupado à toa. Passei o dia vigiando o prédio. Nenhum policial entrou e apenas três viaturas passaram na frente. Nenhuma delas sequer parou.

Se entrar no avião foi um grande alívio, não ser recebido por policiais foi um ainda maior. Sei que isso vai durar pouco, mas me permito ficar feliz por estar em casa. Queria que Aninha estivesse aqui para me receber, mas fui eu mesmo que lhe pedi que não viesse. Não é bom para ela ser encontrada na casa de um criminoso.

Agora, sou procurado pela polícia. Nunca acreditei que este dia fosse chegar. Acreditava que fosse morrer, não ser preso. Tive um cuidado especial para não deixar evidências em todos os meus alvos. Menos no primeiro e no último. No primeiro, Duncan me salvou. Desta vez, não havia quem pudesse me salvar. Além das armas que deixei na cena do crime, tenho certeza de que alguma câmera registrou meu rosto. Uma vez que vejam o que fiz, vão me ligar a todos os crimes dos Caçadores.

E ainda matei policiais. Muitos. Eram corruptos, é verdade, mas o corporativismo vai fazer deles heróis, e não vilões. O que mais me preocupa é como vão interrogar as centenas de testemunhas. Não serão delicados, com a ânsia que têm por informações minhas.

É apenas questão de tempo até que eu seja preso. Mas não vou desistir sem lutar.

Me desfaço da roupa dos mortos e dou uma olhada nos ferimentos. Só minha barriga e meu ombro me preocupam. No final das contas, tenho sorte por estar vivo. Toda a minha habilidade não significaria nada se tivesse levado um tiro na cabeça.

Vou ao banheiro feliz por não ter jogado fora minhas provisões médicas. Me pareceu um desperdício. Agora, isso pode salvar minha vida. Esterilizo os ferimentos e troco os curativos de pano por curativos comprados prontos. Tomo uma injeção de antibiótico e um remédio para a febre. Agora é manear nos movimentos para não voltar a sangrar.

Vou até o quarto, pego uma bolsa de viagens e coloco alguns curativos e remédios. Volto ao quarto e visto calça jeans, blusa branca e um casaco de moletom com capuz. Separo algumas mudas de roupa para minha fuga. Arrumo a bolsa sentado na cama.

Acordo com batidas insistentes na porta.

Puta que o pariu! Eu dormi! Não acredito que peguei no sono na cama. Mais uns minutos e teria fugido. Mas vou ser preso em minha própria casa com a mala da fuga na mão.

Abro o cofre. Se existe alguma possibilidade de fuga, foi a que Duncan deixou para mim. E é. Na prateleira principal, cinco presentes: um celular, três granadas de gás e uma explosiva.

A porta é arrombada.

Não tenho tempo para uma ideia melhor. Pego a granada. Não vou viver o resto da vida na cadeia.

Respiro fundo e seguro o pino.

Três.

Dois.

– Se eu fosse você, não faria isso.

Abro os olhos e vejo Delegado parado casualmente na porta de meu quarto.

– Pensei que você não era mais delegado.

– E não sou.

– O que você está fazendo aqui então?

– Primeiro, impedindo que você se mate. Solta a granada.

– Quem mais está aqui?

– Só eu. Estou sozinho.

Ele não está usando o distintivo nem carregando uma arma. É difícil de acreditar, mas todo o país o viu resignando seu cargo e fazendo apologia ao justicamento. Não pode ser possível voltar atrás numa situação como esta.

Devolvo a granada ao cofre.

– Durante todo esse tempo, eu sempre soube que era você, Willian – garante. – Mas você fez um bom trabalho para eliminar as evidências. Não deixou uma prova sequer. Nenhuma ponta solta.

Enquanto ele fala, pego a maleta de pôquer onde escondo meu dinheiro e coloco na mala. Não é o suficiente para me sustentar por muito tempo, mas vai me garantir por uns meses até que decida o que fazer. Posiciono as três granadas de gás do lado oposto da mala.

– Mas, desta vez, você foi descuidado demais – continua.

– Não tem mais como você fugir dos seus crimes.

Eu olho para ele com raiva. Foi ele que implorou por minha ajuda. Foi ele que pediu que alguém interviesse para salvar aquelas pessoas. Ele é tão responsável quanto eu.

Mesmo desarmado e abatido, ele não é páreo para mim. Ainda que ele tivesse uma pistola, eu o venceria com as mãos nuas. Mas o que matar um policial honesto poderia me trazer? Além disso, tenho a sensação de que estamos do mesmo lado des-

ta vez. Ele pode ser responsabilizado como mandante do assassinato de Senador.

— Você tem muita cara de pau pra vir aqui e me dar lição de moral, hein?

— Eu não vim aqui para isso — argumenta. — Vim pra que você finalmente entenda como foi ingênuo. Você achou que, matando algumas pessoas ruins, estaria consertando a sociedade. Você tem que entender que essas pessoas foram criadas pela nossa sociedade. Se você não mudar a sociedade, quando eliminar uma pessoa ruim, outra já vai estar pronta para assumir o papel do morto.

— Então foi mesmo pra me dar lições de moral...

— Não. Eu vim aqui te dar um aviso. — Olha o relógio e continua. — Em uns dez minutos, a polícia vai invadir a sua casa e te prender. Eles já devem estar se reunindo no entorno do prédio.

Eu o olho surpreso.

— Por que você está me ajudando?

— Você fez algo que seria visto de outra forma, se você fosse outra coisa. Um policial, por exemplo. Eu acho que você escolheu o papel errado, desde o princípio. Um justiceiro, por mais que tenha boa intenção, só quebra a ordem. E, sem ordem, o homem fica livre para fazer mais atrocidades. A ordem é tão necessária quanto a justiça. É por isso que os justiceiros sempre caem em desgraça.

O que ele diz faz sentido, mas soa mais uma utopia do que algo possível. Como seria possível atingir a justiça social sem quebrar a ordem? Para mim, a história humana é simples. Uma sociedade justa é mais facilmente comprada com sangue do que com suor e boas intenções.

Desvio os olhos, e, quando torno a olhar para a porta, ele já não está lá. Foi e me deixou com perguntas demais e respostas de menos.

Não há tempo para filosofia agora. A polícia está chegando. São dez para as três da manhã. Antes das três, tenho que fugir.

Abro todas as bocas do fogão no máximo e deixo o gás encher a cozinha. Pego tudo que é minimamente inflamável e faço uma trilha ligando a cozinha ao quarto. Roupas, lençóis, travesseiros, edredom, toalhas, cortinas, papéis, livros, o tapete da sala. Jogo por cima o que pode ser usado como combustível. Infelizmente, isso se limita a uma garrafa de álcool anidro, uma de uísque e meia de vodca. Vai ter que servir.

Olho para minha casa. A casa que meus pais me deram para se livrar de mim. Eles achavam que algumas brigas de rua eram um problema grande demais. Vão se espantar quando souberem quem é o filho deles de verdade. Um assassino sanguinário procurado pela polícia. O temido Segundo Caçador.

Mesmo assim, ou principalmente por isso, tenho inúmeras lembranças maravilhosas no apartamento. Ainda que não tenha tempo para ser sentimental, não consigo parar de olhar para cada detalhe dele. A prateleira que Pedrão quebrou, bêbado. As marcas dos tiros de Duncan no chão. E o quadro que Aninha comprou porque o apê era muito “dark”. Jamais vou poder voltar. Escolhi este caminho, e perder minha residência é a menor das consequências.

Pego a bolsa com meus pertences e levo até a porta. Volto até o cofre e pego a granada explosiva. Quando estou saindo do quarto, lembro-me do verdadeiro motivo que me trouxe aqui. A aliança de Aninha. É a marca de minha culpa e de minha esperança. Vou mantê-la comigo para não me esquecer das consequências de minhas escolhas. E para me lembrar de que existem coisas boas na vida, coisas que valem a pena ser defendidas.

Por último, pego um porta-retratos com uma foto de Aninha sorrindo. Talvez, nunca mais a encontre e não vou permitir que minha mente me traia e comece a esquecer os detalhes de seu rosto de anjo.

Faço uma última ligação e, sem dar uma última olhada, tiro o pino da granada. O apartamento está empestado com o cheiro de gás e de álcool. Vai ser suficiente para destruir tudo. Do cor-

redor, lanço a granada. E disparo. Tenho uns três segundos para chegar até a escada antes que a casa exploda.

Quando alcanço a escada de emergência, o apartamento explode. Meu santuário está destruído, com quase todos os meus pertences. Oficialmente, não tenho mais um lugar no mundo. Tudo o que tenho agora cabe numa mala.

Deixo uma das granadas de fumaça no corredor, para que aumente a sensação de incêndio, e desço as escadas aos pulos. Em cada um dos andares, abro a porta do corredor e grito que o prédio está pegando fogo. Na terceira vez, nem é mais necessário. Todos estão no corredor.

Com o esforço, várias partes de meu corpo estão ardendo e posso sentir os ferimentos do ombro e da barriga molhados. Assim que puder, tenho que descansar. Perdi muito sangue e, mesmo sem risco de hemorragia, preciso de energia para evitar qualquer infecção. Contudo, não é hora de pensar em diminuir o ritmo. Primeiro tenho que fugir. Depois, descansar. E contatar Aninha assim que possível.

Meus vizinhos se amontoam nas escadas. Foram acordados no meio da madrugada por uma explosão e tentam entender se estão enfrentando um incêndio ou um desabamento. Até alguns adultos choram. As crianças estão em choque. Algumas nem choram de tanto medo. O caos é grande demais para que entendam o que está acontecendo. Reconheço uma criança que morava dois andares abaixo do meu. Ela está no colo da mãe e olha para o pai desesperada, à procura de um conforto que não vai ter.

Fui longe demais. Porém não há como voltar no tempo. Apenas torço para que os bombeiros cheguem rápido. Assim, o incêndio não vai ser difícil de controlar. E, com sorte, ninguém vai se machucar seriamente.

No terceiro andar, uma multidão se forma e a fila para. Meus vizinhos xingam e empurram uns aos outros, mas não adian-

ta. Algo está impedindo a saída das pessoas. Ao que parece, a polícia percebeu meu plano de fuga.

Espero, mas o ritmo da descida não aumenta. Hora da última cartada desesperada. Abro a mala e tiro o pino de segurança da segunda granada. Deixo que caia no chão, do lado do meu pé. Quando a fumaça sobe, chuto a última bomba para o andar de baixo.

Alguém grita. Depois outro, e então todos estão gritando e empurrando, achando que vão morrer queimados. A situação fugiu do controle e as pessoas se jogam umas em cima das outras para escapar. Um pai, a meu lado, esquece o filho pequeno ao pular para o segundo andar. Olho para baixo e não o vejo mais.

O fluxo é liberado. É minha chance de fugir, mas não consigo deixar a criança para trás. Ela seria pisoteada. Empurro duas mulheres para pegar o menino no colo. É difícil me equilibrar entre os empurrões, mas consigo chegar ao térreo.

Do lado de fora, os bombeiros tomam conta da situação enquanto os policiais olham de longe, irritados. Um policial de terno e distintivo à mostra grita com o bombeiro que parece comandar a operação. O bombeiro dá pouca atenção ao policial e não parece se abalar com suas ameaças. Seu foco é combater o incêndio e seu objetivo é salvar as vidas que eu coloquei em risco.

Com a criança no colo, ninguém parece desconfiar de mim. Mesmo com nossa diferença de cor. É apenas um detalhe num momento de desespero.

Observo a equipe de operações especiais da polícia do outro lado da rua. São uns vinte, vestidos com o uniforme de choque e seus escudos transparentes, armados com metralhadoras. Estão entediados, aguardando a ordem para invadir o prédio. Estão preparados para me matar, independentemente de minha intenção de reagir. Não posso culpá-los. Se eu tivesse escolhido o papel certo, como disse Delegado, estaria no lugar deles, ansioso para eliminar qualquer criminoso que tivesse feito a mínima parte do que eu fiz.

Mas, hoje, eles perderam o jogo. Não é difícil me esconder entre as duzentas pessoas desesperadas. Peço a uma vizinha idosa que tome conta de meu sobrinho enquanto vou comprar um remédio para o garoto. Ela não me reconhece nem parece se importar com meu parente albino. Parece que, numa situação de emergência, nos concentramos em fatores mais urgentes e importantes do que a quantidade de melanina na pele.

Pego minha bolsa e ando pelos cantos da rua até chegar à multidão de curiosos que se forma no local. Sou perguntado alguma vez sobre o que aconteceu. Digo que pareceu uma explosão de gás, mas que não tenho certeza, só estava passando pelo local.

Aceno para um táxi e peço que me leve a um motel distante.

Da janela do carro, vejo meu apartamento já bem pequeno. É fácil reconhecê-lo. É o que tem labaredas e fumaça preta saindo pelas janelas. Uma cena triste. Marca o fim de minha vida como uma pessoa normal. Só me restou a vida de Caçador.

# MEU ADEUS

Nunca gostei de ternos alugados. É quase impossível achar alguma peça do meu tamanho e, quando acho, são coisas deprimentes. Gosto de bons ternos, feitos sob medida. Mas os meus já não existem mais. Nem a vida em que eu precisava deles.

Hoje, visto um de uma pequena loja de aluguel de roupas de festa que fica a quinze minutos de meu esconderijo. Como, em um shopping, o risco de ser reconhecido é muito maior, tenho que me contentar com essa lojinha de beira de estrada. As roupas de lá são todas surradas e quadradas. O único terno do tamanho certo tinha a marca da ponta de um ferro de passar. É tão velho que me faz pensar em Desdentado. Pobre sujeito. Ainda não entendo por que Duncan quis que eu o matasse. Se o encontrar de novo algum dia, vou exigir todas as respostas que ele nunca me deu.

No entanto, só vou encontrá-lo se ele também for preso, coisa de que duvido. Depois de uma semana me escondendo, sem falar com Aninha, além de uma mensagem disfarçada pedindo que não fosse a meu apartamento, percebi que não vou ganhar nada fugindo. Em algum momento, o dinheiro acabaria e eu só teria duas

opções. Fugir para algum país onde eles não me reconhecessem ou aceitar as propostas que Bélico vem me fazendo diariamente. A primeira opção me deixaria longe demais de Aninha, e a segunda me transformaria numa coisa que ela não aceita: um mercenário.

Escolhi uma terceira opção. Me entregar e pagar pelos crimes. Não estou feliz com ela, mas é a melhor forma de aceitar as consequências de meus atos. Não que acredite que vá sobreviver o suficiente para completar minha pena. Tanto os bandidos quanto os policiais me querem morto. Todos, menos os agentes carcerários de Bangu 3. Ando achando que eles foram os maiores beneficiados de meu massacre na cadeia.

O telefone toca. É Bélico me avisando que tem um pacote em minha porta. Bélico é uma pessoa fria. Mesmo negando suas propostas de trabalho, ele aceitou continuar como meu fornecedor. Agora de itens mais convencionais, como roupas, livros e comida. E, hoje cedo, quando falei que iria me entregar, ele não me criticou. Só disse que me daria um presente de agradecimento por todo o dinheiro gasto.

Dentro da pequena caixa, uma linda gravata vermelha. Cor de sangue, para me lembrar do que derramei com suas armas. Sorrio ao colocá-la. O terno parece mais decente com ela. Sinto-me melhor. O vermelho me serve muito bem.

No táxi, o motorista parece me reconhecer. Ele olha mais tempo para o espelho retrovisor do que para a frente. Isso tem acontecido com frequência depois que meu rosto foi divulgado em todos os noticiários. Alguns jornais menos contidos foram adiante e transmitiram na íntegra os vídeos de segurança que Blogueiro divulgou. As reações foram as mais diversas, contudo, basicamente, uma parte me acha um herói. A outra, o vilão. Pelo menos, ninguém ousou defender publicamente o senador morto, depois que descobriram o que ele fazia com seus trabalhadores.

— Deixa eu adivinhar? Está me achando parecido com o assassino daquele senador?

— Não. Que isso... — mente, com a voz tremida. — Você parece um parente meu, só isso.

— Que bom, porque eu já tô puto com essa gente que acha que todo preto grande é aquele desgraçado.

Isso resolve as suspeitas e ele passa o restante da viagem sendo simpático e conversando de tudo, menos do Caçador. É bom ter alguém com quem conversar depois de uma semana. Gostaria de ter ligado para Aninha, mas a polícia deve estar vigiando seu celular. Com as tecnologias de hoje, até um e-mail entregaria meu esconderijo. Nem Bélico aceitou entregar uma mensagem a ela. Nem por todo o dinheiro que eu trouxe na fuga.

Quando chego, o motorista me cobra menos do que deveria. No fundo, acho que ele sabe quem sou e quer me ajudar. Deve ser um integrante da torcida pró-Caçador. Pago o dobro do que entendo como justo. Não existe razão para barganhar quando se vai para a cadeia. Qualquer um fará melhor uso do dinheiro do que eu. E gostei desse cara.

A falta de convite não é um problema para que eu entre na festa. Preferi chegar duas horas atrasado para que ninguém se importasse mais com quem estivesse entrando. Funcionou.

Com a festa se aproximando do clímax, muitos já estão bêbados. Praticamente todas as mesas têm uma garrafa de uísque, que, em algumas, já está vazia. Presto bastante atenção nas mesas. Se fosse apostar, diria que Aninha está emburrada em alguma delas. Mas o lugar é enorme. Mil e quinhentos convidados, acomodados em mais de cem mesas.

Estou nervoso. Estou suando frio. Não falei com Aninha desde que a deixei no apartamento antes de eliminar meu último alvo. Não sei se viu as cenas. Se viu, não sei o que pensa de mim. Estou arrependido de ter vindo. Sem dúvida, não vai querer me ver.

E talvez ela mesma chame a polícia. Pelo menos, vou vê-la mais uma vez antes de ir morrer na cadeia.

Após quinze minutos de procura, estou perdendo as esperanças. Talvez nem tenha vindo. Deve estar sendo mais difícil para ela do que para mim. Eu, em seu lugar, ficaria em casa. Para evitar me expor depois de tudo que aconteceu.

É então que a vejo de costas. Meu coração para. E depois acelera. Estou ainda mais nervoso que antes. Não sei se devo falar com ela. Acho que é melhor olhar de longe e ir embora antes que tudo isso se torne uma cena policial.

Quero sair, mas meus pés estão pregados no chão. Mesmo sem ver seu rosto, sei que está linda em seu vestido preto. Sabe que adoro suas costas e está usando um modelo com um decote enorme atrás. Não duvido que seja o vestido que comprou com o dinheiro daquela aposta. Ela falou que era um vestido para uma festa elegante. E que eu ia adorá-lo. Estava certa.

Se esse pensamento me faz sorrir, vê-la sozinha me deixa triste. Mesmo adorando dançar, ela está parada perto da pista sem se atrever a entrar. Eu esperava encontrá-la triste e entediada numa mesa, mas sozinha é ainda pior. Ela não é uma pessoa de poucos amigos, como eu.

A valsa é anunciada. Estou a poucos metros dela agora e consigo ver suas costas se contraindo. Isso nunca significa algo bom. Ou raiva, ou choro. Seu pai chega a seu lado e a chama para a pista de dança. Ela não aceita. Ele insiste até que ela leva a mão ao rosto para limpar as lágrimas que estão escorrendo pela bochecha.

Meu coração apertado me obriga a ir até ela. Preciso abraçá-la e dizer que tudo vai ficar bem. É o que preciso fazer e o que faço, mesmo que para ela não seja o melhor. Quando chego perto da pista, alguns dos colegas me reconhecem. Eles param a dança pela metade e se afastam sem falar comigo. O vídeo do massacre foi impactante o suficiente para que nenhum deles tente me impedir de alcançar Aninha, mas eles vão chamar a polícia. A partir de agora, meu tempo vai ficar apertado.

Coloco a mão direita em seu pescoço. Sinto-a ficar tensa por um instante e depois relaxar. Sabe que sou eu, mas não se vira. Beijo-a no pescoço e a puxo para a pista de dança. Ela se deixa levar sem dizer uma palavra.

Então, nossos olhos se cruzam.

– Como você é linda – digo, tocando seu rosto.

Ela sorri, envergonhada da cara de choro. Fica ainda mais linda sorrindo. Mas não dá para ignorar sua tristeza. Eu percebo, mesmo que ela tente esconder isso de mim. Eu a expus a coisas de que uma criatura tão meiga não deveria tomar conhecimento.

Se pudesse, voltaria atrás, até o dia em que nos conhecemos, e seria rude com ela. Isso impediria que ela sorrisse para mim e que nos apaixonássemos. Aninha poderia estar feliz com alguém que a merecesse. Não seria a namorada de um fugitivo.

Ela para de dançar, de repente. Coloca as mãos no rosto e chora. Desesperadamente. Descontroladamente. Tento abraçá-la, mas ela me mantém afastado com as mãos em meu peito.

– Você não devia ter vindo aqui.

– Se você preferir, eu vou embora.

– Cala boca, Will.

Eu fico quieto. E parado. E chorando.

– Eu estou com muita raiva, Will.

– Desculpa. Por tudo...

Tento preservar um resto de dignidade enquanto choro. Não tenho sucesso. Estou tremendo. Abalado demais para alguém de meu tamanho. Mas a culpa consome minhas forças. Nada deveria ser mais importante do que a fazer feliz. Ela é mais importante do que meu senso de justiça desregulado. Em minha tentativa infantil de querer salvar qualquer coisa, acabei destruindo tudo. Só dor e morte são meus legados. Mereço todo o sofrimento por que tenho passado e o que ainda está por vir. Ela, no entanto, não fez nada de errado. Não é justo que sofra por minha culpa.

— Não é de você, seu idiota. É do mundo — diz. — O que você fez foi a coisa mais absurda que eu já vi. Mas foi a coisa mais heroica também.

Balanço a cabeça para os lados. Não sou um herói. Sou mais um dos bandidos de uma história sem heróis.

— Você podia ter morrido, Will! Você entende isso? E como eu ia viver com isso? Hein?

Ela dá um soco com toda a força em minha barriga. Eu me curvo com a dor. O ferimento ainda não está completamente curado.

— Desculpa, Gatinho! — emenda. — Mas você merece isso!

— Acho que sim.

Olho rapidamente e a camisa continua branca, sem sangue. Ela me acaricia onde me acertou e me dá um sorriso de desculpas. Eu sorrio de volta. Não dá para conter a alegria de saber que ela ainda me ama. Depois de tudo que fiz, depois de tudo a que a expus, ela ainda me ama.

Eu a beijo. E ela me beija de volta. E o inferno se transforma no céu. O que era errado agora é certo. A dor é esperança. Se vou ser preso, se vou morrer, pouco importa. O futuro e o passado são coisas abstratas quando o presente é feliz, quando eu sou dela e ela é minha.

Quando paramos de nos beijar, não reconheço a música que está tocando. Ela está sorrindo como uma boba. E eu também. Meu Deus, como eu adoro essa mulher!

Coloco a mão direita sobre suas costas nuas e a puxo para mais perto. Começamos a dançar. Ela fecha os olhos e apoia a cabeça em meu peito. Ela é tão frágil. Sua pele é tão suave. Em muitas coisas, ela é meu oposto. Talvez isso tudo nela me faça sentir mais vivo. Esquecer meus erros e defeitos. Se tivesse entendido o impacto dela em mim, talvez não tivesse feito o que fiz. Talvez estivesse nervoso hoje porque iria pedi-la em casamento.

Ainda não sei se devo entregar o anel. Sinto que sim no coração, mas parece egoísta para minha mente. Hoje é uma despedida. Amanhã ela tem que encontrar um novo caminho para sua vida.

– O que foi? – pergunta.

– Nada.

– Pode me falar, Gatinho.

– Nada. Vem. Dança comigo.

A música está no final e me lembra de que este momento não vai durar para sempre. E, então, ela acaba cedo demais e leva embora todo o romantismo da pista. As músicas seguintes serão os sucessos do momento, mas não tenho a intenção de ficar aqui.

Ela pensa da mesma forma e me puxa para fora da pista de dança. Seus pais e irmão nos olham apreensivos enquanto caminhamos para o pátio. Faço meu melhor para transmitir pelo rosto minhas mais sinceras desculpas. Embora acredite que eles nem queiram recebê-las. Fico agradecido por, ao menos, nenhum deles tentar nos impedir.

Quando chegamos, o pátio está quase vazio. Em instantes, as pessoas me reconhecem e saem. Fico sozinho com ela. Tenho pouco tempo com minha Aninha. Eu não quero estragar nosso tempo com explicações. Não precisamos falar para aproveitar a companhia do outro. Ficamos abraçados, dançando a valsa que já acabou.

– Você veio! – ela sussurra em meu ouvido.

– Eu disse que vinha – sorrio.

– Eu estava com medo de você estar morto...

– Eu não morro fácil.

– Eu percebi. – Sorri. – Você podia ter me mandado outra mensagem.

– A polícia está te vigiando. Aquela já foi imprudente.

– Eu sei. Mas eu fiquei muito preocupada. A polícia fala todo dia que está próxima de te prender.

– Rá! Eles nem passaram perto de mim. Quer dizer. Só uma vez, no meu apartamento.

Nós rimos. Ela me beija. De forma agressiva, faminta. Até que não tenhamos mais fôlego. Se o primeiro beijo foi de amor, este é pura paixão. Nosso toque é elétrico. Nosso carinho, violento. Ela força suas unhas sobre minha camisa. E desarrumo seu cabelo. Nossos corpos se apertam, tentando ser um só. Ela morde meus lábios quando a levanto. Lágrimas e risos vêm juntos com a arrebatadora dor de nossa última fatia de alegria. Mais do que qualquer outra coisa, o que quero é fugir da festa para termos um tempo só para nós dois.

— E agora, Will? — sussurra em meu ouvido.

É o convite para fugirmos. Não da festa, mas para vivermos a vida correndo do passado. É melhor do que qualquer outra opção. Melhor para mim. Não para ela. E eu não vou fazer nada que possa prejudicá-la. Não outra vez. Já destruí muito de sua vida.

— Eu vou me entregar, Aninha. Eu vim aqui para dizer adeus.

— Não!

— Eu tenho que fazer isso.

— Mas e eu?

— Eu não posso fazer isso com você, minha linda.

— Eu não vou te atrapalhar, eu juro.

Ela soa como uma criança dengosa. Ela é tão forte que às vezes esqueço que ela só tem vinte e poucos anos.

— Você nunca me atrapalharia, meu amor — murmuro em seu ouvido. — Mas eu não posso colocar a sua vida em risco.

— E você pode colocar a sua em risco?

Eu não respondo. Não há uma resposta que ela aceite. A verdade é que a vida dela é mais valiosa que a minha. A vida de uma pessoa pura vale mais do que a vida de mil coisas quebradas como eu. A dela vale ainda mais. Foi ela que abrandou minha fúria e me fez acorrentar o monstro. Sem ela, eu teria assassinado Senador sem que ninguém fosse salvo e sem que ninguém entendesse o que ele realmente era. Se salvei aqueles trabalhadores, foi porque ela me salvou primeiro.

Não consigo entender como não percebi isso antes. Ao perder meu melhor amigo, joguei Aninha para segundo plano. Quando penso que os ideais de um amigo morto foram mais importantes do que os da pessoa que mais me amou na vida, me sinto ainda mais idiota. Como pude desrespeitá-la dessa forma? Depois de tudo que ela passou comigo e de tudo que fez para me ajudar, para que eu voltasse a ser feliz.

Odeio-me por ter jogado fora minha vida com ela. Mas odeio ainda mais meu amigo. Ele não devia ter pedido que eu o vingasse. Aquele porco egoísta nunca trouxe nada de bom para minha vida.

— Ei. A hora de ficar triste é daqui a pouco — pondera, sorrindo. — Não agora.

Eu a abraço com força e só paro quando penso que posso machucá-la.

Seguro seu rosto com as duas mãos e olho com atenção cada detalhe. Quero me lembrar de todos eles. A foto que tenho não consegue expressar nada além de uma pequena parcela de sua beleza. Não vou permitir que minha mente os deixe desvanecer. Que esqueça outras coisas, mas não seu sorriso, seus lábios vermelhos ou seu perfume hipnótico.

Tenho um cuidado especial com o que não pode ser reproduzido em uma fotografia. Seu cheiro de flores. Seu olhar, perdido quando acorda e apaixonado quando me abraça. E o inebriante gosto de lágrimas de seus beijos pós-choro.

O irmão dela nos interrompe com um pigarro. Está visivelmente constrangido com minha presença. Certamente viu o vídeo e está com medo de mim. Quem não estaria? Deve querer me expulsar da festa e me obrigar a me afastar de sua irmã caçula, mas sabe que não conseguiria se tentasse. Arranquei dele a capacidade de proteger a irmãzinha de um assassino. Isso me deixaria envergonhado se estivesse em seu lugar.

— A polícia chegou — anuncia. — Minha mãe está ganhando tempo, mas eles não vão demorar até achar vocês.

Depois do rápido anúncio, ele nos deixa. Preferia me ver preso, veio nos ajudar contra sua vontade. E a mãe está mentindo para nos dar mais tempo. Para me dar tempo para fugir. Isso me deixa surpreso. Não imaginava que alguém na família dela me apoiaria depois de ver o monstro em ação.

— Minha família está dividida com o que você fez — explica.

— Não um contra o outro, mas cada um consigo mesmo.

— Não imaginava...

— Todo mundo tá dividido, Will — revela. — O que você fez foi, sem dúvida, uma barbaridade. E o vídeo não ajudou nem um pouco. As cenas ainda estão na cabeça das pessoas.

Olho para baixo. Não queria que ela tivesse me visto destruindo pessoas como se fossem bonecos.

— Will, não tenha vergonha de quem você é — pede, levantando meu queixo. — No fundo, todos queriam ter a coragem de atender ao pedido de ajuda daquele delegado. Mas você foi lá sozinho. Você salvou muitas vidas, Will. Eu tô muito orgulhosa de você.

Quero, mas não consigo impedir minhas lágrimas. Me sinto uma criança que precisa ser aceita pelos pais. Se ela tem orgulho de mim, eu também tenho. Neste momento, pelo menos. Finalmente, fiz algo bom. Atingi o que almejava, o Bem Maior.

É apenas uma ilusão temporária, mas me permito acreditar nela por este breve momento.

— Você realmente vai se entregar? — pergunta.

— Sim — digo. — Eu tenho que pagar pelo que fiz.

Então, rápido assim, a ilusão acaba. A vergonha de ser um criminoso como qualquer outro que defendi é autêntica. Entendo, agora, por que até os meus clientes mais poderosos chegaram ao escritório quebrados, mesmo quando eram do tipo que não se arrepende. Não é a culpa, mas a vergonha, que os corroía e que me corrói. Eu me sinto nu e indefeso, enfrentando o julgamento de todos, de qualquer um.

Dois policiais chegam quando ainda estamos abraçados. Apenas dois. Eles vestem ternos e gravatas pretas. Poderia confundí-los com garçons se não usassem os distintivos pendurados no pescoço.

— Senhor Willian Barros, receio que terá de vir conosco — diz um deles.

— Agradeceríamos se não tornasse o nosso trabalho ainda mais desagradável — fala o segundo, mostrando a arma na cintura.

— Ok, eu vim aqui desarmado, com a intenção de me entregar — digo. — Aninha, eu preciso ir.

Ela me aperta mais forte por uns instantes e então me solta.

— Tire o paletó devagar, sem movimentos bruscos — determina o policial.

Eu tiro e entrego o paletó para Aninha.

— Levante as mãos e depois se vire, bem devagar.

Um deles algema meus braços para a frente com violência desnecessária. Quer mostrar que é mais poderoso que eu. Quer que me sinta humilhado. Incapaz. Vencido. Ele consegue.

Aninha não aguenta ver a cena e chora.

— Um minuto, por favor, policiais. Eu só quero me despedir da minha namorada — digo. — Aninha, dá uma olhada no bolso de dentro do paletó.

Ela procura até que acha o anel, que eu trouxe fora da caixa. Seu rosto fica branco quando seus dedos decifram o que é o objeto. Eu não tenho direito de fazer essa promessa, mas sinto que é o certo a se fazer. O anel é dela. E sempre será dela.

— Eu tinha planejado te entregar de outra forma. Queria que o anel fosse o início do nosso futuro, mas isso não foi possível.

Aninha olha para o anel de boca aberta. Suas lágrimas caem livremente.

— Posso? — Olho para o policial e aponto para o anel com as mãos algemadas.

Ele assente. Eu pego o anel e coloco na mão direita de Aninha. Ela me olha nos olhos e me abraça.

– Eu aceito, Gatinho! – sussurra em meu ouvido.

– Eu te amo, Aninha.

– Eu vou te amar pra sempre – promete, chorando copiosamente.

A paciência do policial acaba e ele me puxa com força. Aninha não me solta e é arrastada. Quase cai. Eu paro e o puxo. Ele cai no chão.

– Cuidado com ela, eu já falei que vou me entregar.

O policial me olha com raiva e mostra a arma. Eu devolvo o olhar. Ele sabe que, mesmo algemado, eu ganho dele.

O outro policial, o que me deixou colocar o anel em Aninha, entra no meio de nós dois e levanta o colega.

– Dona, estamos tentando sair daqui sem fazer cena – diz suavemente para Aninha. – Precisamos da sua colaboração para isso.

Aninha me solta, relutante, mas fica parada na minha frente, impedindo o caminho.

– Adeus, minha linda.

Ela não diz nada nem se move até que seu pai a puxa com delicadeza para o lado. Ele a vira para si, para que ela não me veja saindo como um bandido qualquer. Seu corpo treme enquanto chora nos ombros do pai. Agradeço a ele com um aceno e deixo cair no chão um papel que estava no bolso da frente da calça. Ele vê e acena de volta.

O policial gentil pega o paletó com Aninha e esconde minhas algemas com ele. Não tenho como lhe agradecer por essa demonstração de respeito e caridade. Mas nem mesmo ele me permitte olhá-la mais um pouco.

É hora de enfrentar o destino que eu mesmo escolhi. Uma vida de sofrimento e desesperança. Uma vida sem ela.

*Aninha, fico feliz que Deus te colocou no meu caminho para que eu pudesse ser uma pessoa melhor. Se não consegui ser bom o suficiente, isso foi minha culpa, não sua. A única coisa errada que você fez foi me deixar entrar na sua vida. Não foi justo com você. Eu te trouxe sofrimento e você me trouxe alegria. Eu te dei o caos, você me deu a paz.*

*Mas acho que você fez o seu papel de anjo da guarda.*

*Talvez nunca mais nos vejamos, e isso é triste. Muito. Mas eu sempre vou estar com você, na sua mão. Quando estiver com saudades, olhe para o anel e lembre-se das tantas vezes em que fomos felizes.*

*Lembre-se de mim, minha linda, mas encontre alguém que te mereça. Alguém que te faça feliz, que cuide de você. Alguém que tenha um coração do tamanho do seu e que seja um pai melhor do que eu seria.*

*E não se preocupe com a minha segurança. Não há razão para isso. Meus colegas que devem se preocupar! Brincadeira... Mas eu estarei bem, te prometo.*

*Desculpa por tudo que te fiz passar.*

*Te amarei para sempre.*

*Will*



# MINHA PUNIÇÃO

Os policiais me levam a passos apressados pelo meio do salão lotado. Um corredor se abre para passarmos. Vejo, por entre as lágrimas, olhares hostis por todos os lados. Se alguém ainda me acha um herói pelo que fiz, está guardando a opinião para si. Nem os policiais parecem estar confortáveis com a situação.

De minha parte, a vergonha só não é maior que a sensação de perda. Ver Aninha só fez a dor de não a ter ainda maior. Mas eu devia isso a ela. Uma despedida, um beijo e um anel.

E um fim. Este é meu verdadeiro presente. Agora, ela sabe onde estarei. E poderá seguir com sua vida. Sem mim.

Mesmo não tendo o direito de querer isso, gostaria que ela fosse me visitar algum dia. Não é um lugar para alguém como ela, mas seria maravilhoso.

Olho para trás e não a vejo. Talvez nunca mais a veja nesta vida.

Um formando sorri ao me ver chorando. Deve ser um bom entretenimento assistir a um titã ser abatido. A desgraça dos fortes costuma alegrar os fracos desde os tempos de Sansão.

Do lado de fora, não há viaturas, ao contrário do que eu esperava. Apenas uma van branca com a logomarca do bufê que serve à festa. Eles me puxam na direção da van, apesar dos meus protestos. Quando estamos a poucos metros do veículo, começo a ouvir sirenes. Muitas sirenes.

Paro e levanto as mãos, para não dar a oportunidade que eles tanto querem. Se me matarem, farão isso com todos sabendo que não reagi em nenhum momento.

Os policiais gritam para que eu corra e me puxam. Mesmo sem entender o porquê, corro com eles. Enquanto um deles assume o volante, o outro entra comigo pela porta de trás. Sem que a porta seja fechada, estamos acelerando para longe da festa.

Olho pela janela traseira. Várias viaturas estão chegando aonde estávamos segundos atrás. Policiais saem aos montes. A equipe de operações especiais chega em uma van preta. Sem perder tempo, a elite da polícia entra no salão com armas em riste. Os demais fazem cerco no local. Ninguém repara na nossa van.

Quando chegamos à rua principal, o motorista reduz a velocidade para a permitida na via. O silêncio é tenso e continua por vários minutos. Quando já não consigo ver nem o salão de festas nem qualquer luz vermelha e azul piscando, o falso policial cortês retira minhas algemas e passa para a frente. Senta no banco do carona e se vira para mim.

— Sei que você tem mil perguntas — supõe. — Mas a gente não pode responder nenhuma delas. Então, aguenta um pouco que vai ter as suas respostas.

Eu assinto com a cabeça. Na verdade, só tenho uma pergunta. O que Aninha vai pensar quando descobrir que continuo sendo um fugitivo? Não quero que ela fique preocupada comigo. Nem que me ache um covarde.

Quanto ao que isso tudo significa, existe apenas uma pessoa que poderia saber onde eu estaria a essa hora. Bélico.

Parece que ele não aceitou minha decisão tão bem, no final das contas.

De qualquer forma, assim que tiver oportunidade, vou me entregar para a polícia. Ser um dos mercenários a serviço de Bélico está fora de cogitação.

— Se estiver com fome, pode abrir uma dessas caixas, que o pessoal do bufê não vai se importar — diz o carona.

Ele ri e o motorista o olha irritado.

— Cala a boca — rosna o motorista. — Essa porra não é brincadeira, caralho!

Os dois falsos policiais não conversam entre si novamente. Um dirige, o outro come. Estão tensos.

Eu não como nada. Não estou com fome. Não tenho tido fome desde que virei um fugitivo. Sensei ficaria feliz de me ver tão magro.

Depois de o que parecem ser algumas horas, o carro para. Olho pela janela e não vejo nada. Imagino que estejamos dentro de algum galpão no interior do estado. A porta é aberta e a única luz vem por ela. O policial cortês pede que eu recoloque as algemas e, quando faço isso, ele coloca um saco sobre minha cabeça. Não ofereço nenhuma resistência, se eles estivessem aqui para me matar, eu já estaria morto.

Caminhamos por uns metros e me jogam dentro de outra van. O cheiro dentro dela me faz pensar em produtos químicos. Provavelmente, fertilizantes. A estrada de asfalto logo é substituída por uma esburacada. Definitivamente, estamos na zona rural. Ficamos nesta van por mais uma hora. Em todo o período, fico jogado na parte de trás, com as mãos algemadas e encapuzado.

Paramos e sou puxado para fora, ainda vendado e algemado. Sou empurrado. Ninguém diz nada. Ninguém responde minhas perguntas. Já não estou tão confiante em que não serei executado. Talvez seja uma armação para que eu seja enterrado em

um lugar onde ninguém me ache. Li alguma coisa sobre não se dar túmulos aos maus para que eles não sejam cultuados. Parece que vai ser o caso.

Adrenalina é liberada em minhas veias. Meu coração acelera ante o perigo iminente. Talvez algum parente de uma vítima tenha contratado os falsos policiais para me matar. Talvez seja Soldado que tenha vindo se vingar. Mas aposto minhas fichas numa queima de arquivo orquestrada por Bérico.

Respiro fundo e relaxo. Não me importo, na verdade. Nada pode ser pior que ter deixado Aninha para trás, chorando com o anel no dedo. Minha vida acabou depois que lhe disse adeus.

E levar um tiro na cabeça não será uma alternativa pior do que passar trinta anos na prisão.

Colocam-me sentado em uma cadeira. Retiram minhas algemas e o capuz. Vou ficar vivo, então. A luz é forte e demoro um tempo para ajustar a vista. Estou sentado no centro de um semi-círculo formado por quatro pessoas. Aos poucos, as silhuetas se tornam claras. Reconheço três rostos: Duncan, Delegado e Sensei. Não esperava vê-los outra vez, muito menos no mesmo cômodo. A quarta pessoa é uma garota tão emperiquitada que não aparenta pertencer ao grupo. Nós quatro estamos intimamente ligados à violência; ela parece ter acabado de sair de um dia no salão de beleza.

— Prazer, Will. Eu sou a dona do blog.

Então o blog era controlado por esta garota que não parece ter mais de dezoito anos! Pensava em Blogueiro como um geek magrelo, de óculos grossos e com a cara cheia de espinhas. Não poderia estar mais enganado.

— O que vocês estão fazendo aqui, juntos? — digo, ignorando a blogueira. — É a porra daquele grupo, Duncan?

– Tem muita coisa importante acontecendo, Will – garante ele.

– E, mesmo sendo uma peça fundamental para o nosso jogo, muita informação tem sido omitida de você – admite Delegado.

– Do que vocês estão falando? Por que eu estou aqui? Eu ia me entregar... Tava tudo decidido.

– Porque, Willian, nós somos membros de uma organização que vai balancear a ordem das coisas neste país – justifica Delegado.

– Eu não vou fazer parte disso. Esquece. Eu já fiz merda demais. Eu me aposentei. Não vou fazer mais nada. Sem chance.

– Você sempre foi um componente do grupo. Desde o início – assegura o ex-policia. – Mas deixa eu te apresentar o nosso membro fundador. Bélico, vem cá.

Mais uma sombra aparece. Ele se posiciona à margem do círculo iluminado. Ainda não consigo ver seu rosto, mas já estou com raiva dele. Ele é o criador do inferno que consumiu minha vida.

– Bem-vindo à sua nova família, Will – anuncia Bélico.

Alguma coisa no tom de sua voz me diz que já nos encontramos antes. Não só no terraço do hotel. Mais vezes. Algo familiar. Talvez ele tenha se aproximado disfarçado. Entretanto, sua voz me traz uma memória antiga. Como se o conhecesse há algum tempo.

Ele dá um passo à frente e vejo seu rosto.

Meu coração para. Não é possível. Estou vendo um fantasma.

– Você está morto.

– Parece que não, meu amigo – brinca meu amigo morto.

– Eu não entendo. Você morreu nos meus braços!

– Tem certeza? Você, mais do que ninguém, deveria saber quando alguém está morto.

– Como?

– Não importa, agora. Por que você não vem aqui dar um abraço no seu amigo?

Eu levanto. Não sei se quero abraçar meu amigo ou dar um soco na cara dele. Na dúvida, faço os dois. Primeiro, o abraço. Depois, o soco. Ele fica caído no chão, com a cara sangrando.

Eu puxo Duncan para fora da roda, enquanto os outros nos olham curiosos. Estou num ninho de cobras com o amigo que estava morto. E quem costumava ser meu inimigo é a única pessoa em quem confio.

– Que porra é essa, Duncan? Por que um ex-delegado, três matadores e um defunto estão sentados na mesma sala?

– Ei! E eu também – protesta a blogueira, ofendida.

– Porque as coisas neste país estão piores do que você pensa – responde Pedrão, envolvendo meu ombro com um braço. – A gente está aqui para resolver o problema de uma vez por todas. Custe o que custar.

– Como, Pedrão? – pergunto irritado. – Como a gente vai resolver todos os problemas dessa merda de país?

– A gente vai ter que agir grande.

– E o que é agir grande pra um defunto?

– A presidência é grande, criança – conclui, com um sorriso macabro que eu não conhecia. – Nós vamos começar de cima. Vamos tomar a porra da presidência deste país. E esse vai ser só o primeiro passo.

Este impresso foi composto utilizando-se as famílias  
tipográficas *Against* e *Simonetta*.

É permitida a reprodução parcial desta obra, desde que citada  
a fonte e que não seja para qualquer fim comercial.

